

# O JOGO DE BÚZIOS

Numa época de crise, os brasileiros recodem cada vez mais aos santos e aos orixás. Nisso, as técnicas de adivinhação utilizadas no candomblé têm papel fundamental. Conhecidas pelo nome genérico de Jogo de Búzios, essas práticas divinatórias são um elemento de intermediação entre os homens e o poder divino, na busca de solução para as crises, aconselhamento e consolo. Este é o primeiro trabalho sério sobre um tema tão fascinante. Mais que um estudo antropológico, porém, é quase um manual, reunindo informações concretas e precisas, com ilustrações esclarecedoras.

brasiliense



ISBN: 85-11-07029-X

Capa: João Baptista da Costa Aguiar

O JOGO DE BÚZIOS

JULIO BRAGA

JULIO BRAGA

O JOGO DE BÚZIOS



Um estudo  
da adivinhação  
no candomblé

editora brasiliense

Copyright © Julio Braga

*Indicação editorial:*

Paulo Cesar Souza

*Revisão:*

Carmen T. S. Costa

Paulo C. Pereira Mello

ISBN: 85-11-07029-X



**editora brasikense s. a.**  
rua da consolação, 2697  
01416 - são paulo - sp.  
fone (011) 280-1222  
telex: 11 33271 DBLM BR

*Para Mãe-Ruth,  
exemplo de perseverança e honradez.  
Para Cecília,  
pelo constante apoio.*

## AGRADECIMENTOS

O presente livro é uma versão bem diferente e resumida da minha tese apresentada e defendida publicamente na Universidade Nacional do Zaire, na África, para obtenção do título de doutor em Antropologia.

Resultado de muitos anos de trabalho de campo, muitas pessoas tiveram participação decisiva na coleta de dados e na ordenação final deste trabalho.

Quero exprimir minha profunda gratidão ao povo-de-santo da Bahia, com quem aprendi o sentido exato da solidariedade humana e a grandeza da humildade.

Na elaboração da tese contei com o inestimável apoio de vários colegas da Universidade Federal da Bahia. Agradeço particularmente aos professores Vivaldo da Costa Lima, Pierre Verger, Ana Maria Luz, Maria José de Souza Andrade. Muitos de seus comentários e sugestões pertinentes foram re-elaborados no presente livro.

O texto, na sua versão final, foi melhorado graças à leitura e à revisão de Altamirando Camacan, meu amigo e companheiro de muitas viagens.

Durante a redação definitiva contei com a paciência de Iris Salles Nascimento, Waldeloir Rego e Cecília Bacellar Sar-denbergh, que se viram obrigados a escutar as sucessivas leituras dos meus textos e muito me ajudaram com suas inteligentes observações.

O JOGO DE BÚZIOS

Ana Maria Moraes muito me ajudou na tradução e Góia Lopes se ocupou dos desenhos que ilustram o texto.

Contei com o apoio da Universidade Federal da Bahia para a realização do trabalho de campo e para a redação da presente versão de minha tese.

Na qualidade de pesquisador do CNPq, e com seu apoio financeiro, realizei este trabalho.

Ao colega e amigo João José Reis, que muito insistiu para que eu publicasse este livro.

Índice

Introdução ..... 11

1. O babalaô, sacerdote da adivinhação ..... 25

2. Ifá no Brasil ..... 40

3. O diálogo com os deuses ..... 54

4. O jogo de búzios ..... 75

5. Um modelo da técnica divinatória por meio dos búzios 117

Textos míticos ..... 173

Conclusão ..... 223

Bibliografia ..... 231

## Introdução

“Aqui se acha uma das maiores concentrações de descendentes de africanos do Novo Mundo; aqui, além disso, em virtude da tradicional tolerância com que, no Brasil, todas as formas de vida foram e são enxergadas, conservaram-se numerosas instituições e modos de conduta africanos. O contato entre a Bahia e a África Ocidental, por outro lado, foi mais constante e se prolongou até uma data mais recente do que em qualquer outra parte do Novo Mundo.”

Herskovits, M.,  
*Pesquisas Etnológicas na Bahia*

O presente trabalho pretende compreender e analisar a importância das práticas divinatórias de expressão africana utilizadas nos candomblés da Bahia. Candomblé é o nome pelo qual se designa, na Bahia, as organizações religiosas em que se presta culto às divindades introduzidas pelos africanos durante o período da escravidão. “O candomblé é para a Bahia o mesmo que a macumba para o Rio de Janeiro, o xangô para Pernambuco, o vodu para o Haiti ou a santeria para Cuba. Em seu conjunto, são religiões africanas que se perpetuaram nas Américas. São todas elas consequência imprevista

DE U. B.  
APRIL 1978

do tráfico de escravos que ia buscar em diferentes pontos da costa africana a mão-de-obra necessária aos trabalhos das minas e às plantações de cana-de-açúcar, tabaco e café. Todos têm em comum o fato de serem a evocação e o chamado terreno dos deuses ancestrais, ao som de tambores, durante cerimônias em que sua memória é lembrada e reavivada, e laços que unem deuses e homens são restabelecidos, reafirmados, renovados. Diferem apenas nos detalhes do ritual, que é mais ou menos influenciado pelo Congo e por Angola no Rio de Janeiro, pelo Daomé no Haiti e em São Luís do Maranhão, e pelos nagô-Iorubás na Bahia, Pernambuco, Cuba e na ilha de Trinidad.<sup>11</sup>

Entre as diversas contribuições africanas à cultura brasileira, a religião foi a que mais reteve a atenção dos pesquisadores. Referindo-se ao interesse acentuado dos estudiosos pela vida religiosa dos afro-brasileiros, afirma Herskovits: "Os cultos de candomblé figuram, para os afro-brasileiros, entre os mais importantes elementos de sua existência, tal como é, dia a dia vivida, na cidade (...). Em toda parte os descendentes de africanos se mostraram bem mais interessados em discutir teologia ou liturgia do que em conversar sobre outros aspectos de sua vida. Além disso, os que se dedicaram aos problemas das sobrevivências africanas na Bahia, naturalmente se voltaram para os costumes que mais diferiam de seus próprios. E uma vez que é na vida religiosa afro-baiana onde as divergências se apresentam mais acentuadas, lógico se tornou que elas recebessem um estudo mais intensivo".<sup>2</sup>

Importadas de diversas regiões da África e pertencendo a civilizações muito variadas, "as diferentes etnias que contribuíram para a formação do Brasil fundiram-se em grande parte na Bahia, onde se defrontaram com uma discriminação racial mínima; o Candomblé, do mesmo modo, é uma afirma-

Evocação  
do ancestral  
# DITI

INTEGRADA  
de  
CARLOS  
x 9V  
de  
aproveitável

# etnie  
curriculo

ção de união e concórdia, pois nele também as religiões se mesclaram, e, como no corpo mestizo de seus fiéis, os Orixás nagôs, os Voduns jejes se confundiram e uniram com os santos católicos para serem adorados com o mesmo fervor".<sup>3</sup>

Ainda que seja possível descobrir em qualquer parte do Brasil influências religiosas africanas é na Bahia, sem dúvida, que essas influências são mais marcantes e significativas. Trata-se, em grande parte, do resultado da maior concentração de escravos, especialmente daqueles provenientes da Nigéria e do antigo Daomé, introduzidos na Bahia principalmente durante a primeira metade do século XIX. Nessa época, já se dimensionava uma vida urbana que permitia essa maior concentração de escravos nas cidades.<sup>4</sup> Tal situação facilitava os contatos interétnicos e propiciava condições favoráveis à manutenção e à reinterpretção de suas culturas religiosas, a despeito do interesse manifestado pela Igreja católica em quemer integrar os negros à sua comunidade. A Igreja, representando os interesses das classes dominantes, permitia e não raro encorajava a criação de confrarias religiosas compostas de negros, tal como a confraria do Rosário dos Pretos, uma das mais famosas. Elas constituíam, sobretudo, uma forma institucionalizada de repressão das aspirações da população negra de ascender socialmente, canalizando-as para as atividades lúdicas permitidas e representadas pela participação nas festas públicas, nas procissões e em outras festas ligadas ao calendário litúrgico da Igreja.<sup>5</sup> Contudo, apesar da apa-

BAHIA  
uma com  
Sulau,  
NIGERIA  
Drahtey  
(Auer)  
1800  
VITR  
Urgenda

Permissível  
Cultura  
↓  
CAMPREAFRICA

(3) Verger, Pierre, op. cit., p. 12. Sobre as etnias que contribuíram para a formação brasileira, consultar: Diegues, Manoel, *Etnias e Cultura no Brasil*, Rio de Janeiro, MEC, 1956; Ramos, Arthur, *Introdução à Antropologia Brasileira*, Rio de Janeiro, 1951.

(4) Para a compreensão da vida dos escravos na Bahia do século XIX, ver: Verger, Pierre, *Flux et Reflux de la Traite des Nègres entre Bahia de Todos os Santos et le Golfe de Bénin: du XVII au XIX siècle*, Paris, Mouton, 1968; Andrade, Maria José de Souza, "A Mão-de-Obra Escrava em Salvador de 1811 a 1860: um Estudo de História Quantitativa", tese de mestrado em Ciências Humanas, UFBA, Salvador, 1975; Freyre, Gilberto, *Casa-Grande & Senzala*, Rio de Janeiro, J. Olympio Ed., 1954; Mattoso, Kátia, *Bahia: a Cidade do Salvador e seu Mercado no Século XIX*, São Paulo, HUCITEC, 1978; *Etre Esclave au Brésil. XV<sup>e</sup> - XIX<sup>e</sup> siècle*, Paris, Hachette, 1979.

(5) Braga, Julio Santana, "A Sociedade Protetora dos Desvalidos: uma Agência de Prestígio", tese de mestrado em Ciências Humanas, UFBA, Salvador, 1975, p. 10.

(1) Verger, Pierre, "Prefácio de Pierre Verger", in Santos, Deocoredes M. da, *Axé Opô Afonjá*, Rio de Janeiro, 1962, p. 11. Sobre candomblé, ver ainda: Carneiro, Edison, *Candomblé da Bahia*, Rio de Janeiro, Conquista, 1961; Pierson, Donald, *O Candomblé da Bahia*, São Paulo, Guairá, 1942; Bastide, Roger, *O Candomblé da Bahia (Rio Negro)*, São Paulo, Nacional, 1961; Verger, Pierre, *Notes sur les Cultes des Orisa et Vodun*, Dacar, IFAN, 1957.

(2) Herskovits, Melville J., "Pesquisas Etnológicas na Bahia", *Afro-Ásia*, Salvador, CEAQ (4/5):89, 1957, 1967.

Com o tempo, a religião católica, permaneciam fiéis às suas crenças de origem: "Esses negros eram todos batizados, mas permaneciam apegados às suas crenças antigas. Essas associações lhes permitiam manifestá-las à luz do dia; seus cantos e suas danças, que aos olhos dos proprietários passavam por simples distrações de negros nostálgicos, eram na realidade reuniões onde se evocavam os deuses africanos".<sup>6</sup>

Os iorubás, da Nigéria, e os fons, do Benim, foram, sem dúvida, uma vez reunidos no Brasil, os que forneceram o modelo estrutural das organizações religiosas afro-brasileiras chamadas de candomblé na Bahia, com nítida predominância da influência iorubá no conjunto das setas africanas, pela introdução de seus deuses e da estrutura de suas cerimônias.<sup>7</sup>

Essas associações religiosas constituem, neste estudo, o universo social onde fomos buscar os elementos necessários à análise da prática divinatória que aí preenche funções bem específicas. Apesar do número de trabalhos já publicados sobre a vida religiosa das populações afro-brasileiras, entendemos, no entanto, que o assunto está muito longe de ser esgotado. Diversos aspectos importantes desse fenômeno ainda não mereceram um tratamento em profundidade. E o caso, por exemplo, do jogo divinatório e sua função dentro da comunidade inclusiva dos candomblés, que tentaremos compreender em sua dinâmica e em suas relações com os rituais que ali se praticam.

Apesquisa

Em um artigo intitulado "Contribuição ao Estudo da Adivinhação no Salvador",<sup>8</sup> o único no gênero até hoje publi-

(6) Verger, Pierre, *Notes sur les Cultes des Orisa et Vodun*, p. 19. Ver também, *Athéisme, René, Religion e Relações Raciais*, Rio de Janeiro, MEC, 1956; *Azevedo, Thales, As Elites de Cor: um Estudo de Ascensão Social*, São Paulo, Nacional, 1955.

(7) Cf. Bastide, Roger, *As Religiões Africanas no Brasil: Contribuição a uma Sociologia das Interações de Civilização*, São Paulo, Pioneira, 1971. Sobre a predominância da cultura religiosa dos nagôs, ver *Rodrigues, Nina, Os Africanos no Brasil*, São Paulo, Nacional, 1932.

(8) Bastide, Roger e Verger, Pierre, "Contribuição ao Estudo da Adivinhação no Salvador", *Revista do Museu Paulista* (Nova Série), 8:357-38, 1953.

149

cado, Roger Bastide, referindo-se às práticas divinatórias conhecidas na Bahia, chama a atenção para o fato de que poucos foram os estudiosos africanistas a se interessarem por esse fenômeno. A falta de interesse apontada pelo autor parece prender-se basicamente às dificuldades que eles teriam de enfrentar na coleta do material indispensável ao estudo da prática divinatória de que faz uso o chamado "povo-de-santo".<sup>9</sup>

As coisas de "fundamento", expressão usada para falar de uma maneira genérica dos segredos iniciáticos, são sigilosamente preservadas, inserindo-se, em primeiro plano, os "segredos das folhas"<sup>10</sup> e, no mesmo nível de importância, as práticas divinatórias. A elas têm acesso somente os iniciados e, mesmo assim, ressalvado o princípio de senioridade iniciática. O conhecimento de determinados rituais somente é transmitido àqueles que alcançam certos postos na hierarquia ascendente dos candomblés da Bahia,<sup>11</sup> e, mesmo assim, cuidando-se para que a pessoa não se apodere de maneira imediata de todos os detalhes do processo do ritual. Por exemplo, as "folhas religiosas",<sup>12</sup> empregadas como banhos de purificação, "fechamento do corpo",<sup>13</sup> ou em outros andamentos da liturgia, às vezes são previamente trituradas para que não sejam identificadas até mesmo pelos auxiliares da mãe-de-

(9) Expressão empregada no Brasil, particularmente na Bahia, que designa o conjunto de pessoas ligadas direta ou indiretamente às associações religiosas afro-brasileiras. Encontramos também, com o mesmo sentido, a expressão "gente-de-santo".

(10) A riqueza da flora medicinal brasileira comprometida com a medicina empírica das associações religiosas ainda não foi devidamente estudada. *Mivaldo da Costa Lima*, em projeto de pesquisa apresentado ao Centro de Estudos Afro-Orientais da UFPA, já sugeria em 1967 "que uma pesquisa orientada dentro de uma correta metodologia, possível de contornar situações delicadas de omissões e restrições mentais, disposto de informantes válidos na ampla faixa da população que continua a valer-se das práticas empíricas para a solução de seus problemas de saúde e existenciais, poderá certamente revelar um mundo de conhecimentos relacionados com os fundamentos mesmo da cultura e da estrutura psicológica de um povo".

(11) *Carniero, Estelov, op. cit.*, pp. 135-143.

(12) Denominam-se "folhas religiosas" ou "folhas de santo" as plantas que, independentemente de seu valor farmacológico, são utilizadas na preparação de rituais. O poder mágico das folhas prescinde de suas qualidades farmacológicas conhecidas ou não. Dependem exclusivamente de suas ligações míticas com as divindades. O sacerdote, ao prescrevê-las, tem em mente as suas qualidades mágicas, ainda que conheça suas virtudes medicinais.

(13) Expressão empregada para se referir aos rituais preventivos aos quais se submetem os membros dos candomblés.

Povo de Santo

Folhas de Santo

TECHNOLÓGICO DO GÊNERO

DINÂMICA DIVINATÓRIA: "Bastide, Roger e Verger, Pierre, op. cit. p. 19"

santo<sup>14</sup> que ainda não atingiram certo grau na aludida hierarquia. A virtude mágica das folhas, o orixá a que pertence, o nome africano, a ordem do seu emprego, a maneira de colhê-la,<sup>15</sup> os cânticos que lhe são atribuídos, são do conhecimento da mãe-de-santo e somente compartilhados pelas mais velhas filhas que merecem sua confiança.<sup>16</sup>

Binon Cossard, que reuniu importantes informações sobre as práticas divinatórias junto ao seu pai-de-santo Joãozinho da Gomeia, comenta as dificuldades encontradas na coleta de dados mais precisos e, através de sua experiência pessoal, ilustra a validade do princípio de senioridade iniciática na transmissão de conhecimentos denominados "coisas de fundamento": "Lamentamos não poder fornecer outros esclarecimentos sobre a maneira como o jogo deve ser conduzido. Nossas relações de filha, face ao pai-de-santo, não nos permitiram abordar o assunto detalhadamente com ele. O pai-de-santo não demonstrou em momento algum o desejo de nos ensinar a jogar, pois, por um lado, não gozávamos da antiguidade necessária e, por outro, trata-se de um favor extremamente raro que não se deve solicitar".<sup>17</sup> A propósito da atitude das filhas-de-santo, quando solicitam ao pai-de-santo uma consulta, ela comenta: "Ninguém assiste às consultas e quan-

(14) Mãe-de-santo ou pai-de-santo. A autoridade moral e espiritual emana direta e exclusivamente do sacerdote. Essa autoridade, absoluta em toda extensão do terreno, é compartilhada por outros membros dos candomblés, sem quebra das linhas hierárquicas que definem o poder maior do sacerdote. Usaremos, neste trabalho, a expressão pai ou mãe-de-santo indistintamente para nos referirmos à pessoa do líder religioso de um terreiro. Ver Carneiro, Edison, *op. cit.*, p. 136.

(15) As pessoas encarregadas de colher as folhas no mato devem se abster de relações sexuais na véspera da colheita. Geralmente se deixa no mato uma oferenda para Ossanha, o deus das ervas, ao invocá-lo para pedir permissão para a colheita. Ossanha é o orixá das folhas, das ervas sagradas e medicinais. É o obá Igbó, "o rei do mato". Identificado com São Miguel, sua representação simbólica é um objeto de ferro com sete pontas, cuja haste central é enclinada por um pássaro estilizado. Acerca deste assunto, ver Querino, Manuel, *A Raça Africana*, Salvador, Progresso, 1955, pp. 65-66.

(16) Filha-de-santo ou filho-de-santo. O iniciado, aquele que se submeteu ao ritual de iniciação. Usaremos, neste estudo, a expressão filho-de-santo ou filha-de-santo indistintamente. Contudo, quando se fizer necessária a precisão do sexo, chamaremos a atenção do leitor. A propósito da filha-de-santo, ver Carneiro, Edison, *op. cit.*, p. 140.

(17) Cossard-Binon, Gisèle, *Contribution à l'Étude des Candomblés au Brésil: le Candomblé Angola*, Paris, Sorbonne, Faculdade de Letras e Ciências Humanas, 1970, p. 49.

do uma filha-de-santo vem consultá-lo, ela permanece respeitosamente ajoelhada perto do pai-de-santo e desvia os olhos da penneira onde são jogados os búzios".<sup>18</sup>

A presença assídua nas festas públicas e longas estadas nos locais onde se realizam esses cultos permitem aos não iniciados uma certa familiaridade com aqueles segmentos dos rituais considerados "coisa de fundamento". Isso não ocorre, entretanto, com os pesquisadores que, pelo fato de serem identificados como tais, vêem-se limitados à observação apenas de rituais que lhes são permitidos assistir pelo consentimento expresso do pai ou da mãe-de-santo. As "pessoas da casa", expressão que designa os indivíduos de alguma maneira ligados à estrutura do grupo religioso, ou que residem no próprio terreiro, têm a oportunidade de participar de diversos estágios dos rituais, a que os pesquisadores dificilmente teriam acesso. As dificuldades de penetração nessas comunidades levaram Herskovits a afirmar que os pesquisadores, com poucas exceções, lograram apenas descrever os aspectos mais exteriores da vida religiosa dos afro-brasileiros; das cerimônias tratadas, quase que somente as "públicas" receberam a atenção. Não levando em consideração o fato de determinados rituais serem zelosamente preservados da curiosidade dos profanos, pois que a revelação implica sempre perda de prestígio e autoridade diante do grupo religioso, afirma ainda Herskovits: "E mais uma vez estamos diante de um fato compreensível, visto que o africano é tradicionalmente uma criatura discreta e, possivelmente, como toda pessoa sofisticada, sente que a ninguém faz mal e até pode ajudar a si mesmo o que ele deixa de dizer".<sup>19</sup>

As crianças residentes nos locais onde se realizam os rituais, nos terreiros,<sup>20</sup> desde muito cedo adquirem inestimável conhecimento das seqüências dos atos litúrgicos, ao ponto de, nos momentos de lazer, realizarem verdadeiras cerimônias religiosas, pela ordem e respeito como atuam, transformando-as em seu passatempo predileto. Essa aprendizagem assistemá-

(18) Cossard-Binon, Gisèle, *op. cit.*, p. 49.

(19) Herskovits, Melville J., *op. cit.*, p. 96.

(20) O termo "terreiro" é empregado freqüentemente como sinônimo de casa de culto, candomblé.

Mãe-de-santo

Relações sexuais, (proibidas) e Ossanha

Mostrando a importância da Penneira

Terreiro

(114)

Família e sãoa

tica a que se submetem as "pessoas da casa" pode ser considerada como verdadeira iniciação no domínio do sagrado e poderá, eventualmente, completar-se com a iniciação ritualizada. René Ribeiro observou situação idêntica em Recife, quando aludiu ao fato de sacerdotes de Xangô<sup>21</sup> residirem no próprio local de culto, com um certo número de filhas-de-santo que, "embora não sendo membros da família do sacerdote, pertencem funcionalmente a esta, desse modo encontrando oportunidade para ouvir, falar e para aprender, quando se discutem assuntos do culto". Essa situação se observa também na Bahia, onde os candomblés são comunidades religiosas bem estruturadas, que comportam, quase sempre, uma família nuclear constituída do pai ou da mãe-de-santo e seus descendentes consanguíneos, que poderia ser definida como uma família extensa quando se leva em consideração a inclusão de algumas de suas filhas-de-santo que aí residem permanentemente. Ainda com referência à participação de crianças locais de culto, incluindo-se as da vizinhança que adquirem também excepcional noção dos rituais, comenta René Ribeiro: "As crianças estão por toda parte nas casas de culto e gozam da maior liberdade, embora seja comum ouvirmos diglórios ou simples fiéis avisá-las dos perigos que correm, em certas ocasiões cerimoniais, se infringem inadvertidamente as normas de conduta do culto. Por ocasião dos 'toques' (festas públicas), quando não podem tomar parte na roda de dançarinos adultos, fazem elas sua própria roda e assim dançam e cantam as toadas dos orixás com a perfeição de velhos frequentadores. (...) A familiarização assim obtida desde baixinha idade por membros e também por indivíduos não filiados aos cultos afro-brasileiros integra-se em sua experiência cotidiana e mantém vivas, em nossa população, bem mais extensivamente do que poderia parecer à análise superficial do funcionamento desses centros religiosos, tradições e crenças de origem africana".<sup>22</sup>

As observações feitas por René Ribeiro a propósito da

(21) O autor se refere ao sacerdote do culto afro-brasileiro do Recife, conhecido sob o termo de Xangô.

(22) Ribeiro, René, *Cultos Afro-Brasileiros do Recife: um Estudo de Ajustamento Social*, Recife, Instituto Joaquim Nabuco, 1952, pp. 100-101.

participação de crianças no Xangô do Recife e aquelas relativas ao sentido de continuidade das tradições por parte dessa "população de prontidão" podem ser tomadas extensivamente para a Bahia e para o Brasil, em qualquer lugar em que se realizam os cultos de origem africana.

As práticas divinatórias utilizadas nos candomblés se constituem em tema bastante difícil de ser abordado do ponto de vista antropológico. O estudioso que se lançar à sua análise, inevitavelmente encontrará, como nós encontramos, numerosos obstáculos no que tange ao trabalho de campo. O primeiro problema repousa na escolha de informantes válidos ou qualificados. A maioria deles se recusa sistematicamente a fornecer os elementos indispensáveis à compreensão da prática divinatória, sigilosamente preservada como "coisa de fundamento". Eles temem não somente o castigo das divindades, mas, sobretudo, as eventuais censuras de seus colegas, geralmente seus rivais e concorrentes, os quais não poupariam esforços para criticá-los e ridicularizá-los na comunidade inclusiva dos candomblés. Vale ressaltar aqui as respostas de um pai-de-santo às nossas perguntas, o que bem revela sua ortodoxia e seu respeito aos conhecimentos que lhe foram transmitidos. O informante em questão nos declarou que não podia nos revelar coisa alguma, pois aquilo que ele sabia não estava destinado a ser divulgado. Ele estava contrariado de ver que "não há mais respeito na seita, porque alguns pais-de-santo procuram se promover às custas da religião".

Os informantes recorrem a justificativas de toda natureza para se esquivarem das questões que consideram indiscretas e que poderiam comprometer a observância do sigilo. Às vezes, afirmam não terem a devida autorização do santo para responder a determinadas perguntas. Outras vezes, informam que o santo lhes concedeu a graça de ter acesso aos "fundamentos"; que a revelação dos mesmos implicaria uma falta de respeito e que, por essa razão, eles seriam vítimas de castigos que seriam impingidos pelas divindades. Algumas vezes não nos foi possível obter certas informações por termos sido identificados como "pessoa da seita".<sup>23</sup> Supunham que estávamos

Dificuldade de obter informações sobre o trabalho de campo; a maioria dos informantes recusou-se a fornecer informações e distorções.

Gravidade da situação; a maioria dos informantes recusou-se a fornecer informações. Não houve interesse em revelar informações sobre a seita; a maioria dos informantes recusou-se a fornecer informações. Não houve interesse em revelar informações sobre a seita; a maioria dos informantes recusou-se a fornecer informações.

(23) Sinônimo de "gente-de-santo". Ver nota 9 desta introdução.

procurando testar seus conhecimentos ou, embora não frequentemente, que tenhamos intenção de lhes fazer algum tipo de mal. O fato de sermos conhecidos nessas comunidades resultou para nós em certos obstáculos na obtenção de dados que necessitávamos. Entretanto, isso nos permitiu a coleta de informações que jamais seriam fornecidas a uma pessoa totalmente estranha ao grupo religioso. Concordamos com Beattie quando ele assegura que para descrever de forma adequada uma instituição social estranha devemos vê-la, ao menos em certa medida, como seus representantes a vêem. "Uma contri- buição importante da antropologia social foi demonstrar que as instituições sociais e culturais das sociedades afastadas da nossa precisam ser entendidas, se realmente as quisermos en- tender, a partir das idéias e valores vigentes naquelas socie- dades, e não simplesmente nos nossos próprios termos. E este tipo de compreensão só é possível quando o investigador se muda, em geral literalmente, e não apenas metaforicamente, da sua própria cultura para a estranha que deseja compre- nder, e 'aprende' a nova cultura como aprenderia uma nova língua."<sup>21</sup> Essas observações são tanto mais pertinentes quan- do se trata de instituição religiosa como o candomblé, que forma uma comunidade onde a vida social e a vida religiosa se integram de maneira plena e inseparável.

A nossa experiência como frequentador dessas comuni- dades e, mais ainda, a nossa participação como membro efe- tivo de um terreiro na Bahia<sup>22</sup> nos têm mostrado que se uma pessoa, ao inquirir um pai-de-santo, demonstra total desco- nhecimento sobre o assunto que pretende pesquisar, este úl- timo se torna reticente e quase sempre se recusa a prestar in- formações. A insistência inconveniente poderá levá-lo a um comportamento irônico e até mesmo depreciativo, recorrendo

(24) Beattie, John. *Introdução à Antropologia Social: Objetivos, Métodos e Realizações da Antropologia Social*, São Paulo, Nacional, 1971, p. 2.

(25) Em 1972, o autor se submete ao ritual de iniciação, recebendo o posto de Onã Mogbá na Sociedade Benficiente Axé Opô Aganju, situada no município de Luro de Freitas, no Estado da Bahia. O pai-de-santo desse candomblé, Balhino Daniel de Paula, é filho-de-santo de Maria Bibiana do Espírito Santo, Oxum Minda, antiga mãe-de-santo do Axé Opô Alonji. Sobre os ministros de Xangô, consultar: Bonfim, Martiniano Eliseu do. "Os Ministros de Xangô", in *O Negro no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização, 1940, pp. 233-236; Costa Lima, Vivaldo da. "Os Obsas de Xangô", *Afro-Ásia*, Salvador, (2/3): 5-36, 1966.

Bibliografia de MINISTRA DA SAÚDE  
IHPT

Através da visão para entender o espírito da coisa

NOI  
C  
P

OPô Aganju

a termos e expressões usadas em situações como essas que denotam a animosidade do informante em relação ao pesqui- sador.

O investigador, quando dispõe de certo número de infor- mantes, enfrenta um obstáculo que nos parece o mais difícil. Referimo-nos à triagem das informações coletadas junto a in- formantes selecionados. É possível que estes sejam menos ortodoxos na observância do sigilo quanto às coisas de funda- mento. Porém, mesmo entre eles, nota-se uma natural restri- ção mental, muito freqüente nas pessoas que pertencem aos candomblés, tornando-as bem reticentes e pouco loquazes. Existem os que, em defesa dos segredos, prestam informações mais contraditórias, que não correspondem a nenhuma rea- lidade etnográfica. Outros, por não conhecerem bem as tradi- ções e as técnicas da prática divinatória em seus aspectos com- plementares e não querendo deixar transparecer sua ignorân- cia, recusam-se a responder qualquer pergunta, alegando que, se assim o fizessem, estariam sujeitos aos castigos das divi- dades. Essa categoria de informantes pode passar a falsa idéia de que são profundos conhecedores da seita. Abordados, res- pondem incontinenti que essas coisas constituem segredos que não podem ser revelados.

Embora não tivéssemos levado em consideração a nação<sup>23</sup> da casa à qual estão ligados nossos informantes, decidimos centralizar nossa atenção sobretudo naqueles que provinham de terreiros ditos jejes-nagôs,<sup>24</sup> porque esses candomblés re-

(26) A palavra "nação" é empregada para distinguir uma casa de candomblé através de sua origem e da tradição religiosa prevalente. Para uma análise do concei- to de "nação", consultar Costa Lima, Vivaldo da. *A Família de Santo nos Candom- blés Jeje-Nagôs da Bahia*, Salvador, 1972.

(27) O termo jeje-nagô é empregado no Brasil para designar os candomblés que preservaram, na sua estrutura sócio-religiosa, muitas influências das culturas torubá, da Nigéria, e fon, do Benim. Os fons davam aos seus iniciados do Leste o nome de nagôs. Várias etimologias foram propostas para a palavra nagô: lixo, sujeira, indi- cando o desprezo que os fons tinham pelos seus inimigos. Paul Mercier chama a atenção para o fato de existirem torubás, na atual República de Benim, que denomi- nam a si próprios de nagôs. Nesse caso, a palavra não teria sido forjada pelos fons e possivelmente eles teriam se contentado em explorar um jogo de palavras, fixando um nome tribal ao conjunto da etnia. Cf. Mercier, Paul. "Notices sur le peuplement Yoruba au Dahomey", *Études Dahoméennes*, Daomé, IFAN, 1950, pp. 30-31. Os fons do grupo Adja-Ewe do Benim são os que no Brasil passaram a ser conhecidos sob o nome de jeje, termo que também deu origem a interpretações contraditórias. É assim que os torubás de Porto Novo, Capital do antigo Daomé, chamavam os elemen-

TRINCEH

Diferença: compartilhar e não se referir à cultura candomblé

Informante x objeto separado

Distinção de pontos (a) usar palavras (que não são) separadamente

Jeje e Nagô

NA EIONE

Jeje e Nagô etimologia

de profete divi cabre ia uso uei  
cautelante - ovela para seu ol'  
suprue 22 ppk - uago

O JOGO DE BÚZIOS

presentam a fonte de onde provêm as práticas divinatórias em uso nos candomblés da Bahia.

Evitamos recorrer ao pai-de-santo da casa à qual pertencemos com o intuito de eliminar os inconvenientes que poderia causar, no seio da comunidade religiosa, nossa identificação como pesquisador, o que nos acarretaria a reprovação geral e, em particular, a do dirigente do grupo. Tomando essa precaução, evitamos a subordinação do pesquisador à estrutura sócio-religiosa, eliminando os perigos de ocasionais interfe-rências na manipulação dos dados coletados. René Ribeiro, evocando o caso de dois especialistas da cultura africana no Brasil, **Nina Rodrigues** e **Arthur Ramos**, ambos ligados à estrutura organizacional dos candomblés, assinalam que ele próprio não se filiou a nenhuma casa de cultos e, assim procedendo, conseguiu "desligar-se de compromissos rituais e de tabus que certamente iriam interferir com a discussão dos assuntos mais esotéricos ou com a assistência aos ritos mais privados",<sup>28</sup> liberando-se, dessa forma, da dominação do pai-de-santo. A nosso ver, a não-filiação em nada facilita o diálogo franco com os membros dos candomblés e, sobretudo, impossibilita a participação em certos rituais aos quais só podem assistir pessoas iniciadas.

O fato de termos frequentado os candomblés durante muitos anos, assim como a nossa assiduidade às festas públicas da casa à qual estamos ligados, nos foram particularmente úteis na elucidação de certas informações que nos pareciam duvidosas. Uma parte considerável dos dados coletados correspondia exatamente ao que ocorria em nossa casa de referência, indicando, assim, uma certa homogeneidade nas informações incluídas em nossa análise. Ademais, a transmissão de conhecimento se faz sempre de acordo com a tradição da casa de candomblé da qual depende o informante. Essa

tos fons provenientes do Oeste. Sobre a população do Benim, ver especialmente Corneim, Robert, *Histoire du Dahomey*, Paris, Mondés d'Outre-mer, 1962. Sobre os jejes no Brasil, ver, entre outros, **Pereira Nunes**, *A Casa das Minas*, Rio de Janeiro, 1947; **Mergen, Pierre**, "La Culte des Vodoun d'Abomey Aurait-elle Apporté à Saint-Louis de Maranhon par la Mère du Roi Ghezo?", *Les Afro-Américains*, Dakar, IFAN, 1952, pp 157-160; **Malenfant, Waldemar**, *Sobrevivências Daomianas nos Grupos de Cultos Afro-Nordestinos*, Recife, Instituto Joaquim Nabuco, 1964.

(28) Ribeiro, René, *op. cit.*, p. 6.

INTRODUÇÃO

23

particularidade explica a inexistência de um consenso relativo às informações obtidas junto a informantes de diversas casas de culto, com exceção daquelas referentes ao modelo das práticas divinatórias notoriamente jeje-nagô. Por esse motivo, não excluímos as interpretações ou reinterpretações resultantes de influências diversas, especialmente daquelas que provieram do contato de membros de um candomblé com outros de candomblés cuja tradição divergia daquela de seu grupo de referência. Existe um número considerável de casas que ainda não sedimentaram sua tradição, e seus membros, por essa razão, estão sujeitos à absorção de influências de todos os tipos, inclusive daquelas estranhas ao modelo tipicamente africano.

O grau de conhecimento dos informantes não depende de sua idade civil, mas do tempo de iniciação nos candomblés. Mas contamos também com a colaboração de informantes que, não estando situados nos mais altos graus da hierarquia religiosa, detinham importantes conhecimentos sobre a prática divinatória, mais conhecida pelo termo *Jogo de Búzios* — tema central deste estudo que ora apresentamos.

≠ ha Ueli,  
ia jorucabi  
da # Corte  
(e Tralvau)

≠ Jeupio de  
lucã soue  
prado di  
convenção

1148

1148

# O babalaô, sacerdote da adivinhação

## O babalaô no Brasil. Hierarquia sacerdotal

Na África ocidental, na região da Nigéria e do Benim, o sacerdote da adivinhação é designado por vários nomes que indicam, em alguns casos, as características de sua função sócio-religiosa. Entre os termos utilizados, o *babalaô* e *oluô* foram preservados no Brasil.<sup>1</sup> O termo *bokonô* é também empregado embora de maneira mais restrita, especialmente entre os membros dos candomblés jejes na Bahia. O termo *babalaô* permaneceu, por muito tempo, com o mesmo significado, quando ainda existiam sacerdotes de Ifá. Tal como na África, o *babalaô* se encontrava no primeiro plano da hierarquia sacerdotal, ao lado dos sacerdotes de Ossanha, ou sacerdotes curandeiros, detentores do segredo das plantas. Um *babalaô*, na Bahia, relacionou para Roger Bastide os diferentes tipos de sacerdotes, obedecendo a seguinte ordem: *babalaô*, ou *adivinho*; *babalorixá*, ou chefe de uma confraria religiosa de filhas-de-santo, reunidas num candomblé; *babalossaim*, ou melhor, o *olossaim*, o chefe das folhas; o *abaogi* (ou melhor, o *ario-gé*), o chefe dos mortos (Egum).<sup>2</sup>

**BAHIA**

BA BABALO = 1º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe das folhas" (olossaim)

BA BABALORIXÁ = 2º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe de uma confraria religiosa de filhas-de-santo"

BA BABALOSSAIM = 3º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe das folhas"

BA ABOGI = 4º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA ARIOGÉ = 5º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 6º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 7º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 8º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 9º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 10º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 11º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 12º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 13º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 14º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 15º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 16º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 17º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 18º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 19º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 20º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 21º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 22º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 23º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 24º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 25º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 26º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 27º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 28º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 29º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 30º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 31º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 32º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 33º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 34º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 35º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 36º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 37º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 38º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 39º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 40º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 41º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 42º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 43º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 44º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 45º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 46º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 47º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 48º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 49º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 50º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 51º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 52º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 53º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 54º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 55º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 56º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 57º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 58º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 59º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 60º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 61º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 62º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 63º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 64º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 65º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 66º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 67º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 68º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 69º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 70º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 71º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 72º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 73º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 74º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 75º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 76º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 77º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 78º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 79º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 80º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 81º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 82º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 83º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 84º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 85º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 86º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 87º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 88º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 89º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 90º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 91º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 92º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 93º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 94º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 95º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 96º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 97º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 98º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 99º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

BA BABALOGU = 100º p. ouc. da hierarquia sacerdotal, "chefe dos mortos"

(1) Maupoli, Bernard. *La Géomancie à la Côte des Esclaves*, Paris, Instituto de Etnologia, 1943, pp. 112-113.  
 (2) Bastide, R. e Verger, P., "Contribuição ao Estudo da Adivinhação no Salvador", op. cit., p. 360.



Podemos dizer que não existe uma orientação sistemática na formação de novos sacerdotes de Ifá.<sup>9</sup> É possível se falar de uma instrução regular, ao menos nos primeiros contatos do discípulo com seu mestre, quando lhe são ministradas noções básicas da técnica divinatória. Contudo, o aprimoramento é conseguido durante os constantes intercâmbios entre eles em encontros acidentais. Uma vez admitido o neófito na classe sacerdotal de babalaô, esse aprimoramento se efetiva durante as reuniões periódicas que se realizam no "dia do segredo". Com efeito, o conhecimento é adquirido através de estudo constante que nunca é concluído devido à complexidade da prática divinatória, a qual exige desses sacerdotes a memorização de uma quantidade extremamente grande de histórias (*itara*), base desse sistema de adivinhação. Verger, relatando a facilidade com que os Iorubás memorizam os elementos de sua cultura, comenta:

"A facilidade com que os Iorubás conseguem reter todas essas locuções orais é explicada pelos seus métodos de divulgação do conhecimento e pelas formas que eles dão a essa divulgação. O conhecimento é transmitido do mestre ao discípulo com o auxílio de frases curtas e cadenciadas, em um certo ritmo, de acordo com a respiração. Nessas frases intervêm também o elemento melódico da tonalidade marcada de uma linguagem em que a repetição de vogais e a aliteração desempenham papel muito importante."<sup>10</sup>

Desde que se sente apto para praticar a adivinhação, o discípulo deixa seu mestre e se instala como sacerdote. Ifá é uma ciência infinita, que ninguém pode pretender dominar completamente e cujos maiores adivinhos são seus eternos alunos.<sup>11</sup> É, portanto, com o exercício profissional que o sacerdote de Ifá vai adquirindo um conhecimento cada vez mais profundo dessa difícil arte de adivinhar, embora jamais se considerem detentores de todos os segredos que envolvem essa

prática divinatória. Herskovits, referindo-se ao processo de aprendizagem, considera que o tempo para que um discípulo adquira o conhecimento necessário para se tornar um babalaô é de, aproximadamente, sete anos. Durante esse período, afirma Herskovits, "o estudante serve como assistente do adivinho com quem ele está estudando".<sup>12</sup> Um babalaô na cidade de Iwo, na Nigéria, nos falou pessoalmente desse tempo de duração como sendo o mínimo necessário para que um discípulo possa se familiarizar com a técnica divinatória.

No Brasil, particularmente na Bahia, não nos foi possível encontrar um só informante que tivesse conhecimento profundo das obrigações necessárias à iniciação de babalaô e poucos foram os que se submeteram a esse ritual. Isso parece explicar o fato de esse ritual ter sido praticamente esquecido, guardando-se, na memória coletiva, apenas vagas idéias de como era realizado. Um informante nos assegurou, entretanto, que a iniciação se processava de forma igual à de um filho-de-santo, variando apenas em alguns aspectos do ritual. A única notícia de que dispomos se encontra no livro de João do Rio, num diálogo entre ele e Antônio, um dos seus principais informantes. Pelas informações etnográficas aí contidas e pelo seu valor histórico consignando a presença de confrarias de babalaôs no Rio de Janeiro, transcrevemos, na íntegra, o referido diálogo:

— Para ser babalaô é preciso muita coisa. Só de noviciado, leva-se muito tempo, anos a fio, e a cerimônia é difícilima. Quando um iniciado quer ser babalaô, tem que levar ao babalaô que o sagra, dois cabritos pretos, duas galinhas d'Angola, duas galinhas da terra, dois patos, dois pombos, dois bagres, duas preás, um quilo de limo, um ori, um pedaço de Ossun, um pedaço de giz, dois gansos, dois galos, uma esteira, dois caramujos e uma porção de penas de papagaio encarnadas.

— É difícil.

— E não é tudo. Tem que levar também um quilo de sabão da costa que se chama ochê-luaie, e não entra para ibodô-itã ou quarto dos santos sem estar de roupa nova e levar

TEMPO  
MUITO  
E INICIAÇÃO  
NO TEMPO  
7 ANOS

IN BRASIL  
LEVAR SEU  
+ PLUMAS  
SERVIR  
12 ANOS  
BABALAÔ  
FOCAI SOU NO  
IBODATI  
BAURUBA  
DEE VAGEE

Um  
café:  
João do Rio

OCHE-LUAIE  
SABÃO DA COSTA

(9) Sobre o processo de transmissão da ciência de Ifá, ver Abimbola, W., "The Literature of Ifa Cult", in Biobaku, S. O. et alii, *Sources of Yoruba History*, Oxford, Clarendon Press, 1973. A propósito das cerimônias de iniciação de um babalaô, consultar Abimbola, W., *Ifa: an Exposition of Ifa Literature Corpus*, Ibadan, Oxford University Press, 1976.

(10) Verger, P., *op. cit.*, p. 7.

(11) Maupou, *op. cit.*, p. 139.

(12) Herskovits, Melville, *Dahomey: an Ancient West African Kingdom*, Evanston, Northwestern University Press, 1967.

na algebeira pelo menos 200\$000. O futuro babalaô fica sete dias no ibodô, onde não entra ninguém para ver o segredo.

— O segredo?

— O segredo é um ovo de papagaio. V.S. já viu um ovo de papagaio? Nunca! E quem ver um ovo desses, arrisca-se a ficar cego. O ovo em africano chama-se éju; o papagaio, odidé. É o ovo que guardam dentro de uma cuita ou ybadu. O iniciado fica inteiramente nu, senta-se na esteira, e o velho babalaô indaga se é de seu gosto fazer o ifá. Se a resposta for afirmativa, lavam-se quarenta e dois carocos de dendê com diversas ervas, e nessa água o babalaô novo toma banho. Depois raspase-lhe a carapinha, guardando-a para o grande despacho, pin-ta-se-lhe o crânio com giz e faz-se a matança.

— Todos os animais?

— Todos caem ao golpe das navalhas afiadas, o sangue enche os alguidares, escorre pela casa, mas ninguém sabe, porque lá dentro, de vivos, só há os dois babalaôs e o acólito. O primeiro sacrifício é para Exu. Mistura-se o sangue do galo com tabatinga, forma-se um boneco recheado com os pés, o fígado, o coração, e à cabeça dos bichos metem-se em forma de olhos, nariz e boca, quatro búzios e está feito Exu. Em seguida, esfaqueiam-se os outros bichos sacrificando-os a Ifá. O novo babalaô recebe na cabeça um pouco desse sangue. O acólito ou ogibanam amarra-lhe na testa uma pena de papagaio com linha preta e, assim pronto, o novo matemático<sup>13</sup> fica seis dias aprendendo a prática de alguns feitiços temíveis e rezando aos odu Ifá.

(...)

No fim de sete dias, juntam-se os ossos, as cabeças, os pés dos animais com os restos de comida, a pena de papagaio do jovem professo, as ervas dos serviços anteriores, coloca-se tudo no alguidar para jogar onde o opelê disser, no mar, num lago, em qualquer rio. O iniciado é quem leva o alguidar, sem perder a razão, e canta no trajeto três cantigas...<sup>14</sup>

Infelizmente não dispomos de maiores informações que nos assegurem como se processava, no Brasil, a transmissão

(13) Sobre a relação da adivinhação de Ifá com a matemática, ver *Laleye Agbontanu, Eloguwa Eloguwa, Sesev-vous que Ifá ou Géomancie est une Arithmologie*, Daomé, Sogasse Africaine, 1964.

(14) *Rio, João do, As Religiões no Rio*, Rio de Janeiro, Organização Simões, 1951.

da técnica divinatória. Provavelmente a aprendizagem da manipulação do rosário de Ifá obedeceu, em linhas gerais, o procedimento africano em que a transmissão oral é recurso quase que exclusivo. Certo é que houve, no Brasil, no Rio de Janeiro pelo menos, uma confraria de babalaôs noticiada por João do Rio, embora esse autor não entre em detalhes sobre sua organização e nem se refira às atividades que ali eram desenvolvidas.

Na verdade, a prática divinatória pelo opelê-ifá, de que se servem os babalaôs na África, não foi, em nenhuma época, popular na Bahia e poucos foram os babalaôs, de que se tem notícia, a acreditar nas poucas referências existentes na literatura relativa à presença da cultura africana no Brasil. *Mina Rodrigues*, o iniciador desses estudos, não teve oportunidade de assistir a nenhuma sessão divinatória, fornecendo sumárias informações a esse respeito: "Nunca tive ocasião de ver aqui na Bahia o processo de adivinhação dos babalaôs, como o descreve Ellis, com uma tábua ou tabuleiro especial e cocos de dendê. Dizem-me, todavia, que existe. Sei que empregam processos mais simples, como cauris, certas sementes, etc. Aqueles que aqui atribuem a Ifá é o de uma cadeia de metal em que de espaço a espaço se enfia uma meia noz de manga seca. O feiticeiro pega a cadeia em certo ponto e a joga de um modo especial. Da posição que tomam as nozes deduzem o augúrio ou vaticínio".<sup>15</sup>

Manuel Querino, que, de igual modo, não parece ter assistido a uma sessão divinatória com o opelê-ifá, assim se expressa: "O vidente, que também se chama babalaô, prevê o que está para suceder, e esta só circunstância cria-lhe grande clientela, até mesmo entre pessoas qualificadas. (...) Os instrumentos do olhador são oubi, ourôbô (*sic*), pimenta-da-costa e o opelê-ifá, espécie de rosário, cujos padre-nossos são representados por carocos de manga, e em pequenas rodas. Às vezes contém dezesseis moedas de prata. Às mulheres só é permitido olhar com búzios".<sup>16</sup>

Arthur Ramos, continuador da obra de *Mina Rodrigues*, pouco acrescenta às referências enunciadas pelos autores aci-

(15) *Rodrigues, Mina, Os Africanos no Brasil*, pp. 337-338.

(16) *Querino, Manuel, A Raça Africana*, pp. 55-56.

TABALINGA

SCRIPSO  
SILVANO  
OPÊLÉ-IFÁ  
no Rio de Janeiro

4 CONFRARIA  
de babalaôs  
a Rio de Janeiro

No Rio de Janeiro  
do opelê-ifá  
em São Paulo  
em Rio de Janeiro

ma citados. Referindo-se aos cultos fiolátricos de origem africana no Brasil, escreve: "Ifá é um orixá adivinho. O processo de adivinhação com este orixá, usado pelos feiticeiros ou babaiaôs chama-se olhar com o Ifá. Há dois processos principais. No primeiro, utiliza-se o adivinhador de uma cadeia de metal onde há, de espaço a espaço, a metade de uma noz de manga; é o rosário ou colar de Ifá (opelê-ifá). O feiticeiro atrai o rosário e do modo por que ficam dispostas as nozes, deduz os seus vaticínios. Outro processo consiste em encher as mãos com os frutos de dendê, sacudi-los, misturá-los bem e depois jogá-los na mesa ou no solo, aos poucos tirando o adivinho as suas conclusões".<sup>17</sup>

Citando o mesmo trecho, Roger Bastide, após ter afirmado que o autor nada acrescentou aos seus predecessores, comenta: "Infelizmente, a parte mais interessante da descrição não é desenvolvida e cabe toda nesta frase brevíssima, de enorme alcance: Na Bahia, o culto de Ifá está ultimamente unido ao de Exu... Ora, diz Bastide, essa união é um traço de cultura nitidamente africano".<sup>18</sup>

Embora sejam também escassas as notícias sobre a adivinhação em Pernambuco, René Ribeiro conseguiu naquele estado, onde a influência africana foi muito grande, coletar informações de primeira qualidade, mais do que fizeram seus colegas na Bahia. O aludido material se refere ao conhecimento que tinham os babaiaôs da adivinhação pelo opelê-ifá, e também à lembrança de variantes de mitos ligados às práticas divinatórias, especialmente a que é feita com dezesseis búzios.<sup>19</sup>

Do babaiaô ao pai-de-santo

Várias foram as causas que contribuíram para que os babaiaôs fossem gradativamente desaparecendo do Brasil. Aqui nos referimos especificamente ao adivinho que utilizava o opelê-

(17) Ramos, Arthur, *O Negro Brasileiro*, São Paulo, Nacional, 1940, p. 51.

(18) Bastide, R. e Verger, P., *op. cit.*, p. 358.

(19) Ribeiro, René, *Os Cultos Afro-Brasileiros*, pp. 84-97.

CAUSAS  
SUSCITADAS  
ROBERTO  
RIBEIRO

REPÚBLICA  
IMPULSO  
de J. A.  
Bastide  
sujeito  
opelê-ifá

(NB)

lê-ifá, de acordo com a sistemática ainda hoje utilizada na África.

A técnica divinatória pelo opelê-ifá, como vimos, exige do adivinho um conhecimento profundo de muitas histórias ligadas aos diversos odus (caminho/possibilidade de explicação de um problema) e que formam a base desse processo divinatório. Essas histórias estão intrinsecamente ligadas à cultura e à sociedade africanas de onde são oriundas.

Os portadores desse conhecimento que aqui aportaram na condição de escravos não encontraram no Brasil condições favoráveis ao pleno exercício de suas funções. A atividade do babaiaô exige uma prática constante do saber divinatório para uma revitalização permanente dos conhecimentos aí envolvidos, o que é possível apenas dentro da dinâmica sócio-cultural da sociedade de onde são originários. Sabemos que a cultura africana, importada com o advento da escravidão, foi redefinida no Brasil ao entrar em contato com outras culturas também comprometidas com o processo civilizatório brasileiro. Desse amálgama de civilizações resultou uma cultura que, preservando valores e padrões comportamentais de origem, particularmente em sítios culturais como os candomblés, delas se afastou em termos de sua estrutura morfológica e social.

A prática divinatória com o opelê-ifá exige recorrência permanentemente à memória coletiva de onde extrai o conteúdo necessário de realimentação, como o que se encontra implícito nas diversas histórias e contos ligados à cultura africana. Sendo impraticável esse processo de revigoração em termos de Brasil, visto que a cultura brasileira não fomentou esse processo, verificou-se, então, a reinterpretção dessas histórias ao nível da cultura nacional, quando isso era possível, adaptando-as de acordo com as motivações específicas. Nesse processo de redução dos mitos à nova realidade cultural surgiram variantes bem simplificadas, com exclusão, às vezes, de partes essenciais das histórias explicativas dos problemas formulados pelo consulente durante uma sessão divinatória.<sup>20</sup> Admitimos também que essas dificuldades tenham favorecido o esquecimento da maior parte das histórias ligadas à adivinhação pelo opelê-

TÉCNICA  
OPELÊ-IFÁ

(OBS)

BRASIL  
no candomblé,  
no terreiro,  
no matão  
curativo

- No Rio de Janeiro  
corrente  
o trabalho  
coletivo

representação  
do que ocorre  
e reatua  
oficinas

já parte  
assim  
simplificada

Da unidade  
na qual parte  
da unidade  
e parte  
opelê

(20) Braga, Júlio Santana, *Contos Afro-Brasileiros*, Bahia, 1976, pp. 7-8.

HP Dificuldades  
 de "problemas"  
 dos bábalaos  
 X jogo de  
 búzios +  
 jogo de  
 búzios +  
 jogo de búzios  
 + Opela-Poa

ifa, dificultando a ação dos bábalaos e tornando-os ineficazes aos olhos dos membros dos candomblés que já dispunham de um sistema divinatório simplificado, porém mais operacional, que é o jogo de búzios.

É de supor-se que ocorreria uma certa revitalização do conteúdo mítico que serve de sustentáculo à prática divinatória com o opelê-ifa, caso os bábalaos estivessem ligados mais diretamente à estrutura hierárquica dos candomblés. Ainda que não se possa pensar em uma revitalização igual à que ocorre na África, os bábalaos encontrariam, nessas comunidades religiosas, melhores condições para preservar e transmitir seu saber, pois que disporiam de uma ambiência totalmente favorável para isso e bastante próxima da realidade religiosa africana. Ali prevalece um contingente significativo da memória africana, detectável na sua organização social, na hierarquia e no culto às divindades e até mesmo no *modus vivendi* de seus membros. Os bábalaos, pois, teriam encontrado as condições as mais favoráveis ao revigoramento de seus conhecimentos míticos já redefinidos em termos de cultura brasileira. Isso é exatamente o que ocorre com os pais-de-santo que, pelo constante exercício de sua atividade sacerdotal, são portadores de inestimáveis informações sobre a cultura africana de uma maneira geral, ainda que reinterpretada e condicionada dentro de um processo aculturativo que se verifica no Brasil, e ao qual estão submetidas as culturas aliéngenas. Seria exatamente essa porção da memória coletiva africana, guardada nos candomblés, que serviria, talvez, de substrato ao renascimento da prática divinatória com o opelê-ifa. Bastide, referindo-se à memória coletiva, afirma que ela "é um conjunto de imagens mentais ligadas, de um lado, a mecanismos motores, os ritos, se bem que os ultrapassando, e de outro, a estruturas morfológicas e sociais. Ora, isso determina que as imagens sejam lembradas cada vez que a comunidade africana reunida encontra sua estrutura e retoma, em ligação com as intercomunicações dos papéis, os mecanismos motores ancestrais. Lugar, sociedade, gestos e memória constituem uma só unidade".<sup>21</sup>

(21) Bastide, R., *As Religiões Africanas no Brasil*, p. 344.

Além de não se aproveitarem dessa "imagem simbólica da África", que se configura na existência dessas comunidades afro-brasileiras, os bábalaos, por ficarem um pouco à margem, não tinham condições de exercer maior autoridade no grupo religioso. A autoridade foi e é exercida exclusivamente pelo pai-de-santo. Este apenas lhes concedia certas honrarias especiais quando visitavam as casas de culto. Era indiscutível sua importância e prestígio nos candomblés da Bahia. Desfrutavam da intimidade das mães-de-santo, eram considerados irmãos destas, portanto tios de suas filhas-de-santo, recebendo, por isso, as mesmas reverências tributadas à mãe. Edison Carneiro, após assegurar que o bábalaô se mantinha de fora do candomblé, completa: "As mães sempre buscavam o conselho dos bábalaos, para confirmar o orixá protetor desta ou daquela iniciada, às vésperas de festas públicas ou em seguida a calamidades que porventura desabassem sobre a casa. Aos bábalaos cabia olhar o futuro, marcar uma regra de conduta para as comunidades religiosas — a única que poderia, sem atrair a cólera dos deuses, contornar as dificuldades que se apresentassem. Os bábalaos eram, assim, um elemento de importância excepcional. Eram guias espirituais, uma instância, a derradeira palavra em qualquer assunto difícil, que exigisse, não só conhecimentos especiais, como um contato mais íntimo com as potências da natureza".<sup>22</sup>

Bastide, referindo-se aos argumentos de um de seus informantes que ressaltam a superioridade do bábalaô sobre o pai-de-santo, diz tratar-se mais de teoria que de prática. "Com efeito, foi justamente por ficar de fora que o bábalaô (salvo em circunstâncias excepcionais, provenientes de sua personalidade) viu sua autoridade em constante declínio em relação aos pais dos candomblés que, em contacto permanente com os filhos e filhas-de-santo, iam dirigindo-os e orientando-os com mais facilidade."<sup>23</sup>

Dessa maneira, eles jamais influenciaram diretamente a organização religiosa. Exceção deve ser feita para o mais fa-

(22) Carneiro, Edison, *op. cit.*, p. 147.

(23) Bastide, R. e Verger, P., *op. cit.*, pp. 361-362.

moso babalaô da Bahia, Martiniano Elisen do Bonfim, que foi o braço direito da mãe-de-santo Aninha, do Centro Cruz Santa do Axé do Opô Afonjá. Para além de uma personalidade certamente marcante, Martiniano ocupava naquele candomblé um posto importante na estrutura religiosa, o que não poderia ter ocorrido com outros babalaôs.

A morte dos babalaôs, sem que houvesse a devida transmissão do seu conhecimento a outros indivíduos, e a complexidade mesma da prática divinatória aos poucos foram eliminando o jogo com o opelê-ifá, extinguindo-se, assim, a figura do babalaô. Bastide, ao discutir a decadência e gradativo desaparecimento dos babalaôs no Brasil, alude ainda ao fato de que o indivíduo, ao assumir um grau mais alto na hierarquia, deve submeter-se a um número maior de interdições, existindo-se dele uma vida consagrada à atividade, em detrimento de sua vida profana, e que tal circunstância é responsável pelo desaparecimento do sacerdote de Ifá: "Um babalaô, por exemplo, que lança 32 cauris ou o colar de Ifá, não pode comer certos alimentos ou animais que não foram mortos seguindo um determinado ritual religioso. Nessas condições, dizíamos um informante, compreende-se que aquele que quer levar 'boa vida', gozar a existência, 'viver à sua maneira' — como é hoje em dia o caso da maior parte das pessoas —, hesita antes de encarregar-se de uma função que limitará cada vez mais seus prazeres. Talvez o medo de ficar eternamente desencarnado — pois será bem difícil encontrar um discípulo numa época ávida de prazeres como a nossa — entre igualmente nesse esquema. Em todo caso é essa a verdadeira razão da decadência progressiva do uso do opelê."<sup>24</sup>

Apesar de aceitarmos, em linhas gerais, o ponto de vista de Bastide, afastamo-nos dele quando assegura que as dificuldades de encontrar discípulos, pelas razões por ele apontadas, se situam como a verdadeira causa da decadência progressiva do uso do opelê. Procuramos demonstrar que vários fatores concorreram para que se extinguísse essa prática divinatória no Brasil e todos eles esclarecem suficientemente o declínio da importância dos babalaôs nas comunidades religiosas afro-

(24) *Idem, ibidem*, pp. 365-366.

ECCELTO  
MARTINIANO

Ne saurait  
pas se limiter  
à la consultation  
de cauris  
ESTRANGÃO  
XÉ?  
+ outro problema  
+ o uso de opelê-ifá  
e sacerdotar

HA LA VIDA  
CAUSA NOSTRA  
de culpa  
trabalho  
distrito  
\$  
VÁRIAS FATORES  
CONCORRENDO  
PARA ESTINCO

brasileiras. Insistimos, uma vez mais, na dificuldade que existe em encontrar quem queira transmitir os conhecimentos da prática em questão, sobretudo se considerarmos o zelo com que as pessoas guardam seus "fundamentos", seus segredos, dos quais a adivinhação constitui um exemplo bem típico. As interdições alimentares e a limitação das atividades profanas em favor das atividades religiosas são compensadas com vantagens, pela renda adquirida no atendimento aos consulentes que os procuram e, especialmente, pelo prestígio social dentro e fora da comunidade religiosa. Como quer que tenha sido, essa forma de adivinhação foi praticamente esquecida e, como bem afirma Edison Carneiro, a ação de consultar as divindades, feita outrora por um sacerdote especial, é hoje prerrogativa do chefe do culto, o que lhe confere grande prestígio, além de constituir o jogo divinatório no mais eficaz meio de obtenção de recursos financeiros.<sup>25</sup> O candomblé não pode prescindir da consulta oracular, não somente na sua dinâmica interna — os deuses são consultados a cada segmento dos rituais —, mas, sobretudo, na sua relação com indivíduos situados nas diferentes camadas da sociedade global.

Os últimos babalaôs

Nas áreas onde foi marcante a influência da cultura africana, principalmente naquelas para as quais se deslocaram escravos de origem jeje ou nagô, no Brasil, é possível se obter alguma notícia da prática divinatória com o opelê-ifá, ainda que elas se limitem à simples enunciação desse processo e, não raro, à lembrança de nomes de babalaôs famosos. No Recife, por exemplo, são ainda lembrados os nomes de Vicente Braga, vulgo Aterê Kanyif, seu filho Joaquim, vulgo Arô Moxegbileman, Cassiano da Costa, vulgo Adulendjij, João de Almeida, vulgo Gogosara, seu filho Cláudio, vulgo Bangboxê ou Oyadi-pê; João da Costa, vulgo Ewê-turô; Ossô Odubaladjê; Tio

(25) Carneiro, Edison, *Ladinos e Crioulos*, Rio de Janeiro, Civilização, 1964, p. 133.

1) Dificuldade  
e houve  
cu' opelê  
restrito  
la consulta  
Aleuteria  
ocupação  
1. Usada  
cu' de d'  
Restrito

1) RESTRIÇÃO  
DIFÍCIL  
NÃO COM BARULHO

NOTÍCIAS  
sua família  
OPELÊ  
is área  
pe' algo  
Nou  
Babalão  
famoso  
DETALHE

**Lino**, vulgo **Abellebojá**; **João Bagatinha**, vulgo **Ogunbii**, e

**Alanderobê**.<sup>26</sup>

Na Bahia, da mesma forma, alguns babalaôs são lembrados e alguns até mesmo reverenciados no contexto litúrgico, integrando-se, assim, definitivamente à memória coletiva do povo-de-santo. **Tio Agostinho**, que residia nas Quintas de Brotas; **Felisberto Sowzer**, vulgo **Benzinho**; **Ti-dou-da Cerca**; **Leodovic**; **Tio Benedito**; **Joaquim Otiticô**, originário de Pernambuco; **Faustino Dada Adengir**, antigo mestre de Bojê.<sup>27</sup> Deste último Bastide conseguiu uma pormenorizada descrição da adivinhação pelo opelê-ifá: sem dúvida, um dos últimos babalaôs que conhecia, na Bahia, essa complexa arte de adivinhar e de consultar as divindades. Porém, foi **Martimiano Eliseu do Bonfim** o mais influente nos candomblés da Bahia e, talvez por isso, o mais importante dentre eles todos. Sobre ele, escreve **Edison Carneiro**: "Martimiano do Bonfim foi a figura masculina mais impressionante das religiões do negro brasileiro. Filho de escravos, estudou em Lagos, esteve na Inglaterra, conhecia algumas cidades do país e falava inglês fluentemente. Podia passar horas inteiras a conversar em nagô, que conhecia não de ouvido, mas por tê-lo aprendido nas escolas dos missionários na Nigéria. Conheceu a maioria dos grandes nomes das seitas africanas, podia cantar e dançar como ninguém e merecia o respeito e a confiança universais dos negros da Bahia. Pedreiro e pintor de profissão, abandonou a colher e a brocha para ensinar inglês aos negros remediados da cidade. Morreu com mais de 80 anos (1943) e fez mais de vinte filhos em diversas mulheres. Era um negro inteligente, instruído, educado. Não fazia das suas habilidades como babalaô um comércio, nem muito menos um meio de fazer mal ao próximo. Era fundamentalmente honesto em assuntos religiosos, sendo fácil notar que acreditava realmente na força de tudo o que fazia e nos poderes mágicos do que recomendava que se fizesse. Não acumulava, à sua função de babalaô, a de *medicine-man*, limitando-se, quando muito, a aconselhar o sacrifício de um pombo ou outra prática mágica igualmente

(26) Bastide, R., *op. cit.*, p. 358.

(27) *Idem*, *ibidem*, p. 359.

inofensiva. Era recebido com homenagens especiais nos candomblés, que se sentiam honrados com a sua presença".<sup>28</sup>

Notícias de uma de suas viagens à África foram prestadas pelo próprio **Martimiano** a **E. Franklin Frazier** em 1940 e posteriormente inseridas no trabalho "The Negro Family in Bahia", publicado em 1942. **Martimiano**, com cerca de 14 anos, em 1875, "foi com seu pai para a África, onde permaneceu onze anos aperfeiçoando seu conhecimento do Iorubá e do Inglês numa escola missionária inglesa. Quando voltou, já era há muito um babalaô".<sup>29</sup>

O simples fato de ter vivido, durante esse tempo, na África, já era o suficiente para credenciá-lo junto às mais prestigiadas casas de candomblé da Bahia. Como se não bastasse, ali se familiarizou com as tradições da cultura iorubá, o que o capacitou a introduzir inovações na organização dos cultos afro-brasileiros, realimentando-os com rituais até então desconhecidos das comunidades religiosas. Foi o caso, por exemplo, da entronização dos "Obás de Xangô", em 1937, na Sociedade Cruz Santa do Axé do Opô Afonjá, terreiro situado no atual bairro de São Gonçalo, na época dirigido por **Aninha**, **Obabii**, de quem era amigo íntimo, e onde ocupava o posto de **Ajimudá**.

(28) **Carneiro**, **Edison**, *Candomblés da Bahia*, Rio de Janeiro, Conquista, 1961, p. 148.

(29) **Apud** **Costa Lima**, **Vivaldo da**, "Os Obás de Xangô", *Afro-Ásia*, Salvador, CEAO, (2/3): 1-32, 1966.

os can-  
astadas  
e pos-  
in Ba-  
anos,  
anceu  
do In-  
já era

a Afri-  
presti-  
stasse,  
que o  
cultos  
o des-  
exem-  
na So-  
ado no  
minha,  
isto de

Salva-  
nquista,  
a Salva-

## 2 Ifá no Brasil

### A lembrança do culto

Ifá, deus da adivinhação dos Iorubás da Nigéria e do Benim,<sup>1</sup> foi introduzido nas Américas ao lado dos orixás, voduns e Inquices que constituem, entre outros deuses de diversas procedências, o panteão dos cultos de origem africana.

No Brasil, seu culto não parece ter sido difundido e raras são as referências específicas na vasta bibliografia especializada em assuntos afro-brasileiros. Dos nossos informantes obtivemos apenas notícias fragmentárias que não nos permitiram, pois, uma reconstituição sistemática do seu culto. Contudo, os dados recolhidos durante o trabalho de campo, junto a informações etnográficas esparsas nas obras consultadas, nos parecem suficientes para se ter uma idéia da existência histórica de Ifá e sua importância atual na complexa ideologia dos candomblés. Essa importância é ainda mais notada quando se considera que a adivinhação conhecida e bastante divul-

gada na Nigéria e no Benim se constitui num modelo estrutural de práticas divinatórias das quais se prevalecem os sacerdotes dos cultos afro-brasileiros. Por esse motivo, admitimos que a memória do culto de Ifá entre os membros efetivos das comunidades religiosas afro-brasileiras resulta especialmente da transferência dos componentes do sistema de Ifá para o sistema divinatório denominado aqui "jogo de búzios". Essa prática, nos candomblés da Bahia, parece funcionar como um reativador da memória de Ifá, embora se saiba que o jogo de búzios está intrinsecamente relacionado à divindade Exu.

Comentando certas características do culto de Ifá e baseando-se nos trabalhos de René Tautman e de Maupoli, Bastide faz ressaltar o fato de que a adivinhação de Ifá parece ser de origem muçulmana.<sup>2</sup> Maupoli, assinalando as origens de Ifá, escreve: "Poder-se-ia procurar uma etimologia árabe. Fica, enfim, o engenhoso recurso de ver em Fâ, quer o nome mais ou menos alterado da localidade donde o conhecimento divinatório se teria difundido na Nigéria, quer o nome daquele que o importou do Norte ou do Oriente."<sup>3</sup>

Bastide identifica um traço africano suplementar: o fato de que o sacerdote de Ifá não pode ser um filho-de-santo nem um membro iniciado do candomblé. Acrescenta, ainda, que o babalaô deve conservar sua lucidez intelectual.<sup>4</sup> Assinalamos que uma das razões possíveis do declínio da importância do babalaô foi, sem dúvida, sua posição marginal em relação à estrutura organizacional dos candomblés, onde ele só aparecia de modo ocasional, durante as festas públicas. O compromisso religioso com um terreiro reforçou, em muito, o prestígio de Martiniano do Bonfim, um dos mais famosos babalaôs do Brasil. Ele seguramente se beneficiou das suas estreitas relações com o candomblé do São Gonçalo, na época de Aminha, a primeira mãe-de-santo daquele terreiro. Mesmo não sendo filho-de-santo, ele participava ativamente da vida religiosa do dito candomblé, onde ocupava, como vimos, o posto (oiê) de Ajimudá na casa de Omolu.<sup>5</sup>

(1) A palavra Fâ é empregada pelos Ions do Benim. As pessoas de Ifé, os Iorubás (Nigéria) dizem Ifá, e os Minas do Togo, Afá. Cf. Maupoli, sobre Ifá, ver Alfred Burton, *The Yoruba-speaking peoples of the Slave Coast of West Africa*, Londres, Chapman and Hall, 1894; Bertho, Jacques, "La Science du Destin au Tchéquie", *Africa*, 9(3):359/77, 1936; Verger, Pierre, *Notes sur les Cultes des Orixas et Vodun*, op. cit., pp. 568-570; Bascom, W., *Ifá Divination*, Bloomington, Indiana University Press, 1969.

(2) Bastide, R. e Verger, P., "Contribuição ao Estudo da Adivinhação no Salvador", op. cit., pp. 360-361.

(3) Maupoli, op. cit., p. 5.

(4) Bastide, R. e Verger, P., op. cit., p. 361.

(5) Omolu ou Obaluaê (O rei da terra) são os dois nomes sob os quais se conhece, na Bahia, o orixá Xapanã. Seu dia é segunda-feira, seus colares são de

Heuridju  
Trasgasta  
Si por de  
Curosos  
Pantuflete  
Deu  
Heldu  
Di (199  
(Ju de 190  
Relido e 600)

origem  
Obrigado  
Yorubá  
Yorubá

TRATO AFRIANO  
SABIDO  
FANTASIA  
FANTASIA

Posição  
Machado  
Da bondade

MARTINIANO  
e  
um era  
filho de santo

OFÉ

OFALU

IFÁ

INFORMAÇÃO  
NEU (OU) ÉRIA  
EXTRINSECA

INFORMAÇÃO  
DE IFÁ  
NO BRASIL  
- Não se encontra  
- Não se encontra  
- Não se encontra

INFORMAÇÃO  
DE IFÁ  
NO BRASIL

CERIMÔNIA POPULAR  
 x IFA A BAHIA  
 => OLGA DO ALAQUETO

Na Bahia, um único candomblé consagra a Ifá uma cerimônia pública. É o terreiro Ile Mariolage, de Olga do Alaqueto, uma das mais célebres mães-de-santo da Bahia. Cada ano, realiza nesse candomblé um ritual rico em simbolismos para o deus da adivinhação; a compreensão desse ritual é muito restrita, mesmo para os que conhecem os segredos da seita. Durante a cerimônia, são feitas oferendas a Ifá. Um dos filhos da mãe-de-santo, especialmente iniciado no culto de Ifá, senta-se no centro do espaço sagrado onde se realizam as festas públicas. Vestido de branco, com um barrete na cabeça, ele lembra muito os babalaôs da África. Sentado em posição semelhante à dos adivinhos da Nigéria e do Benim quando lançam o opelê-ifá (rosário de Ifá), procede a uma sessão divinatória por meio de um orobô (*Garcinia gnetoidea*), indagando das divindades se elas aceitaram os sacrifícios votivos efetuados naquele dia. Lembramos aqui que dois filhos de Olga Francisca Régis, José Francisco Barbosa (Zequinha) e Joanilson Francisco Barbosa (Nilsinho) foram, ainda bem jovens, iniciados no culto de Ifá e receberam, respectivamente, os nomes iniciáticos de Baba Elbé e Baba Abiodun.

### Ifá e a revelação da "identidade profunda"

Consultado em todas as ocasiões importantes da vida, predizendo a fome, as calamidades, as moléstias, indicando quais os deuses que foram ofendidos e a quem é preciso se oferecer sacrifícios,<sup>6</sup> "Fá está disponível a todos que se inquietam pelo seu próprio destino. Eles vão tantas vezes quanto possível à casa do adivinho que realiza a consulta e transmite a resposta do desconhecido. Fá procura também revelar ao homem sua existência tal como foi concebida pelo Deus criador quando o enviou à terra. Essa revelação capital se dá ao

contas vermelhas e pretas alternadas. Suas vestes trazem um capuz e um vestido de rífla e é saudado pela exclamação: atô rô. É ao mesmo tempo temido e respeitado por ser o senhor das "doenças que pegam", como a varíola, a peste, etc. É identificado com São Lázaro. Todas as segundas, um grande número de fiéis se encontra em frente à Igreja de São Lázaro, na Federação, onde acendem velas e pagam promessas a Omolu.

(6) Ramos, Arthur, *Introdução à Antropologia Brasileira*, p. 258.

FA PESSOAL  
 => ALMA ESTERILIZADA

curso de uma cerimônia noturna, na floresta sagrada de Fá e o neófito é então chamado a assentar seu Fá pessoal que não é mais do que uma "alma exterior".<sup>7</sup>

Nos candomblés da Bahia essa prerrogativa de Ifá, que consiste em revelar essa "alma exterior", é reencontrada e reinterpretada na cerimônia iniciática, durante o período de reclusão do tipo conventual que é exigido das noviças por um período determinado, geralmente de dezesseis dias. Essa reclusão, rito de passagem, implica uma morte simbólica e um renascimento para uma vida totalmente consagrada ao culto, uma vida sagrada, marcada por diversas interdições definidas no contexto da religião afro-brasileira. Desde então a iniciada terá, em termos de atitudes, comportamento e reações, uma vida diferente da que levava antes do ritual de iniciação. Trata-se, por conseguinte, de uma redefinição de seu projeto existencial, da aquisição de uma nova personalidade. Essa mudança comportamental resulta não só do fato da noviça ter-se tornado uma iniciada, consagrada ao culto dos orixás, mas também da revelação de seu destino, fixado há muito, mas que até então lhe era desconhecido. É a revelação do odu (destino) pessoal.

Essa operação se realiza durante o ritual em que se "canta folha" — segmento do ritual de iniciação em que se lavam os acessórios simbólicos das divindades, cantando-se para Osanbe, o deus das folhas — para a noviça após sua entrada no convento. Esse ritual é geralmente feito nos terceiro, sétimo e décimo quinto dias com a participação das noviças sentadas em esteiras com as pernas estendidas em direção à porta da rua. As sessões divinatórias que se seguem imediatamente, sempre com a sua participação, visam a descobrir a identidade do orixá de cada uma dentre elas e obter a revelação do seu odu pessoal.

Essa revelação ocorre habitualmente no décimo quinto dia, embora seja considerado como décimo sexto, pois o último dia da reclusão é consagrado aos preparativos da festa pública do orunco, dia em que a iniciada (iaô) revela publicamente o nome iniciático (dijina), pelo qual será conhecida na comunidade religiosa. Pode acontecer também que o odu

(7) Maupoil, op. cit., p. 366.

12 fev  
 da Olga  
 São  
 o início  
 IFA

RUELA  
 IC  
 DESTINO

OLGADO

Q.  
 BARD  
 INÍCIO  
 do Candomblé

5º período  
 RITUALIZANTE  
 ODU  
 PESSOAL

Orunco de  
 nome folha

CANTA  
 FOLHA

Dijina

2/14

da de Fã que não  
 Ifá, que  
 ontrada e  
 período de  
 s por um  
 Essa re-  
 lica e um  
 ao culto,  
 definidas  
 a iniciada  
 ções, uma  
 ação. Tra-  
 objeto exis-  
 Essa mu-  
 nça ter-se  
 rixás, mas  
 nito, mas  
 odu (des-

seja revelado no sétimo dia, embora isso ocorra com menos frequência. É a própria noviça que deve lançar os búzios com a ajuda do sacerdote. É a primeira vez, no andamento do ritual, em que ela toca nos búzios. É ela, com suas próprias mãos, que busca sua identidade até então desconhecida. O sacerdote se limita a interpretar e anunciar o odu pessoal. Para isso ele lhe confia os dezesseis búzios, interrogando-a nestes termos: "Iaô d'axé?". O público presente responde: "d'axé fe". Em seguida, a noviça lança os búzios, e na queda desses configura-se a expressão da identidade profunda que lhe é assim revelada. É possível que o termo axé tenha o sentido de autorização, assim como o termo iorubá ase tem o sentido de ordenar, como na frase *ofise funmi* — ele me autorizou, delegou-me seus poderes, deu-me autorização. Da mesma forma, a palavra *fe*, na frase *d'axé fe*, parece significar um apelo. Em iorubá, o verbo *fe* seguido do verbo *wa* significa vir. "When FE is immediately followed by another verb, it becomes FEE — MOFEEWA: 'quero que venha'".<sup>8</sup>

É um dos momentos mais significativos do ritual de iniciação, talvez o mais importante para a noviça. O sacerdote, após a sessão divinatória, recita para ela um mito ligado ao odu que foi revelado. A partir do texto mítico, ele indica à noviça certos aspectos de sua vida, os traços de seu caráter e as normas comportamentais que devem orientar sua existência a partir daquele dia. A noviça escuta em silêncio absoluto, como se estivesse a auscultar sua própria consciência. Um informante nos disse de forma imaginativa: "Uma pessoa que percebe a um determinado odu é como se este odu a tivesse parido", o que bem traduz a idéia de renascimento para uma nova vida. Vida nova, bem verdade, mas que já fora determinada pelo criador desde o nascimento. O mesmo informante ainda acrescentou que o odu é mais do que o próprio orixá de uma pessoa, pois não existe nenhum orixá capaz de afastá-la de seu odu, uma vez que este é a verdadeira linha do destino. Uma iniciada, ligada ao autor deste livro por laços de parentesco religioso, sempre se recusou a falar o nome do seu odu. Essa atitude restritiva bem demonstra o caráter secreto que

envolve o odu de uma pessoa. Revelá-lo significaria correr o risco de se expor a toda sorte de perigo, caso chegasse ao conhecimento de pessoas mal-intencionadas ou de algum eventual inimigo que poderia dominá-la facilmente. Perguntar a uma noviça o nome de seu odu é uma indiscrição muito grande, principalmente se a pergunta for feita por uma pessoa que conheça o sentido da proibição ritual. É como se essa pessoa tivesse a pretensão de querer invadir sua intimidade e conhecer sua alma profunda.

Parece claramente que os sacerdotes, ao menos os que foram nossos informantes, desconhecem os laços estreitos que existem entre Ifá e a revelação do destino, laços que se delinham durante a iniciação. Entretanto, se considerarmos que o jogo de búzios se acha estreitamente ligado ao culto de Ifá e que a sessão divinatória realizada no décimo quinto dia tem, entre outras finalidades, a de revelar o odu da noviça, admitimos como provável que esse segmento do ritual de iniciação tenha preservado, no Brasil, uma das principais prerrogativas de Ifá, que é a de definir o destino de cada pessoa.

*Ifá e suas relações míticas*

Considerado uma das mais importantes divindades da Iurturgia jeje-nagô,<sup>9</sup> conhecido como orixá funfun (fúno) e, por extensão, calmo, em oposição aos orixás "quentes", agressivos e agitados, como, por exemplo, Xangô,<sup>10</sup> Ifá é representado por dois vasos, cada um contendo dezesseis cocos de

(9) A propósito do culto de Ifá na Nigéria, Johnson escreve: "Ifá. This is the great consulting oracle in the Yoruba country, and was introduced at late period by King Oringboji, who was said to have been delirious for having done so". Este mesmo autor faz ainda alusão a uma outra história que indica que a introdução do culto de Ifá no país iorubá é devida a Setinu, "Native of Nupe Country, who was born blind. This was about the period of the Mohammedan invasion". Johnson, Samuel. *The History of the Yoruba*, Londres, Bookshops, 1966, p. 32.

(10) Xangô é o orixá do raio e do trovão. Identificado com São Jerônimo, conserva características bem próximas do seu culto na Nigéria e no Benim. Inúmeros mitos o relacionam com os orixás femininos Iansã, Oxum e Obá. A propósito de um desses mitos e de sua variante brasileira, vide Braga, Júlio Santiana, "Um Mito Africano e sua Variante Brasileira", *Revista Brasileira do Folclore*, Rio de Janeiro, MEC, 13(40):45/54, 1974.

(8) Cf. Abraham, R.C., *Dictionary of Modern Yoruba*, Londres, University of London Press, 1958.

Handwritten notes and diagrams at the bottom of the page, including a circle containing the word "KABO" and various scribbles and arrows.

dendê<sup>11</sup> e, sob essa forma, é uma das divindades fitolátricas do panteão africano fixado nos candomblés da Bahia.<sup>12</sup> Sua definição como vodun foi amplamente discutida por Maupoll, que lhe buscava uma origem oriental. "Pode-se perguntar se em lugar de uma divindade em si, de um herói divinizado ou mesmo de um simples mensageiro, Ifá não seria uma mensagem ou a mensagem por excelência de qualquer divindade superior, da qual constituiria a forma de expressão; em outros termos, se ele não seria a palavra de um grande Vodun, do grande Vodun, pela qual este transmitiria suas ordens, sua vontade, esclareceria as criaturas sobre suas intenções, quer dizer, sobre seu destino."<sup>13</sup>

No Brasil, onde as notícias sobre seu culto são raras, não obtivemos, junto aos nossos informantes, a confirmação dessa identificação de Ifá com a própria mensagem. Para os pais-de-santo da Bahia, a mensagem obtida através da prática divinatória é ditada por uma ou várias divindades que respondem por meio dos búzios. Se isso é verdadeiro, elimina-se, pelo menos na Bahia, a hipótese emitida por Maupoll para a compreensão fenomenológica de Ifá.<sup>14</sup>

De acordo com alguns mitos africanos, nos tempos antigos os homens não conheciam a arte divinatória e foi Ifá quem lhes transmitiu.<sup>15</sup> Os mitos que se referem a essa situação são numerosos. Dentre eles está um dos mais divulgados no Brasil, coletado por Arthur Ramos:

"Nos primeiros tempos do mundo, quando só havia na terra poucos seres humanos, Ifá saiu para pescar sem conseguir êxito. Como tivesse fome, consultou Exu, que prometeu-lhe mostrar como predizer o futuro. Devia, para tal, obter dezesseis cocos provenientes das palmeiras do chefe Orugan. Ifá partiu à procura de Orugan que consentiu dar-lhe os cocos. Como as palmeiras fossem muito altas, os cocos foram colhidos por macacos que, do alto, lançavam-nos sobre Orishabi, a mulher de Orugan. Ifá os recebeu das mãos de Ori-

(11) Querino, Manuel, *Costumes Africanos no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização, 1938, p. 5.

(12) Ramos, Arthur, *O Negro Brasileiro*, p. 51.

(13) Maupoll, *op. cit.*, p. 15.

(14) Bertho, Jacques, *op. cit.*, p. 359.

shabi e em seguida Exu ensinou-lhe a arte da adivinhação; por sua vez, Ifá transmitiu a Orugan os conhecimentos que havia adquirido. É por isso que ainda hoje o babalão, o adivinho de Ifá, inicia seu cerimonial com a invocação: Orugan, a jubá, Orishabi, a jubá. Orugan, nós te respeitamos; Orishabi, nós te respeitamos."<sup>16</sup>

No Benim, Bertho recolheu um mito onde reaparecem as relações de Ifá com Exu e que, além disso, nos remete à origem nigeriana do seu culto a Ifá.<sup>17</sup>

"Afá (Ifá no Benim) era um sábio que vivia no país de Ifé, na Nigéria. Até então os homens eram infelizes porque eram, sem cessar, atormentados pelos espíritos, pois eles eram incapazes de obter os seus favores. Um dia, quando Afá estava à beira de um riacho encontrou um Legbá (Exu), espírito que havia tomado a forma humana, que lhe propunha buscar para ele a felicidade, ensinando-lhe a arte de conhecer os espíritos e de agradá-los com sacrifícios apropriados. Afá tentou e de agradá-los com sacrifícios apropriados. Afá tentou e de agradá-los com sacrifícios apropriados. Afá tentou e de agradá-los com sacrifícios apropriados. Naquela época a casa de Afá era uma palmeira extraordinária trazendo sobre o tronco dezesseis ramos gêmeos dando, cada um, um belo cacho.

Legbá ordenou a Afá que procurasse para ele um fruto de cada um dos cachos dessa palmeira, se ele quisesse aprender a ciência da felicidade. Como o tronco era muito alto e ninguém ousava subir, deixaram que os macacos se aproximassem da árvore; estes subiram rapidamente e, instalados nas folhas, colheram os frutos maduros, comendo a polpa vermelha que envolve os caroccos e deixando que estes caroccos caíssem no chão. Afá apanhou-os para levar a Legbá, e com a ajuda de dezesseis nozes revelou a Afá a arte de conhecer os espíritos e de agradá-los. Afá, por sua vez, ensinou esta arte a outros homens que foram denominados de adivinhos ou bokonô."<sup>18</sup>

Diferentemente do que ocorreu em Cuba,<sup>19</sup> no Brasil Exu aparece nas narrativas míticas como o detentor do segredo da

(15) Ramos, Arthur, *Introdução à Antropologia Brasileira*, p. 258.

(16) Bertho, Jacques, *op. cit.*, pp. 359-360.

(17) Vide Cabrera, Lydia, *El Monte*, Miami, Rema Press, 1968, p. 85.

adivinhação e, como nos mitos precedentes, teria sido ele quem transmitiu essa arte a Ifá:

"Ifá era um pobre pescador muito azarado. Um dia fez um contrato com Elegbá, comprometendo-se a servi-lo fielmente e ser seu escravo durante 16 anos. Elegbá mandou-o procurar porcos de dendê e ensinou-lhe a prepará-los e utilizá-los para a adivinhação. Mais tarde, Ifá precisando de uma apelebi construiu esse ofício a Oxum. O povo procurava Oxum querendo obrigá-la a fazer também a adivinhação. Então Oxum se queixou a Ifá que preparou 16 búzios, pedindo a Elegbá que respondesse às perguntas de Oxum sobre o futuro. Elegbá curvou-se de má vontade ao desejo de Ifá mas, em represália, perseguiu os filhos de Oxum com mais furor que os outros mortais".<sup>18</sup>

René Ribeiro recolheu em Recife um mito que reflete mais uma vez as relações que Ifá mantém com Exu. Além disso, esse mito demonstra o conhecimento que se tem no Brasil dessas relações:

"Orumilá ia fazer uma viagem e foi a um oluwo que lhe recomendou fazer um sacrifício, mas ele se esqueceu. Saiu na carruagem com os seus pajens — os seus Exus — e ia pelo caminho quando viu de um lado da estrada pés de obi e, do outro, de orobô. Aquilo era mesmo uma tentação. Ele apeou e começou a comer os obi e os orobô (frutos de função mágica no culto). Foi quando chegou a 'precatória' (havendo violado uma proibição, além de ter iniciado a viagem sem os sacrifícios propiciatórios, passou a ser perseguido por entidades sobrenaturais não identificadas). Os 'inimigos' correram atrás dele para pegá-lo e ele se meteu na carruagem e tocou a toda (velocidade) com o povo atrás para pegá-lo. Adiante ele se viu tão apertado que largou a carruagem e meteu-se num buraco. Foi quando uma aranha começou a fazer sua teia e fechou a passagem. Os inimigos chegaram e vendo a teia disseram que era impossível alguém estar ali. Foram embora. Os Exus na fuga tinham se espalhado, mas começaram a bater o mato em procura do seu chefe. Um Exu que vinha à procura do seu chefe encontrou no meio do caminho um homem agachado, com uma faca infincada no chão. Chamou por ele, mas tendo

ch cou la versoni  
biaci, uelle cometo

o cuidado de se pôr em guarda, porque podia ser um 'inimigo' assim disfarçado. Mas era Ogum. Então eles se juntaram e foram descobrir Orumilá. Tiraram ele sem fazer mal à aranha que estava lá no meio da teia. Por isso, quando sai o odu acima se mata com faca. O sacrifício é de porco e se amarra ele com uma corda nova. Não podendo dar um porco todo, dá só a cabeça, os pés, a fustatura, o sangue, um quarto da carne".<sup>19</sup>

Essas relações míticas entre Ifá e Exu encontradas em quase todos os mitos que se referem a tais divindades revelam as ligações que existem entre o jogo de búzios e o efetuado por meio do opelê-ifá dos babalaôs. Incontestável é a influência do jogo de ifá sobre o jogo de búzios, constituindo, este último, um sistema muito mais simples e menos herméutico. Essa influência é muito marcante no Brasil. O jogo de búzios parece ter absorvido numerosos elementos do jogo praticado com o opelê, sobretudo o conteúdo mítico que foi redefinido e, de certa forma, "reduzido" ao nível do sistema divinatório que utiliza os búzios.

Ifá e o papel da mulher (APETEBI)

As relações míticas entre Ifá e o orixá Oxum ajudam a esclarecer o papel da mulher no contexto das práticas divinatorias e a compreender a figura da auxiliar do babalaô conhecida por apelebi. A adivinhação, pelo menos a que é feita com o opelê-ifá, é, na África e parece que no Brasil também o tenha sido, uma função essencialmente masculina. Na estrutura sacerdotal não existe a "mãe do segredo", que corresponderia, por oposição, ao "pai do segredo", o babalaô. No Brasil, os que pertencem aos candomblés sabem perfeitamente que o jogo do opelê é uma prerrogativa do homem. Entretanto, diversos autores assinalam a existência de uma auxiliar do babalaô, sempre uma filha de Oxum e que tinha como função ajudá-lo durante as sessões de adivinhação por meio do opelê-ifá.

(18) Bastide, R. e Verger, P., op. cit., p. 364.

(19) Ribeiro, René, Os Cultos Afro-Brasileiros..., p. 84-85.

ORU  
ORU

RAPODI  
IFÁ / OXUM

RAPODI  
OXUM / IFÁ  
Búzios / opelê  
V  
Mito  
INFUSÃO

Bobalaô  
corta il  
OXUM

XO CIE  
A APETEBI  
Filha de Oxum

Divinaz,  
opelê  
sempre masculina

“Os babalaôs do Recife tinham, ao lado de suas legítimas esposas, companheiras chamadas apetebis, das quais já falamos algo, e que eram suas ajudantes em assuntos de adivinhação: ora, essas apetebis eram, na realidade, as segundas esposas do babalaô e tinham, com referência à mulher legítima, uma relação análoga à que as segundas mulheres tinham para com a primeira na África; tomam sua bênção, servem-na como filhas e se querem mutuamente.”<sup>20</sup>

No que se refere à regra da exogamia aplicável à reconstrução espiritual da linhagem que torna homens e mulheres, filhos de um mesmo orixá, irmãos e irmãs entre si, conferindo, por conseguinte, um caráter incestuoso às relações sexuais que poderiam acontecer entre eles, Bastide acrescenta: “O babalaô não pode escolher sua apetebi entre as moças que lhe agrada, mas unicamente entre as filhas de Oxum, porque um mito explica que só essas têm o direito de lidar com as cozinhas de adivinhação; daí, a poligamia obedecer, ela também, a estritos imperativos”<sup>21</sup>.

Consideramos por demais engenhosa a explicação de Bastide ao considerar as apetebis como segundas esposas dos babalaôs, o que lhe permite ver nisso uma reconstrução da estrutura poligâmica nas comunidades afro-brasileiras. Se a apetebi é uma filha de Oxum, não haveria eliminação do incesto, mesmo se ela fosse filha de um pai-de-santo que não tivesse nenhum compromisso religioso com o babalaô do qual ela é auxiliar, pois ele foi sempre considerado como irmão do sacerdote e, conseqüentemente, seria tio da apetebi. Essa relação de parentesco, na qual se realiza uma transferência do parentesco civil para o religioso, é muito difundida nos candomblés da Bahia. Além disso, o fato de uma iniciada ter sido escolhida como auxiliar de um babalaô conduz, ambos, a uma relação de caráter religioso suscetível de frear o desejo de relações mais íntimas, especialmente no que se refere às relações sexuais. É possível que algum babalaô tenha mantido relações sexuais com sua apetebi; se tal se deu, podemos definir tais relações como incestuosas entre um tio e sua sobrinha. As mulheres que têm estreitos laços com os cultos afro-brasileiros

(20) Bastide, R., *As Religiões Africanas no Brasil*, pp. 313-314.

(21) Bastide, R., *op. cit.*, pp. 314-315.

nunca foram tolerantes ao ponto de aceitar que seus maridos tivessem uma segunda mulher. Essa estrutura poligâmica poligâmica, a que se refere Bastide, nunca foi reconstruída no Brasil em suas formas africanas, se bem que se encontrem, evidentemente, casos de homens vivendo maritalmente com duas ou mais mulheres. Ao contrário, é exatamente a ausência de relações mais íntimas entre o babalaô e sua apetebi que justificaria, a nosso ver, a amizade existente entre esta e a esposa do babalaô. Se a apetebi tomava sua bênção, se a servia como se fosse sua própria filha, isso se dava, seguramente, em conseqüência do parentesco religioso estabelecido entre a apetebi e o babalaô; já que este era considerado como tio, sua mulher devia assumir o papel de tia e, em tal caso, mereceria o respeito absoluto da apetebi.

Um outro mito conhecido em Recife e coletado por René Ribeiro põe em evidência, uma vez mais, as relações existentes entre Ifá e Oxum. Nessa narrativa mítica, Oxum surge como filha aduterina de Ifá e Iemanjá, o que reforça seus laços com a adivinhação.

“Um dia Orumilá, também chamado de Ifá, o adivinho, santo poderoso, saiu do seu palácio para dar um passeio. Ia com todo o seu acompanhamento, os Exus que são seus escravos. Chegado em certo lugar deparou-se com outro cortejo, onde a figura principal era uma mulher linda.

Ele parou assim assombrado por tanta beleza. Chamou um dos seus Exus e mandou-o ver quem era aquela mulher. Exu chegou de frente dela, fez furubalê (odubalê, ou saudação própria) e apresentou-se dizendo ser escravo do senhor poderoso Orumilá que mandava perguntar quem era ela. Exu disse que era Iemanjá, rainha e mulher de Oxalá. Exu voltou à presença de Orumilá e disse quem era ela. Ele então mandou-lhe um recado de que desejava ‘ter uma conversa com ela’ no seu palácio. Iemanjá foi embora e não aceitou logo ao pedido de Orumilá, mas um dia foi falar com ele.

Não se sabe que conversa foi essa — diz o narrador com malícia —, mas o certo é que ela ficou grávida dele. Mas ela já tinha tido antes os seguintes filhos de seu esposo Oxalá: Xangô, Ogum, Ode, Oxóssi, Euá, Obá. Quando nasceu a criança, Orumilá mandou Exu Babá — o mais velho dos Exus e seu secretário — verificar se o omolef (a criança) tinha um carço,

ADU WAT  
IFÁ | OXUM



sinhal ou mancha na cabeça, indício certo de ser mesmo filho dele. Essa criança, a filha mais nova de Iemanjá, foi criada pelo seu pai e é Oxum. Oxum ficou muito cheia de vontades, muito dengosa, por ser filha única, criada pelo pai, que lhe fazia todas as vontades."<sup>22</sup>

É possível que, enquanto existiam babalaôs na Bahia, o jogo praticado com o opelê-ifá tenha sido uma prerrogativa masculina, com a participação limitada das filhas de Oxum, na qualidade de apeteibis. É que, com o desaparecimento do babalaô e a transformação do sacerdote ou sacerdotisa em um único responsável pela prática divinatória por meio dos búzios, a pessoa da apeteibi tenha igualmente desaparecido, apesar do posto ser ainda hoje lembrado nos candomblés da Bahia.

Atualmente, o homem ou a mulher pode, indistintamente, dedicar-se à prática da adivinhação, desde que se trate de um pai ou de uma mãe-de-santo de um terreiro ou, excepcionalmente, de um indivíduo que tenha se consagrado inteiramente à prática da adivinhação. Não é apenas um direito, tornou-se praticamente uma obrigação formal saber manipular os búzios. Essa situação nova, permitindo que pessoas de ambos os sexos possam se ocupar das práticas divinatórias, longe de ser uma degradação, um desvio, como queria Bastide, decorre, sobretudo, da nova ordem em vigor que define a organização social dos candomblés. É inconcebível que um pai ou mãe-de-santo não saiba jogar búzios, quando sabemos que todas as atividades do sacerdote, seja em relação à sua comunidade, seja em função dos seus afazeres religiosos, dependem da sua capacidade como adivinho. A prática divinatória, além de ser absolutamente necessária aos rituais, visto que o pai-de-santo a realiza para se assegurar de que os orixás estão satisfeitos, é, antes de tudo, a principal fonte formal de renda de que a maioria dos sacerdotes dispõem para fazer face às despesas internas de suas comunidades. Pode-se supor que o número considerável de mulheres que estão à frente dos candomblés tenha contribuído para a eliminação dos obstáculos que tornavam o exercício divinatório privativo dos babalaôs e, num plano de auxiliar, das filhas de Oxum. Uma vaga idéia

parece ter subsistido; a de que os pais-de-santo são melhores adivinhos, porque eles teriam poderes mágicos incomparáveis com os das mães-de-santo, pelo menos no domínio da prática divinatória. Talvez seja apenas uma reminiscência do tempo em que os babalaôs, os únicos com o direito de consultar as divindades, eram objeto de especial atenção de todos os membros do culto. Ressalte-se, ainda, o fato de que nas casas de candomblés mais famosas, dirigidas por mães-de-santo igualmente célebres, nas ocasiões que exigem uma sessão especial de adivinhação — como no caso da substituição de uma mãe-de-santo após sua morte —, quase sempre esteve à frente do jogo de búzios um sacerdote do sexo masculino. Todavia, isso não implica uma preferência da clientela por um pai-de-santo em detrimento de uma mãe-de-santo, simplesmente porque um é homem e outra é mulher. No caso das filhas-de-santo de uma casa, elas sempre procuram o próprio pai quando necessitam de uma sessão divinatória. Os sacerdotes, por seu turno, têm a obrigação de velar pelos seus acólitos, concentrando-se, assim, em sua casa, uma clientela permanente. Uma filha-de-santo não recorre aos serviços de um outro pai-de-santo, a não ser que exista algum tipo de divergência entre eles, ou então para confirmar o jogo deste último. Nesse caso, a filha procura um de sua escolha e solicita-lhe uma consulta sem que o seu próprio pai tome conhecimento. Em síntese, se bem que subsista a vaga idéia de ser o pai-de-santo melhor adivinho, a escolha do consultante, particularmente daqueles situados em outras camadas da sociedade global, recai indistintamente na quele de sua preferência pessoal.

Embora o culto a Ifá e, consequentemente, a adivinhação com a ajuda do opelê não tenham sido difundidos no Brasil, muitos dos seus elementos estruturais se acham redefinidos e integrados no corpus da ideologia complexa dos candomblés.

Primeira do jogo ideal  
Chei pai  
Santo  
Wipor ideal

(HP)

Nelle core  
duelle del  
nões, A  
le occorru  
iluppur  
E' un xho  
a divinita

IN UN TERR.  
ci si riceve  
Solo al mto  
par.

SITE  
IMP

KALT ELEMEN TI DEU' OPELÊ SI SONO  
DI FUSI IN BRASILE, CUTE SE IL CUTO  
di: ifa uau e + mesale

FD GU ELEMENTI STRUTURALI SI TROVANO  
CORPUS DEUS COMPRESSA IDEOLOGIA  
DEI CANDOMBLÉS.

HP

LA PRÁTICA DIV.  
E' INSENS.  
PAI RITUALI  
ad e' de' Pa  
foule d' REVIVA

depende del  
NULO OPELÊ  
DEU' OPELÊ  
SCIENTE CUTO  
NÃO OBLÍO  
POR OBLÍO  
DEL PAI  
OFFI LADIVIAZ  
E' GUAIP  
FASU. O' SEM.

(22) Ribeiro, René, op. cit., p. 48.

### 3 O diálogo com os deuses

#### A função da prece

A consulta começa com uma prece endereçada aos orixás numa linguagem incompreensível para o consulente e quase inaudível, balbuciadas as palavras numa evidente expressão de concentração do pai-de-santo. **Griault**, ao se reportar ao poder da palavra durante o processo divinatório, afirma que o seu valor religioso decorre da intenção de estabelecer a comunicação com as forças sobrenaturais, com o propósito de obter alguma coisa.<sup>1</sup> Exatamente esse desejo que determina o grau de concentração do pai-de-santo ao realizar sua prece propiciatória. Ela desempenha um papel fundamental nesse processo de comunicação com o auditório sagrado. No caso dos pais-de-santo da Bahia, verifica-se mais frequentemente o uso dos iorubá tal como foi preservado nos candomblés. Ainda que saibamos da expressiva contribuição vocabular das línguas faladas em outras áreas africanas comprometidas com o tráfico de escravos, como as línguas do Congo, de Angola e Moçambique,<sup>2</sup> no caso especial da prática divinatória na Bahia,

PRECE  
PROPICIATORIA  
Bahia  
// + delle  
Vocab  
YORUBA  
(ouche + othe  
Baton)

(1) **Catherine Griault**, *Geneviève. Ethnologie et Langage: la Parole chez les Dogon*, Paris, Gallimard, 1965, p. 408.  
(2) Sobre a contribuição vocabular das línguas do Congo, de Angola e de Moçambique, na linguagem popular da Bahia, consultar: **Castro**, *Leda Pessoa de*, "A

peço menos em Salvador, a língua iorubá suplanta todas as outras. Não raramente, pais-de-santo que dizem pertencer a diferentes "nações", quando de suas preces, ao iniciar a consulta às divindades, o fazem com o recurso à língua iorubá. Na verdade, o que se constata é uma frequência maior de vocábulos oriundos da "nação" a que pertence o pai-de-santo, intercalados com outros de diferentes procedências. Poucos são os que falam fluentemente uma dessas línguas africanas remanescentes, que aqui adquiriram características eminentemente sagradas. Isso parece explicar a introdução, com frequência, de várias expressões da língua portuguesa quando do estabelecimento da comunicação com as divindades, através da prática divinatória. Na prece, o que importa menos é o seu sentido literal. O que conta verdadeiramente, nesse diálogo com o universo do sagrado, é a sua natureza e o seu poder de ação. A forma poética da prece e o ritmo que se imprime, ao ponto de ser quase cantada quando de sua emissão, parecem ser a medida do seu valor simbólico e do seu significado mágico. Um pai-de-santo, que nos iniciou na difícil arte de jogar buzios — fornecendo-nos, aliás, apenas as noções elementares de seu saber —, dizia-nos que a prece só tem importância se for feita sem erros e de modo contínuo, sem interrupções: "Os orixás não gostam de dúvidas e, se a pessoa para sempre, eles não escutam nada".

LA COSA HANNO IMPORTA, DELLA PRECE È IL SUO SENSO LETTERALE

È IMPORTANTE  
COME LA PAROLA  
CONTIENE  
DENTRO DI  
SUA NATUREZA

APPELO A  
DEUS  
COMO  
CULTO

ORIKI

EXU PA  
PAWU

Essas preces se restringem a um apelo aos orixás mais cultuados e especialmente aos que respondem no jogo. Esse apelo é feito no sentido de que eles interfiram na solução dos problemas do consulente. Seus nomes são mencionados seguidos de saudações específicas e de alguns oriki,<sup>3</sup> que são alusões enigmáticas ao seu passado mítico. Não existe um consenso quanto à ordem evocativa dos orixás. Exceção deve ser feita para o caso de Exu. Como em todos os rituais do candomblé, Exu é o primeiro a receber as premissas votivas da

Sobrevivência das Línguas Africanas no Brasil", *Afro-Ásia*, Bahia, (4-5):25/34, 1967, p. 33.

(3) A propósito de oriki, escreve **Vivaldo da Costa Lima**: "O oriki é uma saudação-em-nome. É um nome que encerra uma louvação, um elogio, que se refere a uma qualidade sempre excelente da pessoa. O oriki é um nome-louvação acrescentado, no curso da vida, aos outros nomes da pessoa. Os orikis são também criados para os orixás, as cidades, e até mesmo para plantas e animais domésticos". **Costa Lima**, *Vivaldo*, "Os Obás de Xangô", p. 27.

ORIKI

prece  
é  
nucleo

ente de santo. Até mesmo na seqüência dos rituais é o primeiro a ser reverenciado, havendo um ritual específico para ele, o padê de Exu.<sup>4</sup> Essa importância de Exu é especialmente notória no jogo de búzios, que lhe pertence, como veremos, um certo número de mitos. A ordem de chamada das divindades, portanto, à exceção de Exu, parece ser facultativa a cada pai-de-santo. Porém, cada um recorre a um processo ritualístico que permite ao adivinho evocá-los com suas saudações respectivas, na ordem em que lhe foi ensinada.

Na maioria das vezes, a prece se inicia com o apelo ao santo dono da cabeça do pai-de-santo, isto é, seu orixá protetor, aquele para o qual foi iniciado, o seu eledá.<sup>5</sup> Um pai-de-santo muito pouco ortodoxo nos disse que a prece consiste exclusivamente em "chamar os nomes de todos os orixás para que eles nos ajudem", não fazendo, para estes, saudações especiais e muito menos saudando-os com oriki. Um pai-de-santo, filho de Omolu, nos transmitiu a seguinte prece com a qual, após a saudação costumeira a Exu, inicia sua consulta aos deuses:

Ago na bitolá  
Azoani Sapatá  
Fiedemi que é malembi.

Em seguida, informou: "Chamo por todos os orixás para que eles me socorram, pedindo a eles para responder para a pessoa que precisa de caridade; que precisa ouvir o que eles dizem que faça para minorar seu sofrimento".

Atualmente, numa evidente prova da presença de segmentos do conteúdo místico da religião católica no interior dos candomblés da Bahia — o que de resto sempre se veri-

(4) Ritual propiciatório que precede as cerimônias públicas dos candomblés, também conhecido como "Despacho de Exu". Esta última expressão tem permitido o entendimento de uma série de interpretações quanto ao seu significado. "Despachar" não tem a conotação de mandá-lo embora, mas, antes, de atendê-lo, obter sua permissão para que os rituais subsequentes possam se realizar plenamente, sem nenhum problema. Para uma descrição do padê de Exu, consultar Santos, Deuses e rituais Místicos, *Opô Afonjá*, pp. 41-42.

(5) De acordo com um informante, trata-se do orixá indicado como o dono e responsável por uma cabeça, o santo protetor de uma pessoa. Ainda que se possa dizer livremente que uma pessoa pertence a um orixá, somente a prática divinatória poderá revelar essa relação.

PADE  
de  
EXU

ELEDÁ

ficou, uma vez que pertencer ao candomblé não implica negar a doutrina da Igreja católica<sup>6</sup> —, grande é o número de pais-de-santo que recorrem às orações católicas ao iniciar sua consulta aos deuses. Essa penetração e presença de segmentos do ritual da Igreja católica parece explicar-se pelo fato de não existirem, no Brasil, orações específicas para divindades africanas quando da consulta oracular. O padre-nosso e outras orações preenchem essa lacuna, sem que se possa pensar numa total redução da crença nas divindades do hagiológico afro-brasileiro. Essa simbiose entre a Igreja católica e cultos do candomblé, longe de criar entraves para a compreensão do sistema de crenças, parece ampliar a mundividência de uma população que, confessionalmente, se diz católica. Daí não constituírem heresia aos cânone vigentes nos candomblés tradicionais as informações prestadas por um informante sobre a questão de que nos ocupamos aqui: "Faz-se uma prece ao anjo da guarda da pessoa, reza-se um padre-nosso e a gente se concentra para obter a vidência. Antes de jogar búzios, deve-se dizer o nome do cliente, para que os santos saibam de quem se trata".

No caso específico da prática divinatória, observamos que a maioria dos pais-de-santo não passou pelo rígido ritual de iniciação praticado nos terreiros que preservam a tradição jeje-nagô. O fato de haver um número considerável de candomblés que não seguem rigidamente aquela tradição facultativa aos seus membros a absorção de elementos até mesmo estranhos à tradição africana. Aliás, esperar que os candomblés não se redefiniram em termos da cultura nacional seria negar a dinâmica de uma religião que se atualiza, a cada instante, de acordo com o substrato social que lhe dá motivação, realimentando-se, contudo, sem eliminar seu conteúdo original.

Essas circunstâncias nos levam a afirmar que são poucos os pais-de-santo que em preces não incluem elementos prove-

(6) Muitos dos que estão ligados aos candomblés se dizem católicos e seguem os rituais da Igreja quando podem ou, de modo obrigatório, quando os rituais do candomblé o exigem. É o caso, por exemplo, dos rituais funerários celebrados por ocasião da morte de um membro importante da seta, quando se manda celebrar uma missa. As relações entre o candomblé e outras religiões ditas reveladas merecem um estudo intensivo, e não cabe aqui senão despertar a atenção de estudiosos africanistas.

ESPERANÇA  
DE CADERNOS  
NB

BRUNICA

NB

Kujona bi GUEHENA  
J' che usojai e  
Cobocidi

nientes de outras "nações", assim como elementos do ritual da Igreja católica.

A prece abaixo, fornecida por um dos nossos melhores informantes, com quase a totalidade de vocábulos de origem nagô, é antecedida por um sinal da cruz, e da frase: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Assim seja. Ei-la, tal como foi registrada:

Ajuberô Omolu.  
Em nome de Olorum Alubaxé, Ifá Orumilá, Axé mi orimá.  
Baba. Que não me deixem mentir.  
Olodumaré, Baba Oké, Obá ti nilé, Oba Olokun.  
Agô extboxé. Balomi agô.  
Agô ki ará, Exu agô. Exu Elegbá, marabô agô.  
Em nome de Ogun, Dadá, Obá, Oxumaré, Nana Buruku, Omolu Obeluaré, Ossanhe, Odé Oxóssi, Orixá Okô.  
Xangô, Lansá, Oxum, Iemanjá e Oxalá.  
Agô Exu boxé, balomi agô.  
Kossi ni kaifá.  
Emi omo odiwo, ojá temi dilogum  
Kê odun bi odun.  
Mori (aqui menciona o nome do consulente)  
Ojá temi dilogum agô.

A função da consulta

Na Bahia, várias expressões são conhecidas e empregadas pelos que buscam um pai-de-santo com intenção de obter uma consulta. Entre elas, destacamos: botar mesa, fazer um jogo, consultar Ifá, consultar o Bará, consultar o meridiogum. As três últimas são menos frequentes e delas fazem uso os indivíduos iniciados nos candomblés, tais como os filhos-de-santo, as ebominis,<sup>7</sup> alguns ogãs,<sup>8</sup> ou os que mantêm estreitas relações com a comunidade religiosa, como parentes dos ini-

(7) Ebonimim, do iorubá Egbon. O parente mais velho de uma mesma geração. Nos candomblés, a expressão é utilizada para designar as filhas-de-santo que já realizaram suas obrigações de um, de três e de sete anos. Ver a nota referente às ebominis em Costa Lima, *Vivendo da "Os Obás de Xangô"*, p. 5, onde o autor faz uma revisão das diversas etimologias sugeridas para esse termo.  
(8) Ogá. São os membros dos candomblés encarregados de uma atividade civil e religiosa. Formam um grupo de prestígio e de sustentáculo econômico. São os prote-

ESPRESSÃO  
X Oline che  
S' chawo wa  
de s' unjone

EGBANI

OGA

ciados e adeptos frequentadores das cerimônias públicas, que adquirem razoável noção da língua da gente-de-santo,<sup>9</sup> usando-a adequadamente na sua interação com o grupo.

De modo geral, consultar um pai-de-santo implica em solicitar-lhe um diálogo com as divindades, através de sua capacidade de comunicação com o mundo sagrado, a fim de que possa o consulente se intertirar a respeito do desconhecido que o inquieta. "A adivinhação é, portanto, mais que uma simples satisfação da curiosidade, mais do que uma expectativa de sucesso. Não se pode dar um só passo na vida sem conhecer, sem saber se assim agindo meter-se-á certas forças em movimento e quais."<sup>10</sup>

Qualquer que seja o motivo da consulta, constata-se o temor do consulente em relação ao que a priori não lhe é dado conhecer. Os eventos podem se desenvolver numa ordem independente do seu controle pessoal, porque pertencem a um mundo mágico acessível tão-somente por intermédio de poderes igualmente mágicos que escapam ao domínio do consulente.

O processo de eliminação do desconhecido é, obviamente, realizado pelo pai-de-santo e consiste em excluir o infortúnio da trama dos acontecimentos<sup>11</sup> ou, em última instância, racio-

PROCESSO de ELIMINAÇÃO DE UM FENÔMENO  
ESQUELETO  
RACIONALMENTE

INTERFERIR  
O QUE  
DANE TORN

Alguns  
Do  
GENTE-DE-S.

(9) Língua da gente-de-santo. Conjunto de vocábulos provenientes de diversas línguas, e especialmente da língua iorubá. A esse respeito escreve Yeda Pessoa de Castro: "(...) as línguas africanas se reduziram à linguagem ritual dos cultos religiosos afro-brasileiros, ou candomblés, limitadas a um grupo pequeno e bastante conservador, à chamada língua-da-gente-de-santo (gente-de-santo é como se conhecem os adeptos desses cultos na Bahia) que, apesar de vir resistindo à interferência do prestígio crescente do Português, tem, no entanto, com o tempo, dele recebido uma boa influência morfológica e vocabular, notadamente nos candomblés de origem Congo-Angola, os candomblés-de-caboço, profundamente marcados pela influência também dos aborígenes brasileiros, o caboço, que se acham não só espalhados em sua maioria pelo interior, como isolados há pelo menos dois séculos de África, quando começaram a diminuir as levas de escravos bantus para o Brasil, substituídos que foram pelo iorubá". Castro, *Yeda Pessoa de, op. cit.*, p. 31.

(10) Leuw, G. Van der *La Religion dans son Essence e ses Manifestations*, Paris, Payot, 1955, p. 372.

(11) "A adivinhação tem por objeto seqüências de fatos particulares sobre os quais se consulta, precisamente porque são de ordem aleatória; ou mediante os processos que lhes aplica, ela os trata segundo uma lógica geral que leva a excluir o azar da trama dos acontecimentos, a suprimir o aleatório pela interpretação da relação de

INTERAR-SE

Realizar  
uma  
consulta

OGA

nalizá-lo a ponto de ser admitido na ordem natural das coisas, minimizando-o e tornando-o aceitável, diminuindo, assim, os danos que poderiam causar. A consulta tem a função implícita de fazer desaparecer a casualidade da vida do indivíduo, incompreensível nos limites da concepção de mundo dos que participam dos candomblés da Bahia. Para estes, o destino, como sucessão de fatos que devem ocorrer independentemente da vontade individual, já foi inexoravelmente determinado. Poderá, entretanto, sofrer algumas alterações ou se reajustar com a anuência das divindades. A ação do pai-de-santo consiste fundamentalmente em interferir junto a elas para que tais reestruturações aconteçam. O que se pretende, ou o que se espera da intervenção divina não é, evidentemente, a mudança do destino, mas o seu reajuste de acordo com as expectativas atuais do consulente. Podemos conjecturar que a consulta se orienta em dois planos bem distintos, mas que se completam. Em primeiro plano, está a possibilidade de previsão do que pode acontecer, e essa circunstância parece justificar a maior parte das consultas feitas a um pai-de-santo, assim como parte das consultas que ele efetua para si próprio, quando desempenha o duplo papel de consulente e adivinho. Em segundo plano, está a possibilidade de interferência no destino do indivíduo, reestruturando o que estava previamente traçado. Em qualquer que seja o caso, o pai-de-santo situa-se como intermediário entre o consulente e as divindades, perdendo sua individualidade, para participar do sagrado, na medida em que codifica as perguntas e as transmite às divindades pela manipulação dos instrumentos utilizados na prática divinatória. A sua participação no campo do sagrado se estende até o momento em que transmite as respostas ao consulente pelo mesmo processo. Nesse último caso, o pai-de-santo é apenas um instrumento de que se servem as divindades para passar suas mensagens que são, de igual modo, codificadas, e somente ele é capaz de decodificá-las, transformando a linguagem divina em linguagem profana ao nível de compreensão

(12) Sobre os tempos, com a margem de imprevisibilidade que eles comportam sobre o destino, de relações estruturais de homologia e de correspondência, inscritas e ajustadas num segmento de espaço. "Vernant, Jean Pierre, "Parole et Signes Muetes", in *Revue de Synthèse et Rationalité*, Paris, Seuil, 1974, p. 6.

ensão do consulente. A eficiência no encaminhar das soluções aos problemas pode ser explicada pelo grau de instalação vital do sagrado na pessoa do pai-de-santo. Dessa forma, ele poderá antecipar o que vai acontecer, ou comunicar ao consulente os meios de ação que poderão conduzir os acontecimentos de acordo com sua expectativa e, sobretudo, em consonância com a vontade divina.

Maupoli relata que na África, na região por ele estudada, "numerosos consulentes vêm ver os sacerdotes, não para consultar Ifá, mas para pedir um conselho. A experiência com o sofrimento do ser humano deu-lhe condições de bem aconselhar. Mas ele é sempre um pouco de médico, um pouco farmacêutico: vem-se em sua casa não somente para consultas e conselhos, mas também para solicitar-lhe medicamentos. Ele dá o conselho pedido, a prescrição que cura ou alivia. Contudo, se precisa de dinheiro, ele assegura a seu cliente da necessidade de uma consulta antes de tomar uma decisão ou fazer uma escolha."<sup>12</sup>

Essas consultas, sem o recurso da prática divinatória, são também frequentes na Bahia, por razões idênticas às assinaladas por Maupoli. A eficácia dos aconselhamentos sem a intervenção divina é também atribuída ao sagrado, pois, qual quer que seja a circunstância da interação entre o pai-de-santo e o consulente, o primeiro representará sempre a vontade divina. No plano puramente racional, sabemos que a experiência, adquirida no pleno exercício profissional, capacita-o a encontrar, com uma margem reduzida de erro, as soluções mais adequadas às questões que lhe são colocadas. Ocorrendo um equívoco nas suas respostas, e isso é possível, ele poderá retificá-las graças à sua habilidade intelectual de conduzir o diálogo. O consulente termina, quase sempre, por oferecer os elementos necessários a deduções mais coerentes em relação às questões inicialmente formuladas. A rigor, não existem erros para o pai-de-santo. Ele age sempre de acordo com a vontade divina e pode, pois, contrariar interesses individuais e reconsiderar suas próprias formulações.<sup>13</sup>

(12) Maupoli, *op. cit.*, p. 221.

(13) Sobre a função social da adivinhação, consultar o excelente artigo de Park, G., "Divination and its Social Context", in *Journal of Anthropological Institute*, 1963, pp. 195-209.

PRE sempre  
La CASUALTA  
IL DESTINO  
DETENEMO  
si può solo  
Ragione

FUNÇÃO  
SUA  
INTERMEDIÁRIO  
E CODIFICAR

IN AFRICA  
Il sacerdote  
usa e solo  
di strumenti  
consultery  
di medicine

ENTRADA  
RITUAL  
(caso de eficácia  
ver e divino  
di sacro)

128  
RUDIMENTARMENTE

### O adivinho e a publicidade

A experiência adquirida por velhos pais-de-santo no exercício da função de adivinho é, muitas vezes, considerada como qualidade primordial ao domínio de certos poderes mágicos. Isso não pode, contudo, nos conduzir à assertiva de que os mais novos no exercício da profissão gozem de menos prestígio ou que seus poderes sejam mais limitados. Conhecemos, em contrapartida, velhos pais-de-santo que não atingiram nenhuma notoriedade como adivinhos. Alguns são, inclusive, severamente criticados pela inabilidade e por equívocos que se tornaram públicos. Porém, existem aqueles que adquirem rapidamente muita fama e invejável número de clientes. Essa notoriedade não depende necessariamente do tempo de prática. Ela é obtida, principalmente, pelas soluções corretas por eles encontradas para os problemas que enfrentam.<sup>14</sup>

O cliente que obtém resultados favoráveis com a consulta a um pai-de-santo se encoraja voluntariamente de lhe fazer publicidade. Recomenda-o a outras pessoas, como bem demonstra o depoimento de uma jovem universitária: "Eu andava com o corpo e o espírito em frangalhos. Nada dava certo. Não arranjava emprego nenhum. Minha família já estava completamente à beira de uma grande crise. Então, minha mãe me mandou à casa de uma senhora que a esposa de um coronel lhe havia recomendado muitas vezes, pois o mesmo acontecia com o irmão dela e seus filhos. Eles obtiveram êxito e, por isso, tornaram-se assíduos frequentadores. Era para fazer uma consulta. Aliás, coisa que ela sabe que eu não gosto. Foi com dificuldade que aceitei a idéia de minha mãe".

A informação veiculada de indivíduo para indivíduo parece ser a maneira mais eficaz de os pais-de-santo se tornarem conhecidos na comunidade e, por isso, raramente recorrem a outros meios mais sofisticados de publicidade. O cartão de

(14) Bastide faz ainda alusão ao fato de que a categoria de um culto ou de um sacerdote, no conjunto dos candomblés, é avaliada não apenas por seu poder místico ou sua força mágica, mas também por valores europeus, isto é, segundo a quantidade de dinheiro adquirido e gasto por esse culto ou por esse sacerdote. Bastide, R. A. *Américas Negras*, São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1974, p. 117. Poderemos acrescentar que, nesses casos, o poder econômico reforça o poder mágico do culto ou do sacerdote.

visita, onde se acha impresso o nome, endereço, preço da consulta e outras informações secundárias, tende, todavia, a se difundir, por facilitar aos novos e prováveis clientes o conhecimento de dados essenciais sobre o pai-de-santo. A distribuição desses cartões de visita é feita logo após uma consulta ou eventualmente a pessoas que lhe são apresentadas. É de se notar que os meios de comunicação de massa, em particular o rádio, têm sido responsáveis pela difusão de alguns nomes de pais-de-santo. Muitos, independente de sua vontade, mas disso tirando proveito, são, por meio desse canal, bastante conhecidos da população em geral. A publicidade, feita através desse veículo de propaganda, nem sempre leva em conta o sistema de poder que define e situa a importância de um pai-de-santo ao nível da comunidade religiosa.

No que concerne ao tempo de atividade profissional, Regina Andrade observou "que ele é referido pelos entrevistados como sendo muito importante, vez que lhe proporciona experiência e respeito frente à clientela e aos colegas de trabalho, porém de modo algum é determinante para o seu bom conceito profissional ou mesmo interferente nos seus poderes". Sobre um ponto são unânimes, acrescenta a autora: "Não é um ofício que pode ser exercido por todas as pessoas. Não basta querer ser pai-de-santo ou mãe-de-santo para que se consiga. Existem os que podem ser e não querem, mas são obrigados a ser (...) por força dos seus orixás".<sup>15</sup> Essa explicação é por demais freqüente toda vez que se pergunta ao pai-de-santo sobre as razões de sua iniciação no culto. Além de se constituir, quase sempre, numa justificativa verdadeira, empresta-lhe também uma dimensão mágica, por ter sido ele escolhido pela divindade, o que, ao nível social, lhe assegura inegável prestígio junto à clientela em potencial.

### O consulente e seus problemas: a eficácia mágica

Não existem circunstâncias especiais para que um indivíduo recorra a um pai-de-santo em busca de uma consulta. A

(15) Andrade, Regina Glória, "Resumo sobre a Investigação do Trabalho de Aconselhamento dos Cultos Afro-Brasileiros da Cidade do Salvador", Salvador, 1975, 6 pp., mimeo.

NUNCA ACCABE ACCIDENTALMENTE  
 E TUDO BEM-DEUS DAU A VOLONTADE  
 DEUS DEI → O Jogo de Bozios  
 O JOGO DE BOZIOS  
 PERFETTO

rigor, ela é solicitada para qualquer dificuldade em que se  
 encontre o consulente, independente da maior ou menor com-  
 plexidade da questão que o preocupa. De acordo com o sis-  
 tema de crenças que rege o comportamento individual dos que  
 estão integrados nas comunidades religiosas afro-brasileiras,  
 nada ocorre acidentalmente e tudo depende exclusivamente  
 da vontade dos deuses. Daí porque eles são freqüentemente  
 consultados. Os indivíduos devem proceder de modo a con-  
 duzir suas atividades em perfeita consonância com os desejos  
 das divindades e que são revelados pela prática divinatória. A  
 sociedade humana é dirigida pela "sociedade divina" e nada  
 escapa ao seu controle. Todos os problemas da vida decorrem  
 do mundo sagrado; são impostos pelas divindades para reparar  
 a transgressão de um tabu; pela não observância de uma deter-  
 minação divina, ou resultam de um feitiço. Nesse último caso,  
 o sortilégio lançado só foi possível graças à anuência de uma  
 ou várias divindades invocadas para essa finalidade.

Essa transferência de responsabilidade do que ocorre no  
 plano social para o plano sobrenatural — e que é da compe-  
 tência exclusiva do pai-de-santo — parece reforçar o poder  
 mágico do adivinho na manipulação da técnica divinatória.  
 Essa circunstância assegura, assim, sua função de contatar o  
 mundo sagrado para auscultar as divindades e transmitir ao  
 consulente as soluções adequadas a seus problemas. Além  
 disso, essa transferência parece desempenhar um papel rele-  
 vante na terapêutica ministrada pelo adivinho que é, de igual  
 modo, proveniente do mundo sagrado, o que a torna mais  
 eficaz. Isso é mais verdadeiro se levarmos em consideração a  
 crença na magia, tão presente no mundo dos candomblés. A  
 eficácia da magia, diz Lévi-Strauss, implica a crença da magia,  
 que se apresenta sob três diferentes aspectos. "Existe, inicial-  
 mente, a crença do feitiço na eficácia de suas técnicas; em  
 seguida, a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele  
 persegue, no poder do próprio feitiço; finalmente, a con-  
 fiança e as exigências da opinião coletiva, que formam a cada  
 instante uma espécie de campo de gravitação no seio do qual  
 se definem e se situam as relações entre feitiço e aqueles  
 que ele enfeitiça."<sup>16</sup>

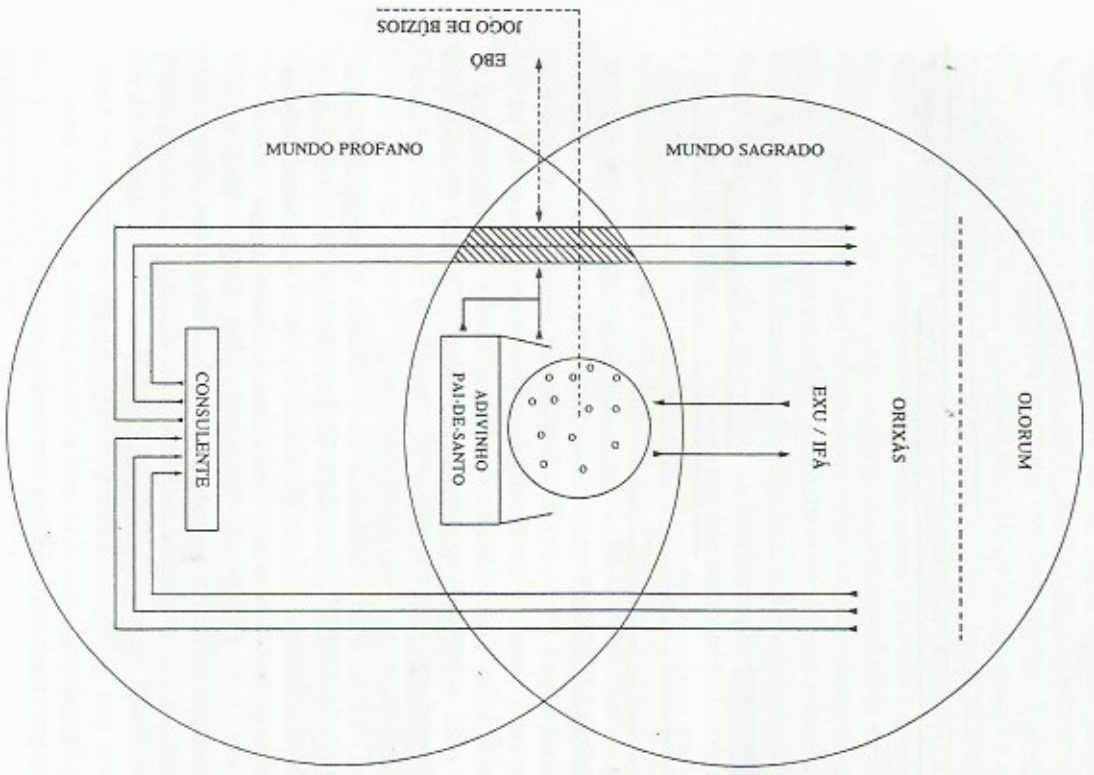
TUTTI PROBLEMI DELLA VITA  
 DERIVA NO DOZ MONDO SACRO

TUDO O QUE  
 MAGIA  
 3 elementos  
 1. crença de  
 2. dependente  
 3. a opinião  
 coletiva da  
 comunidade

(16) Lévi-Strauss, *Anthropologie Structurale*, Paris, Plon, 1958, pp. 185-186.

O DIÁLOGO COM OS DEUSES

Esquema das relações estabelecidas no momento da adivinhação entre o mundo sagrado e o mundo profano.



TRATAMENTO

M

MEDICINA

HAI MUITA

HP

SI DEVE TRAZER LA CRUSA

CONCELA ONT DEUS HANANTA  
o cura. Solo con il Rituale

E q sto e ve Ra  
X q si asi  
Pro ble ma

TRATAMENTO

Grande parte  
dele  
consoltrou  
Somo i q fidele  
Lucie le gual  
diethrou le  
di coultura

Essa noção da eficácia mágica implica com muita pertinência a força das práticas divinatórias nos candomblés e, sobretudo, a do pai-de-santo no que concerne ao tratamento de alguns males de que são acometidos determinados clientes. Esses males jamais são considerados coisas naturais, e o pai-de-santo, que acredita no seu poder mágico, induz o consulente à convicção de que tais distúrbios foram provocados por alguém ou por alguma divindade não contente com o seu comportamento em relação a alguma coisa. Uma vez revelada a causa da doença, o pai-de-santo prescreve a terapêutica específica. É de se notar que, embora essa terapêutica contenha virtudes medicinais — muitas atestadas pela farmacologia —, ela se torna muito mais eficiente na sua capacidade de cura, em função do conteúdo mágico de que está impregnada.

Bastide, a propósito da concepção da doença nos candomblés, lembra que ela nunca é considerada como algo natural e é sempre provocada pelo sobrenatural e, dessa forma, a cura é possível através do ritual. Não somente é verdade para o caso específico de uma doença, mas também, para qualquer problema que o indivíduo enfrenta na sociedade. Qualquer que seja sua inquietude, ele recorrerá ao pai-de-santo na esperança de receber a mensagem divina que prescreva a ação mais adequada. A realização do tratamento é feita com o recurso de despachos propiciatórios, banhos de purificação ou outra terapêutica específica, processos mágicos que acentuam a eficácia do tratamento.

Tivemos a oportunidade de constatar que grande parte dos consulentes se situa entre as pessoas ligadas diretamente ao mundo mágico dos candomblés. Ocupam lugar importante aqueles que, embora não participem diretamente das atividades da seita, se deixam levar pela atmosfera de uma sociedade essencialmente mística, onde os valores religiosos são extremamente atuantes no cotidiano da vida de sua população. Esses, uma vez bem-sucedidos nos seus intentos, terminam por reforçar sua crença nos orixás, tornando-se assíduos frequentadores das cerimônias públicas e, em muitos casos, participantes efetivos dos candomblés.

(17) Bastide, R., *Sociologia do Folclore Brasileiro*, São Paulo, Anhembi, 1959, p. 156.

CI Selo Pa

curiosos

Fonte Extra

Revela

Si pedon libro final que del libro inofensivo

hora

ocupado

il melle

di ve d'ende

TRABAJA

si FA

ATENDI

ACCAD

CLIENTE

ASSISTIDO

SEMELH

SODAL

del

fel de

Enfim, existem os que pedem uma consulta por simples curiosidade. Geralmente são pessoas situadas nos estratos mais altos da sociedade, muito mais levados pelo exotismo da atitude do que qualquer sentimento de fé e crença no poder religioso do pai-de-santo. É preciso incluir também os que chegam a Salvador, na condição de turistas, em busca de experiências novas. Esses clientes eventuais se constituem numa fonte extra de renda para os pais-de-santo que, sabedores dos seus efêmeros interesses, realizam curtas sessões divinatórias, recomendando-lhes, vez por outra, uma limpeza de corpo, um banho ou outras práticas mágicas, de todo modo inofensivas. Temos presenciado, especialmente durante o período de grande afluxo turístico, grupos de pessoas recorrerem a um só pai-de-santo para lhe pedir consultas. São ocasiões excelentes para os sacerdotes demonstrarem seu prestígio, não os atendendo a todos e se dizendo ocupados com outras tarefas do culto. Nessas ocasiões, mandam uma pessoa da casa lhes avisar que esperem para serem atendidos. Algumas vezes não estão ocupados em nada e, procurando deixar transparecer excesso de ocupação, delongam-se na realização dos seus afazeres e encargos religiosos. Aliás, essa não é uma atitude somente em relação aos visitantes esporádicos. Nas mesmas circunstâncias as pessoas ligadas aos candomblés se submetem a uma longa espera para serem atendidos. Entretanto, essa atitude do pai-de-santo não lhes causa espanto, pois que agiriam da mesma maneira se estivessem no lugar do sacerdote.

Esses clientes esporádicos, de que falamos acima, não devem ser confundidos com outros indivíduos que, pertencendo às camadas mais altas da sociedade, procuram, com uma frequência cada vez maior, os pais-de-santo em busca de soluções para os seus problemas existenciais. Tivemos oportunidade de ver, inúmeras vezes, essas pessoas esperando, na ante-sala dos candomblés, por sua hora de consulta. Essa categoria de cliente é composta quase exclusivamente por mulheres, embora não se excluam alguns homens que também se fazem presentes nos terreiros. Um pai-de-santo fez a seguinte observação, que bem exemplifica a mudança que começa a ocorrer nos candomblés da Bahia: "Agora essas grã-finas todas vêm nos procurar. Essas brancas precisam também

dos santos e têm que vir a nós". A expressão "essas brancas" não se reveste de nenhum sentido pejorativo ou discriminatório. Antes, denota a satisfação do pai-de-santo em ter, em sua casa, pessoas economicamente bem situadas. Em relação a essas pessoas eles são extremamente corretos, cuidando que tenham êxito, porque essa é uma condição indispensável para que eles se tornem mais conhecidos numa camada social que lhes proporciona lucros certos. E bem verdade que os preços das consultas, ou as somas que pedem para realizar os trabalhos decorrentes dessas sessões divinatórias, são mais elevados que os preços normalmente cobrados daqueles clientes ligados mais diretamente aos candomblés. Mas isso não diminui o mérito dos seus serviços, antes lhes aumenta o prestígio junto a essas pessoas que gozam de maior poder aquisitivo e que, por isso, não medem esforços para solucionar seus problemas existenciais. "Se eficiente o trabalho, não importa o preço que se pague."

### Testemunhos

Tivemos oportunidade de entrevistar várias pessoas que já haviam consultado um pai-de-santo. O depoimento seguinte é de uma jovem que voltou várias vezes ao mesmo sacerdote para completar todos os rituais exigidos. Trata-se de um depoimento rico em informações etnográficas que permitem uma melhor compreensão do processo interativo entre o consultante e o adivinho. Mostra, também, como a crença se consolida à medida que o consultante encontra paliativo ou até mesmo solução para suas angústias, suas inquietações. Já citamos em outra parte deste trabalho o trecho introdutório e, se aqui o fazemos de novo, é para que não se perca a visão de conjunto. Ademais, o depoimento ilustra, com detalhes, uma das causas que levam uma pessoa a consultar um pai-de-santo, assim como sua atuação como intermediário entre o mundo sagrado e o mundo profano; desses dois mundos sem fronteiras em que se situa o sacerdote na sua dual circunstancial de homem e de adivinho.

"Eu andava com o corpo e o espírito em frangalhos. Nada dava certo. Não arranjava emprego nenhum. Minha fa-

mília já estava à beira de uma grande crise. Então, minha mãe me mandou à casa de uma senhora que a esposa de um coronel lhe havia recomendado muitas vezes, pois o mesmo acontecia com o irmão dela e seus filhos. Eles obtiveram êxito e, por isso, tornaram-se assíduos frequentadores. Era para fazer uma consulta. Aliás, coisa que ela sabe que eu não gosto. Foi com dificuldade que aceitei a idéia de minha mãe. Então fui até a casa da senhora que jogava búzios. Fui logo atendida. Introduziram-me em uma sala cheia de santos, com uma mesa no centro, forrada de pano branco. Sobre a mesa estavam uma caixa de fósforo, uma vela branca, uma caneta e um caderno. No centro da parede lateral à porta, uma placa anunciava: Mãe... Foi quando vim a saber que a dona da casa assim se chamava. Mãe... é uma mulher aparentemente comum, tem orgulho em se declarar moça de idade avançada; ela diz ter mais de 80 anos. Para mim, ela não passa dos cinquenta anos. Ela sentou-se em uma cadeira rústica, em frente à mesa, e me ofereceu outra, convidando-me a sentar à sua frente. Pegou uma cuia que continha búzios, depois ficou com eles nas mãos, fazendo uma série de perguntas; entre elas, o motivo de ter eu ido procurá-la. Depois sacudiu os búzios com as mãos em concha, depositando-os na mesa. Os búzios caíram em forma de um fruto, o que fez M... sacudir a cabeça em sinal negativo. Pegando os búzios outra vez, agitou-os, jogando-os sobre a mesa. Dessa vez, os búzios caíram em posição diferente. Jogou mais duas vezes, para confirmar. Na terceira vez, olhou para mim e falou: Você tem muita sorte, mas os seus caminhos estão fechados. Para acertá-los é preciso um trabalho. Mandou-me pegar a caneta que estava na mesa e o papel para tomar nota do que iria dizer: É preciso um frango novo. Mas só serviria um frango que cantasse; um quilo de milho de galinha; um quilo de milho branco; um inhame; um pacote de velas brancas, uma garrafa de aguardente e um quilo de feijão fradinho.

O frango eu deveria passar no corpo, em um lugar onde eu não passasse depois, de preferência na orla marítima, dizendo as seguintes palavras:

Dei de comer, dei de beber.

Te solto para que abras os meus caminhos que estão fechados.

E de agora em diante estarão abertos com a tua ajuda e do Divino Espírito Santo.

Repetir três vezes. O milho de galinha eu deveria cozinhar, e com o outro fazer pipocas; as pipocas deveriam ser passadas no corpo, dizendo as seguintes palavras, na beira da praia:

As pipocas fechadas são os meus caminhos fechados.  
As pipocas abertas são os meus caminhos abertos.

Ao passar a pipoca no corpo, deveria pisar no chão três vezes. O feijão fradinho seria torrado, usando do mesmo processo da pipoca, e, ao passar no corpo, eu deveria dizer:

Feijão torrado não nasce; se não nasce não vinga. Assim não de ser os meus caminhos fechados, surgindo novos caminhos, novos horizontes desembaraçados.

Depois de tudo isso, deveria acender três velas brancas na beira da praia, pedindo aos santos e ao Divino-tudo que quisesse. Depois de três dias teria de cozinhar o milho branco, tomar banho com o caldo e colocar o milho onde houvesse "malto verde" e passasse muita gente. Assim fiz. Passaram-se dois dias, voltei à casa de Mãe... e esta me deu um pó marrom, sem cheiro. Eu deveria usar este pó na entrada da casa em que eu tivesse de entrar para conseguir o que eu quisesse, pronunciando as seguintes palavras:

Paz contigo  
Paz contigo  
Paz com todos aqueles que aqui estão.  
Eu fico no teu coração como ficou o Santíssimo Sacramento.

Deveria dizer isso para mim mesma, para que ninguém notasse. Não sei como funcionou isso, mas funcionou. Consegui um emprego que estava custando a sair, com um bom ordenado. Mas teria que viajar, como tinha dito Mãe... Fui à casa dela. Então ela me mandou fazer outro trabalho. Dessa vez, ela disse que, na viagem, eu deveria jogar três bolinhos de

farinha durante o percurso até meu destino. Um, na hora da partida do ônibus; o segundo, no meio do caminho; e o terceiro, quando chegasse; antes de pisar no solo da cidade onde eu iria ficar, dizer sempre:

Paz contigo  
Paz contigo  
Paz com todos aqueles que aqui estão.  
Eu fico no teu coração como ficou o Santíssimo Sacramento.

Diria sempre três vezes. O restante ela é quem deveria fazer, coisa que não sei de que maneira foi. Fiz a viagem, correu tudo muito bem. Achei até melhores propostas, mas as recusei. Fiz o estágio como estava previsto. Voltei depois de vinte e sete dias para assumir o cargo no emprego, mas antes de noventa dias foi rescindido o contrato como ela havia previsto e não me pagaram. Coloquei a firma no Ministério do Trabalho e ganhei a questão. E, como Mãe... disse, já estou em outro emprego certo, só esperando eles acertarem tudo e assinarem a carteira. Porém, ela disse que ainda não seria esse, pois eu deveria esperar o terceiro, para me fixar definitivamente. Também, como fora previsto, irei viajar para outro Estado e já recusei outro emprego. Depois de todo esse trabalho, ela disse que eu não estava em condições para pagar e que, após tudo, quando pudesse, desse a ela o que eu achasse que merecia."

Outro depoimento de igual importância é o de uma senhora que, devido a uma doença incurável, recorreu a um pai-de-santo de Brotas, por indicação de uma filha-de-santo sua amiga e companheira de trabalho. Esse testemunho mostra a crença dessa senhora na possibilidade de cura de uma doença já diagnosticada pelos médicos. Além disso, revela a atuação do pai-de-santo que, consciente da pouca eficácia do tratamento mágico, insiste até o último momento da expectativa de que algo possa acontecer de positivo.

"Eu entrei numa pequena sala e ali havia uma mesa e dois bancos. Sobre a mesa havia alguns búzios e uma bola de vidro cheia d'água, um arco, uma flecha, uma imagem de cacho e um jarro contendo folhas de espada de Ogum. Era uma terça-feira, de tarde, o primeiro dia da consulta. O pai-

de-santo entrou na sala, puxou a cortina. Mandou que eu me sentasse na sua frente e tirasse meu lenço da cabeça. Ele usava uma calça e uma camisa velhas, cheias de remendos. Ele se sentou, acendeu um charuto e me perguntou: O que você está sentindo? Quando respondi ele se levantou, charuto na boca, pegou um pires que cobria um dos copinhos de vidro que continha mel. Tirou uma vela branca e acendeu. Despejou um pouco d'água e de mel no pires. Colocou esse pires entre um copo e outro em frente do retrato de sua mãe. Estremeceu-se todo, esticou os braços e fechou as mãos. Estalou as juntas e, suando muito, sentou-se com seu charuto sempre na boca. Eu lhe disse que não sofria de desânimo nem falta de apetite; só sentia febre e à tarde aumentava a inchação do corpo. O pai-de-santo pegou um grande búzio com uma porção de búzios pequenos. A cada coisa que ele dizia, pegava o grande búzio e ia separando os pequenos, de dois a dois. Depois tomou minha mão esquerda, olhou e não disse nada. Fez a mesma coisa com a minha mão direita, juntou os búzios e jogou sobre a mesa e me pediu para pensar uma coisa que desejasse obter, e tirasse sete búzios. Fiz o que ele mandou pensando: Meu Deus, faça com que eu me cure. Aí ele mandou que eu pensasse outra coisa e que retirasse três búzios entre os sete. Pensei: Meu Deus, faça com que eu não precise ser hospitalizada. E tirei os búzios. Ele colocou os quatro que restaram no búzio grande, e me disse: Minha filha, tudo o que você sente é por causa de um trabalho, de um ebó que você chutou. Não foi feito para você, mas você foi imprudente, tem o corpo aberto, há muito tempo. Você gostou de um rapaz durante um certo tempo. Quando você mais precisou dele ele ficou com uma morena de cabelos longos. Se você quiser retomá-lo, está tudo em suas mãos. Não, eu não quero. O que eu quero é me curar. Então você deve fazer um trabalhinho. Você quer? Sim. Vai custar caro? Vamos ver...

Ele se levantou, abriu as cortinas e falou para fora. Traga um papel e lápis. Virou-se para mim e disse: É preciso que tudo seja regularizado rapidamente este mês (fim de outubro a começo de novembro), porque vamos começar logo a trabalhar e quando nós começamos o nosso trabalho não atendemos a ninguém. As meninas vão começar a enfiar contas e não podem sair. Elas devem ficar dentro de casa e não saem

para canto nenhum. Eu fico preso, não atendo a ninguém. Só vou recomendar quinze dias depois. Tome nota do que eu vou dizer: uma galinha preta, sete abarás, sete charutos, sete pacotes de incenso, meio quilo de milho para pipocas, farofa de azeite e farofa de mel. Volte sexta-feira. Sexta de tarde, volte para a segunda consulta. Esperei na ante-sala, onde tinha muita gente. O pai-de-santo apareceu e disse: Ouça, hoje não vai dar. Volte quarta-feira, no mesmo horário. Na quarta-feira de tarde eu voltei e esperei muito tempo na sala. Eu tinha a impressão que o pai-de-santo dormia e, enquanto esperava, eu conversava com as pessoas que estavam na sala. Quando ele chegou disse: Escuta, volte sexta-feira porque ontem eu fiz um ebó para uma das meninas que estava aqui naquele dia e hoje eu não posso atender. Voltei na sexta-feira e ele explicou: Hoje não posso fazer nada por você. Volte dentro de oito dias. Na sexta-feira seguinte eu voltei e esperei uma hora. Era a minha quinta consulta. O pai-de-santo declarou: Minha filha, hoje não vai dar porque ontem eu arranquei um dente e sangrou muito. E com uma ferida no corpo eu não posso fazer o que você precisa. Você tem a importância? Eu abri a bolsa e lhe dei o que tinha prometido. Faço votos que não passe de sexta-feira porque eu não posso andar muito.

Na sexta-feira seguinte eu esperei de uma hora da tarde até às três e meia. Enquanto esperava, conversei com a mulher do pai-de-santo. Ela me contou que sofria de reumatismo. O pai-de-santo chegou e saiu logo depois para tomar um cafézinho. Quando voltou, entrou no quarto e só saiu às quatro horas. Descemos para o terreiro e entramos numa parte da construção onde havia uma saleta. Ele abriu a porta pela metade e saiu com uma galinha na mão. Virou para mim e disse: Faça uma prece. Eu não sabia que oração ele queria que eu rezasse. Rezei mentalmente um padre-nosso. Durante esse tempo ele começou a girar em minha volta, passando a galinha no meu corpo. Depois, ajoelhou-se, apoiou a cabeça numa mão e permaneceu assim por muito tempo. Em seguida disse: Pense o que você quiser e sobre no bico da galinha. E eu fiz três pedidos. No primeiro eu pensei: Oh, meu Deus, Senhor do Bonfim, ajude-me para que eu me cure. O segundo, eu pensei: Tenho fé em Deus que vou passar no concurso. No terceiro, eu pensei comigo mesma: Meu Deus, ajude-me para

que eu não seja hospitalizada. Depois dos pedidos, ele tomou a galinha da minha mão e saiu com ela. Quando voltou trazia uma frigideira de barro onde havia queimado incenso e algumas folhas. O pai-de-santo girou em volta de mim, três vezes para a direita e três vezes para a esquerda. Colocou a frigideira no chão e disse: Olhe, quando você for embora não pode passar em frente de cemitério e nem passar em encruzilhada, durante três dias. Volte daqui a uma semana para levar umas folhas para o banho. Sete dias depois, eu voltei e ele me deu um pacote de sal grosso, um pacote de folhas e um pacote de alho. Durante sete dias eu deveria cozinhar sete folhas, sete dentes de alho e sete grãos de sal grosso. Eu tomaria um banho normal e, logo depois, eu jogaria a água da cabeça aos pés e não devia me enxugar. Deveria pegar os restos e jogá-los numa encruzilhada. Fiz tudo o que ele me ordenou que fizesse. Mas continuei a inchar. No fim de seis meses, sem nenhuma melhora, fui internada no Hospital das Clínicas."

## 4 O jogo de búzios

### Exu e o jogo de búzios

Na Bahia, a prática divinatória é conhecida por diferentes nomes que indicam algumas de suas características essenciais:

- a) *Idilogun* ou *dilogun*, do iorubá *erindilogun*, que quer dizer dezessesis. A palavra designa o conjunto de dezesseis búzios usados na prática divinatória, e nos remete à sua origem nagô.
- b) *Ifá*. O termo *Ifá* indica as estreitas relações existentes entre o jogo de búzios e o jogo com o *opêlê-ifá*.
- c) *Bará*, uma qualidade de Exu. Etnograficamente, comenta Waldeloir Rego: "Bará é chamado todo Exu de caráter pessoal ou privado. Assim, cada deus tem seu Exu ou escravo, como se diz, de caráter privado, que se chama Bará, daí ouvir-se falar em Bará de Oxóssi, Bará de Oxalá, Bará de Ogum e assim por diante. O mesmo acontece com o *eledá* (deus guardião da pessoa) de cada indivíduo, que também tem o seu Bará. Todo Bará leva um nome que o distingue dos demais e se identifica com o seu dono".<sup>1</sup>

(1) Rego, Waldeloir. *Capoeira Angola: Ensaio Sócio-Etnográfico*, Salvador, Ilapua, 1968, pp. 146-147.

As relações de Bará com o jogo de búzios serão discutidas mais adiante. Aqui fornecemos alguns elementos sobre Exu, o qual está intrinsecamente ligado às práticas divinatórias. De personalidade contraditória, ele está pronto para servir a qualquer pessoa desde que se lhe agrade com um ebó (oferenda), que pode ser até mesmo um pouco de farofa de dendê e aguardente. É considerado o dono (Senhor) das encruzilhadas e goza de indiscutível prestígio entre os membros dos candomblés. Tem sido inconvenientemente identificado com o diabo, e muitas vezes tratado como uma força maligna que deve ser expulsas. O certo é que detém as forças dicotômicas do bem e do mal, e com elas não se confunde. Nada se faz no candomblé sem que se lhe peça licença. De um informante retivemos a seguinte descrição de Exu:

"É um orixá tido em um terreiro para determinadas finalidades. Exu não é demônio. É uma entidade que fica em um axé, à disposição. É sempre bem mandado e interessado. Merece o trato que os demais orixás merecem. Mesmo porque depende dele muita coisa da seita. O cuidado com Exu é a primeira coisa que se faz antes de qualquer coisa no axé, principalmente para os iniciados. É o babá ebó (o pai do ebó), o responsável por vários ebós e despachos. Os Exus de um axé são sempre mais civilizados, aos quais se dá o nome de Exu Abô. Eles têm o seu dia de festejo, quando recebem seus bichos de presentes. Na nação quêto ele é sempre despachado no padê. Sempre cada filha-de-santo deve ter o seu Exu assentado.<sup>2</sup> Seu dia predileto é segunda-feira, sendo que a primeira segunda-feira do mês é o dia destinado ao seu trato e limpeza, ao que se dá o nome de ossé."

Exu, quando em jogo, tem o nome exclusivo no odu que o representa e que se chama Odi. É filho de Oxalá com Nanã. As pessoas que trabalham com Exu merecem muito cuidado, porque, sendo Exu sem 'personalidade', pode se revoltar con-

Exu é *ibijisecontente* *depois dele, pedre* *queimado*

DE TENS-SE FOI DE MENTIRAS DE BOU E MAS

babá ebó  
Exu Abô

ossé *de seita*

Odi = *odu Exu*  
hora *predileto* *na nação* *quêto*

SANTO ASSENTADO

tra a própria pessoa que dele cuida. É um temperamental. Fora de suas obrigações anuais, ele pode fazer qualquer coisa através de bebidas, fumo, ou do ebó que lhe agrade. Existem coisas que lhe metem medo, como o xoxô, um preparado feito com semente de dendê torrada. O verdadeiro Exu é feito de folhas e de outros elementos que, depois de reunidos, vão simbolizá-lo. Existem os Exus assentados dentro do axé, no mato, e em porteiras".

As referências acima parecem suficientes para demonstrar a importância de Exu e seu papel nas associações religiosas afro-brasileiras. Sugere ainda uma possível explicação para o fato de esse processo divinatório, o jogo de búzios, ser designado também de Bará.

Sendo Bará o Exu especial de cada santo, e considerando que o jogo de búzios é uma consulta às divindades, é possível que o mensageiro, o intermediário entre os deuses e o homem, que o Bará do santo que está respondendo nessa mesma consulta. Assim, consultar o Bará seria solicitar sua interferência junto a divindade à qual ele, o Bará, está misticamente ligado. Por conseguinte, a mensagem do orixá seria transmitida ao adivinho através do seu mensageiro particular. Deve-se ainda observar que Exu desempenha um duplo papel no jogo de búzios. Além de ser, efetivamente, o mensageiro dos deuses, é também uma divindade a quem se consulta e uma das que respondem no jogo. Por exemplo, quando caem sete búzios "abertos", essa posição dos búzios é denominada Odi e é ele mesmo quem responde. Considerando ainda que não se tem notícia de que Exu, ele próprio, tenha um mensageiro particular — um Bará de Exu —, é possível afirmar que, quando Exu responde através da posição específica dos búzios, ele assume o papel de seu próprio mensageiro. Essa interpretação reforça ainda mais a noção que se tem das características de Exu como mensageiro e divindade. De uma divindade que, para entrar em contato com os homens, não precisa de um mensageiro especial.

Essas considerações, apoiadas em dados etnográficos coletados na Bahia, auxiliam a compreensão do fato de esse tipo de consulta ser também chamada, pelos membros dos candomblés, de consulta a Exu. Essa denominação parece ser de uso restrito aos que estão diretamente vinculados à religião

Xoxô  
lc JERRO  
EXU  
Vé Pa  
Assentado  
de Exu

Bará  
Hobere  
uol  
cota  
su  
EXU  
Depo  
público  
ver jogo

Exu é  
il mensageiro  
de se seito

Xé *de seita*  
CONSULTA  
A EXU  
de Exu, uol  
u seita  
de Exu, uol  
Shetani, le  
viedade alla  
Relig que

dos orixás. **A rigor, é a ele que se consulta, como mensageiro entre os deuses e os homens.**

**É evidente que o fato de o jogo de búzios pertencer a Exu não é uma inovação verificada no Brasil.** Maupoil faz uma minuciosa descrição da prática divinatória com o auxílio de dezesseis búzios, conhecida no Benim por consulta a Legbá (equivalente ao Exu dos iorubás), da qual reproduziremos o seguinte trecho:

“Antes de começar seu trabalho, o adivinho come axé e obi. A assistência como igualmente, assim como o consultante. Este último dá um franco, dois francos e cinquenta, o que pode, para que se possa começar. Ele deposita o dinheiro sobre os dezesseis búzios e recolhe tudo nas palmas das mãos, levando-as à boca enquanto sussurra o motivo de sua vinda, de maneira que o adivinho não possa escutar. Em seguida, ele aproxima suas mãos, com os dedos esticados, da bandeja ou do chão, e deixa cair seu conteúdo que se espalha de uma determinada maneira. Assim, ele mesmo obtém a resposta da sua pergunta, dada pela posição dos búzios que ele deve jogar apenas uma vez. A manipulação é freqüentemente feita pelo adivinho. O sinal é dado pelo número de búzios que se apresentam abertos. O adivinho sabe distinguir as relações entre este e os sinais. Ele conhece, às vezes, as correspondências, *conjuntiones naturae*, que unem os signos com os voduns e os elementos”.<sup>3</sup>

### Do opelê aos búzios

Como já observamos, o que parece ter ocorrido no Brasil foi uma absorção de elementos constitutivos da adivinhação por meio do opelê-ifá e pelo jogo de búzios, tal como os mitos e outras funções próprias desse processo de adivinhação. Essa absorção foi possível devido ao desuso do opelê e o consequente desaparecimento do babalaô.

Allás, a fusão desses elementos parece ter se iniciado bastante cedo. Os babalaôs, que conheciam as regras da prática

(3) Maupoil, Bernard. *La Géomancie à la Cité des Esclaves*. Paris, Instituto de Etnologia, 1943, p. 266.

divinatória com o opelê, normalmente recorriam ao jogo de búzios nas suas sessões cotidianas, reservando o opelê para consultas excepcionais que exigissem uma sessão divinatória mais complexa. Assim, paulatinamente, elementos do jogo com o opelê foram se incorporando ao jogo de búzios ou foram reinterpretados dentro desse sistema divinatório, tornando-o, esse último, mais complexo e em condições de melhor servir às comunidades religiosas afro-brasileiras.

Martiniano Eliseu do Bonfim, o babalaô mais famoso e mais influente na Bahia, raramente empregava o opelê-ifá. Ruth Landes, que desejava ver o velho adivinho praticando a sua “profissão secreta”, mas temendo perder sua amizade ao interrogá-lo, arranjou um cliente que relatou para Martiniano a razão de sua consulta, nestes termos:

“Que devo fazer? Procurei o senhor porque é idoso e experiente e, se todo mundo vem aqui, é porque o senhor dá conselhos bons”. E Ruth Landes descreve, então, a sessão divinatória não com o opelê-ifá, como ela esperava, mas com os dezesseis búzios:

“Pegou os dezesseis búzios, jogou-os no alguidar, colheu-os com os dedos comprimidos e os esfregou nas palmas das mãos, enquanto murmurava invocações ao deus iortubá da adivinhação, Ifá. Bocejava ao fazê-lo e erguia a cabeça a cada ruído novo que viesse da sala. Jogou os búzios de novo e os colheu. Às vezes, jogava todos os dezesseis, outras vezes punha alguns de lado enquanto jogava apenas aqueles que pareciam ter caído em posições críticas, e, durante todo o tempo, as suas mãos se moviam com gestos como de dança. As suas invocações se tornaram mais altas à medida que jogava os búzios cinco ou seis vezes seguidas — e rompeu num ruído bocejio”.<sup>4</sup>

### O jogo de búzios e a experiência social do adivinho

O jogo de búzios — expressão mais comumente empregada para denominar a adivinhação com os dezesseis búzios — é, sem dúvida, uma prerrogativa do pai-de-santo, sendo

(4) Landes, Ruth. *A Cidade das Mulheres*, Rio de Janeiro, Civilização, 1967, pp. 237-238.

indispensável mesmo ao pleno exercício de seu ofício de sacerdote. **Atualmente, existem aqueles que, embora não exercendo o cargo de pai-de-santo, se dedicam inteiramente à prática divinatória.** Ainda que esses casos não sejam frequentes, afirma-se que esses sacerdotes são excelentes adivinhos. Por outro lado, há pais-de-santo que só praticam a adivinhação durante os ritos que o exigem. Esses dificilmente chegariam a uma posição de prestígio junto à comunidade religiosa onde o saber jogar búzios, ter "a mão de Ifá", como dizem, constitui um dos requisitos essenciais para alcançar notoriedade pública. Esses pais-de-santo que não têm "a mão de Ifá", jamais confessam, publicamente, sua ignorância e muito menos o fato de que não possuem a "vidência", ou dom, definido por um informante como a capacidade de relacionar as caídas dos búzios (posições) com o problema levantado pelo consulente. Para explicar esse estado de coisas, esses pais-de-santo terão sempre uma justificativa religiosa e, em certos casos, ela realmente existe, capaz de atenuar ou mesmo eliminar as críticas que lhes poderão ser endereçadas. Dizer que não joga búzios, portanto, que o santo não lhe deu permissão é o suficiente para que a comunidade aceite essas justificativas como irrefutáveis.

Embora estejamos convencidos de que a prática da adivinhação se apóia fundamentalmente num conhecimento especial e numa capacidade excepcional de observação crítica, ela só terá funcionalidade social quando o adivinho empregar suas observações na solução de um determinado problema. Ainda que individual, a solução deve ser encontrada sem que se perca de vista o sentido da relação entre o homem e a sociedade. O adivinho parece ser um conciliador do homem com ele mesmo; do mundo sagrado com o mundo profano.

A adivinhação depende, assim, de uma larga experiência social de quem a pratica. Nos candomblés, o adivinho, o pai-de-santo, é o indivíduo melhor informado do grupo. Os seus filhos-de-santo, seus colegas, aqueles que gozam de sua amizade pessoal, formam uma verdadeira cadeia de informação, podendo-a par de quase tudo que se passa a nível de existência de seus acólitos e de sua comunidade religiosa em geral. Eles estão sempre bem informados do que acontece nos outros candomblés, e não cessam de se atualizarem através dos contatos intergrupais. Visitam, de vez em quando, outras casas de

Hoje não vou trabalhar. Vou pai-de-s. 5.

TEPO A  
HOJE DE IFÁ

informação sobre as observações  
individualmente  
conhecimento  
hábito social  
e rituais

culto, especialmente durante a celebração de cerimônias públicas, quando se inteiram das novidades que ali ocorrem. Nesse processo de atualização, beneficiam-se do chamado fluxo de candomblé, isto é, do relato malicioso e indiscreto dos acontecimentos que ocorrem nos terreiros e constituem infrações às normas da comunidade. Geralmente trata-se de assuntos relativos à transgressão da ordem religiosa ou social por algum membro da comunidade e são sempre comentados de maneira jocosa. Esse dia-a-dia do pai-de-santo com tudo o que se passa no interior do grupo religioso o coloca numa posição privilegiada para o trabalho divinatório. Com efeito, essas informações veiculadas pelo fluxo capacitam-no a ajustar com relativa facilidade o comunicado divino às pretensões humanas, ao anunciar as alternativas as mais adequadas à reorganização da ordem pessoal e à manutenção da ordem grupal.

O processo de aprendizagem

Teoricamente, só os filhos-de-santo que ocupam o posto de pai-de-santo podem aprender o jogo de búzios. A vocação para esse posto é revelada durante o período de iniciação, quando é definido todo o projeto existencial do indivíduo.

Se a ordem do santo, revelada durante o jogo, é de que o neófito deverá se tornar um pai-de-santo, deduz-se, então, que ele será também um sacerdote da adivinhação. Existem, entretanto, os que, dotados de uma sensibilidade especial para esse tipo de ofício, aprendem facilmente a jogar os búzios independentemente de uma injunção divina. Quando o santo anuncia que um filho-de-santo tem o posto de sacerdote, não se deve deduzir daí que os outros não possam vir a ser, um dia, chefes religiosos. A ordem revelada para um neófito não implica interdição para os outros que podem, no decorrer de sua vida religiosa, merecer o apoio das divindades para tal ofício.

Para a maioria dos pais-de-santo, a condição fundamental para se aprender a jogar búzios é que o candidato seja dotado de poderes excepcionais. "É preciso ter vidência, enxergar e ser ouvido para ouvir o que os orixás estão conversando." Como sublinhamos, não é necessário ser pai-de-santo

FOXI CO  
DE BÚZIOS  
CANDOMBLÉ

PROBLEMAS  
PERSONAIS  
HABITUIS?  
OPINIÃO  
DEZ CÉLULO

Hoje vou  
deitar

IN TERMINA

Para ser adivinho, para saber jogar búzios. Não é preciso fazer o santo, nos assegurava um informante, é preciso pedir permissão aos orixás. Essa observação ilustra bem os mecanismos de racionalização que são acionados toda vez que um comportamento diverge da ordem estabelecida no grupo religioso. Um outro informante, contradizendo a afirmativa precedente, mas procedendo ele também a uma racionalização, nos explicou que, em primeiro lugar, a pessoa deve ser médium. Dever o dom de se comunicar com o além e, por espontânea vontade, querer se dedicar à missão que lhe foi confiada por Deus. "Deve respeitar e crer naquilo que vai praticar, a fim de servir de mensageiro entre as entidades divinas e a pessoa que procura obter ajuda."

Parece existir um consenso quanto às qualidades inatas consideradas necessárias para que um indivíduo se torne adivinho. Ressaltadas as ligeiras divergências, todos os informantes concordam que ele deve possuir uma sensibilidade fora do comum e uma predisposição psicológica para o exercício dessa atividade. Essa predisposição é naturalmente encarada como um consentimento divino, uma manifestação clara da aquiescência das divindades. "É o domo do eleddá quem dá esta força à pessoa. O jogo não é nem ensinado nem aprendido. Nós recebemos as informações porque somos videntes."

Não existe um sistema rígido de transmissão do conhecimento da técnica divinatória. O processo mais comumente usado parece ser o de treinar o postulante a partir de uma quantidade menor de búzios, até atingir dezesses. Através de um processo de repetição constante, o candidato termina por se familiarizar com as posições de caída dos búzios e a sua respectiva leitura. A aprendizagem pode começar com quatro, oito, de maneira crescente, para que ele possa adquirir toda habilidade possível na manipulação dos búzios e na decifração dos seus enunciados.<sup>5</sup> Para um informante, ensina-se inicialmente o nome do odu e a posição correspondente do búzio, mostrando que um aberto tem tal nome, dois abertos, um outro nome, e assim por diante. Em seguida, ensina-se a cor-

(5) Freitas, Byron Torres e Pinto, Tancredo da Silva, *Camba de Umbanda*, Rio de Janeiro, Aurora, s. d., p. 61.

1. Nome Odu e carta correspondente por 2. de 1 a 20
2. Carta correspondente por Orixás e Ous
3. Posições dos búzios traçado e na PANO

respondência entre os orixás e os odus, sendo que as configurações dos búzios entre si são os últimos elementos a serem transmitidos, por exigir grande concentração e muito tempo. As possibilidades dessas configurações são inúmeras e só um longo treinamento permitiria uma aprendizagem completa, o que geralmente não acontece. Primeiro, porque o pai-de-santo nem sempre dispõe de muito tempo para se dedicar ao ensino, impacientando-se, na maioria das vezes, por ter de realizar jogadas sucessivas. Segundo, porque ele dificilmente transmite ao seu discípulo a totalidade do seu conhecimento. Essas circunstâncias levam os aprendizes a construir um código particular e complementar para a leitura das configurações, especialmente daquelas de menor ocorrência. Contudo, esse código complementar e privado não chega a reestruturar ou modificar substancialmente o código de leitura ensinado pelo mestre. Além disso, existem determinadas posições cuja leitura já se tornou bastante conhecida e o neófito tende a incluí-la no seu código pessoal. Isso não quer dizer que não haja adivinhos que sigam rigorosamente a técnica tal como ela lhes foi ensinada. Essa fidelidade ao conhecimento transmitido se relaciona, de alguma maneira, com a disposição do pai-de-santo em transmitir ao discípulo um número maior de códigos de leitura das posições dos búzios. Outro fator que parece significativo é o poder de liderança do pai-de-santo em impor a observância da tradição de sua casa. Todavia, raros são os casos de neófitos que não tenham introduzido no seu esquema divinatório algumas interpretações resultantes da criatividade pessoal. Uma mãe-de-santo nos confiou que na ocasião de ensinar o jogo de búzios ela estabeleceu códigos diferentes para cada aprendiz. "É para que o jogo não seja facilmente interpretado por qualquer pessoa." Essa criação de códigos individuais reflete a necessidade que tem a gente-de-santo de ser detentora de conhecimentos exclusivos, o que reforça nos outros a idéia de um poder capaz de resistir a todos os maus augúrios, assim como uma força defensiva bastante forte para repelir qualquer mal que se lhe pretendam fazer.

Convém também atentar para o fato de que esse exclusivo leva o pai-de-santo a julgar sua técnica como a única eficiente e a menosprezar a dos outros sacerdotes que, por sua vez, consideram a sua própria insuperável. De qualquer modo,

aquele que possui um código de análise do jogo goza de um respeito todo especial. A mãe-de-santo a que ajudamos nos informou que nunca foi a uma outra mãe-de-santo para jogar búzios, pois, mesmo sabendo que a interpretação é diferente, sentia receio de se auto-sugestionar com as respostas negativas que por acaso fossem anunciadas pelos búzios, já que não conseguia se afastar do seu sistema interpretativo.

Embora o período de aprendizagem seja bastante variável, pois que depende da habilidade do aprendiz em memorizar o código que lhe está sendo transmitido, a permissão para exercer a função de adivinho só é obtida após as obrigações de sete anos. Informantes mais ortodoxos acrescentam que não basta ter cumprido essas obrigações. É preciso que a pessoa tenha recebido o deká. O deká é a outorga, ao filho-de-santo, do direito de exercer o sacerdócio nos cultos afro-brasileiros. A cerimônia consiste, essencialmente, na entrega pública e simbólica dos ingredientes e instrumentos, especialmente a tesoura e a navalha, que são os verdadeiros símbolos do poder sacerdotal.

Esses objetos são colocados dentro de uma cuia decorada e entregue pelo pai-de-santo ao filho-de-santo. Geralmente, nesse dia, faz-se a entrega solene dos búzios devidamente preparados para o jogo, e que são, igualmente, colocados dentro da cuia. Quando o pai-de-santo tem afeição especial para com um postulante, ele permite a este último assistir ao ritual de consagração dos búzios. Contudo, na maioria das vezes, o pai-de-santo realiza essa cerimônia sem a sua participação, entregando-os já prontos para serem usados. Pode também acontecer, embora raramente, que uma pessoa seja preparada para praticar o jogo de búzios sem que tenha recebido o deká. Isso faz aumentar o número daqueles que, não sendo pais-de-santo, têm a mão de Itá, isto é, sabem trabalhar com o jogo de búzios.

Tem-se verificado uma certa flexibilidade quanto ao tempo necessário à realização da cerimônia de entrega do deká. Conhecemos várias pessoas que receberam autorização para o exercício profissional de sacerdote do culto antes de completar sete anos de feito. Há outros que se instalaram como pai-de-santo e só depois é que receberam a devida autorização, ressurando, assim, a tradição e se legitimando como sacerdote.

PERÍODO DE APRENDIZADO

DEKÁ

CUIA COM DOS BÚZIOS

Mãe de santo  
do jogo de búzios

Os pais-de-santo situados nesse último caso geralmente aprenderam a jogar por intermédio de outros sacerdotes que não seus respectivos pais.

Na maioria dos casos, o filho-de-santo já conhece o ritual de consagração dos búzios, por ter participado da preparação desse instrumento para outros que o precederam. Assim, o eventual cuidado do sacerdote em deixá-lo afastado durante a cerimônia da lavagem dos búzios pode ser entendida como uma necessidade simbólica de preservação do sigilo.

### A sacralização dos búzios

Os búzios que deverão ser utilizados no jogo são especialmente escolhidos entre os que apresentam melhores conformações. Os encontrados nas praias brasileiras — os chamados búzios nacionais — são pequenos e não são usados, havendo uma preferência pelos importados da África. A razão da preferência pelos búzios africanos prende-se, basicamente, à idéia que fazem as pessoas do candomblé quanto aos objetos do culto provenientes do continente africano. Para elas, esses objetos estão impregnados de um poder mágico incomparavelmente superior ao dos objetos nacionais. A África é considerada lugar sagrado, a terra dos orixás, a terra onde habitam os deuses venerados no Brasil. É muito comum se ouvir dizer, quando um santo de uma iniciada não veio dançar no local do culto, que "o santo de fulana não apareceu, ficou na África". Essa concepção de uma África sagrada é estendida aos objetos, em função de sua procedência. É evidente que nem todos dispõem de recursos financeiros suficientes para a compra desses objetos importados, que alcançam preços exorbitantes. Contudo, os necessários a rituais mais elaborados são quase sempre importados.

Os búzios, independente do fato de possuírem uma força mágica por serem de origem africana, são ainda submetidos a um processo de sacralização e que consiste em prepará-los para servirem de instrumento sagrado da adivinhação. Somente através de elementos sagrados é que o sagrado se manifesta no mundo profano. Isso não se verifica somente em relação aos objetos usados na prática divinatória. Ocorre também

Búzios Africanos

África Sacra

recebido de glú orixás

Sacralização

dos búzios

↓

1. SACRO

2. MANEIRA

SOLA

ARRAVALSOS GUEHENI SACRA

Nella Uer-Jone  
C. J. B. B. B. B.  
Participa  
em jogos  
de adivinhação

Preparar que  
deu o búzios  
x elevar in  
Cumbuco em  
11 m. século

Carla G. P.  
Da Vista

OLHAR  
Iffá

Processo  
de  
Sugestão  
dos búzios

em relação à pessoa do **adivinho**. Ele, enquanto realiza a consulta às divindades, participa do mundo sagrado e por conseguinte se identifica com ele. Essa perspectiva analítica nos permite compreender a razão da preparação do adivinho para que ele possa entrar em contato com o mundo sagrado. Ele deve passar por uma série de rituais de purificação do corpo e, em especial, **das vistas**. Em todos os sistemas de preparação dos objetos para a prática divinatória de que temos conhecimento se inclui a "lavagem da vista" do postulante. Essa lavagem, feita com "folhas sagradas", as mesmas utilizadas na lavagem dos búzios, tem a função de sacralizar os olhos para que o adivinho adquira o necessário poder mágico de ver, através dos búzios, a manifestação expressa das divindades consultadas. Essa importância dada aos olhos do adivinho parece justificar a expressão "olhar Ifá", comumente usada e que define o ato de adivinhar pelo jogo de búzios.

Vários são os processos de sacralização dos búzios. A rigor, cada casa de candomblé tem o seu próprio código e que representa a tradição da casa. O que aqui publicamos, a título de exemplo, resume, de certa maneira, as diferentes etapas de consagração dos búzios e que são descritas com maior ou menor grau de detalhes em outros depoimentos.

"Juntam-se os búzios escolhidos para o jogo, colocando-os dentro de uma porcelana branca. Maceram-se as dezesseis folhas do orô e, depois de maceradas, espremem-se as folhas separando-as do bagaço. À água das folhas juntam-se outros ingredientes. Feito isso, imergem-se os búzios nesta água, lavando-os com sabão da Costa, enxaguando-os com água. Depois de tudo isso feito, recolocam-se os búzios na porcelana branca e efetua-se o sacrifício de bichos de pena, tais como pombo e galinha. No dia seguinte, retiram-se os búzios do sangue dos animais sacrificados e, na frente do santo, entrega-se aos proprietários. Na hora da malança, Ifá é evocado para que os búzios adquiram força."

### O número de búzios

Embora a adivinhação seja comumente praticada com dezesseis búzios, podem-se usar sete, doze, treze, vinte e um.

16  
7, 12,  
13, 21

IF  
1. Segue o  
Sistema de Exu  
le 16 + 1  
no 7 sete  
x 16 +

Razão para?  
que não é  
compreensão  
na base do  
Cabo de Santo  
Agostinho  
DANÇA  
Evolução

Qualquer que seja a quantidade utilizada, o jogo continua a ser chamado de **dilogum**, perdendo esse termo o significado etimológico de dezesseis. **Cossard-Binon** registra que o pai-de-santo Joãozinho da Goméia usava dezessete búzios, e relaciona tal quantidade com um detalhe encontrado no dicionário de Abraham, referente às dezessete marcas gravadas nas estátuas de Exu e que representavam as dezesseis (mais uma) nozes de palmeira usadas no jogo de Ifá.<sup>6</sup> A autora sugere que só um mito poderia explicar essa identidade numérica. Intelizmente não encontramos na Bahia nenhuma informação a respeito. Toda vez que indagávamos se existia uma razão mítica para o uso de uma determinada quantidade de búzios, obtínhamos respostas extremamente evasivas. Uma mãe-de-santo nos garantiu que o número de búzios dependia da permissão concedida pelo santo; outra afirmou que o número usado correspondia ao número de orixás que respondem no jogo. Considerando que em algumas cidades dos búzios respondem mais de um orixá, e que a resposta da primeira mãe-de-santo não pode ser tomada extensivamente para explicar a quantidade de búzios utilizados por outros sacerdotes, inclinamo-nos a acreditar que cada pessoa procura uma racionalização a partir de sua compreensão mágica da religião dos orixás. É evidente que essa racionalização se restringe a fenômenos que escapam à compreensão imediata, e que não têm um referente no corpo doutrinário de seu conhecimento como, por exemplo, um relato mítico a que se possa recorrer. Essa circunstância permite uma dinâmica muito grande de atualização da prática divinatória e explica, e até mesmo justifica, as constantes recriações que aí se verificam e que resultam em variantes diversas sem, contudo, afastarem-se em demasia do modelo original.

### Local do jogo e objetos complementares

Descrevendo uma sessão divinatória com o opelê-ifá no Brasil, Bastide afirma que a adivinhação não pode ser reali-

(6) Cossard-Binon, Gisèle, Contribution à l'Étude des Candomblés au Brésil: le Candomblé Angola, Paris, Sorbonne, 1970, p. 49.

zada no quarto do babalaô, em obediência à regra africana, estendendo-se essa regra para o jogo de búzios.<sup>8</sup> Poucos são os candomblés que dispõem de um espaço estritamente reservado à prática da adivinhação. Sendo assim, ela é realizada em qualquer lugar considerado conveniente, não muito longe do quarto do santo, o peji,<sup>9</sup> ou, então, no próprio quarto do dormir do sacerdote. O mesmo autor acima descreve o quarto de consulta do pai-de-santo Vidal nestes termos: "Enquanto a sala de consulta de Bojé (babalaô de quem Bastide conseguiu uma descrição do jogo com o opelê-ifá) é uma espécie de quarto de despejo atravancado de objetos heteróclitos, a de Vidal constitui um verdadeiro recinto sagrado. Os muros estão cobertos de retratos de santo e no fundo um altar católico ocupa uma parede inteira dessa sala retangular, mais comprida do que larga. Quando se dá início à consulta, acende-se uma lâmpada elétrica em cima do altar e surgem, então, nitidamente, o Cristo, a Virgem e outras imagens. Na mesa de consulta um atalhado branco cobre os objetos litúrgicos."<sup>10</sup>

Em uma casa de candomblé, na Bahia, construída há poucos anos, um quarto foi exclusivamente reservado para o atendimento da clientela. Trata-se de um pequeno cômodo, cuja porta se abre para o barracão. Nos dias de maior afluência, os clientes esperam sentados em bancos de que se servem as pessoas que acorrem às cerimônias públicas daquele candomblé. O barracão funciona, assim, como ante-sala, impedindo que se veja o que se passa no interior do quarto de consultas. A única mobília existente nesse quarto consiste em uma mesa e duas cadeiras, para uso da mãe-de-santo e do cliente. Na mesa, coberta com um pano branco, um círculo é formado por colares de contas, insígnias de vários orixás. E dentro desse círculo mágico que são lançados os búzios durante uma consulta.

(7) Bastide, R. e Verger, Pierre. "Contribuição ao Estudo da Adivinhação...", p. 368.

(8) Bastide, R. e Verger, Pierre. *op. cit.*, p. 374.

(9) Peji, Santuário dos candomblés. Palavra de origem fon (Benim). "O quarto de Fa, Faxo, é dividido em dois. Em um dos compartimentos se eleva um altar, Kpeji. Cf. Maupoll. *op. cit.*, p. 165.

(10) Bastide, R. e Verger, Pierre. *op. cit.*, p. 375.



O jogo de búzios: um suporte econômico

Há um grande número de pessoas, sem distinção de classe social, que recorrem aos pais-de-santo em busca da intervenção divina na solução dos problemas que as preocupam, e, por isso, na quase totalidade dos terreiros a adivinhação é praticada para o atendimento do público. Existem dias fixos para a consulta. A maioria dos adivinhos se escusa de realizá-la no dia do seu orixá protetor e na sexta-feira, em respeito a Oxalá, que é o orixá ao qual esse dia é consagrado. Somente em caso estritamente excepcional se realiza uma sessão divinatória nos dias proibidos e, quando isso acontece, o pai-de-santo tem o cuidado de saber dos orixás se lhe é facultado esse direito. Entretanto, havendo obrigações internas, como fatura de santo ou obrigação em função do calendário religioso da casa, o pai-de-santo se recusa sistematicamente a realizar a adivinhação para as pessoas que não pertencem diretamente ao candomblé e, de igual modo, durante o período em que o terreiro fica fechado. Esse período, que corresponde ao período da quaresma, começa na quarta-feira de cinzas, um dia após o carnaval, e se estende até o sábado de aleluia. Nos candomblés da Bahia, realiza-se uma festa, com a finalidade de encerrar as atividades religiosas, chamada Lorogum. Essas atividades somente se reiniciam a partir do sábado de aleluia, com a limpeza e arrumação dos acessórios simbólicos dos santos. Em alguns candomblés, realiza-se no sábado uma pequena festa pública que marca o reinício das atividades religiosas.

As consultas devem ser pagas. O preço de cada uma delas varia de casa para casa. Existem terreiros que não estabelecem um preço fixo, embora seja obrigatório o pagamento simbólico, qualquer que seja a quantia dada pelo cliente. Às vezes, o preço da consulta está discretamente afixado em lugar bem visível, e o pai-de-santo jamais faz alusão ao pagamento na hora da consulta, a menos que lhe seja perguntado. Ele cuida para que tudo isso seja definido antes, evitando assim o constrangimento em solicitar o pagamento necessário. Se um cliente não dispõe da quantia prestabelecida, o sacerdote não se recusará a realizar a consulta, contanto que o consultante deposite algum dinheiro no espaço sagrado onde é realizada a adivinhação. O pai-de-santo nunca considera esses "honorários"...

peji

GIORNI FI...  
XU...CONSULTA...

GIORNI  
P...TI

GIORNI  
P...TI

GIORNI  
P...TI

GIORNI  
P...TI

GIORNI  
P...TI

GIORNI  
P...TI

Na e 'un papareto  
e 'un e  
Cabeça de  
Sua bi ca  
CHE É LA  
FORÇA PAU  
N ENT DATE

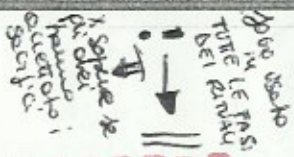
rios" como remuneração formal pelos serviços prestados. É uma compensação simbólica pela força dispensada para entrar em contato com as divindades. Contudo, é essa "remuneração simbólica", mesmo que se trate de valor mínimo, a fonte principal da receita de um terreiro. É com esse dinheiro que o pai-de-santo adquire as coisas indispensáveis ao bom andamento das festas e dele faz uso para fazer face às suas necessidades individuais, auxiliado apenas pela contribuição eventual dos seus acólitos. Atualmente, os candomblés estão se organizando cada vez mais em sociedades beneficentes" e exigindo de seus membros contribuições permanentes, padronizando, assim, a contribuição pecuniária que passa a ser obrigatória. No entanto, qualquer que seja o caso, o sacerdote depende dos recursos provenientes das consultas e de outras atividades paralelas ou decorrentes mesmo da adivinhação, como a preparação de ebós, que geralmente se seguem às consultas, para o provimento de suas necessidades pessoais, sociais e econômicas.<sup>12</sup>

O jogo de búzios na dinâmica dos rituais

Ao lado da adivinhação institucionalizada, o jogo de búzios é extensivamente usado em todos os passos dos rituais e nada se faz nos candomblés sem uma consulta prévia às divindades. São elas que determinam o que deve e o que não deve ser feito. O resultado dessas consultas indica se o orixá está satisfeito ou não com as obrigações que estão sendo realizadas e, principalmente, se os deuses aceitaram ou não os sacrifícios que lhes foram oferecidos.

Nas páginas que se seguem descreveremos, ainda que sucintamente, alguns rituais do candomblé com o objetivo de

(11) Para compreender os conflitos que podem surgir entre o poder religioso e o poder civil, na dimensão pai-de-santo/presidente da sociedade civil, recomendamos a leitura do trabalho de Ivonne Maggie Alves Velho, *Guerra de Orixá: um Estudo de Ritual e Conflito*, Rio de Janeiro, Zahar, 1975.  
(12) Para avaliação do custo das festas e das despesas de um pai-de-santo, vide Herskovits, M. "Some Aspects of Afro-bahian Candomblé", *Miscellanea*, México, P. Rivet, 1958.



LA DIVINAZIONE E UN SVENTO...  
E, PER QUESTO, IMPRESCINDIBILE...  
DELI PIU' LITURGIA DEL CANDOMBLÉ.

evidenciar a importância intrínseca da prática divinatória no andamento dos rituais. Aqui retomamos a idéia de que a adivinhação é um elemento estrutural e, por isso, imprescindível à execução dos atos litúrgicos do candomblé.

Além de consolidar a liderança sacerdotal, o jogo de búzios, um dos mais eficazes instrumentos de dominação e poder nas mãos do pai-de-santo, constitui-se, também, numa força integradora por excelência quando utilizado na contensão das tensões internas do grupo religioso, permitindo maior integração dos indivíduos no sistema mais amplo dos candomblés.

O pai-de-santo, que detém o poder absoluto, governa a comunidade com autoridade indiscutível. Quando uma de suas atitudes desagradada a um ou vários membros, estes tendem a aceitá-la, pois que ela se apóia e se legitima nas determinações sagradas anunciadas pela adivinhação. É certo que muitas de suas atitudes são ditadas pela sua vontade pessoal. Mas, desde que o sacerdote as atribui às decisões divinas, as críticas não serão formuladas, facilitando, assim, a sua condição de líder espiritual que encontra as melhores soluções para o grupo.

1) Uma das funções principais do dirigente do candomblé é determinar, corretamente, o orixá protetor de uma pessoa, assim como o orixá que o acompanha. Cada indivíduo tem um orixá, dono de sua cabeça, e um outro, chamado junjó. Assim, as pessoas estão sempre protegidas por duas divindades. Geralmente é a primeira, o dono da cabeça, o eledá, que a possui quando em estado de transe, podendo, entretanto, ser possuída, em outras ocasiões, pela segunda e, raramente, por uma terceira.

Quando uma pessoa decide procurar um pai-de-santo para ser iniciado no candomblé, a primeira tarefa do sacerdote consiste em realizar uma sessão divinatória para identificar o santo. Algumas circunstâncias especiais do candidato, traços de sua personalidade revelados durante uma conversa e alguns traços físicos podem indicar o provável santo do candidato. Mas o pai-de-santo jamais se contentará com essas indicações exteriores e, necessariamente, lançará os búzios para identificar o orixá protetor. Às vezes, o jogo chega mesmo a contradizer esses prognósticos feitos apressadamente e que são frutos de uma apreciação de algumas características exteriores do candidato. Em primeiro lugar, diz Edison Carneiro,

FORÇA DE  
INTEGRAR...  
A SEU...  
TENHA...  
DE...  
E...  
NO SISTEMA

de DIVINAZ...  
LEGITIM...  
DE...  
PAI-DE-S...

de...  
de...  
de...

"a mãe-de-santo olha o santo da iniciada," confirma por adivinhação o seu orixá protetor, mesmo que este já se tenha manifestado, de maneira a não deixar dúvidas sobre sua identidade".<sup>13</sup> É um dos momentos de maior responsabilidade do adivinho, que não pode se enganar e, se por acaso não descobrir o santo certo, as consequências são imprevisíveis tanto para ele quanto para o iniciando. E por todas essas razões que se recorre normalmente aos serviços de um outro sacerdote para uma consulta de confirmação, sem que tal atitude implique uma diminuição de seu prestígio pessoal. Em situação idêntica, ele será também solicitado e, geralmente, pelo mesmo a quem ele recorreu, criando assim um sistema de apoio capaz de reduzir os erros de ambas as partes. Citamos aqui, como exemplo, o nome da veneranda mãe Senhora, antiga mãe-de-santo do Axé do Opô Afonjá que, em situações análogas, costumava recorrer a um pai-de-santo para confirmar o seu jogo, o que sempre acontecia.

Referindo-se aos cuidados que deve tomar um pai-de-santo para identificar o orixá protetor de uma pessoa, assim se expressa Edison Carneiro: "O trabalho mais importante e mais difícil do candomblé é o da vista, pois, entre outras coisas, pode trazer enormes inquietações e desgraças indizíveis. Se o olhador se engana sobre o orixá de uma pessoa e, fiada na sua palavra, a mãe se dá à tarefa de preparar essa pessoa para recebê-lo, é quase certo que isso redunde numa série de complicações, tanto para a inicianda como para a mãe, o candomblé em questão e, por extensão, toda a comunidade dos candomblés".<sup>14</sup>

Essa sessão divinatória especial, realizada antes do período de reclusão iniciática, dá início a uma série de outras sessões que se intercalam nos diversos segmentos do ritual de iniciação. Essas sucessivas consultas bem revelam a prudência do sacerdote que necessita, a cada etapa dos rituais, do acordo

(13) Carneiro, Edison, *Candomblés da Bahia*, p. 114. Querino afirma que no tempo três olhadores (adivinhos) invocaram Iá para saberem qual santo devia presidir o destino da novilha. O resultado do jogo era comunicado exclusivamente ao pai-de-santo. Cf. Querino, Manuel, *A Raça Africana*, p. 64.

(14) Carneiro, Edison, *op. cit.*, p. 147.

divino, e bem define o jogo de búzios como um dos elementos essenciais ao bom andamento da liturgia dos candomblés.

2) Quando falece um líder espiritual dá-se início, no candomblé, ao ciclo de cerimônias fúnebres que se prolongam por muitos anos. Durante o primeiro ano, a casa fica enlutada e nenhum ritual público ali é realizado, excetando-se, obviamente, os ritos próprios dessas ocasiões, denominados de axexê nas casas Jejes-nagôs. Segundo um informante, o axexê é um ritual feito para o morto que tenha qualquer tipo de compromisso com o candomblé. Não é preciso ser filho-de-santo. No caso de uma pessoa confirmada em um posto, é necessário o axexê para que o título seja entregue a outro. Quando se trata de uma iaô, o axexê é o mais simples possível. Quando é filho-de-santo ou pessoa confirmada em um posto, que já tenha feito a obrigação de sete anos, o axexê dura sete dias. No caso de um pai-de-santo ou de uma pessoa de "grande fundamento", isto é, velho na seita, fazem-se obrigações de sete, trinta, noventa e cento e orienta dias, um, três e sete anos.

Após um ano de falecimento, uma sessão divinatória é realizada para se conhecer o nome do substituto. Essa sessão é esperada com grande ansiedade por todos da casa e pela comunidade religiosa de uma maneira geral. Fala-se, ainda que de modo reservado, dos possíveis candidatos, daqueles que melhor preenchem os requisitos necessários para ocupar o lugar da pessoa que faleceu. A rigor, qualquer filho-de-santo que já tenha realizado suas obrigações de sete anos naquele candomblé pode ser o escolhido. Mas é a mãe-pequena, a iaquerê, a melhor situada no processo sucessório, seguida das ebomins, aquelas pessoas que já têm muitos anos de iniciação.

Como a expectativa é muito grande em torno do nome que será escolhido, o jogo é realizado na presença de todos os membros da casa, além de convidados especiais de outros candomblés. Como tivemos oportunidade de assinalar, quase sempre um pai-de-santo ou uma mãe-de-santo de outro candomblé é especialmente convidado para realizar a sessão divinatória. O resultado dificilmente satisfaz as várias facções que se formam em torno de determinados candidatos à sucessão. "O resultado do jogo — que expressa a vontade dos santos da casa — geralmente ratifica as indicações já feitas, *in petto*,

11/11  
 ② MOAR  
 DI UU  
 LEADER  
 SP, PAREDE  
 AXEXÊ

DOPO AUTO:  
 AFOE X  
 SOTO IIAE  
 IISUCENAE

pela antiga chefe do terreiro. Quando isso não ocorre, e não existe um consenso no terreiro a respeito dos direitos preferenciais das candidatas, surgem atritos no grupo que podem resultar numa crise de sucesso.<sup>15</sup> A presença de um pai-de-santo de outro candomblé à frente do jogo divinatório pode atenuar as possíveis divergências que surgem no processo sucessório, mas não as elimina completamente. Seja qual for a pessoa convidada a realizar o referido jogo, ela estará de alguma forma relacionada com os grupos internos do candomblé através dos compromissos religiosos de toda natureza. Enfim, jamais será escolhida para essas tarefas uma pessoa totalmente estranha ao terreiro em questão.

Entretanto, as divergências criadas com a ascensão de um novo líder religioso são sanadas com relativa facilidade. Os grupos descontentes vão, aos poucos, se desfazendo na medida em que se organizam as novas relações de poder no candomblé. A necessidade de governar harmoniosamente o grupo religioso exige do novo líder muita habilidade política na acomodação dos insatisfeitos na nova ordem administrativa. Porém, nem tudo acontece como deseja o novo líder. A história dos candomblés está repleta de referências a grupos que, insatisfeitos, afastaram-se dos seus terreiros após a escolha dos novos líderes sacerdotais e foram fundar, alhures, seus próprios candomblés. Pode acontecer também que, pelo mesmo motivo, um determinado grupo permaneça no candomblé a fazer oposição ao novo dirigente. Quando isso ocorre, o sacerdote usará de todos os expedientes no sentido de fazer prevalecer sua autoridade, sem prejuízo da ordem interna e no mais absoluto respeito às hierarquias inclusivas do seu terreiro. "E os protestos dos descontentes devem ficar no plano dos comentários discretos, das censuras disfarcadas e, naturalmente, no âmbito operacional dos ebós para abreviar o mandato discrível do novo líder."<sup>16</sup> De qualquer maneira, as reações de descontentamento serão inteligentemente minimizadas pelo sacerdote que, a nível da estrutura religiosa, é a autoridade maior da comunidade em questão.

(15) Costa Lima, Vivaldo da, *A Família-de-Santo nos Candomblés Jeje-Nagô da Bahia*, p. 155.

(16) Costa Lima, Vivaldo da, *op. cit.*, p. 155.

### O jogo de búzios: o *obue* e o *orobô*

Apoiando-se nas informações do pai-de-santo Vidal, Bastide descreve a maneira como se desenvolve uma sessão divinatoria com o emprego dos búzios: "O adivinho sacode-os (os cauris) nas mãos, atirando-os em seguida no espaço vazio entre os colares. A cada pergunta feita, são necessários três lances. O primeiro é, por exemplo, para saber o nome da divindade; o segundo para o ajikwi, isto é, a pedra empunhada pelo consulente; o terceiro para a concha-dupla, também nas mãos do consulente. O sinal vencedor é o sinal mais forte, isto é, aquele em que caiu um número maior de conchas abertas. Nunca se consultam 16 cauris dispostos da mesma maneira, todos abertos, ou todos fechados — o lance é nulo".<sup>17</sup>

Os búzios, uma vez lançados, fornecem ao adivinho um conjunto de configurações a que se poderia chamar de micro-universo situacional do consulente. Contudo, antes de interpretar as indicações contidas nas configurações, o adivinho deve saber qual a divindade que vai responder durante o jogo. Com esse objetivo, ele lançará os dezessesis búzios, numa primeira tentativa para identificá-la, e poderá ser confirmado com o lançamento de apenas quatro búzios. Por exemplo, se na primeira tentativa seis búzios caem "abertos", ele sabe que é Xangô quem fala, quem responderá no jogo. Nesse caso, ele saúda essa divindade ou então, em sinal de respeito, toca o solo com a mão, erguendo-a, em seguida, à altura da cabeça. Em geral, ele procura obter a certeza quanto à divindade que responde e é por isso que, em vez de relançar todos os búzios, utiliza apenas quatro com o intuito de eliminar qualquer dúvida. Dizem que procedem dessa maneira porque, às vezes, um santo pode "passar por cima" (tomar o lugar) daquele que deveria responder, trazendo dificuldades ao andamento da consulta oracular.

Os quatro búzios oferecem ao adivinho cinco alternativas que podem ser reduzidas a duas, numa relação dicotômica de favorável ou não favorável ou, então, sim ou não, a depender de como foi formulada a pergunta à divindade. Esse sistema é

(17) Bastide, R. e Verger, R., *op. cit.*, p. 377.

(também válido para o jogo feito com o obi (semente da árvore *Cola acuminata*), e o orobô (*Garcinia guetoides*), comumente empregados pelos sacerdotes para saber se as divindades aceitaram ou não os sacrifícios que lhes foram feitos.

Existem duas variedades de obis conhecidas nos candomblés: o banjá e o abatá. "também chamado de 'Obi verdadeiro' ou 'Obi da Costa', por oposição ao primeiro chamado 'Obi nacional'. O banjá possui dois cotilédones e é usado em práticas religiosas restritas; o obi abatá, de quatro cotilédones, é usado na prática divinatória e da posição em que caem suas quatro partes — para cima ou para baixo — é que se manifesta a resposta do orixá".<sup>18</sup> Caso não haja o obi abatá, para a adivinhação, recorre-se ao obi banjá, o obi nacional, cortando em duas partes cada uma de suas metades. No caso do orobô, indispensável ao culto de Xangô, o pai-de-santo corta-o em quatro pedaços; em primeiro lugar cortam-se as extremidades e assim se obtêm as primeiras porções que serão inicialmente lançadas; e, depois, a maior parte será desdobrada em duas, formando-se, assim, um conjunto de quatro partes.

Jogando os quatro búzios, o obi ou orobô, podem ser obtidas as seguintes combinações, apresentadas com suas respectivas significações:



Quatro búzios abertos: **atafia**. Essa é a posição mais favorável. Representa paz, tranquilidade. Se um sacrifício foi ou é oferecido, essa resposta traduz a aceitação e a alegria das divindades.



Três búzios abertos: **etaná**. Trata-se de uma posição desfavorável. Nesse caso, perguntar-se-á ao santo a razão de tal



orobô

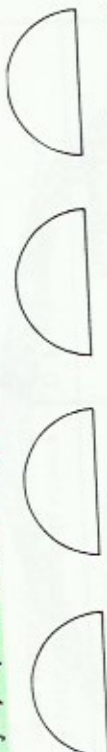
ocorrência. E, ainda, se algo está errado ou se ele deseja alguma coisa.



Dois búzios abertos: **ejialaqueto**. A resposta é favorável. Os búzios podem ser jogados novamente para maior certeza.



Um búzio aberto: **ocara**. A resposta é desfavorável. O adivinho procede como no caso de etaná.



Quatro búzios fechados: **ocieu**. É a posição mais desfavorável.

Convém acrescentar que o obi ou o orobô nunca são utilizados nas consultas para o grande público. Nesses casos, utilizam-se os búzios. O pai-de-santo poderá recorrer a esses instrumentos divinatórios para saber de algum problema de determinada pessoa somente durante as cerimônias em que esses frutos estão sendo utilizados. Por exemplo, quando se parte um orobô para Xangô, o sacerdote procura indagar deste orixá a respeito de seus acólitos.

A posição dos búzios e sua significação

O significado da posição de caída dos búzios, no espaço reservado à adivinhação, constitui-se em tema de difícil abordagem, dada a dificuldade de se obter informações mais completas. O sacerdote, quando interrogado a respeito, limita-se a fornecer algumas notícias sobre uma ou outra posição que ele imagina sem maiores comprometerimentos litúrgicos. Como já mencionamos, cada sacerdote constrói seu código particular

Dificuldade ad quem, ou seja, em formular o completo

Obi e orobô usam-se para o grande público

(18) Costa Lima, Vivaldo da, "Os Obis de Xangô", op. cit., p. 29.

de interpretação, especialmente para identificar aquelas mais raras de acontecer quando se lançam os búzios, já que as posições mais simples e seus significados são, de certo modo, do domínio público.

As posições apresentadas no quadro a seguir constituem uma codificação aleatória com base nas informações obtidas de informantes de diferentes candomblés da Bahia. Elas não formam, portanto, um código de um só pai-de-santo e servem aqui para exemplificar esse segmento importante da arte divinatória.

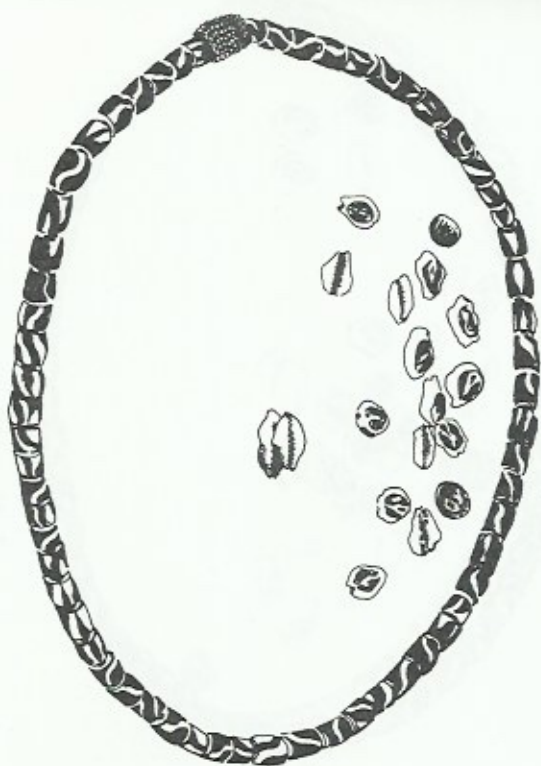
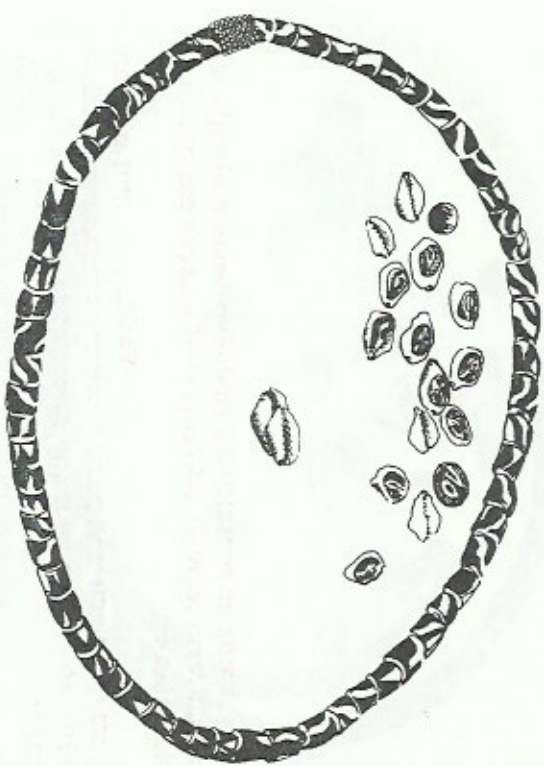
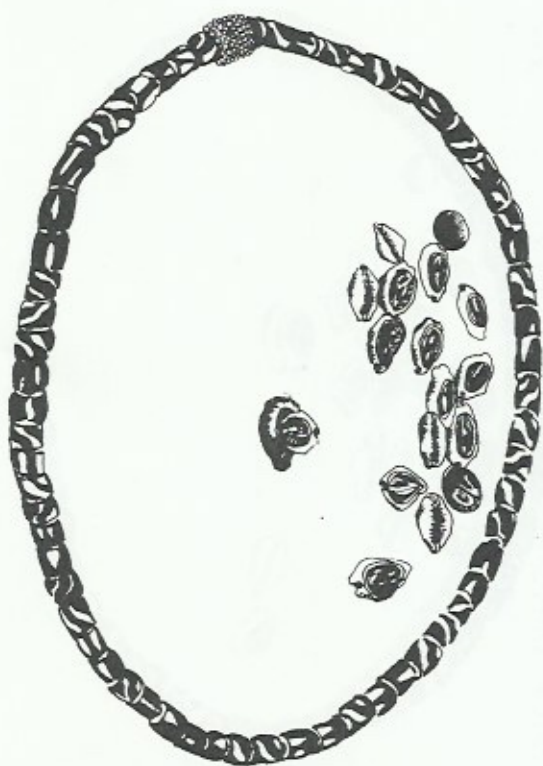
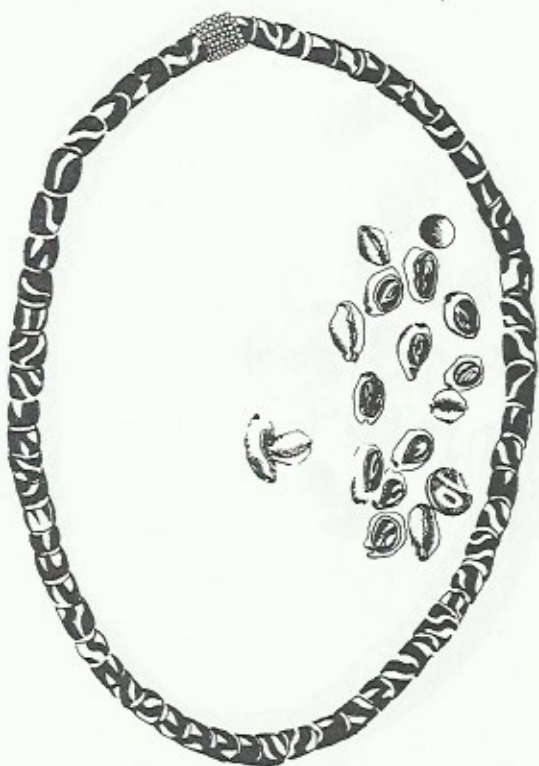
| Posição dos búzios  | Significação   |
|---|--|
| 1) A parte aberta apoiada sobre a parte aberta de um outro.   | 1) Problemas conjugais.                                  |
| 2) A parte aberta do búzio cai na abertura de um outro; o búzio de cima fica ligeiramente deslocado para a direita. | 2) Transgressão de uma ordem prescrita.                  |
| 3) A extremidade mais larga do búzio está apoiada na parte aberta de um outro.                                      | 3) O santo não está contente. Deve-se fazer um ebbó.     |
| 4) A parte estreita de um búzio está apoiada na parte aberta de um outro.   | 4) Morte. Sérias complicações de saúde.                  |
| 5) A parte fechada de um búzio apoiada na parte aberta de um outro.   | 5) Problemas de santo. Pergunta-se o que o santo deseja. |
| 6) Dos dezesseis búzios, nove caem abertos e um cai em cima de outro.   | 6) Problemas sexuais.                                    |
| 7) Dos dezesseis búzios, nove caem abertos, um cai em cima do outro e dois caem para um lado, juntos.               | 7) O parceiro (sexual) irá embora.                       |

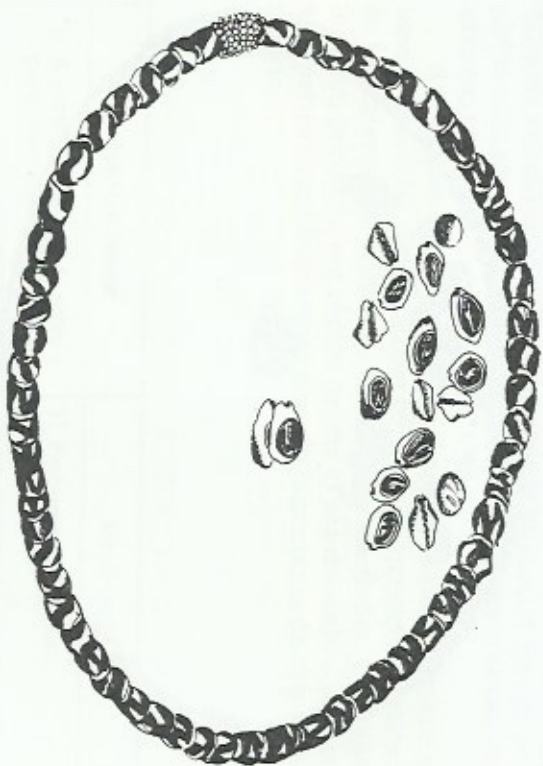
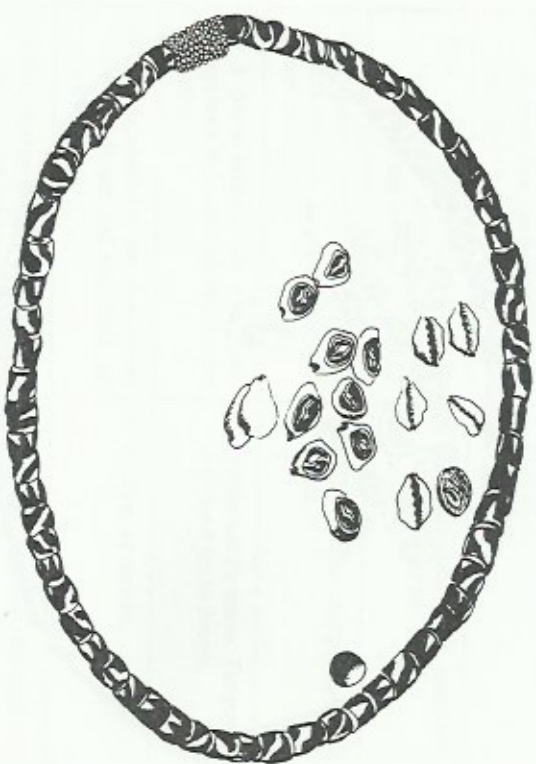
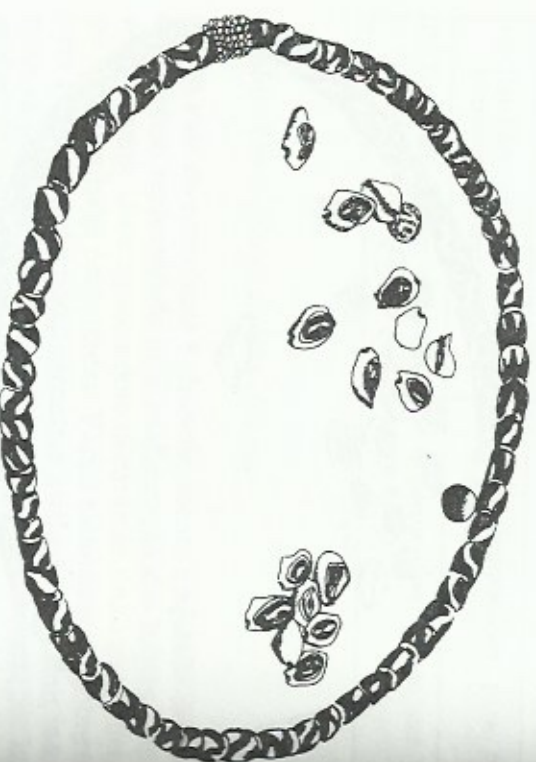
| Posição dos búzios   | Significação  |
|--|---|
| 8) Poucos búzios caem para um lado, formando um grupo separado.                        | 8) Complicações para o consulente.                          |
| 9) Dois búzios caem para um lado, um fechado e outro aberto.                           | 9) O fechado indica morte; o aberto, a proteção do santo.   |
| 10) Um búzio cai fora do espaço reservado à adivinhação.                               | 10) O consulente deve fazer um "trabalho" em seu benefício. |
| 11) Dois búzios caem para a esquerda, dentro do espaço sagrado, e outro cai num canto. | 11) Uma viagem com lucros financeiros.                      |
| 12) Alguns búzios formam uma cruz.   | 12) Promessa não cumprida.                                  |
| 13) Alguns búzios formam uma linha reta.   | 13) O consulente não tem problemas. "Caminho aberto".       |
| 14) Um búzio cai sobre um outro formando uma cruz.                                     | 14) Sérias complicações para o consulente.                  |
| 15) Dois búzios caem circundados por outros quatro abertos.                            | 15) A pessoa deve se submeter à iniciação.                  |

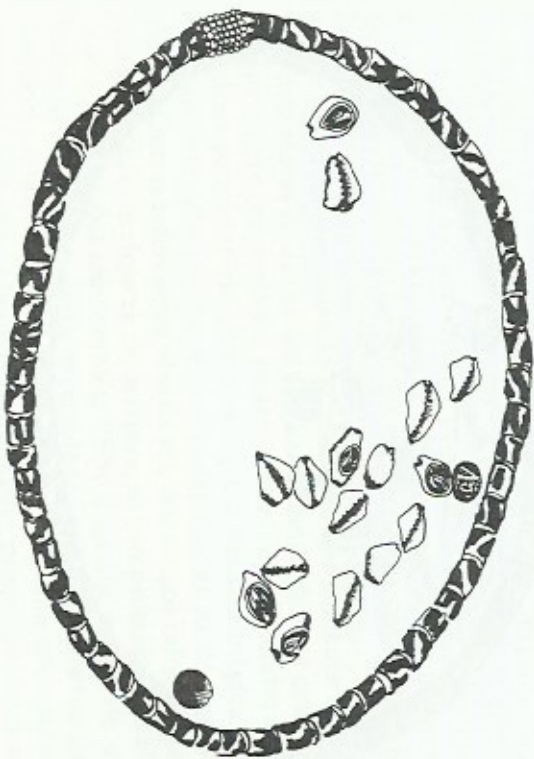
### O ebbó. Uma oferenda aos deuses

A vida do consulente é simbolicamente projetada no microuniverso representado pela configuração dos búzios, uma vez lançados. Cabe ao sacerdote decifrar os sinais provenientes das divindades consultadas. Vários elementos contribuem para que o adivinho possa encontrar a solução que mais interessa ao consulente e que corresponda às determinações sagradas. O conhecimento da personalidade mítica da divindade consultada, as indicações eventualmente contidas na pergunta formulada pelo consulente e a grande habilidade adquirida pelo constante exercício divinatório, tudo isso lhe dá a

EBBÓ  
PROBLEMAS  
LÍNGUA

1. *Problemas conjugais.*2. *Transgressão de uma ordem prescrita.*3. *O santo não está contente.*4. *Morte.*

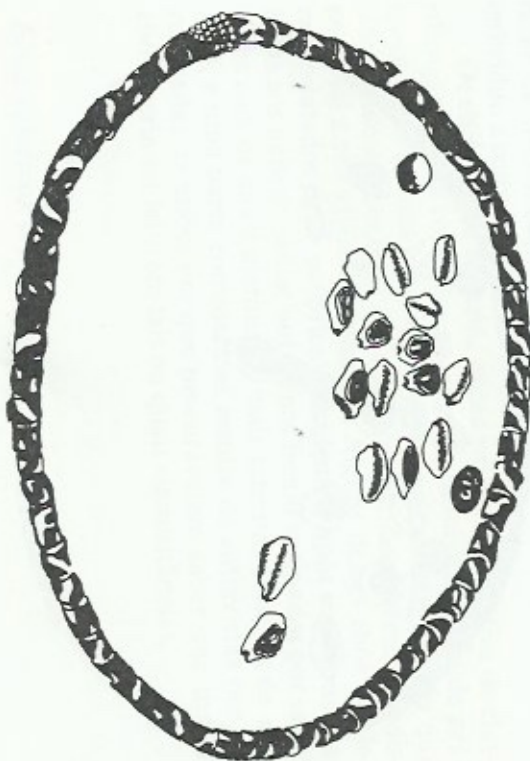
5. *Problemas de santo.*6. *Problemas sexuais.*7. *O parceiro tá embora.*8. *Complicações para o consulente.*



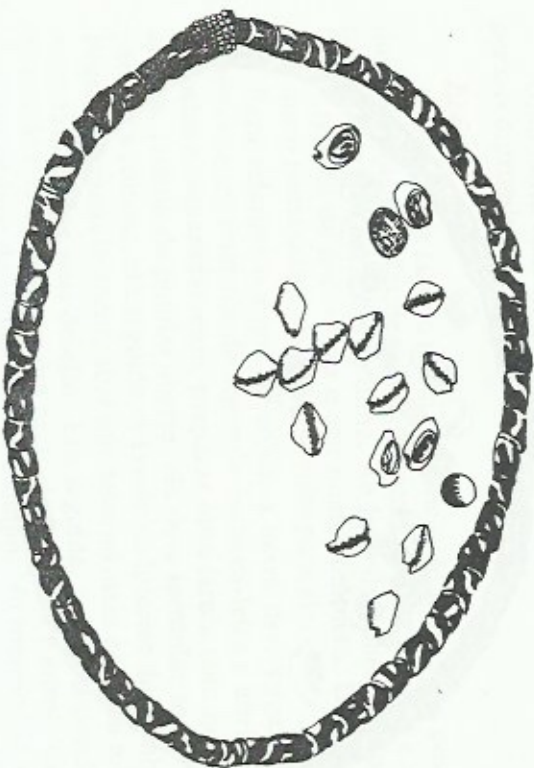
9. Morte e proteção do santo.



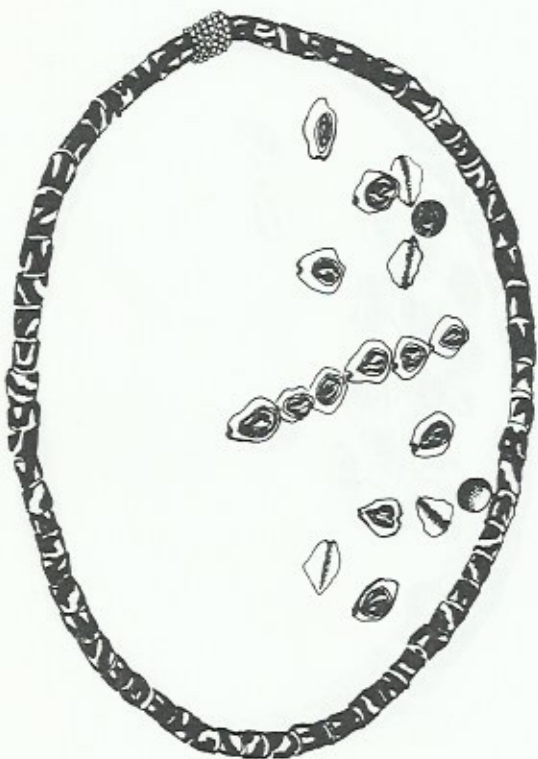
10. O consistente deve fazer um "trabalho".



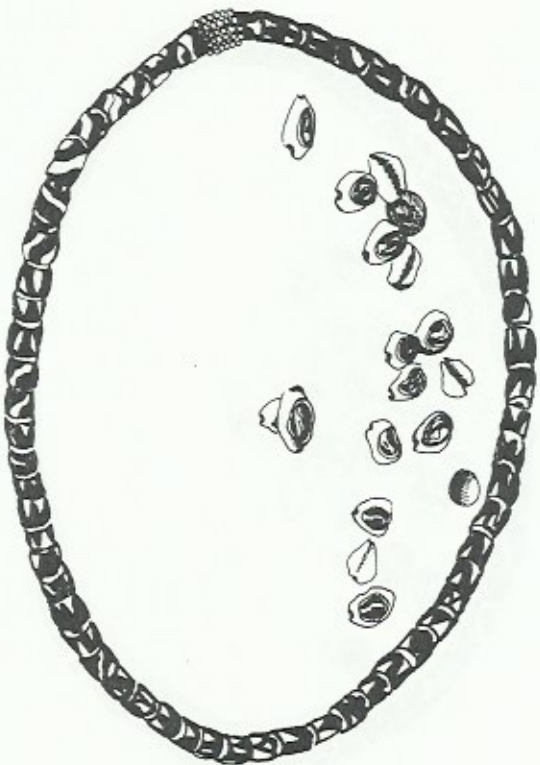
11. Viagem e lucros financeiros.



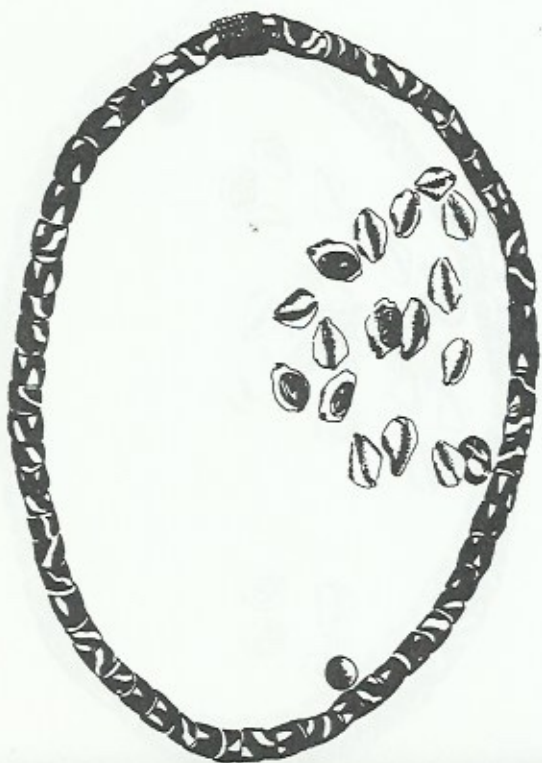
12. Promessa não cumprida.



13. "Caminho aberto".



14. Sérias complicações.



15. Possibilidade de iniciação.

FASES  
OPERATIVAS  
DA  
DIVINA  
ERÓ

necessária **segurança para interpretar as posições de cada dos búzios**. Os pais-de-santo memorizam com relativa facilidade as configurações mais frequentes formadas pelos búzios, assim como seus respectivos significados, o que lhes permite uma rápida leitura do conjunto das configurações que se formam pela totalidade dos búzios lançados. A partir daí, **a lógica consiste basicamente em excluir as que, para eles, não oferecem nenhum campo de relação com o problema trazido pelo consulente**. Dessa maneira, o sacerdote contará com um número suficiente de dados que o auxiliam na prescrição dos meios mágicos indispensáveis à obtenção da interferência divina. Ele entra, então, **na fase operacional do ebó, do sacrifício votivo, daquilo que deve ser oferecido aos deuses para que o consulente possa contar com a ajuda divina**.

Manuel Querino, numa longa descrição do ebó e de suas funções no contexto religioso, oferece os seguintes exemplos de sua utilização mágica: "Quando se pretende ou se trata de afastar o inimigo, atiram-se pipocas à rua; se porventura se borria de água a porta principal de qualquer habitação, cumpre-se uma promessa, impetrando bom êxito em qualquer ne-



**2) Problema:**

Uma mulher sofre maus-tratos do marido. Além disso, ele tem uma relação extraconjugal.

**Ebó:**

Pilam-se vinte e uma pimentas-da-costa (*Afromomum melegueta*) e vinte e uma pimentas malagueta (*Capsicum frutescens*). Coloca-se a mistura em uma garrafa contendo cachaca e, dentro dela, o nome do marido e de sua amante. Leva-se a garrafa para uma encruilhada, e aí pede-se a Exu para separar os dois amantes. Em seguida, quebra-se a garrafa deixando-a naquele local.

**3) Problema:**

Abortecimentos no lar.

**Ebó:**

Pega-se um coração de boi, uma faca nova, mel de abelha e uma panela. Abre-se o coração dizendo as seguintes palavras: Fulano, estou abrindo o seu coração. Assim como esse mel é doce, você deve ser doce comigo, doce e carinhoso. Deixa-se o trabalho "arriado" três dias em casa (no chão), cobre com milho branco cozido sem sal e depois cobre tudo com um pano branco. Depois dos três dias leva para um mato verde.

**4) Problema:**

Marido possui amante. Mulher deseja afastá-lo da corrente.

**Ebó:**

Toma-se um coração de boi, mel, meio quilo de milho branco e cinco acacás. Na abertura normal do coração, coloca-se um papel com o nome dela e do marido, escritos sete vezes. Depois coloca o coração num prato de papelão e, em volta, os acacás, o milho branco e depois derrama-se mel em cima. Tudo deve ser passado, antes, no corpo da pessoa, es-tando esta descalça. O trabalho é feito dentro de casa, devendo-se queimar incenso durante a realização do trabalho. Depois de feito tudo isso, depositar no lugar indicado pelo orixá.

**5) Problema:**

Marido tem uma amante. Esposa deseja separá-lo da amante, fazendo-o esquecer-la.

**Ebó:**

Um coração de boi, três rosas brancas, milho branco, retrato do marido e da esposa. Feito o trabalho se espera sete, quatorze ou vinte e um dias. Se a situação não mudar, a consultante deve voltar ao pai-de-santo para fazer outro trabalho. O outro trabalho levará três moedas, milho de galinha cozido, milho branco e sete velas.

**6) Problema:**

O marido, em casa, se transforma; e a mulher, vendo que nada mais dá certo, deseja um trabalho para afastá-lo definitivamente.

**Ebó:**

Pega-se a palmilha do sapato do pé esquerdo dele, junto com fel de boi, e joga-se na maré de vazante, dizendo as seguintes palavras: "Assim como eu jogo esta palmilha dentro das ondas do mar sagrado, assim fulano há de ir embora da minha companhia". Em casa, quando ele sair, a mulher varre, pelas costas dele, os passos, e despacha a porta com: chá de alumã, tapete de Oxalá, sal grosso e cinza. Nesse caso não se usa incenso; usa-se tudo que amargue, para ele se aborrecer e ir embora de uma vez.

**7) Problema:**

Vive com o marido, mas pretende afastá-lo.

**Ebó:**

Escreve-se o nome dele num pedaço de papel em forma de cruz, colocando-se em uma vasilha com a folha corredeira e coirana, que são tiradas ao meio-dia juntamente com a folha de espinho. Despacha-se ao meio-dia e às 18 horas com a água minada das folhas, na porta de saída, dizendo as seguintes palavras: "Assim como eu estou despachando e o Sol que se vai pondo na serra, assim fulano sairá da minha companhia, com os poderes de Exu Mulambinho, Arranca Toco e Estrada Larga.

112 - P. 102

e nativo. Após cada banho, acender uma vela para seu anjo da guarda.

**4) Problema:**

Uma pessoa deve realizar uma viagem de negócios.

**Ebó:**

Compra-se um cesto de tamanho médio, dois quilos de milho vermelho, pipoca, dois obis, sete acaçás cortados em quatro, azeite de dendê, mel, vinho branco e um pombo branco. Ao depear o pombo, pede-se para abrir os caminhos dessa pessoa e livrá-la de todas as maldades. Deve-se depear o pombo na beira da praia, dizendo-se: "Ofereço a vós, Lemanjá. Assim como as ondas do mar vêm aos meus pés, que venha tudo que eu desejo". Depois coloca-se no balaio todos os ingredientes, pedindo proteção a Lemanjá, Oxalá e Oxum. Quando passar a primeira onda, suspende-se o balaio; na segunda onda, torna a suspendê-lo e na terceira "arreja-se".

**5) Problema:**

Dificuldades financeiras. O salário não cobre as despesas (citamos aqui alguns ebós que podem ser prescritos).

**Ebó (1):**

Compra-se um pombo branco, milho, sete velas, três cartéis de linha, um pacote de pólvora, um metro de tecido branco, uma bacia e farinha para fazer farofa. O pombo, depois de ser passado no corpo, será solto, ao tempo que se pronuncia certas palavras que exprimem o desejo de que todos os males e dificuldades sejam levados pela ave. As velas, depois de passadas pelo corpo, devem ser quebradas para que se quebrem todas as dificuldades. Os cartéis devem ser desenrolados à medida que são passados no corpo; o tecido branco e a farofa são passados da mesma maneira. Com a pólvora se faz um círculo, coloca-se a pessoa no meio, queimando a pólvora ao tempo em que se pede pela felicidade da pessoa. Todo o material é posto na bacia e levado a uma encruzilhada.

**Ebó (2):**

Compram-se cinco acaçás vermelhos, cinco acaçás brancos, meio quilo de milho branco, meio quilo de milho vermelho, meio quilo de pipoca, um pedaço de fumo de rolo, três

moedas, mel de abelha e uma vela que deverá ser acesa durante o trabalho. Todos os ingredientes devem ser passados sobre o corpo do consulente e em seguida jogados no mar, na enchente da maré, na sétima onda a partir do momento em que chegar à beira da praia. Depois disso, tomar banho com as seguintes folhas: abre-caminho, vassourinha, água de alente e vence-tudo.

**6) Problema:**

Situação financeira dificultada devido a atraso no pagamento.

**Ebó:**

Acende-se uma vela grande em um prato fundo, branco e que não tenha sido usado. Embaixo da vela se coloca o nome do patrão e, por cima, joga-se mel de abelha. Quando o patrão é muito difícil, coloca-se o nome dele dentro do sapato esquerdo, e calça-se esse sapato durante sete, quatorze, ou vinte e um dias. Se depois de tudo isso o pagamento não foi feito, deve-se fazer um trabalho para Exu. Oferecer um galo e cachaca para Exu Sete Facadas, uma cerveja para Exu Tranca Rua, e sete charutos para outros Exus donos da rua.

**7) Problema:**

Um grupo de pessoas (uma empresa) se acha em dificuldade.

**Ebó:**

Coloca-se dentro de um prato branco os nomes das pessoas que compõem o grupo. Cozinha-se milho branco sem sal e depois de esfriado, coloca-se mel de abelha por cima. Cobre os nomes das pessoas com esse material, pedindo ajuda a Oxalá para que o grupo prospere.

**Ebós relativos a problemas religiosos**

**1) Problema:**

Um médium passa a ter sérios problemas de saúde.

**Ebó:**

Se o problema é causado por egum, faz-se uma limpeza

**8) Problema:**

Um casal vive junto há muitos anos. Subitamente surge o desentendimento por causa de uma mulher que quer seduzir o marido. Diante dessa situação, a esposa deseja que a mulher se afaste definitivamente do seu marido.

**Ebó:**

Compram-se os seguintes ingredientes: um frango, sete acaráis, sete acarajés, sete velas brancas, trêsovelos brancos, uma garrafa de cachaca, uma garrafa de azeite de dendê, um metro de pano branco, um metro de pano vermelho, um metro de pano preto, um alguidar, um pacote de pólvora. Levar todos esses ingredientes juntamente com uma roupa do marido à mãe-de-santo que deve passar tudo no corpo da cliente. À medida que for limpando o corpo, ela deve pedir em voz alta que carregue todo o mal pra cima da outra mulher e que ela se esqueça do seu marido, "assim como a água esquece a fonte". Em seguida, após a limpeza do corpo, procede-se à limpeza da casa, usando arueira, murici, candeia. Depois do sacudimento, queima-se pólvora e barrufa-se a casa com água de açúcar e água de flor. Acende-se uma vela atrás da porta pedindo que traga a paz. Por fim, deverá fazer um ebó para Oxalá na intenção do marido.

**9) Problema:**

Dois jovens se conhecem e entre eles nasce um grande caso de amor. Com o tempo o rapaz continua apaixonado, mas a moça não o ama mais. Como fazer para que a moça volte a amá-lo?

**Ebó:**

O rapaz deve levar o nome e o endereço da jovem para que a mãe-de-santo possa chamar o seu anjo da guarda. O rapaz deve escrever o nome dela com um lápis que ainda não foi usado e em seguida cruzar o nome dela com o seu. Fazer um círculo com o mesmo lápis, prendendo assim o nome dos dois. Colocar o papel dentro de um pires branco, acender uma vela e pôr um pouco de mel de abelha e rezar um pai-nosso para o anjo da guarda dela. Deve tomar três banhos durante três dias consecutivos com três folhas perfumadas: manjeriçã, macacá e água de alevante.

**Ebós relativos a problemas profissionais e econômicos****1) Problema:**

Uma pessoa tem uma profissão, mas não encontra emprego.

**Ebó:**

Inicialmente ela deve fazer uma limpeza do corpo, usando para isso verdura e legumes, com exceção de giló. Deve levar para o pai-de-santo: uma garrafa de cachaca, três charutos, sete velas, um frango escuro, um metro de pano branco, um metro de pano vermelho, um metro de pano preto, um alguidar e uma caixa de fósforo. Com o dendê se prepara uma farofa; faz-se também uma farofa com cachaca e, juntamente com charutos e velas, são passadas no corpo. Uma das velas deve estar acesa durante o trabalho. Passa-se também a galinha no corpo para depois sacrificá-la. Depois de tudo isso, faz-se um pacote com todos os ingredientes, leva-se a uma encruzilhada e se oferece a Exu.

**2) Problema:**

Uma pessoa se acha na iminência de perder o emprego.

**Ebó:**

Compra-se uma bacia de cerâmica, meio metro de algodão (tecido), três acarajés, três acaráis, pipocas, um pedaço de fumo, sete charutos, sete velas brancas, uma garrafa de cachaca, mel de abelha, azeite de dendê, farinha e um galo. Preparam-se duas farofas: uma de mel e outra de azeite. Com o galo ainda vivo, pede à pessoa para formular três pedidos que deverão ser ditos dentro do ouvido do galo. Tudo deve ser passado no corpo do consulente e depois colocar na bacia e "despachar" na encruzilhada.

**3) Problema:**

Uma pessoa deve se submeter a um concurso.

**Ebó:**

Tomar um banho durante cinco dias, com as seguintes folhas: abre-caminho, tira-teima, vence-tudo, espada de Ogum

de corpo com meio quilo de milho branco, 250 gramas de arroz, um metro e meio de tecido branco, três carretéis de linha, quatorze velas brancas, uma vassoura de palha, sete pedaços de carvão, sete bolos de farinha, três acacãs brancas, uma farofa branca, uma roupa velha da pessoa, uma bacia. Prepara-se o milho branco e o arroz sem sal. Esses ingredientes devem ser passados pelo corpo do consulente. Os carretéis devem ser desenrolados aos poucos e as velas quebradas logo depois do trabalho. Com a farofa molhada, fazer sete bolos misturados com carvão, passando-os também pelo corpo da pessoa. Terminada essa limpeza, rasga-se a roupa dizendo palavras apropriadas para a circunstância. Todo material é depois colocado na bacia que deverá ser depositada na porta de um cemitério.

### 2) *Problema:*

Uma pessoa é repentinamente atacada por uma dor de cabeça devido à influência de uma entidade.

### *Ebó:*

Passa-se sete acacãs pelo corpo da pessoa, jogando-os depois na rua. Tomar sete banhos com as seguintes folhas: espada de Ogum, arruda, vence-tudo, tira-teima, abre-caminho. Esses banhos devem ser tomados durante sete dias consecutivos. Depois dos sete banhos, colocar três rosas brancas em água doce e acender duas velas para São Cosme.

### 3) *Problema:*

Uma pessoa está doente e os tratamentos médicos não fazem nenhum efeito.

### *Ebó:*

Se a doença é causada por egum, faz-se um trabalho para afastá-lo. Utiliza-se nove ecurus feitos com feijão fradinho temperado com camarão, pimenta e cebola; tecido branco, nove ovos, nove velas, nove pedaços de repolho, uma boneca, feijão fradinho, feijão branco, nove bolos de farinha, nove bolos de arroz, milho branco cozido, uma galinha branca ou um pombo branco e um cesto grande. Tudo deve ser passado pelo corpo da pessoa. Em seguida, enrola-se a cabeça com o tecido branco. Depois desse trabalho ela deve tomar um banho de folhas recomendadas para esse fim.

## 5 Um modelo da técnica divinatória por meio dos búzios

### *Introdução*

Propomo-nos a descrever aqui um dos modelos da técnica divinatória, a partir de um conjunto de anotações contidas em documentação escrita, que muito nos ajudou na compreensão de como se articulam diferentes elementos componenciais da arte divinatória.<sup>1</sup> Essas anotações, às vezes conseguidas com grandes dificuldades, são fundamentais no processo de memorização dos mitos e ritos, especialmente daqueles de que se valem menos freqüentemente os sacerdotes dos candomblés. A transmissão escrita, com a passagem de uma geração à outra de elementos da cultura religiosa, produz um verdadeiro circuito informativo de pessoa a pessoa, pois quem assim procede, exige, quase sempre, outras informações em recompensa às que foram transmitidas.<sup>2</sup> Esse processo de transmissão escrita tem sido extremamente eficaz no auxílio à transmissão oral, essa última limitada às ingerências do processo

(1) Incluímos, em anexo, um quadro sinóptico relativo às divindades afro-brasileiras, o que permitirá um melhor acompanhamento do exercício divinatório.

(2) Queremos agradecer ao ilustre pesquisador Pierre Verger a sua colaboração nos cedendo material indispensável à redação deste capítulo. Em 1980 publicamos o livro *Contos Afro-Brasileiros*, pela Fundação Cultural do Estado da Bahia, e ali fizemos uma seleção de alguns mitos relacionados com a prática divinatória. No corpo deste capítulo aparecem todos os mitos de que dispomos, ordenados de maneira a oferecer maior facilidade ao leitor quanto às suas relações com a inteligência divinatória.

iniciático, permitindo que chegue às novas gerações o conteúdo cultural indispensável ao assentamento dos valores religiosos que dão substância à religião afro-brasileira.

Nesse modelo são consideradas apenas quatorze combinações para um total de dezesseis búzios, visto que não se consultam as duas últimas, que seriam de quinze e dezesseis búzios abertos. No entanto, quando elas ocorrem, os sacerdotes as consideram portadoras de bons presságios e lançam os búzios para efeito de confirmação.

Cada uma das quatorze combinações traz o nome do odu (caminho) e cada odu, por sua vez, recebe um nome específico, conforme o quadro a seguir.

| Combinações |         | Nome do odu  |
|-------------|---------|--------------|
| Aberto      | Fechado |              |
| 1           | 15      | Ocarã        |
| 2           | 14      | Ejicô        |
| 3           | 13      | Eia-ogundá   |
| 4           | 12      | Irossum      |
| 5           | 11      | Oxé          |
| 6           | 10      | Obará        |
| 7           | 9       | Odi          |
| 8           | 8       | Ejionilé     |
| 9           | 7       | Ossá         |
| 10          | 6       | Ofun         |
| 11          | 5       | Owarin       |
| 12          | 4       | Ejilá-Seborá |
| 13          | 3       | Ejiologbon   |
| 14          | 2       | Iká          |

Para cada uma das combinações existe uma divindade que responde durante o jogo. Há combinações que pertencem a mais de uma divindade. Quando elas ocorrem, o sacerdote procura saber, por intermédio do jogo com quatro búzios, qual é a divindade que vai responder. Por exemplo, se três búzios caem abertos e treze fechados, o sacerdote procura sa-

ber quem é Ogum ou Iemanjá que vai tomar a frente para responder, a considerar esse modelo onde, nessa combinação, uma dessas duas divindades pode assumir a tarefa de responder, como veremos no quadro a seguir.

| Combinações |         | Divindades         |
|-------------|---------|--------------------|
| Aberto      | Fechado |                    |
| 1           | 15      | Exu                |
| 2           | 14      | Ibêji              |
| 3           | 13      | Ogum/Iemanjá       |
| 4           | 12      | Oxóssi             |
| 5           | 11      | Oxum/Euá/Iemanjá   |
| 6           | 10      | Xangô              |
| 7           | 9       | Exu                |
| 8           | 8       | Oxalá              |
| 9           | 7       | Iansã/Egum         |
| 10          | 6       | Oxalá              |
| 11          | 5       | Exu                |
| 12          | 4       | Xangô              |
| 13          | 3       | Omolu/Naná/Oxumaré |
| 14          | 2       | Egum               |

#### As histórias-exemplo

Existe, para cada odu (ou combinação dos búzios), um conjunto de mitos conhecidos, variando de quatro a sete. Eles são também conhecidos por "caminhos" e correspondem às possibilidades de explicações e de soluções que podem ser encontradas para uma situação bem determinada, trazida pelo consulente. Cabe ao sacerdote escolher, através de quatro búzios, a história ou "o caminho" que melhor se presta a fornecer os dados com os quais o sacerdote vai decifrar todo o entredo que envolve, no campo mítico, o problema que lhe foi trazido.

Esses mitos, como já assinalamos, foram reinterpretados

e ajustados às novas motivações socioculturais, em consequência de sua transplantação da África para o Brasil. Em função desse processo de redução à nova realidade, surgiram variantes que se tornaram bastante conhecidas entre o povo-de-santo. Mas outros mitos se mantiveram quase inalterados, guardando seu conteúdo simbólico de origem, com ligeiras acomodações que garantem sua funcionalidade dentro da nova ordem social onde se acham. Esses mitos não sofreram transformações mais significativas porque foram conservados na memória dos mais atentos na preservação desses conhecimentos e, muito particularmente, porque permaneceram ligados às práticas divinatórias que se mostram bem resistentes a um processo rápido de mudanças. Outra explicação poderia ser encontrada no fato de que muitos desses mitos foram preservados em cadernos que, de certa forma, fossilizam o seu conteúdo com prejuízo de uma atualização que certamente ocorreria se eles estivessem submetidos à transmissão oral. Mas essa documentação desempenha um papel fundamental de apoio à memorização do conteúdo mítico indispensável às práticas divinatórias. É uma equívoco muito grande imaginar que as diferentes formas de registros, tais como anotações, gravações e até mesmo discos, não estivessem a emprestar um apoio muito grande no processo de passagem do saber iniciático de uma geração a outra. Contudo, os sacerdotes jamais se valem dessa documentação quando no exercício de suas tarefas religiosas. No caso de jogo de búzios, o problema levantado pelo consulente serve de referência mnemônica que remete, de forma contínua, o adivinho a uma das histórias-exemplos mais suscetível de oferecer uma explicação mágica que lhe oriente na busca de uma melhor solução prática ao problema em causa. É o caso, por exemplo, da sessão divinatória realizada para a revelação do odu (destino) pessoal de uma noviça. A posição de queda dos búzios revela o odu que, por sua vez, remete o adivinho às histórias que estão ligadas àquele odu específico. Nesse estágio da operação divinatória, cabe ao sacerdote optar pela recitação do mito que melhor se ajusta à explicação e revelação do odu pessoal. Pode também acontecer, a depender da situação, que o adivinho organize mentalmente um "arquétipo mítico" a partir de uma seleção de unidades constitutivas de diversos mitos ligados a uma

determinada combinação. Assim procedendo, ele disporá de um número maior de referências míticas que lhe permitirão alargar as possibilidades de compreensão do problema em questão. De modo geral, a lógica consiste, basicamente, na exploração de "mitemas" — para usar uma linguagem estruturalista —, que fornecem ao adivinho o caminho a seguir em uma sessão divinatória. Esses elementos, uma vez selecionados, indicam *in abstracto* a projeção no universo mítico da situação vivida por um determinado consulente. É nesse universo mítico que o sacerdote vai encontrar a explicação do problema que motivou a consulta oracular, assim como os meios necessários que hão de provocar a interferência divina.

### O ebó

No modelo aqui apresentado, a estrutura do ebó é elaborada a partir da leitura dos textos míticos que permite ao sacerdote a seleção de elementos significativos da narrativa e que serão utilizados como peças fundamentais da oferenda aos deuses. Mas outros elementos serão incluídos e eles são constantes na preparação de diferentes ebós, para não falar da grande capacidade criativa dos pais-de-santo que incluem outros aprestos que terminam por acrescentar outros valores mágicos e simbólicos.

Nas sessões divinatórias que prescindem das histórias-exemplo, como parece ser o caso da maioria das consultas realizadas para resolver problemas mais gerais e menos críticos, os ingredientes que deverão compor o ebó são identificados através do jogo com quatro búzios. É preciso salientar que muitos desses ebós, na sua composição básica, são memorizados pelos pais-de-santo, o que facilita sua prescrição ao consulente. Outros sacerdotes guardam pequenos cadernos que são verdadeiros repositórios de ebós, com indicações precisas de composição e utilização. Caso extremo é o de uma mãe-de-santo que dispõe de um catálogo de ebós dos mais variados tipos. Após a consulta, ela fornece ao consulente uma folha de papel mimeografado, em forma de aviamento, contendo a lista de ingredientes do ebó prescrito, assim como informações complementares relativas à sua preparação e modo de usar. Como quer que seja, o modelo aqui referido contém, de

maneira bem ordenada, os elementos essenciais do jogo divinatório com o auxílio dos búzios. É evidente que esse conjunto de conhecimentos não seja distribuído uniformemente entre os pais e mães-de-santo da Bahia. Cada um organiza, a partir do que lhe foi transmitido — e por ele próprio criado —, um conjunto harmonioso de elementos onde se introduz uma lógica funcional que lhe serve de base para o exercício divinatório. Isso talvez possa facilitar a compreensão do fato de cada pai-de-santo julgar-se possuidor do único saber válido. Eles estão sempre prontos a criticar e até mesmo ridicularizar o saber divinatório dos outros, considerando-o quase sempre inferior ao seu.

Ainda que a nossa intenção não seja a de estabelecer um quadro comparativo dos diversos modelos, julgamos pertinente incluir algumas referências sobre o jogo de búzios praticado no Rio de Janeiro e em Pernambuco, dois estados brasileiros fortemente influenciados pela cultura africana. Se assim procedemos, é para que o leitor possa ter uma idéia mais nítida da difusão do jogo de búzios, particularmente nas regiões de maior incidência das manifestações religiosas afro-brasileiras. Assim é que incluímos algumas notícias sobre a técnica divinatória estudada por René Ribeiro no Recife,<sup>3</sup> e outras tantas referentes ao método chamado de obaniká por Byron Torres, no Rio de Janeiro.<sup>4</sup>

As interpretações dos mitos estão, tanto quanto possível, próximas das feitas pelos adivinhos. Quando achamos necessário, chamamos a atenção do leitor para um detalhe específico do procedimento interpretativo, sem prejuízo dos mesmos intelectuais acionados pelo sacerdote na sua operação divinatória. Os textos míticos obedecem a uma lógica nem sempre aparente, têm feições de um discurso inacabado, mas nisso reside todo o seu valor mágico. Mas o mito não necessita de explicações, ele se integra nos ritos onde seu sentido está incrustado, transparecendo à medida que aqueles se desenrolam.<sup>5</sup>

(3) Ribeiro, René, *Os Cultos Afro-Brasileiros...* op. cit.

(4) Freitas, Byron Torres de, *Os Orixás Falam no Jogo de Búzios*, Rio de Janeiro, Eco, 1963.

(5) Paulme, Denise, "Que Savons-nous des Religions Africaines?", in *Les Religions Africaines Traditionnelles*, Paris, Seuil, 1965, p. 18.

Para melhor facilitar a compreensão da inteligência divinatória incluímos, em cada combinação dos búzios, o resumo dos mitos que a ela estão relacionados. No final deste capítulo, o leitor encontrará os textos míticos integrais, com uma referência numérica indicadora de suas relações com as diferentes combinações dos búzios.

## PRIMEIRA POSIÇÃO

Um búzio "aberto" e quinze "fechados".

Nome: Ocarã (BA).

Essa posição é também conhecida pelos nomes: Onicançã (RJ), Onican-Du (PE), Mangala (BA), Okã-Xoxô (BA), Obedi (BA).<sup>6</sup>

### Significados

Essa combinação de búzios oferece os seguintes significados: novidade, prosperidade, tumulto, emoção, visita de estranhos, situação negativa.

Orixá que responde: Exu (BA/RJ/PE).

### Histórias-exemplo

Para a análise dessa combinação, o adivinho dispõe de cinco histórias ou "caminhos".

#### 1.1. Um galo provoca chuva

**Resumo:** um galo, grande adivinho, é chamado pelo chefe de uma cidade para fazer chover. Chegando lá o galo agride o porteiro que o injuria gravemente. Conseqüentemente se inicia uma tempestade, e o galo, considerado responsável pela chuva, torria-se um herói.

#### Interpretação

Quando se apresenta esse caminho, o adivinho associa por analogia a situação do consulente à do galo no relato mítico. Ele infere que o consulente se acha diante de um perigo imi-

(6) Ver quadros 3, 4, 5, 6, 7, 8.

nente, mas que com bastante coragem e energia ele vencerá os inimigos e terá vitórias.

### **Ebó**

Para atingir seus objetivos, o consulente deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, alguns elementos contidos na história em questão, como sete pedaços de madeira. É com sete pedaços de madeira que o galo agrediu o porteiro para realizar seu objetivo. O consulente deve também colocar acarajé no ebó, o alimento favorito de Iansã, a deusa dos ventos e das tempestades, a responsável pela chuva que cai na cidade.

### **1.2. A morte enganada por Ocarã**

**Resumo:** Ocarã não conseguia nada que desejava. Ele resolve então dar um bode "de meia" (de parceria) à morte. Após um certo tempo, ele exigiu da morte os descendentes do bode. Como isso não era possível, tratando-se de um macho, Ocarã exigiu uma soma incalculável como indenização.

### **Interpretação**

Quando se apresenta este caminho, o adivinho prevê para o consulente muita sagacidade e astúcia na realização de seus planos, por analogia com a atitude de Ocarã diante da morte.

### **Ebó**

Para que o consulente possa atingir seus objetivos, o adivinho lhe recomenda fazer um ebó contendo diversos ingredientes, entre os quais um guizo de tamanho indeterminado. Observe-se que se coloca um guizo no pescoço dos caprinos, como o bode, para que possam ser achados facilmente quando se afastam do dono. O consulente deve também utilizar uma cabaça, que é associada à morte, na visão do mundo dos afro-brasileiros.

### **1.3. Exu põe fogo em uma casa**

**Resumo:** Exu faz um ebó para conquistar rapidamente a fortuna. Em seguida, ele chega à cidade de Ijebu e se hospeda na casa de um funcionário importante. De madrugada, ele põe fogo na casa, secretamente, e sai gritando que o incêndio vai

destruir uma talha cheia de tesouros que lhe pertencem. O chefe local acredita e o indeniza, fazendo-o também rei de Ijebu.

### **Interpretação**

Quando ocorre esse caminho, o adivinho transfere para o consulente a sorte de Exu na história. Ele lhe garante fortuna e sucesso em seus empreendimentos.

### **Ebó**

O consulente deve fazer um ebó contendo, entre outras coisas, um bode, um galo — alimentos sagrados que se oferecem a Exu — e uma jarra contendo sete búzios. Note-se que os búzios, antiga moeda dos iorubás, são associados à idéia de fortuna e sucesso. O mesmo ocorre com a jarra, pois foi em uma delas que Exu fingiu ter escondido sua fortuna.

### **1.4. Ogum protege um pobre**

**Resumo:** um pobre viajante, que trabalhava nas plantações, era sempre explorado e depois posto para fora pelos proprietários da terra. Depois que lhe aconselharam a fazer um ebó, ele foi para um lugar deserto trabalhar e foi surpreendido por Ogum. O pobre lhe ofereceu tudo o que tinha e lhe contou seus problemas. Revoltado, Ogum o encarregou de marcar com marfô as casas de seus amigos, pois em seguida Ogum iria destruir as demais. O pobre seguiu suas instruções e Ogum cumpriu a promessa e lhe deu tudo que se salvou da destruição.

### **Interpretação**

Frente a esse caminho, o adivinho transfere analogicamente a situação do pobre para o consulente e deduz então que ele sofre grandes perseguições e é invejado por homens maus, e essa inveja deriva da sede de riquezas.

### **Ebó**

Para que o consulente possa escapar da inveja e dos perigos decorrentes, o adivinho prescreve um ebó contendo, entre outras coisas, uma garrafa de vinho, um cachorro que deve ser assado, e marfô. O cachorro é o alimento sagrado de uma das variedades de Ogum e o marfô está intimamente associado a

seu culto. É com mariô que se decora a casa de Ogum nos dias de festa, sendo também colocado na entrada do "barracão" para afugentar os maus espíritos. Consequentemente, o ebô é realizado com a intenção de agradar a Ogum, para que este traga ao consulente a mesma sorte que teve o seu protegido na história.

### 1.5. Xangô e Iansã

**Resumo:** Xangô e Iansã fizeram um ebô para ficarem ricos, poderosos e respeitados. Os dois passaram a expelir fogo pela boca quando falavam.

#### Interpretação

Esse caminho significa bons resultados em todos os empreendimentos do consulente, em analogia com o sucesso obtido por Xangô e Iansã no relato mítico.

#### Ebô

Para que o consulente realize seus planos, ele deve fazer um ebô com produtos inflamáveis, em alusão ao poder recebido por Xangô e Iansã de botar fogo pela boca. Dessa forma, ele poderá empregar nesse ebô fósforos e pólvora. Deve também, para agradecer a Xangô, sacrificar um carneiro, seu alimento favorito.

#### Informações complementares

Em Recife, a posição de um búzio aberto e quinze fechados indica que Orumilá se recusa a satisfazer o pedido do consulente. Deve-se sacrificar uma cabra e uma galinha pretas.<sup>7</sup> No método obaniká, essa posição significa roubo, discussão, inimizade, "trabalho" feito contra o consulente, crise nos negócios ou prejuízos de todo tipo. Também segundo esse método, o consulente encontra dificuldade para realizar seus planos devido ao comportamento invejoso de seus inimigos, assim como ocorre no caminho 1.4, na Bahia. Para que o consulente supere as dificuldades, ele deve tomar três banhos de folhas, fazer fumaças com incenso, mudar de roupas, queimar velas e jogar três copos de água na porta da rua. Depois

(7) Ribeiro, René, *op. cit.*, p. 90.

de ter incensado a casa, deve ainda jogar outros sete copos de água na rua.<sup>8</sup>

## SEGUNDA POSIÇÃO

Dois búzios "abertos" e quatorze "fechados".

Nome: Ejiocô (BA).

Essa posição é também conhecida pelos nomes seguintes: Jonkô (BA), Edinejê (RJ), Meji (PE), Ibêji (BA), Obetagundá (BA).<sup>9</sup>

#### Significados

Essa combinação oferece os seguintes significados: encontro, casamento, felicidade.

Orixá que responde: Ibêji (BA/PE).

Na realidade, não há consenso quanto à identidade do orixá que responde nessa posição. Os quadros indicam também os seguintes orixás: Ogu (BA), Abaluaê (RJ), Ogum (PE), Iansã (BA).<sup>10</sup> No entanto, a maioria de nossos informantes assegura que são os Ibêjis os padroeiros dessa posição.

#### Histórias-exemplo

Para analisar essa combinação o adivinho se apoiará em quatro histórias ou caminhos.

### 2.1. Macacos conseguem liberdade

**Resumo:** um grupo de macacos faz um ebô para se proteger dos perigos e das ameaças da selva. O resultado é que eles se livram dos outros bandos de macacos da região e podem então viver livremente nas plantações e nas florestas.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho prevê grandes dificuldades para o consulente, mal-entendidos e inquietações, estabelecendo uma relação com os macacos da história.

(8) Freitas, Byron Torres de, *op. cit.*, p. 39.

(9) Ver quadros: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8.

(10) Ver quadros: 1, 2, 3, 4, 8.

**Ebó**

Para evitar tudo isso, deve-se fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, duas preás.

**2.2. A reconciliação de um casal**

*Resumo:* um casal desunido, após ter feito um ebó, reencontra a harmonia.

**Interpretação**

Esse caminho indica que o consulente está sofrendo desentendimentos no lar, mas também que ele poderá, com certa prudência, recomeçar a viver em paz.

**Ebó**

Para obter a paz e a tranquilidade no lar, o consulente deve fazer um ebó com certos ingredientes que, na concepção dos afro-brasileiros, representam simbolicamente essas situações: dois pombos brancos, dois laços de fita (que tem a função de unir), dinheiro e *igbin* (caracol), alimento sagrado de Oxalá, que é por definição o orixá da calma, da paz e da quietude.

**2.3. Emo-hunkó se torna rei da terra de Egbá**

*Resumo:* por ter feito o ebó indicado, Emo-hunkó foi proclamado rei de todos os príncipes do país dos egbás.

**Interpretação**

Esse odu, esse caminho, indica que o consulente está em luta com alguém; está em rivalidade por alguma coisa, por uma associação fácil com a situação do personagem central da história.

**Ebó**

Para resolver o problema, o consulente deve fazer um ebó contendo, entre outras coisas, um pato, pregos e bandeirolas de papel branco que significam a vitória.

**2.4. A sagacidade de Tela Okô**

*Resumo:* diversos príncipes disputavam o poder, a riqueza e outros privilégios; mas Tela Okô, totalmente desprovido de

meios, foi ser roceiro. Um dia em que arava a terra, ele encontrou um grande tesouro. Para enganar seus companheiros, ele afirmou ter encontrado um monte de orobôs.

**Interpretação**

Frente a esse caminho, o adivinho transpõe para o consulente a situação de sucesso na qual se encontrou Tela Okô, o personagem central do relato. Assim, o adivinho informará o consulente que brevemente ele terá grande prosperidade.

**Ebó**

Para atingir essa prosperidade, o consulente deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, uma galinha, orobô e enxadas usadas. Deve-se notar que no relato mítico esses dois últimos ingredientes desempenham um papel importante. É com uma enxada que Tela Okô descobriu o forno onde se encontrava o tesouro. E para fazer de conta que não tinha encontrado coisa alguma, ele declara a seus amigos ter encontrado, em lugar do tesouro, belos orobôs claros. Conseqüentemente, o orobô e a enxada são dois elementos essenciais para a confecção desse ebó.

**Informações complementares**

Na Bahia, assim como em Recife, são os Ibêjis, os orixás gêmeos, que respondem, enquanto no método obaniká é Abaluaê. Em Recife, quando essa posição se apresenta, o consulente deve prever o sacrifício de um pequeno pombo, brinque-dos, frutas e velas. Suas crianças devem assistir à cerimônia.<sup>11</sup> No método obaniká essa posição também significa o fim dos sofrimentos e o triunfo. O consulente experimentou muitas decepções amorosas.<sup>12</sup> Seus inimigos procuram sempre criá-lhe dificuldades. Mas ele será sempre vencedor. Ele esteve doente e se curou. Ainda segundo esse método, o consulente deve seguir as seguintes prescrições: tomar banho de pétalas de cravos durante três dias consecutivos; após cada banho, acender três velas brancas e colocar pipoca nas encruzilhadas. Deve também sacrificar um galo.<sup>13</sup>

(11) Ribeiro, René, *op. cit.*, p. 90.

(12) Freitas, Byron Torres de, *op. cit.*, p. 40.

(13) *Idem, ibidem*, p. 40.

## TERCEIRA POSIÇÃO

Três búzios "abertos" e treze "fechados".

Nome: Eta-Ogundá (BA).

Essa posição é também conhecida pelos nomes seguintes: Gudá (BA), Ogundá-massá (RJ/PE/BA), Ogundá-Meji (PE), Ogumidá (BA), Obará (BA).<sup>14</sup>

### Significados

Essa combinação oferece os seguintes significados: desordem, desacordo, paz, ascensão, elevação, desastre, lucros.

Orixá que responde: Ogun ou Iemanjá (BA/RJ/PE).

Segundo outras informações, Ogu (BA), Ibêji (BA), Abalu-aê (PE), Xangô (BA) podem também responder. Entretanto, a maior parte dos informantes está de acordo em afirmar que nessa posição são Ogun e Iemanjá que respondem.

### Histórias-exemplo

Para análise dessa combinação, o adivinho dispõe de cinco histórias ou caminhos.

#### 3.1. Escapando da morte

**Resumo:** um homem muito versado nas ciências ocultas recebeu o conselho de fazer um ebó para se proteger da morte. Assim foi feito. Quando o enviado da morte veio buscá-lo, não conseguiu levá-lo.

### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho informa o consulente que a morte o está espreitando e que, para evitá-la, é bom tomar precauções, agindo como o herói da história.

### Ebó

Para que o consulente possa escapar à morte, ele deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, um *igbin* (caracol), duas preás e um pombo.

(14) Ver quadros: 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8.

#### 3.2. O homem salvo por Exu

**Resumo:** um homem gravemente doente envia seus discípulos pelo mundo à procura de alguém que possa curá-lo. Todos os seus discípulos o abandonaram, mas Exu, que já havia recebido um ebó, conduziu o homem a Orumilá, que o cura da doença.

### Interpretação

Quando esse caminho aparece, o adivinho informa o consulente que ele deve se livrar das pessoas ingratas e jamais contar seus segredos. Ele deve se prevenir para não ter dissabores. Foi isso que ocorreu com o homem da história, que confiou demais em seus discípulos.

### Ebó

Para que o consulente não seja vítima de ingratidão como ocorreu com a personagem do relato em questão, ele deve agradecer a Exu através de um ebó que contenha seus alimentos favoritos, como farofa de dendê. Deve também sacrificar um galo.

#### 3.3. Onirê se livra dos rivais

**Resumo:** Onirê era um trabalhador muito honesto, mas era perseguido por seus rivais. Após ter feito um ebó que lhe fora indicado, ele se torna respeitado e temido por todos na cidade de Irê.

### Interpretação

Transpondo a situação do personagem central para o consulente, quando esse caminho se apresenta o adivinho lhe assegura que, apesar das perseguições e das dificuldades resultantes da inveja, ele deve ter muita paciência, pois haverá de triunfar.

### Ebó

Para que o consulente obtenha o que deseja, e para se livrar das perseguições de todo tipo, o adivinho lhe recomenda fazer um ebó que contenha, entre outras coisas, um pato, moedas e bandeirinhas brancas.

### 3.4. Sapeterê prevê fortuna

**Resumo:** conhecendo a reputação de Sapeterê, o rei de Ajaxé o consultou. O adivinho previu, então, grande fortuna para todos e progresso para a região. Uma vez passado o prazo fixado por Sapeterê, todos começaram a desconfiar dele e passaram a vigiar sua casa para evitar que ele fugisse. Preocupado com a situação, Sapeterê ordenou à mulher que levasse para outro lugar todos os presentes recebidos do povo. As nove horas do dia fixado para o cumprimento da predição, chegou um navio cheio de brancos, que fora à África buscar escravos. As pessoas de Ajaxé se regozijaram e felicitaram Sapeterê pelo evento.

#### Interpretação

Interpretando a história, o adivinho informa o consulente, quando se apresenta esse caminho, que ele deve ter muita calma, paciência, resignação e grande energia, pois dentro de pouco tempo deverá haver uma melhora súbita em sua existência, assim como ocorreu com Sapeterê.

#### Ebó

Para ter sorte semelhante à de Sapeterê, o adivinho recomenda um ebó contendo galinhas, búzios e espelhos.

### 3.5. O homem que se julgava infeliz

**Resumo:** depois de ter sido muito rico, um homem se encontrou em um tal estado de pobreza que só desejava a morte. Quando ele estava preparando a corda para se enforcar, viu o sofrimento de um leproso e reconsiderou a decisão. Pouco tempo depois ele foi chamado para ocupar o trono que seu pai lhe havia deixado ao morrer. Em reconhecimento, ele passa a cuidar do leproso que o salvou.

#### Interpretação

Quando esse caminho acontece, o adivinho avisa o consulente que uma melhora em sua situação poderá ocorrer em pouco tempo. Apesar dos sinais de uma situação de penúria, o consulente deve permanecer sereno, pois ele fará fortuna. Assim como o infeliz da história, ele encontrará a felicidade e deverá ocupar funções importantes na sociedade em que vive.

#### Ebó

Para que o consulente possa atingir seu objetivo e gozar da mesma sorte do homem do mito, o adivinho lhe prescreve um ebó com dois pombos, um caracol e uma corda (o instrumento que o homem ia utilizar para pôr fim à sua existência, segundo o relato mítico).

#### Informações complementares

Em Recife, quando aparece a posição de três búzios "abertos" e treze "fechados", diz-se que nenhum mal advirá ao consulente. Para evitar qualquer dano em sua vida, ele deve sacrificar um porco e um galo.<sup>15</sup> No método obaniká, para a combinação Ogundá-Massá, o adivinho informa o consulente que ele está sob a proteção do orixá que responde, mas que deverá enfrentar dificuldades para realizar seus projetos. Ele lhe recomenda, então, muita calma e também para não ter excessiva confiança em seus amigos. Pode se dar que ele seja acometido de uma doença passageira. Para ser bem-sucedido, deverá tomar um banho de folhas.<sup>16</sup>

#### QUARTA POSIÇÃO

Quatro búzios "abertos" e doze "fechados".

Nome: Irossun (BA).

Essa posição é também conhecida pelos seguintes nomes: Loso (BA), Agê-Miralá-Agê (PE/RJ), Ejilá-Bubo-Male (PE), Ojaniê(BA).<sup>17</sup>

#### Significados

Essa combinação, ou esse odu, significa: imaginação, pranto, dificuldades, prudência, futuro brilhante.

Orixá que responde: Oxóssi(BA).

Segundo outros informantes, nessa posição podem responder: Cãgo (Xangô) (PE/BA), um Caboco (BA), Iemanjá (RJ/PE), Omolu (BA), Ossanha (BA).<sup>18</sup> Mas a maior parte dos informantes considera Oxóssi o padroeiro legítimo dessa posição.

(15) Ribeiro, René *op. cit.*, p. 89.

(16) Freitas, Byron Torres de *op. cit.*, p. 41.

(17) Ver quadros: 1, 2, 3, 4, 5, 8.

(18) Ver quadros: 1, 2, 3, 4, 6, 7.

### Histórias-exemplo

Para analisar essa combinação, o adivinho dispõe de cinco histórias ou caminhos.

#### 4.1. A onça escapa de uma cidade

**Resumo:** a onça, ainda que respeitada, era muito odiada pelos outros animais. Eles, com o objetivo de matá-la, prepararam uma armadilha no parque. Mas a onça já tinha feito um ebó, e apesar de cair na armadilha, ela consegue escapar dessa traição.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho transpõe a situação da onça para o consulente, prevenindo-o das manobras traiidoras das pessoas hipócritas. Entretanto, se demonstrar força de caráter, ele sairá ileso.

#### Ebó

Para que o consulente escape de seus inimigos e possa sair ileso das possíveis traições, o adivinho prescreverá um ebó contendo, entre outras coisas, um galo, uma preá e algodão. O algodão entra na composição desse ebó fazendo alusão evidente às almofadinhas das patas da onça, que lhe permitiram sair sã e salva da armadilha que lhe foi preparada pelos outros animais.

#### 4.2. Um homem recupera a saúde

**Resumo:** um homem vivia muito doente. Ele fez um ebó e depois foi ao mato e, ao pé de uma árvore, com um obi na mão, começou a rogar praga contra o chefe do lugar. Este procurou saber o que estava acontecendo. Ele pediu ao homem que parasse com seus insultos, prometendo-lhe ajuda para tudo que necessitasse. Depois disso tudo, o homem recuperou sua saúde e tranquilidade.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho informa o consulente que ele vive ou viverá uma situação difícil. Ele terá dificuldades financeiras, doenças e não saberá o que fazer

para resolver seus problemas. É necessário, portanto, que ele tenha muita coragem e resignação para sair vitorioso da crise. Assim, o adivinho transpõe para o consulente toda a situação de penúria em que se encontra o personagem da história.

#### Ebó

No entanto, se ele fizer o ebó recomendado pelo adivinho, poderá sair da crise e até mesmo atingir uma prosperidade relativa. O ebó deverá conter, entre outros ingredientes, um galo, um caracol, uma talha, bebidas e, sobretudo, o obi, o fruto que o homem tinha nas mãos quando começou a insultar o chefe.

#### 4.3. A vitória do papagaio

**Resumo:** o Sol, a Lua, o fogo e o papagaio disputavam o poder. Todos se recusavam a fazer um ebó, com exceção do papagaio. Choveu muito e o fogo apagou. A tempestade escureceu o céu. O papagaio saiu vencedor e, ainda que completamente encharcado, conservou a cor vermelha de seu rabo.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho informa ao consulente que ele terá dificuldades. Que há rivalidade com outras pessoas acerca de alguma coisa, assim como ocorreu para o Sol, a Lua, o fogo e o papagaio. Mas, como o papagaio, se ele tiver paciência será sempre vencedor.

#### Ebó

Para sair vitorioso de qualquer situação, ele deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, um *etu* (pato), um caracol e uma pena de papagaio, à qual se dá o nome de *icodidé*.

#### 4.4. Um príncipe protege um homem aflito

**Resumo:** um homem que se achava em uma situação difícil procurou um *awó* para fazer um determinado ebó. Ele foi a um lugar afastado e se pôs a queimar pimenta para receber a fumaça nos olhos. Um príncipe que por lá passava lhe perguntou a razão de tanto suplicio. Após ouvir as razões apresentadas pelo homem, o príncipe, condoído, ordenou que lhe fosse outorgada uma grande fortuna.

**Interpretação**

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho informa o consulente que ele se encontra em uma situação muito difícil. Entretanto, ele pode estar certo de que receberá uma ajuda inesperada da parte de uma pessoa bondosa, como ocorreu com o homem da história que, encontrando-se desesperado, recebeu socorro do príncipe.

**Ebó**

Ainda que alguém venha a seu socorro, o consulente deverá fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, uma galinha, um pato, um caracol, azeite de dendê, pimenta verde-linha, um lenço e uma faca. É fácil perceber que a pimenta e o lenço estão diretamente ligados à história.

**4.5. Ogun recompensa a generosidade**

**Resumo:** uma vendedora de acaçá e de mingau é aconselhada a fazer um ebó para melhorar sua situação. E assim foi feito. Algum tempo depois o general Ogun veio e lhe pediu para alimentar sua tropa. Ela o fez com boa vontade. Não tenho dinheiro para lhe pagar. Ogun dividiu com ela o que havia conquistado na guerra.

**Interpretação**

Este é o melhor caminho dessa posição. Quando ele se apresenta, o adivinho observa que o consulente é uma pessoa generosa e que não terá muitos problemas na vida. Haverá sempre alguém para socorrê-lo nos momentos difíceis. A personalidade da vendedora de acaçá, que satisfez o pedido de Ogun, é, portanto, transposta para o consulente.

**Ebó**

Porém, ele deve tratar de executar o que lhe for recomendado. Assim sendo, ele deve tomar as medidas para fazer um ebó contendo, entre outras coisas, um acarajé, uma galinha. E deve fazer tudo o que for possível para agradar a Ogun e a Oxum.

**Informações complementares**

Em Recife, e também no Rio, segundo o método obanká, essa posição é de mau augúrio para o consulente. Em Recife,

é Xangô quem responde, anunciando pobreza e desastres.<sup>19</sup> Segundo o método obanká, é Iemanjá quem responde, indicando muitas lágrimas e dificuldades para a realização de qualquer empreendimento. O consulente deve tomar precauções suficientes, submetendo-se a diversos banhos de purificação e fazendo uma "limpeza da casa".<sup>20</sup>

**QUINTA POSIÇÃO**

Cinco búzios "abertos" e onze "fechados".

Nome: Oxé (BA).

Essa posição é também conhecida pelos seguintes nomes: Xê (BA), Axeturá (RJ), Oche-Turá (PE), Ossatinicô (BA).<sup>21</sup>

**Significados**

Essa combinação se reveste dos seguintes significados: ofensa, trabalho, necessidade, miséria, luta, começo de um empreendimento.

Orixá que responde: Oxum ou **Euá** ou **Iemanjá** (BA/RJ/PE). E, apoiando-nos em outros dados, um Caboclo (BA) e Oxumaré (BA).<sup>22</sup> podem também responder.

**Histórias-exemplo**

Para analisar essa combinação, o adivinho dispõe de cinco histórias ou caminhos.

**5.1. Dinheiro, o causador do bem e do mal**

**Resumo:** um filho de Oxalá, "Dinheiro", se dizia tão poderoso a ponto de segurar a Morte. Ele partiu então para a realização de seu plano. Após utilizar-se de um subterfúgio para descobrir a residência da Morte, ele lá chegou e começou a tocar os tambores por ela utilizados para matar as pessoas. Quando a Morte veio verificar o que estava acontecendo, ele a

(19) Ribeiro, René, *op. cit.*, p. 89.

(20) Freitas, Byron Torres de, *op. cit.*, p. 42.

(21) Ver quadros: 1, 3, 4, 8.

(22) Ver quadros: 2, 6.

capturou e a conduziu para a casa de Oxalá. Este disse então a Dinheiro para ir embora com a Morte, pois ele era a causa de todo o bem e de todo o mal.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho adverte o consulente para tomar cuidado, ser prudente com relação aos meios que ele utiliza para ganhar dinheiro ou outros bens necessários à sua existência. O dinheiro como no relato mítico, poderá lhe trazer a felicidade, mas também lhe causar grandes dissabores, tristezas. De todo modo, esse caminho indica grandes possibilidades de obter os bens materiais que o consulente necessita.

#### Ebô

Para obter o que deseja ele deve fazer um ebô contendo, entre outros ingredientes, uma préá e peixe assado.

### 5.2. A descrença

**Resumo:** recomendou-se a um homem fazer um ebô para proteger sua mulher, mas ele não levou a sério. Algum tempo depois houve um ataque à sua casa, no qual alguns guerreiros imobilizaram o marido e violaram sua esposa. Um dos assaltantes quis saber se a mulher havia deixado de fazer um ebô. Sendo a resposta afirmativa, os assaltantes os culpavam por essa manifestação de descrença; pouparam suas vidas e lhes recomendaram que no futuro levassem mais a sério os conselhos do *awô*s.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho diz ao consulente que ele terá muitos descentendimentos e sérias complicações familiares. Entretanto, serão problemas passageiros que, com prudência, poderão ser eliminados.

#### Ebô

Com esse objetivo o adivinho lhe prescreve um ebô contendo, entre outros ingredientes, um caracol, um pombo e um galo. Ao prescrever o ebô, o adivinho exige do consulente uma fé profunda e uma observância cuidadosa da prescrição. Se o consulente negligenciar a feitura do ebô, ele terá problemas

tão graves quanto o descrente da história, que não realizou o ebô necessário a fim de proteger sua mulher.

### 5.3. A fuga de Xangô

**Resumo:** Xangô possuía um carneiro. Um dia eles brigaram por ciúmes de uma mulher. Cansado de lutar, o carneiro voltou à casa, armou-se com chifres e voltou ao combate depois de descansar um pouco. Xangô, vencido, desapareceu da terra, decepcionando seus amigos que lhe fizeram, então, um ebô com muitas pedras miúdas. Após a confecção desse ebô, as trovoadas soaram, os raios caíram dos astros e começaram a crer que Xangô estava no céu.

#### Interpretação

Quando ocorre esse caminho, o adivinho lembra ao consulente que ele está em conflito com alguém. Se não tomar precauções, esse conflito poderá se transformar em derrota para ele.

#### Ebô

Para que possa sair vencedor, ele deve realizar um ebô contendo, entre outros ingredientes, chifres de carneiro. O carneiro da história simboliza o inimigo que ele deverá enfrentar no combate. Daí a necessidade de empregar no ebô os chifres de carneiro a fim de "quebrar a força" de seus inimigos. Deve também utilizar um galo e pedras pequenas. Observemos que foi com pedras que os amigos de Xangô fizeram o ebô que provocou o trovão e os raios, o que teve como consequência a crença do povo em Xangô.

### 5.4. Oxum exige um sacrifício

**Resumo:** um grande guerreiro precisava atravessar uma cascata chamada Oxum para atacar uma cidade. Lá chegando, ele viu que era impossível atravessá-la e prometeu então dar tudo a Oxum caso ele conseguisse passar para o outro lado. A cascata secou rapidamente, e ele pôde sair vencedor do combate. Retornando, as águas do rio começaram a subir e ele foi informado de que para sair dessa situação deveria jogar à água sua própria filha, chamada Tudo. Não tendo escolha, ele obedeceu, as águas do rio desceram e a tropa atravessou.

**Interpretação**

Quando se apresenta esse caminho, o adivinho diz ao consulente que ele terá muitos inimigos. Ele deve fazer o máximo para evitá-los. Em evidente alusão à história, o adivinho diz ao consulente que este não deve jamais negligenciar em fazer o que tiver prometido a alguém. E se a promessa foi feita a um orixá, especialmente se for a Oxum, deve ser cumprida imediatamente.

**Ebó**

Para que a vida do consulente seja livre de problemas, ele deve fazer um ebó contendo tudo o que puder conseguir com esse objetivo.

**5.5. Oxum, senhora da riqueza**

**Resumo:** Oxum, uma pobre moça, fazia todos os esforços possíveis para melhorar sua condição de vida. Aconselharam-na, então, a fazer um ebó e levá-lo à casa de Oxalá. Lá chegando, ela começou a criticá-lo em voz alta, perturbando assim toda a cidade. Os amigos de Oxalá o aconselharam a dar à moça tudo o que ela desejava. Oxalá, para evitar escândalo, mandou a Oxum tudo o que ele pôde e ela se tornou, assim, dona de toda a fortuna.

**Interpretação**

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho assegura ao consulente que ele vai ter grande prosperidade. Entretanto, ele deve ter muita calma enquanto luta pelo que deseja. Não deve perder a confiança, e, assim fazendo, obterá tudo o que quiser.

**Ebó**

Para que o consulente tenha sucesso em seus empreendimentos, o adivinho prescreve um ebó contendo, entre outras coisas, uma galinha, um pombo, um caracol e peixe assado.

**Informações complementares**

Em Recife, nessa posição, chamada Oche-Turá, é também Oxum quem responde.<sup>23</sup> No Rio de Janeiro, seguindo o mé-

todo obaniká, é ainda Oxum o orixá padroeiro dessa posição. Para se sair bem, o consulente deve tomar banhos de purificação.<sup>24</sup>

**SEXTA POSIÇÃO**

Seis búzios "abertos" e dez "fechados".

Nome: Obará (BA).

Essa posição é também conhecida pelos nomes: Ablá (BA), Obará-Kê (RJ), Obará-Shekê (PE). Be-Ofum (PE), Obiorossum (BA).<sup>25</sup>

**Significados**

Essa combinação oferece os seguintes significados: sofrimento, roubo, traição, vaidade, prosperidade.

Orixá que responde: Xangô.

Segundo outros dados, um dos seguintes orixás pode também responder: Ialodê (BA), Oxóssi (BA/PE), Oxalá (RJ/PE), Ogum (BA).<sup>26</sup>

**Histórias-exemplos**

Para a análise dessa combinação, o adivinho dispõe de quatro histórias ou caminhos.

**6.1. O pombo escapa da armadilha**

**Resumo:** todos os pássaros se reuniram para saber como eles poderiam viver em paz, sem ser incomodados. Foram aconselhados a que cada um fizesse um ebó, mas nenhum deles levou a sério esta recomendação, com exceção do pombo. Um dia, todos os pássaros foram apanhados em uma visgueira, menos o pombo, que nunca caiu nem jamais cairá numa armadilha.

**Interpretação**

Quando ocorre esse caminho, o adivinho avisa o consulente para que tome muito cuidado com as pessoas falsas.

(24) Freitas, Byron Torres de, *op. cit.*, p. 43.

(25) Ver quadros: 1, 3, 4, 5, 8.

(26) Ver quadros: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8.

(23) Ribeiro, René, *op. cit.*, p. 94.

**Ebó**

Para que o consulente se livre das pessoas falsas ele deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, uma preá e peixe assado.

**6.2. A pomba Juriti protege familiares**

**Resumo:** a pomba Juriti protege familiares de sofrimentos.

**Interpretação**

Quando ocorre esse caminho, o adivinho diz ao consulente que ele deve ter muito cuidado com seus filhos e parentes, sobretudo se um deles estiver doente.

**Ebó**

O consulente deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, uma corda, peixe assado e algumas moedas.

**6.3. De como o pombo se tornou ave doméstica**

**Resumo:** recomendou-se a todos os pássaros que fizessem um ebó, mas só o pombo obedeceu. Os outros pássaros blasfemaram contra o pombo. Por essa razão o pombo se tornou um pássaro doméstico, enquanto que os demais permaneceram selvagens.

**Interpretação**

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho prevê para o consulente uma mudança de vida, mais especificamente uma mudança de residência ou de situação social.

**Ebó**

Para que essas mudanças se produzam e tragam melhorias significativas de condições para o consulente, ele deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, um galo, uma preá, peixe e azeite de dendê.

**6.4. Obará, senhor de grande riqueza**

**Resumo:** no começo do mundo, os quinze odus foram visitar "pessoas entendidas", isto é, adivinhos, para melhorar sua sorte. Foi-lhes recomendado fazer um ebó. Os odus não obedeceram, com exceção de Obará, um odu que não havia feito a consulta, mas que resolveu fazer o ebó por sua própria con-

ta. Um dia, eles foram à casa de Olofin (sem convidar Obará, por ser ele pobre); os quinze odus receberam uma abóbora cada um. Eles foram em seguida à casa de Obará e este, humildemente, lhes ofereceu comida. Ao sair, os quinze odus lhe deixaram as abóboras como retribuição de sua gentileza. No momento de abrir as abóboras, Obará constatou que elas estavam cheias de pedras preciosas. A partir desse dia, Obará se tornou senhor de grandes riquezas, como havia sido traçado pelo destino.

**Interpretação**

Quando vem esse caminho, o adivinho informa o consulente de que ele terá grande prosperidade e sucesso em todos os seus empreendimentos. E como ocorreu com Obará no relato mítico, ele será proprietário de grande fortuna. Entretanto, para chegar a isso ele deve agir com muita paciência e humildade. Note-se que a humildade é uma das características principais da personalidade de Obará.

**Ebó**

Para que o consulente obtenha tudo o que deseja, o adivinho lhe recomenda fazer um ebó contendo uma galinha, obi, orobô, atarê e "tudo o que a boca come" (expressão empregada para se referir a tudo o que se emprega em um ebó).

**Informações complementares**

Em Recife, onde essa posição dos búzios é conhecida sob os nomes de Be-Ofum e Obará-Shekê, é Oxalá ou Oxóssi que respondem. No sistema praticado nesse estado, Oxalá reclama ao consulente o sacrifício de uma cabra, uma galinha branca, um pombo e arroz. Velas e um metro de tecido branco entram também na composição do ebó. Esse ebó tem a finalidade de preservar o consulente de todos os males que podem lhe advir.<sup>27</sup> Contrariamente ao que ocorre na Bahia, essa posição é de mau augúrio. No método obaniká, no Rio de Janeiro, essa posição indica que o consulente é vítima de calúnias, ou vai ter problemas judiciais e está envolvido com intrigas sentimentais. Ele deve fazer um ebó com uma abóbora onde colocará sete moedas. O ebó deve ser colocado no meio da rua. Em

(27) Ribeiro, René, *op. cit.*, pp. 89-94.

seguida, deve fazer uma nova consulta.<sup>28</sup> Observemos que a abóbora é o elemento central da história 6.4., tal como é conhecida na Bahia.

## SÉTIMA POSIÇÃO

Sete búzios "abertos" e nove "fechados".

Nome: Odi (BA).

Essa posição dos búzios, ou esse odu, tem também os seguintes nomes: Di (BA), Oudi-Cancã (RJ), Odi-Kankan (PE), Ossatinicô (PE), Obationissá (BA).<sup>29</sup>

### Significados

Essa combinação oferece os seguintes significados: dificuldades, aviso, recompensa, mudança.

Orixá que responde: Exu (Legbá) (BA).

Segundo outras indicações, um dos orixás seguintes pode também responder: Abaluaê (BA), Oxalá (RJ/PE), Iemanjá (PE), Xangô (PE).<sup>30</sup>

### Histórias-exemplo

Para analisar essa combinação, o adivinho dispõe de cinco histórias ou caminhos.

#### 7.1. O homem que afugentou a morte

**Resumo:** um homem, sabendo que uma grande epidemia se alastrava pela cidade, consultou um *awô* para se proteger do flagelo. O *awô* o aconselhou a fazer um *ebô*, suspendendo um sariguê em sua porta para que todos pudessem vê-lo. Assim foi feito. Quando a Morte veio buscar as pessoas, ela viu o animal suspenso na porta. Todos os objetos empregados no *ebô* se puseram a perseguir a Morte e ela, apavorada, prometeu não mais tocar o homem e o povo do lugar.

(28) Freitas, Byron Torres de, *op. cit.*, p. 44.

(29) Ver quadros: 1, 3, 4, 5, 8.

(30) Ver quadros: 2, 3, 4, 5, 8.

### Interpretação

Quando esse caminho surge, o adivinho informa o consulente que, graças à sua astúcia, ele evitará um grande perigo que o ameaça. Com muita energia, ele saberá escapar de muitas perseguições. Se agir com inteligência, conseguirá ultrapassar todos os obstáculos que se apresentarem em sua vida.

### Ebô

Para tornar real essa predição, o consulente deve preparar um *ebô* contendo, entre outros ingredientes, um galo, um peixe assado e um sariguê. É indispensável que o sariguê entre na composição deste *ebô*. Foi com o sariguê que o homem da história conseguiu enganar a Morte.

#### 7.2. O escravo que se tornou rei

**Resumo:** um escravo, sendo castigado, foi colocado em um caixão que, por sua vez, foi atirado na corrente de um rio. Ele chegou, por obra do destino, a uma cidade onde havia uma briga pela sucessão do trono. Depois de uma grande confusão se decidiu que o primeiro estrangeiro que se apresentasse seria nomeado rei. O escravo, cujo caixão tinha esbarrado num *ighin* (caracol), foi escolhido para ser rei desse povo por ter feito o *ebô* requerido.

### Interpretação

Quando esse caminho ocorre, o adivinho informa o consulente que, mais cedo ou mais tarde, ele terá o que deseja. É claro que ele não deve desejar o que está acima dos limites de suas possibilidades. Ele terá, portanto, uma sorte semelhante à do escravo da história.

### Ebô

Para ser bem-sucedido, sem grandes dificuldades, ele deve fazer um *ebô* contendo, entre outros ingredientes, uma galinha e um peixe assado.

#### 7.3. O casal que conseguiu fortuna

**Resumo:** um casal que passava por grandes dificuldades recebeu de um adivinho o conselho de fazer um *ebô*. Feito o "trabalho", o adivinho lhes devolveu o facão, único instru-

mento de trabalho que possuíam. Um dia em que eles estavam cortando os dendzeiros, o facão lhes escapou das mãos, indo cair próximo de um castelo muito bonito, onde havia diamantes e objetos de grande valor.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho diz ao consulente que o destino lhe reserva grandes surpresas na vida. Que as dificuldades que ele atravessa no momento são passageiras e que brevemente haverá dias melhores.

#### Ebó

Para que o consulente obtenha o que deseja, o adivinho lhe prescreve um ebó contendo, entre outros ingredientes, uma galinha e, sobretudo, um facão ou uma espada, em alusão evidente à única ferramenta possuída pelo homem e pela mulher da história e que lhes indicou onde se encontravam as riquezas.

### 7.4. Odi cura enfermidades

**Resumo:** Odi era um excelente adivinho e salvou dois indivíduos que sofriam de enfermidades graves. Os dois homens procuraram Odi para lhe agradecer e o encontraram na prisão, por um motivo fútil. Eles pediram a um outro adivinho um ebó e Odi foi liberado pelo chefe local, que conseguiu dele a cura de sua filha doente. A filha, uma vez salva, é oferecida como esposa a Odi.

#### Interpretação

Quando esse caminho aparece, o adivinho procura prevenir o consulente de que ele se prepare para suportar muitos obstáculos e hostilidades na vida. Entretanto, ele não deve se desesperar, pois vai encontrar pessoas generosas que o ajudarão. Ele sofrerá de uma enfermidade qualquer, mas não deve se preocupar, pois será uma doença passageira. De todos os modos, o adivinho o previne de que vigie cuidadosamente sua saúde.

#### Ebó

Para que tudo lhe seja favorável, ele deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, um carneiro e galos.

### 7.5. Paciência, Discórdia e Riqueza

**Resumo:** diante de três mulheres chamadas Paciência, Discórdia e Riqueza, Orumilá preferiu ficar em companhia de Paciência. Pouco tempo depois de deixá-los, as outras duas brigaram por causa de Orumilá e foram presas na estrada por trabalhadores. Conduzidas à casa de Orumilá, elas confessaram que tinham brigado por causa dele e disseram que tinham a intenção de ficar com ele pelo resto de suas vidas.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho informa o consulente de que ele deve, diante dos problemas que enfrenta, ter muita calma e, sobretudo, muita paciência (em alusão ao jogo de palavras feito na história).

#### Ebó

Para que tudo lhe seja favorável na vida, ele deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, um pato e uma galinha.

#### Informações complementares

Em Recife, essa combinação dos búzios chamada Odi-Kankan e Ossatinicó indica a falsidade e se recomenda ao consulente fazer um ebó com uma galinha, um pato, uma galinha d'Angola e um carneiro castrado, oferecendo-o a Iemanjá.<sup>31</sup> No método obaniká, essa combinação indica sofrimento para o consulente. Ele deve se submeter, entre outras coisas, a banhos de purificação e soltar três pombos depois de tê-los passado pelo corpo.<sup>32</sup>

### OITAVA POSIÇÃO

Oito búzios "abertos" e oito "fechados".

#### Nome: Ejiomilê

Essa posição dos búzios é também conhecida pelos seguintes nomes: Jyogbê (BA), Ogunilê (RJ), Ojoniê (PE), Ajianilê (PE), Ejiobê (BA).<sup>33</sup>

(31) Ribeiro, René, *op. cit.*, pp. 88 e 94.

(32) Freitas, Byron Torres de, *op. cit.*, p. 45.

(33) Ver quadros: 1, 3, 4, 5, 6.

**Significados**

Essa combinação dos búzios tem os seguintes significados: morte súbita, saúde, perda de amigos, ligações amorosas e proteção.

Orixá que responde: **Oxalá** (BA, PE, RJ).

Segundo outros dados, um dos seguintes orixás pode também responder: **Oke** (BA), **Ogum** (BA), **Naná** (PE).<sup>34</sup> Constatamos que a maioria dos informantes dá **Oxalá** por par-direiro dessa posição.

**Histórias-exemplo**

Para a análise dessa combinação, o adivinho dispõe de sete histórias ou caminhos.

**8.1. A Morte se deixa lograr**

**Resumo:** a Morte estava semeando o pânico em uma cidade. Um homem procurou um adivinho para escapar a esta ameaça. Tendo feito um ebó que lhe foi aconselhado, ele untou o corpo com jenipapo verde. A Morte veio e, dirigindo-se ao homem, perguntou-lhe a respeito de seu paradeiro, como se não o tivesse reconhecido. Dessa maneira, a Morte fingiu ter sido enganada pelo homem e o deixou viver um pouco mais.

**Interpretação**

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho recomenda ao consulente agir com muita sagacidade para afastar os perigos que deverá enfrentar.

**Ebó**

Para realizar seus objetivos, ele deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, peixe assado e, principalmente, jenipapo, a fruta empregada pelo homem da história para escapar à Morte.

**8.2. A sobrevivência da cajazeira**

**Resumo:** todas as árvores às quais se havia aconselhado fazer um ebó desobedeceram, com exceção da cajazeira. Por essa razão, todas as árvores morreram quando se curvaram em direção ao chão, menos a cajazeira, que renasceu, mesmo nessa posição.

**Interpretação**

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho diz ao consulente que ele deve cuidar de sua saúde. Se estiver doente, deve repousar.

**Ebó**

Para que essa doença não seja fatal, ele deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, um caracol e água (a presença da água na composição do ebó se explica pelo fato de ela ter salvo a cajazeira da morte).

**8.3. A paz volta ao casal**

**Resumo:** um casal que vivia em desentendimento fez um ebó e conseguiu, por esse meio, reencontrar a harmonia.

**Interpretação**

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho diz ao consulente que ele está passando por desentendimentos graves com a pessoa amada. Mas ele não deve se inquietar demais, pois brevemente a paz retornará a eles.

**Ebó**

Para que a harmonia reine sempre no lar ou para viver em paz com os seus, ele deve fazer um ebó contendo, entre outras coisas, um casal de pombos (símbolo da harmonia entre os seres), uma preá e laços de fita, além de outros ingredientes como banana-da-terra (símbolo fálico) e amendoim (considerado afrodisíaco).

**8.4. Orumilá possui a mais linda donzela**

**Resumo:** dado que todos os orixás se recusaram a fazer um ebó prescrito por Orumilá, ele mesmo conseguiu, com seu

(34) Ver quadros: 1, 2, 5.

martelo, abrir todas as portas de um palácio até chegar a um quarto onde se encontrava uma linda jovem a quem ele possuiu.

#### **Interpretação**

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho prevê para o consulente uma vida cheia de sucesso. Se cumprir suas obrigações ao longo de sua vida, ele será feliz com uma pessoa que será sua companheira.

#### **Ebó**

Para que tudo isso aconteça, ele deve realizar um ebó contando, entre outras coisas, um casal de pombos ou de galinhas brancas e pequenos objetos marinhos.

### **8.5. Uma criança salva seus pais**

**Resumo:** um casal que tinha uma criança recém-nascida vivia em desacordo por razões muito sérias. Um dia, querendo matar sua mulher, o homem colocou veneno na sua comida, mas a criança advertiu a mãe do perigo. A mulher, para se vingar do marido, decidiu fazer o mesmo, mas o pai foi prevenido pela criança. Depois disso tudo, eles brigaram tanto que foram levados à justiça. A reciprocidade dos crimes tendo sido constatada, eles foram liberados, reconciliaram-se e foram muito felizes.

#### **Interpretação**

Quando se dá esse caminho, o adivinho anuncia ao consulente grandes dificuldades, sobretudo com a pessoa amada. Esses mal-entendidos serão causados pelo ciúme dos dois, mas desaparecerão com o tempo.

#### **Ebó**

Para que haja uma paz duradoura entre o consulente e a pessoa amada, o adivinho prescreve um ebó contendo, entre outros ingredientes, um casal de patos e objetos brancos, símbolos da paz.

### **8.6. A desigualdade entre os povos**

**Resumo:** no começo do mundo, o criador decidiu que cada um deveria agir por si mesmo. Todos os povos seguiram as

recomendações do criador, menos os africanos, que não fizeram o ebó prescrito. É por isso que desde o início os brancos dominam o mundo.

#### **Interpretação**

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho informa o consulente que ele terá uma vida sem grandes problemas. Entretanto, se for morar em um lugar que não seja sua terra natal, ele terá melhores condições de prosperar na vida.

#### **Ebó**

Para que isso aconteça, o adivinho lhe recomenda fazer um ebó contendo uma galinha branca e o máximo de ingredientes que ele puder conseguir.

### **8.7. Oxalá aclamado chefe de todos os orixás**

**Resumo:** após ter reunido todos os orixás, Orumilá lhes aconselhou fazer um determinado ebó. Só Oxalá se dispôs a fazê-lo. Oxalá vivia em um lugar afastado onde trabalhava duramente. Com a chegada de outros orixás, o lugar se tornou uma cidade e foi necessário escolher um rei. Auxiliado por Olocum, Oxalá encabeçou a lista e foi proclamado chefe de todos os orixás. Olocum, o senhor do mar, por tê-lo ajudado, tornou-se mestre do Universo, porque o oceano é mais rico que a terra.

#### **Interpretação**

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho diz ao consulente que suas condições de vida vão melhorar subitamente. Uma pessoa vai surgir para ajudá-lo muito.

#### **Ebó**

Para que tudo isso aconteça, o consulente deve fazer um ebó contendo, entre outras coisas, um galo, uma galinha, penas de papagaio da Costa.

#### **Informações complementares**

Em Recife, onde essa combinação de búzios é chamada Ajamilê e Oionilê, ela indica a morte, mas não se sabe se refere-se ao consulente ou a outra pessoa. Lançam-se de novo os búzios para esclarecer a situação. De todos os modos, o consulente

deve se assegurar tomando banhos de purificação.<sup>35</sup> No Rio de Janeiro, segundo o método obaniká, essa combinação significa acidente, doenças graves, traição e roubo.<sup>36</sup>

## NONA POSIÇÃO

Nove búzios "abertos" e sete "fechados".

Nome: Ossá (BA).

Essa posição dos búzios é também conhecida pelos seguintes nomes: Sâ (BA), Èxe-Obará (RJ), Ashó-Ojá (PE), Eje-Bara (PE).<sup>37</sup>

### Significados

Esse odu significa: fuga, reflexão, guerra e abundância.

Orixá que responde: Iansã ou Egum (BA).

Segundo outras informações, um dos seguintes orixás pode também responder: Ajagunã (BA), Xangô (RJ/PE), Lemanjá (PE), Obá (BA), Nanã (BA).<sup>38</sup>

### Histórias-exemplo

Para a análise dessa combinação o adivinho dispõe de cinco caminhos.

#### 9.1. Os inimigos do orangotango

**Resumo:** o carneiro, o bode e outros animais eram inimigos do orangotango. Convidados por Olofin para uma consulta, eles "tiraram" um ebó que deveria ser feito com o orangotango, com a intenção de se livrarem dele. O orangotango, caindo na armadilha, conseguiu escapar. Então, Olofin, alegando falta de tempo para uma nova caça, ordenou que o ebó fosse feito utilizando-se o carneiro e seus amigos.

(35) Ribeiro, René, *op. cit.*, pp. 88 e 94.

(36) Freitas, Byron Torres de, *op. cit.*, p. 46.

(37) Ver quadros: 1, 2, 3, 4, 5.

(38) Ver quadros: 1, 2, 3, 4, 5, 6.

### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho recomenda ao consulente muita prudência para não cair em uma armadilha feita por seus inimigos. Ele deve estar sempre pronto para saber como reagir face aos perigos e obstáculos da vida.

### Ebó

Para vencer na vida, o consulente deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, um obi, metal amarelo e peixe.

#### 9.2. Oxalá é perseguido por corujas

**Resumo:** Oxalá, tendo negligenciado a feitura de um ebó, viu-se perseguido por um bando de corujas. Ele recorreu a Orumilá e este lhe indicou imediatamente um ebó para libertar Oxalá da perseguição das corujas.

### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho diz ao consulente que ele sofrerá grandes perseguições por parte de seus inimigos, assim como sofreu Oxalá na história.

### Ebó

Para evitar isso, ele deve fazer um ebó contendo, entre outras coisas, um galo, ecuru e peixe.

#### 9.3. A briga de Orumilá com Oxalá

**Resumo:** tendo brigado com Orumilá, Oxalá decidiu que nenhum orixá poderia ter qualquer contato com o primeiro. Vendo-se isolado, Orumilá preparou uma comida para Exu e este intercedeu junto a Oxalá, dizendo-lhe que era preciso reduzir os poderes de seu inimigo, que brigava com todo mundo. Exu afirmou, então, que os poderes de Orumilá seriam reduzidos se todos lhe pedissem perdão. E assim foi feito. Daí por diante, coube a Orumilá resolver todos os problemas do mundo.

### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho diz ao consulente que ele manifestará uma grande habilidade para resolver seus problemas e se livrar de seus inimigos.

**Ebó**

Entretanto, para conseguir isso, ele deve fazer um ebó contando, entre outras coisas, uma preá e peixe assado.

**9.4. Ossanha torna-se mágico**

**Resumo:** recomendou-se a Ossanha fazer um determinado ebó para atrair as forças magnéticas e realizar todos os seus desejos. Tendo obedecido, Ossanha se tornou senhor de forças mágicas admiráveis.

**Interpretação**

Quando esse caminho surge, o adivinho informa o consulente que ele está vivendo momentos de calma e que no futuro as coisas lhe serão muito mais favoráveis.

**Ebó**

Para que tudo continue a correr pacificamente, o consulente deve fazer um ebó contendo peixe assado e, sobretudo, penas de coruja e cebolas, elementos que intervêm na história em questão.

**9.5. Oxalá fica rico**

**Resumo:** contrariamente a Orumilá, Oxalá fez um ebó que havia sido prescrito. Muitas pessoas, fugindo das cidades vizinhas, chegaram na cidade e entregaram a Oxalá, que era o chefe local, tudo de valor que tinham consigo. A partir desse dia, Oxalá se tornou muito rico, confirmando assim a previsão.

**Interpretação**

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho assegura ao consulente uma melhora imediata em sua existência. Mesmo se estiver passando, no momento, por dificuldades sérias, ele não deve se desesperar, pois brevemente virão melhores dias. "O tempo bom se aproxima."

**Ebó**

Para que tudo se desenrole da melhor maneira possível, ele deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, nove galinhas, uma cabra e rãfia.

**Informações complementares**

Em Recife, onde essa combinação é chamada Eje-bara e Ashó-Ojá, são Xangô ou Lemanja que respondem. A combinação indica uma tração, muito provavelmente da parte de parentes do consulente. Para se proteger dessa tração, ele deve sacrificar a Xangô um carneiro, galos e galinhas-d'angola.<sup>39</sup> No Rio de Janeiro, segundo o méido obaniká, é também Xangô quem responde e o consulente é vítima da malevolência de uma mulher e está ameaçado por um perigo ou uma doença qualquer. Para se proteger, ele deve tomar sete banhos de purificação.<sup>40</sup>

**DÉCIMA POSIÇÃO**

Dez búzios "abertos" e seis "fechados".

Nome: Ofun(BA).

Essa combinação de búzios é também conhecida pelos nomes: Fu (BA), Ossaturá-Bessá (RJ), Osaturá (PE), Obiurussun (PE).<sup>41</sup>

**Significados**

Esse odu tem os seguintes significados: prejuízo, dificuldades, abundância.

Orixá que responde: Oxalá(BA).

Segundo outras informações, um dos seguintes orixás pode também responder: Oxum(BA), Xangô(PE/RJ), Iansã(PE).<sup>42</sup>

**Histórias-exemplo**

Para a análise dessa combinação, o adivinho dispõe de quatro histórias ou caminhos.

**10.1. O elefante se livra das moscas**

**Resumo:** foi prescrito ao elefante um ebó que o livraria de todo tipo de perseguição. Após a realização do ebó, o adivinho

(39) Ribeiro, René, *op. cit.*, pp. 86 e 94.

(40) Freitas, Byron Torres de, *op. cit.*, p. 47.

(41) Ver quadros: 1, 3, 4, 5.

(42) Ver quadros: 2, 3, 4, 5.

entregou ao elefante um espanador, livrando-o dos insetos que o perseguiriam.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho avisa o consulente que dentro de pouco tempo ele viverá em paz e será aliviado de toda perseguição.

#### Ebó

De todo modo, o consulente deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, um espanador. É o instrumento que foi entregue ao elefante da história e que lhe permitiu espanar as moscas que o perseguiram.

### 10.2. O esplendor de Oxalá

**Resumo:** tendo feito um ebó para ter vigor e ser aplaudido em todas as circunstâncias, Oxalá passou a apresentar em seu comportamento o mais sublime esplendor.

#### Interpretação

Quando esse caminho aparece, o adivinho diz ao consulente que ele terá sucesso em tudo que fizer. Pode ser que mais tarde ele tenha algumas doenças, mas elas desaparecerão rapidamente.

#### Ebó

Mas ele deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, um galo, uma preá, peixes e muitas carapaças de caranguejo.

### 10.3. Oxalá pinta a galinha-d'angola

**Resumo:** mandou-se a galinha-d'angola fazer um ebó, para obter tudo o que ela desejasse, recomendando-se que ela fosse especialmente amável com as pessoas que visse pela primeira vez. Ela seguiu o conselho e Oxalá, entusiasmado com tanta generosidade, pintou seu corpo com efum. É por isso que a galinha d'angola é o pássaro que mais se parece com Oxalá.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho informa o consulente que ele tem grandes possibilidades de obter muitas

coisas e que conseguirá realizar seus desejos se for generoso com seus semelhantes.

#### Ebó

Para obter o que espera, o consulente deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, uma galinha, um caracol e efum.

### 10.4. Oxalá brilha como o Sol

**Resumo:** um ebó foi proposto a quem quisesse fazê-lo. Oxalá se apressou a cumprir o que havia sido prescrito. E quando outras pessoas vieram para fazer o ebó, Oxalá estava brilhando como os raios do Sol. Então, todos lhe juraram fidelidade e prometeram adorá-lo para sempre.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho garante ao consulente grandes vitórias na vida. Ele será possuidor de uma grande fortuna e brilhará em sua profissão.

#### Ebó

Para que tudo isso possa acontecer, ele deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, uma ovelha, muitas penas de papagaio da Costa e efum.

#### Informações complementares

Em Recife, onde essa combinação de búzios é chamada Ubhirusun, é Iansã que responde. A combinação indica que o consulente é perseguido por alguém já morto. Ele deve dar uma cabra preta, uma galinha preta e um pombo preto para se livrar dos perigos.<sup>43</sup> No Rio de Janeiro, segundo o método obaniká, nessa posição é Xangô Ogodô quem fala e revela que o consulente é vítima de perturbações sérias. Ele deve preparar um ebó com um galo e fazer uma limpeza de corpo.<sup>44</sup>

## DÉCIMA PRIMEIRA POSIÇÃO

Onze búzios "abertos" e cinco "fechados".

(43) Ribeiro, René, *op. cit.*, pp. 89 e 94.

(44) Freitas, Byron Torres de, *op. cit.*, p. 48.

Nome: Owarin (BA).

Essa posição é também conhecida pelos seguintes nomes: Uelê (BA), Orixá-Kê (RJ), Owarin-Sobê (BA), Orishabe (PE).<sup>45</sup>

#### Significados

Essa combinação de búzios oferece os seguintes significados: surpresa, ingratidão, satisfação, dificuldades.

Orixá que responde: Exu (BA).

Segundo outras informações, um dos seguintes orixás também pode responder: Sakpatá (BA), Iemanjá (BA), Iansã (RJ/PE).<sup>46</sup>

#### Histórias-exemplo

Para analisar essa combinação o adivinho dispõe de cinco histórias ou caminhos.

#### 11.1. A maldade das pessoas

**Resumo:** um ebó foi prescrito a uma mulher que tinha um bebê e uma irmã gêmea. Um dia em que a mulher estava lavando roupa, sua irmã gêmea se aproveitou de sua distração para jogar o bebê em uma bacia d'água. A criança foi salva por um cachorrinho antes mesmo que a mãe percebesse o perigo. Essa história ilustra a que ponto pode chegar a maldade dissimulada das pessoas.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho avisa o consulente que ele está a ponto de ser vítima de uma grande perversidade. Ele deve também esperar ser vítima de represálias de inimigos seus. Entretanto, seja qual for a situação, é preciso muita paciência, pois ele terminará por triunfar no final.

#### Ebó

Para que tudo lhe seja favorável, ele deve fazer um ebó contando entre outros ingredientes, peixe e um cachorro.

(45) Ver quadros: 1, 3, 4, 7.

(46) Ver quadros: 1, 2, 3, 4.

#### 11.2. Os poderes de Ologomã

**Resumo:** no começo do mundo se indicou um ebó que deveria ser feito por todas as plantas do mato. Nenhuma delas realizou o ebó indicado, exceto Ologomã (folha da fortuna). Por essa razão, todos os poderes mágicos lhe foram conferidos e Ologomã se tornou uma folha com grandes poderes nas ciências ocultas.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho informa o consulente que, mais cedo ou mais tarde, ele gozará de grandes poderes na sociedade e será muito respeitado

#### Ebó

Para que tudo isso seja possível, ele deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, um bode, galo, obi, orobô, atarê e bebida alcoólica.

#### 11.3. Um escravo se torna senhor

**Resumo:** havia dois homens; o primeiro freqüentemente dizia: "Ninguém prospera às minhas custas", e o segundo: "Quem deve prosperar acabará por fazê-lo". O segundo, escravo do primeiro, era muito explorado, mas manifestava grande confiança. Um dia, o escravo, tendo economizado um pouco de dinheiro, comprou uma galinha e uma ovelha. Seu senhor as tomou e as matou. O escravo, paciente, se contentou em defumar a carne dos animais e guardá-la. Mais tarde, o escravo conseguiu guardar de novo uma pequena soma de dinheiro. O senhor a tomou e comprou de uns comerciantes os ossos de um príncipe morto na guerra. Passou-se o tempo e o rei teve necessidade de uma galinha defumada para fazer um ebó, a fim de afastar uma epidemia que assolava a cidade. O escravo ofereceu a carne que ele tinha conservado e foi muito bem recompensado. O mesmo ocorreu com a carne da ovelha e com os ossos do príncipe. Finalmente, aquele que era o senhor se tornou pobre e o escravo muito rico. Como ele tinha bom coração, tornou-se amigo de seu antigo senhor.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho diz ao consu-

lente que ele será vítima de grandes perseguições e que terá muitas dificuldades na vida. Mas ele vencerá facilmente todos esses obstáculos.

#### **Ebó**

Para chegar a isso o consulente deverá fazer um ebó contendo, entre outras coisas, uma ovelha, uma galinha choca e um objeto qualquer que tenha pertencido a um defunto, em alusão aos instrumentos que enriqueceram o escravo.

#### **11.4. Oxum, a dona do ouro**

**Resumo:** como Oxum se achava em sérias dificuldades, foi-lhe recomendado um ebó a fim de melhorar sua situação. Ela obedeceu e levou o ebó para a margem de um rio. Um outro dia, passando por lá, ela viu que o azeite do ebó tinha se transformado em ouro. É por isso que, até hoje, Oxum é a santa mais rica.

#### **Interpretação**

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho informa o consulente de que, mesmo passando sérias dificuldades na vida, ele vencerá facilmente e será muito rico.

#### **Ebó**

Para que aconteça o que deseja, ele deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, muitas galinhas, peixes e metal amarelo.

#### **11.5. Dada-Owarin transforma búzios em dinheiro**

**Resumo:** Dada-Owarin fez escrupulosamente um ebó que lhe foi recomendado. Ele colocou muitas panelas de milho no fundo da casa e aí misturou os búzios da Costa. Pouco tempo depois, ele encontrou as panelas cheias de dinheiro de todo tipo, tornando-se assim o santo mais rico.

#### **Interpretação**

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho informa o consulente que ele passará muitas dificuldades financeiras. Entretanto, se ele tiver muita paciência, disporá de grandes recursos.

#### **Ebó**

Para dispor desses recursos, ele deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, um carneiro, galos, obi e, sobretudo, muitos búzios da Costa.

#### **Informações complementares**

Em Recife, o informante de René Ribeiro não lhe forneceu qualquer dado acerca dessa combinação.<sup>47</sup> No Rio de Janeiro, segundo o método obaniká, é Iansã quem responde nessa posição. Ela é de mau augúrio para o consulente; anuncia morte, roubo e dificuldades sentimentais. O consulente deve tomar muitos banhos de purificação.<sup>48</sup>

#### **DÉCIMA SEGUNDA POSIÇÃO**

##### *Doze búzios "abertos" e quatro "fechados":*

**Nome:** Ejilá-Seborá (BA).

Essa combinação é também conhecida pelos nomes: Jilá-cebora (BA), Oulancá-Leaché (RJ), Olokan-Ilê (PE), Ejilá (BA), Eijje-Oshebora (PE).<sup>49</sup>

#### **Significados**

Esse odu oferece os seguintes significados: vitória, agonia, inquietude.

Orixá que responde: Xangô (BA/PE). (As doze qualidades de Xangô). Segundo outras informações, Ossanha (RJ) ou Orô (PE) podem também responder.<sup>50</sup>

#### **Histórias-exemplo**

Para a análise dessa combinação, o adivinho dispõe de cinco histórias ou caminhos.

(47) Ribeiro, René, *op. cit.*, pp. 89 e 94.

(48) Freitas, Byron Torres de, *op. cit.*, p. 49.

(49) Ver quadros: 1, 3, 4, 5, 6.

(50) Ver quadros: 3, 4.

### 12.1. A ascensão de Xangô

**Resumo:** Xangô era um escravo cortador de capim. Por ocasião da morte do rei, como havia um problema de sucessão, resolveu-se tomá-lo como soberano. Essa decisão lhe criou muitas inimizades e ele perdeu a confiança do povo. Para ser temido, ele pediu a Oyá (Iansã) que fizesse um "trabalho" mágico e a partir daquele momento os dois passaram a cuspir fogo quando falavam. A mulher começou a tirar proveito da situação, mas Xangô foi aconselhado a não expulsá-la. Desafiado por um general, Xangô o enfrentou em um combate em praça pública. Ele foi vencido e fugiu do palácio com sua amiga Oyá, que lhe sugeriu suicidar-se para salvar sua honra. Assim fez ele. Depois disso os amigos de Xangô, vendo-se perseguidos, fizeram um trabalho para Ossanha, o que provocou um grande incêndio na cidade. Então, diante da população desorientada, eles disseram que tudo aquilo era castigo pelo mal que havia sido feito a Xangô.

Todos imploraram misericórdia. A partir desse dia, Xangô se tornou o orixá mais reverenciado no país iorubá.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho informa o consulente de que ele vai passar por grandes dificuldades na vida. Entretanto, mudanças importantes se produzirão e ele terá grandes vitórias.

#### Ebó

Para que isso ocorra, ele deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, um carneiro (o alimento favorito de Xangô), corda e pólvora.

### 12.2. A artimanha de Exu

**Resumo:** um homem foi chamado à presença do rei por ter falado mal de tudo e de todos. Lá chegando, ele confirmou tudo o que havia dito e, para demonstrar suas proezas, disse que seria capaz de enterrar sete inhames assados, que após doze dias germinariam. O rei aceitou o desafio e ordenou que o local da demonstração fosse vigiado por sete homens. Vendo-se em dificuldades, o homem recorreu a Exu e este, usando um artifício, conseguiu enganar os guardas e substituir os

inhames assados por outros já germinados. O rei, impressionado, gratificou bem o homem, que se tornou muito rico.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho diz ao consulente que ele terá grandes dificuldades na vida, mas que com muita astúcia, como fez Exu na história, vencerá todos os problemas.

#### Ebó

Para que tudo isso aconteça, ele deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, galos e uma preá.

### 12.3. O destino de duas crianças

**Resumo:** no começo do mundo, duas crianças nascidas na mesma cidade foram vendidas separadamente e levadas para longe. A primeira, um menino, foi vendido a um convento de frades e se tornou muito querido por todos. Com a morte do prior, todos os irmãos se tornaram seus servidores. A outra criança, uma menina, foi para um convento de freiras e se tornou também muito estimada. Depois que todas as irmãs morreram, a superiora lhe doou todos os bens que haviam pertencido às defuntas e a jovem se tornou, dessa forma, a mulher mais rica do lugar.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho diz ao consulente que ele está passando por sérias dificuldades, mas que brevemente ele encontrará alguém para ajudá-lo.

#### Ebó

Para que alguém venha em seu socorro, ele deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, pombos e um boné semelhante ao dos padres.

### 12.4. Os dois irmãos rivais

**Resumo:** um casal tinha dois filhos: o mais novo era preferido pela mãe, e o mais velho, pelo pai. A mãe, para proteger o mais novo, entrou a execução de um ebó realizado pelo mais velho. Isso iniciou uma grande rivalidade entre os dois irmãos e os pais resolveram enviar o mais moço para ganhar sua vida

fora. Ele foi, então, para a casa de seu tio materno e se tornou pastor de rebanho. Foi decidido que ele receberia como remuneração todos os animais que nascessem com manchas brancas. Ele recebeu em sonho a visita de Odu que o aconselhou a tomar diversas varetas, roçar com elas as vacas e ir ao meio-dia ver as sombras das vacas na água. A partir desse dia, o rapaz se tornou rico, pois todos os animais que nasciam tinham manchas brancas. Malvisto pelo patrão, o jovem decidiu ir-se embora com seu gado. Durante esse tempo, o irmão mais velho, invejando-o, decidiu fazer o mesmo ebó que o mais novo, acrescentando um facão e uma espada de dois fios. Ele planejou, então, atacar seu irmão no caminho de volta. Avisado por Odu da emboscada, o caçula decidiu dispersar o rebanho para impedir que o roubo fosse total. Assim, ele conseguiu levar para casa a maior parte dos animais e ficou muito rico.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o advinho diz ao consulente que ele será vítima de perseguição, sobretudo da parte de parentes próximos. Entretanto, ele não deve se desesperar, pois tudo passará e ele será feliz e próspero.

#### Ebó

Para melhorar sua situação e obter tudo o que espera da vida o consulente deve fazer um ebó contendo, entre outras coisas, um carneiro, galos e galinhas.

### 12.5. Xangô se torna rei de Ossá

**Resumo:** Sete ebós haviam sido prescritos a Xangô, Egum e Orô. Apenas Xangô fez o que havia sido indicado. Quando Egum começou a dançar, todos ficaram amedrontados. Quando Orô se pôs a gritar, todos abandonaram a cidade. Mas quando Xangô saiu, todas as mulheres loiras lhe deram presentes de jóias e vestimentas luxuosas e o proclamaram rei de Ossá.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o advinho diz ao consulente que ele não terá grandes dificuldades na vida e que tudo lhe será favorável.

#### Ebó

Entretanto, para que as coisas corram bem, ele deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, um carneiro e galos.

#### Informações complementares

Em Recife, quando se produz essa combinação de búzios, o advinho prevê felicidade para o consulente. Mas ele deve agradecer a Xangô com um carneiro.<sup>51</sup> No Rio de Janeiro, seguindo o método obaniká, essa combinação indica uma ajuda prestada pelos amigos. Mas pode também ocorrer uma traição por parte dos amigos. Uma mulher criará grandes dificuldades para o consulente. Ele deve tomar três banhos de purificação.<sup>52</sup>

### DÉCIMA TERCEIRA POSIÇÃO

Treze búzios "abertos" e três "fechados".

Nome: Ejiologbon (BA).

Essa combinação é também conhecida pelos seguintes nomes: Lossô-Lolô (BA), Etalá-Metalá (RJ/Pe), Obetogundá (PE), Ofalá (BA).<sup>53</sup>

#### Significados

Essa combinação de búzios significa: luta, astúcia, sagacidade.

Orixá que responde: Abaluáê (BA/PE) ou Nanã (RJ/PE/BA) ou Oxumaré (BA/RJ/PE).

Segundo outros dados, um dos seguintes orixás pode também responder: Sakpatá (BA), Oxalá (BA), Ogum (PE), Egum (BA).<sup>54</sup>

#### Histórias-exemplo

Para a análise dessa situação, o advinho dispõe de cinco histórias ou caminhos.

(51) Ribeiro, René, *op. cit.*, pp. 89 e 94.

(52) Freitas, Byron Torres de, *op. cit.*, p. 51.

(53) Ver quadros: 1, 3, 4, 5, 6.

(54) Ver quadros: 1, 2, 5, 6.

### 13.1. Ifá, o mensageiro de Orumilá

**Resumo:** indo ao mercado a pedido de sua mulher, Orumilá encontrou no caminho pessoas pescando e conseguiu adivinhar quantos peixes eles já tinham pescado. Todos os peixes lhe foram oferecidos e ele ordenou que eles fossem enterrados e o local recoberto com folhas. Mais adiante ele encontrou pessoas fazendo armadilhas para caçar preás e ele conseguiu adivinhar o número de preás que já tinham sido caçados. Tendo recebido as preás, ele ordenou que elas fossem conservadas em um lugar recoberto de folhas. Quando chegou ao mercado ele comprou como escravo uma criança, que conseguiu adivinhar a soma de dinheiro que ele trazia. Surpreso, Orumilá ordenou à criança que ficasse numa loja esperando-o até o meio-dia. Depois que ele saiu, a criança foi até os lugares marcados, retirou os peixes e as preás e os levou à casa de seu novo senhor. Lá, ela organizou festas para recebê-lo. Orumilá, voltando do mercado, não encontrou a criança e se sentiu envergonhado por ter que voltar para casa sem dinheiro e sem escravo. Quando ele chegou em casa encontrou a criança, seu escravo, que havia feito rapidamente fama como adivinho. O rei, informado a respeito, quis testar Orumilá e seu escravo para saber quem era melhor adivinho. Ele construiu uma casa completamente fechada e encerrou cem homens dentro dela. Em seguida, ele perguntou aos dois adivinhos o que a casa continha. O jovem declarou que havia cem homens dentro. Orumilá disse que havia cento e um. Sabendo que o rapaz tinha ganhado, foi consultar para fazer um ebó. No dia marcado para a abertura da casa, cada homem saiu com um filho, um pequeno *awô*, e finalmente se viu sair um homem sozinho, o pai de todos. O rei compreendeu, então, que o babalão não adivinha, mas acerta. A partir desse dia, Orumilá, que já era velho, fez de seu escravo Ifá seu mensageiro.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho prevê para o consultante uma vida feliz, cheia de alegria e de satisfação. Entretanto, para que tudo lhe seja favorável, ele deve sempre agir com muita paciência e astúcia.

#### Ebó

Ele deve fazer um ebó contendo, entre outras coisas, peixes e galos.

### 13.2. O restabelecimento da ordem em uma cidade

**Resumo:** em uma certa cidade havia muita desordem e a anarquia era geral. Após a realização de um ebó, tudo voltou ao normal.

#### Interpretação

Quando esse caminho aparece, o adivinho informa o consultante de que ele vive em desacordo com alguém e que deve resolver logo o problema.

#### Ebó

Para isso, ele deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, carne de galinha, de carneiro e todo tipo de carniça que o urubu come.

### 13.3. O macaco e a onça

**Resumo:** ordenou-se a um macaco que fizesse um ebó. Um dia, caminhando pelo mato, ele encontrou a onça que tinha caído em um buraco. Ela disse que estava morta de fome e ele resolveu salvá-la. Uma vez livre, a onça agarrou o macaco para devorá-lo. Para resolver o problema foi chamada a tartaruga, pois ela era muito sabida. Ela escutou o testemunho do macaco e lhe ordenou bater as mãos e limpá-las no chão. Ela fez o mesmo com a onça. Quando esta última executava a tarefa, o macaco aproveitou para fugir. A onça, furiosa, começou a espancar o cágado de tal modo que foi necessária a ajuda das formigas para salvá-lo.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho prevê para o consultante a traição de uma pessoa que ele ajudou. Ele deve esperar esse tipo de comportamento da parte dos falsos amigos.

#### Ebó

Para se proteger da falsidade, ele deve fazer um ebó contendo um pato e uma tartaruga, entre outras coisas.

### 13.4. De como os homens passaram a dominar os mulheres

**Resumo:** no começo do mundo as mulheres, conduzidas por Iansã, dominavam os homens. Com esse objetivo elas celebravam um ritual em uma encruzilhada, usando um macaco para aterrorizar os homens. Revoltados, eles resolveram, sob a direção de Ogum, pôr fim a essa situação. Após ter feito um ebô, Ogum apareceu às mulheres com uma cara tão terrível que Iansã fugiu, apavorada. Essa covardia foi tornada pública e os homens começaram a dominar as mulheres, como é ainda o caso hoje em dia. É por isso que as mulheres, com raras exceções, não podem penetrar nos segredos dos Eguns.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho prevê para o consulente muito sucesso na vida. Mas ele deve agir com muita sagacidade e audácia.

#### Ebô

Para obter o sucesso que ele deseja ardentemente, o consulente deve fazer um ebô contendo, entre outras coisas, um carneiro, uma espada e um chapéu.

### 13.5. O sábio que descobriu um grande roubo

**Resumo:** houve uma vez um roubo tão grande que se falou dele em várias cidades. O rei convocou vários sábios para ver quem conseguiria achar uma solução para o enigma. Um homem que se dizia muito sábio foi ao rei e prometeu resolver o problema ao fim de trinta dias. Sabendo disso, os ladrões se puseram a rodar a casa do homem, para tentar escutar alguma coisa. Cada vez que os ladrões de aproximavam, ouviam o homem contar quantos eram os envolvidos. Atemorizados, eles pediram ao sábio para interceder por eles junto ao rei. Assim fez ele e o rei prometeu aliviar as penas que lhes seriam infligidas. O sábio se tornou assim muito famoso, e foi bem recompensado. Ele se tornou senhor de grande riqueza.

#### Interpretação

Quando esse caminho aparece, o adivinho informa o consulente que ele terá algumas contrariedades na vida. No entanto, ele não deve se desesperar, pois a sorte virá em seguida.

#### Ebô

Para que a situação lhe seja favorável, ele deve fazer um ebô contendo, entre outros ingredientes, uma galinha e tudo o que ele puder conseguir.

#### Informações complementares

Em Recife, raras são as informações acerca dessa combinação. Sabe-se apenas que se deve fazer um ebô para o orixá que responde.<sup>55</sup> No Rio de Janeiro, segundo o método obaniká, quando se produz essa combinação, o adivinho informa o consulente de que ele será capaz de vencer todas as dificuldades, mas que ele não tem sorte no amor. O consulente deve passar um frango vivo pelo corpo e em seguida colocá-lo na rua.<sup>56</sup>

### DÉCIMA QUARTA POSIÇÃO

Quatorze búzios "abertos" e dois "fechados".

Nome: Iká (BA).

Essa combinação é também conhecida pelos seguintes nomes: Ossanlu-Ogbeniô (RJ), Oudom-Miritié (RJ), Odam-Merilá (PE), Obejoco (PE), Obegundá (BA).<sup>57</sup>

#### Significados

Esse odu significa: perversidade, remorso, paz, fortuna, bem-estar, vitória.

Orixá que responde: Egum (BA)

Segundo outras informações, um dos seguintes orixás pode também responder: Oxumarê (BA/PE), Oxalá (BA/PE), Ibeji (RJ), Omolu (BA).<sup>58</sup>

#### Histórias-exemplo

Para a análise dessa combinação, o adivinho dispõe de cinco histórias ou caminhos.

(55) Ribeiro, René, *op. cit.*, pp. 89 e 94.

(56) Freitas, Byron Torres de, *op. cit.*, p. 51.

(57) Ver quadros: 1, 3, 4, 5, 6.

(58) Ver quadros: 1, 2, 3, 4, 5, 6.

### 14.1. Oxalá cuida dos filhos

**Resumo:** os filhos de Oxalá eram indolentes. Oxalá procurou Orumilá para ver se podiam juntos encontrar uma solução para o problema. Então Oxalá levou um ebó e todos seus filhos à casa de Orumilá. Os meninos dos arredores, não encontrando seus companheiros, foram invadir as roças e os quintais alheios, quando um dos proprietários começou a atirar para o ar. As crianças caíram da árvore e ficaram gravemente feridas. As crianças de Oxalá escaparam desse desastre e a partir daí se comportaram bem perante a sociedade.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho diz ao consulente que ele deve agir com prudência para evitar catástrofes. Ele deve também se preservar das maldades de pessoas estranhas ou mesmo de amigos que querem se vingar de qualquer coisa.

#### Ebó

Para que possa evitar as dificuldades previstas nesse caminho ele deve preparar um ebó contendo, entre outras coisas, galinhas e uma preá.

### 14.2. O babalaô que foi traído por um companheiro

**Resumo:** Dois amigos que eram babalaôs foram a um lugar procurar certas coisas. Durante a volta em canoa, um dos dois decidiu trair seu amigo e o jogou dentro d'água, pondo-se em seguida a gritar por socorro para que não houvesse suspeitas. Mas a vítima tinha feito um ebó pouco tempo antes. Ela foi, então, salva pelos búzios e mariscos que o colocaram na beira da praia.

#### Interpretação

Quando esse caminho surge, o adivinho recomenda ao consulente muita prudência a fim de evitar uma traição. Entretanto, ele não deve se desesperar porque tudo acabará bem para ele.

#### Ebó

Por precaução, o consulente deve fazer um ebó contendo, entre outros ingredientes, galinhas e uma preá.

### 14.3. De como os macacos se protegem da onça

**Resumo:** todos os animais fizeram um ebó para se proteger da onça e de outras feras que os perseguiam. Aconselhou-se os macacos a não dormir nos lugares onde eles passavam o dia. Assim fizeram eles e, de noite, a onça veio para devorá-los, mas não os encontrou. É por isso que até hoje os macacos têm o hábito de agir dessa maneira.

#### Interpretação

Quando esse caminho aparece, o adivinho recomenda ao consulente que se afaste temporariamente de sua residência, para evitar uma infelicidade qualquer.

#### Ebó

O consulente deve também prever um ebó contendo, entre outras coisas, uma preá e galos.

### 14.4. Olorum concede graça a Iká

**Resumo:** Ossá, no começo do mundo, ordenou que todos os odus fizessem um ebó. Todos desobedeceram, menos Iká. É por isso que Olorum decidiu que, em todos os ebós feitos sobre a face da Terra, o nome de Iká deve ser invocado para que se obtenham resultados satisfatórios.

#### Interpretação

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho recomenda ao consulente paciência e obediência. Nesse caso, seus esforços serão coroados de sucesso.

#### Ebó

Para que tudo corra bem, o consulente deve prever um ebó (não temos informação sobre sua composição).

### 14.5. Exu dá ajuda a um mendigo

**Resumo:** um mendigo fez um ebó, com grande sacrifício, a fim de obter fortuna. Exu, condoído, decidiu ajudá-lo dando-lhe certas instruções. Um milionário do lugar vinha passando e o mendigo disse e repetiu que ele não via lá ninguém de importante. O rico sentiu-se muito ofendido por não ser tomado em consideração pelo mendigo e resolveu ajudá-lo para

mostrar seu valor e sua importância. Assim, o pobre se tornou muito rico, com a ajuda de Exu.

#### *Interpretação*

Quando esse caminho se apresenta, o adivinho informa o consulente de que ele deve ter paciência, pois alguém virá em seu socorro e sua situação econômica vai melhorar rapidamente.

#### *Ebó*

Para isso, ele deve prever um ebó contendo, entre outras coisas, uma cãbra, galinhas e preás assadas.

#### *Informações complementares*

Em Recife, essa combinação indica que o desejo do consulente será concedido. Ele deve dar uma galinha branca, um pombo e mel de abelha a Oxalá.<sup>59</sup> No Rio de Janeiro, seguindo o método obaniká, essa combinação significa surpresa, lucros nos negócios e novas amizades. O adivinho recomenda ao consulente ter muita fé nos orixás.<sup>60</sup>

## Textos míticos

### *1.1. Um galo provoca chuva*

Em antiga época, o galo era um dos maiores consultores (*awô*) e sua fama corria muito longe. Então, o chefe de um povoado mandou convidá-lo para que ele fizesse uma consulta sobre a grande seca que assolava aquela terra. Feito o ebó recomendado, lá se foi o galo. Ao chegar à grande porta da cidade, foi advertido pelo porteiro que não podia entrar assim, sem fazer alguma declaração sobre sua procedência. Com isso, inflamou-se o galo e, tirando do bolso da capanga que trazia uns cacetinhos, fez uso deles, dando na cabeça do funcionário, daí resultando grande derramamento de sangue. O homem lhe rogou praga de tal forma que os astros, em poucos minutos, transformaram-se em tempestade.

Roncaram muitas trovoadas; enfim, foi um horror. Nesse interím, seguiu o galo direto para a casa do presidente do lugar. Chegando lá, o chefe disse: "Só tua presença, possuindo grande poder, faz chover abundantemente". Mandou, então, que os servos lhe dessem um aposento separado, isto é, um poleiro no fundo da casa, devotando-lhe muita admiração.

(59) Ribeiro, René, *op. cit.*, p. 90 e 94.

(60) Freitas, Byron Torres de, *op. cit.*, p. 52.

### 1.2. A morte enganada por Ocarã

Ocarã procurava tudo. Porém, nada lhe era possível obter. Feito o ebó recomendado, astucioso ele uma forma de obter as coisas que desejava e de progredir. Teve a idéia de dar um bode "de meia" (de parceria) à morte, para criar. Passado muito tempo, Ocarã quis o produto do bode, com todas as gerações, como se este fosse uma cabra e pudesse procriar. Como isso não era possível, Ocarã exigiu uma soma incalculável de indenização, por muitos bodes ou cabritos que o animal teria produzido se fosse uma cabra.

### 1.3. Exu põe fogo em uma casa

Mandararam Exu fazer ebó com determinados objetos, a fim de obter fortuna rapidamente. Feito o ebó, seguiu Exu para a cidade de Ijebu. Lá chegando, foi se hospedar em casa particular de uma pessoa que ocupava uma posição oficial naquela localidade. O costume do lugar exigia que qualquer pessoa vinda de fora se hospedasse no palácio do chefe local. O que não ocorreu.

Altas horas da noite, Exu se levantou devagarinho, foi ao quintal como quem queria urinar, e riscou um fósforo nas palhas que serviam de telhado. Feito isso, pôs-se a gritar por socorro, como se estivesse inocente, dizendo-se perdido, pois tinha uma grande fortuna dentro da talha que havia entregue ao dono da casa, na presença de muitas pessoas da localidade. Com toda essa confusão, até o presidente tomou conhecimento do que estava ocorrendo e, sem perda de tempo, foi ao local do fantástico sinistro. O presidente se propôs a pagar a indenização, já que todos da vizinhança asseguravam que realmente o valor dos objetos que Exu trouxera era incalculável. Resolveu também colocar Exu no lugar do rei e ele, o presidente, ficaria como secretário, pois não sabia como havia de harmonizar alguma coisa em sentido contrário. Daquela data em diante, ficou Exu dono de Ijebu e todos os habitantes da cidade se tornaram seus súditos.

### 1.4. Ogum protege um pobre

Existia um pobre peregrino que labutava em vários lugares. Contudo, depois de fazer o seu trabalho nas plantações, mandavam-no embora, ficando os donos da terra com tudo que ele havia construído.

Por conselho de alguém, esse homem foi um dia à casa de um adivinho (*awô*) e lá lhe indicaram um ebó. Feito o ebó, partiu para a grande mata fronteira e, lá chegando, deu início ao serviço, o que causou grande barulho naquele lugarão tão deserto. Veio Ogum, que era o dono da mata e, chegando perto daquele estranho, ficou a espreitá-lo. O homem, ao ver Ogum, implorou logo misericórdia, perguntando, em seguida, se ele queria se servir de alguma coisa e, caso desejasse, falasse sem cerimônia, pois estava ali tudo à sua disposição. Ogum aceitou tudo que ali existia, ficando satisfeito. Perguntou então Ogum ao peregrino quem foi o ser tão perverso que o havia mandado para aquele local cuja entrada era proibida, por ser um lugar sagrado. O homem lhe contou tudo, inclusive os infortúnios de sua vida. Ogum, tomado de súbito terror, mandou que o homem tomasse de um marô e fosse marcar as casas de seus amigos, pois ele iria naquela cidade, à noite, destruir tudo o que lá se achasse, desde os haveres até o solo. Dito e feito. Ogum acabou com tudo, exceto às casas e lugares marcados pelo homem, e deu tudo para ele, assim como havia prometido.

### 1.5. Xangô e Iansã

Dizem que Xangô e sua esposa Iansã fizeram um ebó recomendado a fim de se tornarem fortes, poderosos e respeitados em tudo. Feito tudo como foi indicado, Xangô e Iansã passaram a expelir fogo pela boca quando falavam.

### 2.1. Macacos conseguem liberdade

Existiu um grupo de macacos que mandou fazer um ebó determinado a fim de poder se reunir livremente, sem sustos e

as correrias a que constantemente andavam submetidos. Feito o ebó, ficaram livres dos bandos de outros macacos, até mesmo dos bandos de sua própria raça. Desse modo, podiam transitar livremente pelas roças e matas do lugar.

### 2.2. A reconciliação de um casal

Um homem e sua mulher, estando em constante desarmonia, chegaram a ponto de não poderem viver juntos de modo nenhum. Feito o ebó indicado, houve a reconciliação, passando o casal a viver em colaboração e sossego.

### 2.3. Emo-hunkó se torna rei da terra de Egbá

Existiam diversos príncipes que viviam na terra de Egbá. Um dentre eles fez o ebó indicado. Foi Emo-hunkó. Cada príncipe empossado foi ficando como cabeça dos foragidos que se reuniam na terra de Abeokutá. Emo-hukó foi coroado rei de todos os príncipes e reina até hoje.

### 2.4. A sagacidade de Tela Okó

Dizem as histórias que diversos príncipes disputavam poderes, hierarquia e outras fidalguias. Tela Okó, desprovido de todos os meios, foi ser roceiro. Um dia, bem no lugar onde havia colocado o ebó, quando já estava para voltar, deu com a enxada num forno enorme, o que lhe causou grande espanto.

Chamou os companheiros que se achavam mais afastados, dizendo-lhes que havia se afundado no buraco da riqueza. Porém, tendo ele constatado, logo em seguida, que havia realmente encontrado um grande tesouro, imediatamente mudou de "dizer" (de conversa): "Não. Encontrei um bocado de orobós tão alvos que parecem dinheiro".

### 3.1. Escapando da morte

Existia um homem que era um grande cientista daquela época e muito preferido por todos do local. Um dia, manda-

ram-no fazer um ebó, se não quisesse que a morte o levasse em pouco tempo. Feito tudo o que lhe determinaram, em vão veio o guia da morte para levá-lo, querendo agarrá-lo para o jogar no buraco do *igbin* (caracol) que estava preso no boné que ele tinha na cabeça.

### 3.2. O homem salvo por Exu

Existia um homem que tinha muitos discípulos. Esse senhor, achando-se muito doente, mandou os discípulos a todos os cantos do mundo procurar pessoas competentes que lhe pudessem tratar daquela enfermidade tão grave. Para sua surpresa, todos o abandonaram naquele momento difícil. Porém, ele já tinha feito tudo conforme lhe indicaram. Exu, que tinha recebido o ebó, disse ao mesmo senhor: "Levanta-te e segue adiante de mim que eu vou te escorando por detrás até chegar aos pés de quem possa te salvar nessa emergência". Assim, foi a Orumilá, que não o desprezou no momento mais indispensável da vida.

### 3.3. Onirê se livra dos rivais

Diz a história que um homem trabalhador muito fazia para viver honestamente do suor do seu rosto. Contudo, era sempre perseguido pelos seus rivais em toda parte que chegava. Um dia, advertido por conselhos de pessoas que se interessavam pela sua prosperidade, foi procurar alguém entendido que lhe recomendou fazer o ebó indicado, a fim de conseguir os seus desejos e sair vitorioso de todas as dificuldades que o embarracavam sua vida. Feito isso, Onirê se tornou uma potência temível em todos os termos naquelas paragens de Irê.

### 3.4. Sapeterê prevê fortuna

Contam as histórias que havia um homem de nome Sapeterê, que quer dizer "abundante". Devido a sua fama pediu consulta. Chegando Sapeterê em Ajaxé, foi dizendo que

todos da terra tivessem esperança, pois que havia de lhes aparecer fortuna, proveniente de progresso imediato. Feito o ebó indicado, as pessoas iam todos os dias à porta de sua casa para saber quando chegaria a fortuna. Quando estava para completar nove dias, o pessoal cercou sua casa para ver se ele ia fugir com todos os objetos entregues para fazer o ebó, assim como os presentes a ele oferecidos. Saperetê, vendo o iminente perigo que corria, mandou sua mulher se retirar para a residência de onde viera, levando tudo o que havia ganho e lhe pedindo que distribuisse com a família, pois se achava indeciso e preocupado com a situação.

Porém, às nove horas do dia marcado, a maioria das pessoas que se achavam na praia viram uma nuvem branca, como se fosse uma embarcação que chegava. E, de fato, era uma embarcação que foi à África pela primeira vez, com pessoas brancas, para dar início ao tráfico de escravos para essa parte do globo. Nesse interim, todos os jejes deram vivas, como sinal de alegria profunda. Voltaram todos para dar parabéns a Saperetê, que já se julgava morto pela atitude de seus clientes. "Que festa, senhor. Que fogueira ele saltou".

### 3.5. *O homem que se julgava infeliz*

Dizem ter havido um senhor que, depois de ter estado muito bem de vida, ficou num estado tão precário que se viu forçado a procurar todos os meios de pôr termo à sua existência, devido à extrema miséria em que vivia. Tendo feito o que lhe determinaram e esperando melhoria nas suas coisas sem nenhum resultado, foi para o malto com uma corda a fim de se enforçar. De súbito, viu o homem um pobre leproso que estava pelejando para partir a concha de um *ighin* (caracol) e botar a água na cabeça. O homem, que estava prestes àquela ação suicida, estirou as mãos para os céus, agradecendo a Deus, pois se julgava melhor ao ver aquele leproso em semelhante estado de saúde. Desceu bastante satisfeito e confortado com o que vira. Em pouco tempo, foi chamado para ocupar o trono do seu pai que falecera. Nessa ocasião, o leproso lhe pediu que não se esquecesse dele, ali tão abandonado. Disse-lhe o homem não se esqueceu do leproso.

### 4.1. *A onça escapa de uma cilada*

A onça era o animal mais odiado, porém muito respeitado por todos os seus semelhantes. Um dia, todos os bichos projetaram uma cilada a fim de eliminar a existência dessa fera intolerável. Porém, a onça já tinha feito o ebó determinado. Quando chegou o dia, todos foram para o parque. Em um dado momento, vinha a onça, toda sutil, quando, de repente, caiu em um buraco preparado para aquela finalidade. Porém, a onça, que tinha as patas bem almofadadas, nada sentiu, saindo illesa da traição malévola.

### 4.2. *Um homem recupera a saúde*

Havia um homem que vivia muito mal de vida, doente, enfim, numa situação indescritível, dada a precariedade em que se encontrava. Feito o ebó, lá sei foi ele para o meio de uma cidade onde havia uma árvore. Com um obi na mão, começou a rogar praga sobre o chefe do lugar, até que seus gritos chegaram aos ouvidos de todas as autoridades que, instantaneamente, reuniram-se no palácio do governo para deliberar sobre o procedimento do perigoso indivíduo que excomungava o dono da terra. Depois de tanto falar, o "cabeça" mandou chamar a tal pessoa e lhe pediu que dissesse o que lhe faltava, a fim de deixar de rogar praga e outras injúrias, pois estava disposto a satisfazer o que ele quisesse. Disse que lhe faltava a saúde e logo a readquiriu e teve todo descanso.

### 4.3. *A vitória do papagaio*

Descreve a antiga história que o Sol, a Lua, o fogo e o papagaio estavam todos reunidos em luta pelo poder, um querendo ser mais do que o outro. O papagaio foi o único que fez o ebó determinado. Os outros disseram que não havia coisa nenhuma que lhes pudesse modificar as feições. Tendo o papagaio feito o ebó, os outros imediatamente mudaram de lugar. Houve muita chuva, a tal ponto que apagou o fogo, e a tempestade, com todos os seus horrores, fez escurecer as nu-

vens. O grande vencedor foi o papagaio, que, embora tenha se molhado muito, não perdeu a cor encarnada que existe em sua cauda.

#### 4.4. *Um príncipe protege um homem aflito*

Narra a história que um homem, achando-se em tal aperto, não via por nenhum lado qualquer tábua de salvação. Ele, então, resolveu ir à casa de um *awó* fazer um ebó determinado. Em um lugar reservado, acendeu um fogo e, em seguida, colocou pimentas, pondo-se a receber a fumaça nos olhos. Nesse momento, passava um príncipe reinante e herdeiro do trono que observou aquela cena de sofrimento. Perguntou, então, por que ele estava procurando o meio mais curto possível para pôr termo à sua existência. O príncipe indagou o que era aquilo ou o que queria dizer. Sem demora, o homem contou a razão daquele ato de castigo a si próprio. Tratava-se de compromisso inadivél. Também, sem hesitação, o príncipe mandou-lhe uma verdadeira fortuna a fim de que ele pudesse viver toda a sua vida sem o menor vexame. Disse o príncipe que, tendo pena dele, não consentiria em semelhante cena.

#### 4.5. *Ogum recompensa a generosidade*

Afirmava-se, antigamente, que havia uma senhora que vendia acacá ou mingau pela manhã. Um dia, resolveu ir à casa de pessoa entendida na "ciência". Mandaram-lhe então fazer um ebó a fim de obter melhora e posição na vida. Passado algum tempo, veio o general Ogum com o exército, todos famintos. Aproximou-se dela pedindo-lhe que alimentasse seu pessoal. Ela prontamente, de bom grado, mandou todos se sentarem e os serviu abundantemente. Terminada a refeição, Ogum, que não tinha dinheiro para pagar o almoço, correto como é, dividiu com ela tudo o que trazia de saques de guerra. Assim, ficou a vendedora de acacá riquíssima, divulgando o gesto de Ogum por toda parte.

#### 5.1. *Dinheiro, o causador do bem e do mal*

Diz a história que um filho de Oxalá de nome Dinheiro disse ser tão poderoso que seria capaz de segurar até a Morte. Dito e feito. Saiu ele marchando e pensando como poderia trazer a morte presa, de qualquer forma, conforme prometia na presença de todos. Chegando adiante, numa encruzilhada, deitou-se; as pessoas que passavam na estrada deparavam com o homem espichado bem no caminho. Diziam: "Xil! Este homem estendido com a cabeça para a casa da Morte, os pés para o lado da Moléstia e os lados do corpo para o lugar da Desavença". Ouvindo essas palavras dos transeuntes, levantou-se e disse: "Estão de ironia. Já sei de tudo o que era preciso saber. Estou com os meus planos já feitos". Lá se foi ele direito na pousada da Morte. Chegando na chibara desta, começou a bater nos tambores (da Morte) de que a dona fazia uso quando queria matar as pessoas indicadas. Assim ele, que já tinha uma rede preparada, esperou. Quando a Morte veio saber quem era que estava tocando seus tambores, ele a enrolou na rede e levou logo ao maior Oxalá, que lhe disse estas palavras: "Vai-te embora com a Morte e com tudo que possa haver de melhor no mundo. Tu és o causador de tudo, do bem e do mal. Some-te daqui. Leva-a, e podes possuir e conquistar o universo".

#### 5.2. *A descrença*

Um dia, mandaram o marido de uma mulher fazer um ebó e recomendaram que sua senhora oferecesse algo de comida com caruru à cabeça (*dar bori*), a fim de evitar todos os distúrbios que podem acontecer na vida de uma mulher. O dito homem não deu a menor importância à advertência que a ele fizeram. Um dia, houve um ataque de guerreiros, como sempre acontecia naqueles tempos mais selvagens. Acabaram com tudo o que encontraram, saqueando a torto e a direito. Chegando à casa do dito casal, agarraram o marido e arrastaram o candeiro em sua cabeça para que ele não visse que eles se serviam de sua mulher, ato que o decoro pede muita reserva. Como sempre acontece, "não há mal que sempre dure

nem bem que se ature". Um dos assaltantes, condoendo-se daquela cena tão deprimente, perguntou se a mulher tinha deixado de fazer o ebó. Ele respondeu afirmativamente. Então, os mesmos algozes lhe reprovaram o procedimento de descrença e de não haver cumprido o que lhe determinaram. Perdoaram-lhe a vida, dizendo-lhe que nunca mais fizesse pouco caso do que os *awôs* lhe falassem.

### 5.3. *A fuga de Xangô*

Assinala a história que, tendo Xangô um carneiro, um dia houve uma grande contenda entre eles por causa de ciúmes de mulher. Assim, dizem que os dois se bateram a valer. Em dado momento, o carneiro, estando bastante cansado, correu para casa e se armou de chifres, descansou e veio se bater novamente com Xangô, que terminou vencido e, numa corda, foi-se embora com o vento. Por fim, ficou todo pessoal a blasfemar porque Xangô desapareceu da terra para fugir das garras do carneiro, que todos temem por violento e poderoso. Com semelhante decepção, os amigos de Xangô se incumbiram da tarefa de fazer um ebó com muitas pedras mídas. Feito o ebó, começou a roncar trovada e a cair raios dos astros. Com isso, acreditaram que realmente Xangô estava no céu e, de vez em quando, lembravam-se do que havia acontecido.

### 5.4. *Oxum exige sacrifício*

Havia um grande guerreiro. Ele tinha de atacar um povoado e precisava atravessar uma cachoeira de nome Oxum. Esse cabo de guerra, depois de ter chegado, e não podendo atravessar, protestou em alta voz, dizendo que dava *tudo* a Oxum sem arrendimento se pudesse passar com seu exército naquele lugar. Ditas essas palavras, a cachoeira secou imediatamente e o guerreiro saiu-se vitorioso na campanha. Vin-do ele de volta da guerra, e chegando à beira do rio, as águas começaram a subir. Não sabiam o que deviam fazer para se livrar de semelhante situação. Então, chegou ao conhecimen-

to do chefe de guerra que, se ele quisesse que o rio esvaziasse, levasse sua filha única, chamada Tudo, pois ele havia prometido tudo a Oxum. Que dor não foi ouvir essas palavras dolorosas. Porém, ele não teve outro jeito senão mandar botar sua filha Tudo nas ondas, que a tragaram imediatamente. Nesse momento, as águas baixaram de tal forma que em poucas horas estava o rio sequinho. As forças atravessaram e também o grande general, com a maior mágoa por ter perdido sua filha única.

### 5.5. *Oxum, senhora da riqueza*

Narra esse odu que havia, naquele tempo, uma modesta rapariga que sempre se gabava de viver na sua simplicidade constante e que se chamava Oxum. Mas tinha empregado todos os esforços para ter sucesso na vida. Como devia ser de conveniência própria, resolveu procurar a casa de pessoa entendida na matéria. Dito e feito. Chegando lá, mandaram-na fazer ebó, a fim de melhorar sua situação. Mandaram-na levar o ebó para a casa de Oxalá e pedir em voz alta o que queria, pois assim obteria tudo. Ao chegar em casa de Oxalá, começou a maldizer dele. Como é que ela conseguiria o que precisava se diziam ser Oxalá um perverso "de marca maior". Assim, abalou toda a cidade, de onde corriam as pessoas para ouvirem o honesto *awô* chorar de humildade. Ele não podia continuar como rei do povo diante daquela desmoralização provocada por Oxum. Nesse ínterim, chega aos ouvidos de Oxalá e todos seus amigos o aconselham a dar tudo que aquela rapariga queria, contanto que deixassem de rogar praça. Diante da insistência de seus íntimos, fez vir à sua presença a tal rapariga e deu-lhe tudo o que estava ao seu alcance. Assim, Oxum ficou senhora de toda fortuna, mais do que qualquer outra santa mulher.

### 6.1. *O pombo escapa da armadilha*

No princípio, todas as aves se reuniram para saber como podiam viver em paz sem serem incomodadas. Ficou unani-

mente resolvido que cada uma devia fazer um ebó para evitar qualquer acidente, falsidade ou traição. Nenhuma das aves levou a sério aquilo que havia sido determinado. Entretanto, o pombo, temendo alguma coisa, resolveu fazer o ebó indicado. Um dia, amarraram uma visgueira na beira de uma fonte onde todos os pássaros iam beber água durante o verão. Todos os pássaros acabaram caindo na visgueira, com exceção do pombo, que nunca caiu e jamais cairá.

## 6.2. *A pomba Juriti protege familiares*

Mandaram a Juriti fazer um ebó para que seu filho amado e seus parentes próximos não sofressem dor, agonia ou outras coisas que pudessem provocar sentimentos.

## 6.3. *De como o pombo se tornou ave doméstica*

Mandaram fazer um ebó para que todas as aves do mato, sem distinção, participassem. Porém, nenhuma das aves fez o determinado. O pombo foi o único que se sujeitou a fazer o referido ebó. E, assim mesmo, abaixo de todas as blasfêmias das outras aves. Diziam que o tal *awô*queria era lenha e outros objetos para comer. Feito o ebó, o pombo se tornou ave de casa e as outras continuaram aves silvestres, como aves do mato.

## 6.4. *Obará, senhor de grande riqueza*

A história narra que, no princípio do mundo, os 15 odus foram todos em uma casa de pessoas entendidas no assunto a fim de procurar os meios de melhorar de sorte. Porém, nenhum fez o que determinaram os *awôs*. E de se notar que Obará, um desses odus existentes, não se achava no grupo quando os outros foram à casa do *awô* "botar" o jogo. Porém, sendo ele sabedor do ocorrido, apressou-se em fazer o tal ebó que os outros colegas não fizeram. Por simples capricho da

sorte, Obará, para se mostrar àqueles que dele fizeram pouco, fez o ebó por sua conta própria e muito se arriscou para conseguir tal fim, dada a sua precária condição. Um dia, como era de costume de cinco em cinco dias, os 15 odus foram à casa de Olofin consultar o jogo e não convidaram Obará por ser muito pobre. Os outros olhavam para ele sempre considerando-o ridículo. Bem, foram à casa de Olofin, fizeram o jogo e terminaram satisfeitos com o que aquele adivinhara.

Na saída, Olofin, com desprezo, ofereceu uma abóbora a cada um deles. Para não serem indelicados, levaram as abóboras consigo e saíram em direção de seus lares; então, alguém se lembrou de Obará Meji e se dirigiram para sua casa. Um deles, mais liberal, atreveu-se a cumprimentá-lo: "Obará Meji, a Deus... Como vai de saúde? O que você tem aí para comer, para mim e para meus companheiros de viagem?". Imediatamente responde ele que podiam entrar e se servirem de qualquer comida que quisessem. Ditas essas palavras, foram entrando. Todos bastante famintos, pois estavam desde cedo na casa de Olofin e lá não haviam comido nada. Sentaram-se na esteira e serviram-se de bebidas, obi, etc. Enquanto isso, a mulher da casa foi ao açougue comprar carne para reforçar a comida existente. Em poucas horas, todos se serviram do grande almoço, findo o qual se deitaram para passar uma madorna, pois estavam cansados por causa do sol quente. Mais tarde, despediram-se do colega e disseram: "Fica com essas abóboras para ti". E lá se foram satisfeitos com a gentileza e delicadeza do colega pobre. Mais tarde, quando Obará procurava comida, sua mulher censurou-lhe a franqueza e liberalidade que quis mostrar possuir, pois seus semelhantes nunca olhavam para ele como colega. Porém, as palavras de Obará eram simples e decisivas: "Eu não faço isso para ser delicado com meus pares; estou cumprindo ordens; estou avisado de que, fazendo obséquios, virá a nossa prosperidade". Ditas essas palavras, Obará pegou uma abóbora, meteu uma faca, achando-a bastante dura. Sem dificuldade, foi verificando tratar-se de pedras preciosas existentes ali dentro. Assim, com essa surpresa e no auge de alegria, levou, apressado, o conteúdo das abóboras para mostrar à pessoa entendida que disse tratar-se de brilhantes e outras pedras valiosíssimas. Assim, Obará comprou tudo que era necessário

e construiu um palácio em poucos dias, além de adquirir cavaleiros de várias cores.

Passado o tempo, os odus foram à casa de Olofin como de costume. Logo muito cedo, todos se achavam lá, cada um no seu posto. Nisso vem Obará, acompanhado de uma multidão, inclusive músicos com enorme charanga. Enfim, todos com uma alegria incommum. De vez em quando, Obará mudava de cavalo em sinal de nobreza. O alvoroço foi tamanho que Olofin indagou quem vinha com aquele préstito. Em seguida, Olofin perguntou a cada um deles o que haviam feito das abóboras. Responderam todos de uma só voz que tinham jogado naquele tal de Obará. Olofin lhes disse que a sorte estava designada para que Obará fosse o mais rico de todos os odus, pois as riquezas estavam encerradas dentro das abóboras que seriam uma de cada um; mas, para felicidade, tudo foi somente de Obará.

### 7.1. *O homem que afugentou a morte*

É muito conhecida a história do homem que, sabendo que se alastrava uma grande epidemia na sua cidade, foi, sem perda de tempo, a casa de um *awó* competente consultá-lo a fim de se livrar daquele flagelo. Mandaram que ele fizesse um ebó de acordo com todo preceito. Ordenaram que levasse um sariguê e o amarrasse na sua porta, bem em cima, para que todos que passassem vissem aquele objeto dependurado. Assim fez o homem. Dias depois, quando a Morte veio em busca da pessoa daquela casa, de repente avistou aquilo que estava dependurado na frente da residência. Ao mesmo tempo que o homem fez o ebó, os objetos nele utilizados começaram a correr atrás da Morte. Esta, admirada e espantada, prometeu não cedo não bulir com ele e toda gente por ali.

### 7.2. *O escravo que se tornou rei*

Havia um homem que se achava ameaçado de perigo iminente. Este foi amarrado por ter dito que cometera um crime grave. Puseram-no num caixão grande todo pregado e colo-

caram rio abaixo. Por uma dessas coincidências, que sempre resolve o destino das criaturas, o caixão esbarrou no primeiro porto. Ali, o rei tinha morrido e havia uma grande luta por haver muitos herdeiros ao mesmo tempo e todos com direito à sucessão imediata. De forma que não se sabia como decidir o complicado problema. Depois de discutir, ficou decidido o seguinte: durante um determinado tempo, se aparecesse alguém, esta pessoa assumiria o governo e seria o rei da terra. Foi o homem cujo caixão esbarrou num *igbin* (caracol); e, por ter feito o ebó exigido, foi imediatamente eleito rei daquele povo. Assim, ficou ele, um aventureiro, rei de uma nação.

### 7.3. *O casal que conseguiu fortuna*

Existia um casal que passava por grandes dificuldades. Um dia, resolveu consultar uma pessoa entendida na matéria, que o aconselhou a fazer o ebó determinado. Não hesitaram, o homem e a mulher, em obedecer o conselho e fizeram logo o que estava determinado. O *awó* devolveu ao casal o facão, que era a única ferramenta que possuíam. Continuaram, os dois, os seus serviços cotidianos de cortar palmas de dendê e de coqueiro para vender. Um dia, estavam entretidos no corte da mata, quando, num dado momento, o facão escapuliu e foi cair direto num lugar onde, mais tarde, se constatou a existência de um castelo bellissimo onde existiam brilhantes e outros objetos de valor.

### 7.4. *Odi cura enfermidades*

Odi, um dos grandes sábios na arte de adivinhar, foi procurado por dois sujeitos em diferentes ocasiões. Para o primeiro, ele mandou fazer um ebó com um carneiro. Para o segundo, que era cego, mandou fazer um ebó com um galo. O primeiro, que tinha um tumor no escroto, segurou o carneiro e se pôs a pedir à alma de seu pai a ventura de ficar curado daquela enfermidade, tão volumosa quanto suas pernas. Nesse ato, o carneiro deu um coice para trás, vazando-lhe os escroto, ficando o homem imediatamente curado.

O cego, por sua vez, foi oferecer o galo à alma de seu pai e, nessa ocasião, o galo meteu-lhe as unhas nos olhos rasgando-lhe a membrana, ficando este também imediatamente curado. Verificados os milagres, os dois partiram em romaria para agradecer ao seu benfeitor Odi. Qual não foi a surpresa para encontrarem Odi acorrentado na cadeia por modos dois ao encontrarem imediatamente à casa de um *awó* que tinha tirado um ebó para Odi fazer e que ele não fez. Nessa mesma ocasião, um dos filhos do chefe local teve um "santo espan-toso", ficando sem sentido por muito tempo. Um, então, se lembrou de Odi como um dos mais peritos no assunto, no momento. Então, o chefe mandou buscá-lo e rogou-lhe que curasse sua filha. Odi conseguiu curá-la do perigo de vida. O chefe, em sinal de gratidão, deu a Odi sua filha como esposa e tudo que era necessário para conforto de vida junto a ela.

### 7.5. *Paciência, Discórdia e Riqueza*

Como se costuma dizer na história, havia um homem cujo nome era Orumilá. Mandaram que ele fizesse um ebó a fim de melhorar de situação, pois não sabia onde ia e de onde vinha. Um dia apareceram em sua porta três mulheres que diziam chamar-se: Paciência, Discórdia e Riqueza. Todas queriam ficar em sua companhia. Perguntaram a Orumilá qual das três ele queria. Ele escolheu Paciência. Por esse motivo, as outras duas ficaram desgostosas. Seguiram a sua viagem e, em dado momento, no meio do caminho, surgiu uma discussão muito forte numa estrada quase deserta. O motivo foi porque uma delas censurou a escolha de Orumilá, classificando-a de extravagante, enquanto que a outra dizia que isso dependia do gosto de cada um. Foi o que bastou para que as duas mulheres se esbofetassem mutuamente, até que os trabalhadores das estradas mais próximas interferiram na luta, a fim de evitar um provável assassinato. Os trabalhadores levaram as duas presas ao chefe do local e cada uma deu a sua versão, e, como não existia testemunha do fato, foram à casa de Orumilá para que ele, como homem mais sábio e adivinho, resolvesse a causa. Assim que as duas mulheres o avistaram, foram logo dizendo: "Por causa do homem é que nós estamos

brigando. Foi por ele ter ficado com a nossa serva, a Paciência. Está claro que onde há paciência haverá tudo, e, sem ela, nós não podemos viver; por isso, todas nós devemos ficar com este mesmo homem até o fim de nossas vidas".

### 8.1. *A Morte se deixa lograr*

Diz-se que estava a Morte em visita a uma cidade, de casa em casa, como uma grande ameaça, e até causando pânico terrorista em toda aquela população.

Daí um cidadão prudente ter ido à casa de um *awó* para ver se existia uma forma que o livrasse e a todos que lhe eram caros daquela epidemia. Então o *awó* determinou fazer um ebó para a sua salvação.

Feito esse preceito, sem demora, o *awó* deu a pista: jeni-papo verde para ele passar no corpo. O homem fez tudo conforme lhe disseram. Dias depois, a Morte perguntou pelo homem moreno e bem corado ao próprio, e este a enganou, pois a Morte procurava por um homem moreno, bem corado, e não esse homem de cor bem retinta. A Morte sabia de quem se tratava e, para si, elogiava o homem que, com sua inteligência e astúcia, queria enganá-la. "Por enquanto — disse a Morte — vou deixá-lo viver um pouco mais".

### 8.2. *A sobrevivência da cajazeira*

Naquele tempo, mandaram todas as árvores fazer um ebó para que elas não morressem. Porém, nenhuma deu importância ao pedido, a não ser a cajazeira, que fez o ebó designado. Assim, todas as árvores morreram sem demora quando se envergavam em direção ao solo, exceto a cajazeira, que, assim estando, levantou-se do chão e renasceu.

### 8.3. *A paz volta ao casal*

Diz-se que um casal que se desentendia fez o ebó determinado para obter a paz almejada e para não mais haver constrangimento de qualquer espécie entre eles.

#### 8.4. *Orumilá possui a mais linda donzela*

A princípio, "tiraram" um ebô para todos os orixás daquela época sem distinção de nenhum; não houve entre eles quem se animasse a fazer o ebô designado. Vendo que ninguém queria fazê-lo, o próprio Orumilá, o consultor deles para esse fim, resolveu fazer o tal ebô.

Havia uma donzela tão bonita quanto rica, fechada no palácio encantado a sete chaves. Orumilá pegou o seu martelo (*trofé*) e foi apontando com ele para as portas. Assim, foi abrindo uma a uma, até chegar no centro do palácio onde ela estava animhada com todos os prazeres e conforto.

Desse modo, Orumilá pôde possuir a mulher mais bela e tão brilhante como a luz que iluminava os astros daquele tempo.

#### 8.5. *Uma criança salva seus pais*

As histórias narravam que havia um casal que tinha uma criança de poucos dias. Reinava entre eles um certo estremeimento, por motivos sérios. Ora, um dia, o pai do menor teve a idéia de botar veneno na panela de comida de sua mulher. Porém, a criança advertiu a mãe de que seu pai tinha colocado veneno na comida. Esta, em represália, colocou veneno na água que o marido ia beber. Então, a criança avistou o pai que a mãe tinha envenenado a água e que ele não a bebesse. A criança não imaginava a zoadada e barulho infernal que isso produziria, a ponto de irem parar os dois na presença da justiça da terra. Chegando lá, cada um deu o seu depoimento, narrando o fato em questão. As autoridades, vendo que as ofensas ou crimes eram recíprocos, mandaram que os dois fossem embora. Depois de pedir mil desculpas um ao outro, os dois, entre abraços e tudo mais que se segue, ficaram "de bem", como se tivessem começado um novo amor.

#### 8.6. *A desigualdade entre os povos*

É da história se dizer que, no princípio do mundo, antes de tudo o criador semeou todo o gênero humano e determinou

que cada um fizesse por si, a fim de ter tudo e dominar o mundo. Os africanos não cuidaram do ebô e os lados opostos (os outros povos) obedeceram todas as regras prescritas, em todos os seus termos. Assim é que dizem todos os antigos, e é daí que, desde o princípio, os brancos dominaram o universo, conforme se verifica até hoje.

#### 8.7. *Oxalá aclamado chefe de todos os orixás*

Em certa ocasião, reuniram-se todos os orixás, sem nenhuma exceção.

Orumilá ordenou que aquele que quisesse fosse fazer um ebô para poder gozar do benefício que a eles oferece o destino. Entre todos, ninguém se prontificou a fazer o referido ebô, sendo Orumilá o único que se interessou em realizá-lo.

Oxalá, um príncipe, era um homem que habitava um sítio quase ermo. Mais tarde, foram chegando Ogum, Oxóssi, Omolu, Oxum, Iemanjá, enfim, todos os orixás, sem distinção de sexo. Oxalá era cortador de dendê e lenha. Carregou até ficar com o pescoço torto. Era corcunda, por ter caído de uma árvore. Enfim, Oxalá fez todos os serviços mais ínfimos e baixos da terra, pois ele era quase o único habitante a princípio; portanto, seu principal fundador. Todos aqueles que imigravam, lá chegando, pediam um sítio para habitar. Assim, o sítio foi se tornando uma das cidades mais poderosas do mundo naquela época. Um dia, todos se reuniram para deliberação sobre a necessidade de uma pessoa ficar como chefe. Escolhido o dia, todos lá se foram e Oxalá fez o ebô, auxiliado por Olocum, o qual lhe deu uma peça das que ele levou para fazer os vestuários de cima e de baixo, e também lhe deu as plumas encarnadas da cauda do papagaio da Costa, para ele pôr em cima de uma túnica branca. Assim, Oxalá foi colocado em primeiro lugar entre as pessoas presentes, e, desse momento em diante, apresentaram-lhe credenciais, considerando-o rei. Todos os orixás que viviam naquele tempo diziam que, pelos trajés, Oxalá se destacava e demonstrava ser o chefe de todos. Assim, foi Oxalá aclamado chefe de todos os orixás. Oxalá quer dizer maior. Olocum, dono do oceano, que fez um ebô com tudo o que foi possível oferecer, tornou-se

senhor e possuidor de tudo que existe sobre a terra. É belo o adágio que diz que "as águas correm para o mar e que o oceano é muitíssimo mais rico que os continentes".

### 9.1. *Os inimigos do orangotango*

Está registrado, na história do passado, que o carneiro, o galo, o bode e outros animais eram todos de largo saber. Um dia, Olofin mandou convidar todos eles para lhe fazerem uma consulta em seu palácio. Ali chegando, todos começaram o jogo. Em dado momento, "tiraram" um ebó que devia ser feito com um orangotango. E de se notar que esses sujeitos "tiraram" esse ebó já com o espírito de perversidade, para se livrar do seu rival oculto. Imediatamente, Olofin, pessoa bem competente, foi caçar no mato e preparou a seguinte cilada: pegou uma cuia bem grande e colocou muitos obis dentro. De fato, os macacos gostam muito de comer obi e assim foi que o orangotango caiu no alçapão feito com a cuia. Este, que já havia feito o ebó com muitos metais, moveu-se devagarinho até se safar de dentro da cuia. Assim, Olofin levou a cuia vazia, pensando que o macaco estava preso. Chegando em presença de todos, abriu a cuia e qual não foi a surpresa ao não encontrar mais o orangotango. Nesse momento, Olofin ordenou que agarrassem o próprio carneiro e seus companheiros para, sem demora, fazer o despacho, pois não podia tardar mais a feitura do ebó para fazer nova caçada. Assim foram utilizados aqueles que queriam se vingar do próprio macaco. E Olofin, de qualquer forma, cumpriu o respectivo preceito, conforme se devia fazer.

### 9.2. *Oxalá é perseguido por corujas*

Contam as histórias que Oxalá tinha um ebó a fazer. Um dia, muito cedinho, foi carregar água. Chegando lá, as corujas o perseguiram de tal forma que ele correu apressadamente à procura de socorro, até adentrar pela casa de Orumilá, pedindo que o livrasse daquela perseguição inqualificável. Logo, sem demora, Orumilá mandou trazer os objetos

do tal ebó. Assim, fez ele o despacho e colocou depois o ecurru na frigideira e botou no telhado. Isso bastou para que todas as corujas fossem encostando na frigideira, deixando, assim, de persegui-lo.

### 9.3. *A briga de Orumilá com Oxalá*

Orumilá teve um desentendimento com Oxalá, cujo resultado foi este último determinar que ninguém desse orixá devia ter contato com Orumilá de forma nenhuma. E, assim, todos ficaram isolados e proibidos de ter qualquer relação com ele. Vendo Orumilá que nem sequer uma quitandeira chegava à sua porta, para não dizer que nenhuma pessoa queria conversa com ele, sentiu-e mal com esse desprezo. Um dia, sua mulher o aconselhou a procurar todos os meios para acabar com aquilo, pois já era uma situação intolerável para ele. Então, Orumilá fez um ebó. Depois de Exu ter recebido a comida, o sacrifício, lá se foi ele direto à casa de Oxalá a fim de aconselhá-lo a fazer as pazes com seu adversário. Lá chegando, foi dizendo estas palavras: "Já existe um homem mais homem do que todos os homens do mundo, brigando com milhares de pessoas de todas as camadas sociais, sem distinção de idade e de sexo". Oxalá, ao ouvir essas palavras da boca de Exu, foi logo dizendo: "Quem é esse extraordinário senhor do mundo inteiro?". Explicou Exu: "É Orumilá, que está fazendo muitas coisas no mundo. Ora, se todos estão como seus rivais, claro está que Orumilá é onipotente e inigualável sobre a terra". Ouvindo essas últimas palavras, Oxalá perguntou a Exu o que devia fazer para reduzir os poderes dele. Então Exu o aconselhou que fosse, o quanto antes, reunido com o seu pessoal, curvar-se e pedir perdão a Orumilá, abaixo de toda obediência, a fim de sanar semelhante estresse. E, se assim fizesse, Oxalá reduziria as forças e valor de Orumilá. Oxalá, sem perder tempo, mandou chamar todos os orixás e os fez cientes da nova em questão e pediu que cada um desse a sua opinião. Ogum disse logo que seria ridículo tomar tal atitude. Porém, com sua energia de chefe de Estado, debateu as ponderações citadas, mostrando as conveniências da paz com aquele homem. Dessa hora em diante,

todos, com prazer, concordaram imediatamente. Marcou-se o dia da ida à casa de Orumilá, em conjunto, para levar sua solidariedade àquele senhor. O mais importante foi quando Exu anunciava a vinda do pessoal à casa de Orumilá. Lá se foram todos os orixás com Oxalá à frente a lhe pedirem perdão. Daquela data em diante, Oxalá lhe concedeu todos os poderes para ser o primeiro e único que devia resolver todos os problemas da vida, desde aquela época até o dia de hoje, como rei de testa coroadada. Assim, ficou Orumilá sendo o escolhido para resolver tudo, quando se o chama e consulta.

#### 9.4. *Ossanha torna-se mágico*

Assim foi que mandaram Ossanha despachar um ebó, para que ele pudesse ter todas as forças magnéticas a seu favor, se quisesse que seus desejos fossem uma realidade. Feito o designado, o adivinho entregou-lhe penas de coruja e cebolas para que ele fizesse uso delas em todos os seus processos. Dessa data em diante, ficou Ossanha com suas mágicas admiráveis.

#### 9.5. *Oxalá fica rico*

As crônicas registraram que, no princípio, mandaram Orumilá fazer um ebó e ele não o fez. Sendo, afinal, Oxalá quem fez tudo o que foi determinado. Num certo dia, vieram muitas pessoas fugidas de diversas cidades vizinhas. Foram todas apresentadas e Oxalá, que era chefe maior, e lhe entregaram tudo de valor que tinham consigo. Tudo isso para cumprir o assinalado, pois Oxalá tinha que ficar rico, o que realmente aconteceu.

#### 10.1. *O elefante se livra das moscas*

Foi designado um ebó para o elefante fazer, a fim de se ver livre das perseguições que os seus algozes lhe faziam constantemente.

Feito tudo conforme o determinado, o adivinho entregou um espanador ao elefante para este espanar quando estiver assediado pelas moscas, suas perseguidoras.

#### 10.2. *O esplendor de Oxalá*

Oxalá fez um ebó para ter sempre vigor e ser aplaudido em todas as épocas. Por isso é que Oxalá se apresenta com asseio em todos os seus atos e com sublime esplendor.

#### 10.3. *Oxalá pinta a galinha-d'angola*

Mandaram a galinha-d'angola fazer um ebó para poder ter tudo. Recomendaram-lhe que fosse mais liberal com as pessoas, especialmente com aquelas pessoas que visse pela primeira vez. Quando Oxalá se encontrou com a galinha-d'angola, no caminho, um dia de manhã cedo, ela lhe ofereceu de tudo que levava, ficando Oxalá entusiasmado com aquela fineza. Então, Oxalá, com suas próprias mãos, pintou-lhe todo o corpo com efum. É por isso que a galinha-d'angola é o animal que demonstra mais semelhança com Oxalá, mais do que qualquer outro bicho existente, sendo de uso extraordinário para todos os fins.

#### 10.4. *Oxalá brilha como o Sol*

As pessoas daquela época anunciaram um ebó para quem quisesse fazê-lo. Oxalá, sabedor, apressou-se em fazê-lo imediatamente.

E muitos foram fazer o referido ebó, levando as coisas necessárias; pano e penas de papagaio da Costa. Chegando o dia da grande reunião, todos se apressaram e Oxalá apareceu iluminado de tal forma que se assemelhava aos raios de sol. Assim, todos foram se curvando diante de tamanho brilho, como aurora nascente. Todos lhe juraram fidelidade e lhe deram tudo o que cada um possuía, e prometeram adorá-lo para sempre.

### 11.1. *A maldade das pessoas*

Um ebó foi designado a uma mulher que foi, um dia, à fonte lavar roupa. Estando ela distraída com sua ocupação, a sua irmã mabaça tentou lançar a criancinha, filha de sua irmã, numa bacia d'água. Uma cachorrinha tirou-a antes de sua mãe vê-la fora de perigo. A perversidade a este nível, levada a efeito no momento em que a pobre mãe de uma inocente criancinha estava ocupada com seus afazeres, é para se aquilatar o grau de maldade oculta nas pessoas.

### 11.2. *Os poderes de Ologomã*

Dizem que, no princípio do mundo, foi designado um ebó para todas as folhas do mato fazerem, a fim de cada uma poder viver confortavelmente, e da melhor maneira possível. Nenhuma delas cuidou disso até que Ologomã (folha da fortuna) se adiantou em despachar o ebó, logo resultando daí serem-lhe conferidos todos os poderes mágicos de Ossanhe, tornando-se ela uma folha milagrosa entre todas as outras, brotando até hoje admiravelmente. É a folha de maiores efeitos nas ciências ocultas.

### 11.3. *Um escravo se torna senhor*

Assinalam as crônicas fabulosas que dois homens de posições opostas um ao outro se encontraram um dia. O primeiro dizia "ninguém prospera na sua proximidade" e o outro, "quem tem de prosperar não deixará de tal fazer".

O primeiro era um senhor e o segundo um escravo. Um se propôs a comprar o outro do cativo e assim o segundo submeteu-se a ser escravo do primeiro. Assim, lá se foram os dois, até que um dia o escravo conseguiu ajuntar um dinheirinho e comprou uma galinha que mais tarde lhe daria muitos pintos de uma maneira invejável. Vendo que destarte o seu servo teria alguma vantagem, um dia, inesperadamente, matou os pintinhos e também a galinha mãe. Qual não foi a surpresa e desgosto do pobre escravo, que ia todos os dias trabalhar na

roça do seu senhor. Também não disse nada, limitando-se a louvar a Deus. Não disse nada, conformando-se com a sua sorte momentânea.

Comprou uma ovelha mais tarde e o animal teve diversos filhos. Num certo dia, o senhor matou a ovelha e os filhos. Vindo o escravo da fazenda do seu senhor, deparou com aquele ato de perversidade. Sem mais nem menos disse: "Quem tem de prosperar não deixará de tal fazer". O seu senhor riuse a valer desse diado do servo. O escravo, resistente na sua inabalável fé no destino, animado no sonho dourado do futuro, sentiu-se satisfeito cada vez mais na sua condição. Pegou as ovelhas e moqueou-as, guardando-as no teto, da mesma forma que havia feito com a galinha e os pintinhos.

Conseguiu ainda mais uma vez ajuntar uma certa quantia. Apareceram pessoas numa praça, a mais movimentada da cidade, a oferecer a ossada de um príncipe que tinha perecido na guerra. Deveriam, por dever, levar os despojos do príncipe ao seu rei e, como não tivessem recursos para viajar, resolveram vender os ossos e dividir com eles o produto. Assim, executaram o plano acertado. Porém, como de costume se dá, o senhor dos escravos, sabedor do ocorrido, aproveitou-se em oferecer dinheiro do escravo para efetuar tal compra e, assim, comprou os restos mortais da pessoa alheia. Quando o escravo chegou do campo, o senhor pessoalmente o fez ciente de que tinha aproveitado seu dinheiro, utilizando-se dele para comprar uns ossos de defunto.

O pobre escravo ficou entristecido, mas replicou: "Deus é grande e quem tem de prosperar não deixará de tal fazer". E, como fez com a galinha e as ovelhas, guardou os ossos do defunto no teto da casa.

Passado muito tempo, um dia, o rei procurou se informar se alguém tinha galinha de pinto moqueada já de três anos, que era para despachar um ebó visando combater a epidemia que se alastrava na cidade naquela época. Ele se apresentou em apresentar a galinha e os pintos que tinha assado há mais de três anos. Esse gesto foi de tamanho benefício humanitário pela salvação pública, que o rei determinou a divisão de um terço do seu território, do qual ele receberia os impostos tributários. Assim, o escravo ficou, da noite para o dia, senhor

feudal daquela terra e seu antigo senhor tornou-se um seu atento e humilde servo e servidor.

Com mais pouco tempo, houve um anúncio para que aparecesse quem tivesse ovelha assada já há três anos, a fim de presentear um rei de uma nação vizinha. O escravo de novo ofereceu as ovelhas assadas. Vendo esse rei aquela benevolência, aquele serviço prestado ao público, pela grave enfermidade que atormentava o povo, fez vir à sua presença o felizardo cativo de outra época e lhe ordenou que, daquela data em diante, o escravo dominasse um terço daquele reino.

Apareceu outro aviso anunciando a apresentação de qualquer pessoa que tivesse os ossos do príncipe que falecera na guerra. Já sem demora, o escravo apresentou a ossada comprada pelo seu ex-senhor para desperdiçar seu dinheiro e o grande da terra lhe fez valioso donativo. Assim, ficou o antes menosprezado criado sendo um dos felizes sobre a terra.

É de se notar que esse mesmo escravo não quis mais o seu senhor como seu servo. Às pessoas que o cercavam ele dizia, que tinha chegado àquela situação pela malvadeza do senhor, que o encorajara todos os instantes e, portanto, ele, o senhor, tinha um poder considerável; a partir de então ficaram amigos.

#### 11.4. *Oxum, a dona do ouro*

Oxum estava muito mal de vida. Um dia, mandaram-na ir à casa de pessoa entendida na matéria. Lá chegando, determinaram-lhe que fizesse um ebó, a fim de melhorar de situação. Dito e feito. Levou ela o ebó, depois de pronto, para uma paisagem à margem de um rio corrente, e no outro dia, lá chegando, ela encontrou todo o azeite transformado em metal amarelo. Por isso é que, até hoje, Oxum é a santa mais rica em metal do que os outros e em tudo prospera.

#### 11.5. *Dada-Owarin transforma búzios em dinheiro*

Dizem que Dada-Owarin foi o único que fez o ebó com todo rigor. Quando acabaram de fazer o despacho, manda-

ram-no colocar muitas panelas cheias de milho no fundo da casa, no lugar indicado. E que botasse búzios da Costa dentro do milho. Qual não foi sua surpresa ao achar as panelas cheias de dinheiro de todas as espécies. Assim, ele ficou, naquela época, o santo mais rico, mais endinheirado de todos os santos.

#### 12.1. *A ascensão de Xangô*

Está registrado na história que, na terra de Tapa, existia um mancebo que, como escravo, exercia a profissão de cortador de capim. Lá um dia morreu o rei de Ossô, Alafim, ficando todas as famílias muito confusas e o país anarquizado. Não se sabia como resolver o problema de sucessão. Então, alguns dirigentes alvitaram a idéia de se preferir uma pessoa alheia ao sangue real. Assim, foi empossado, por ato de uma resolução, o mancebo escravo por nome Xangô. Desde essa ocasião que muitas pessoas não ficaram satisfeitas com semelhante escolha. "Aqueles generais e homens guerreiros, que diziam ter prestado grandes serviços à nação, não serviam para este posto, como, então, colocar esse simples aventureiro Xangô?"

De forma que Xangô, vendo-se sem prestígio para dirigir seus concidadãos, procurou, por todos os meios, a maneira melhor de dominar o seu povo. Alguém lembrou-lhe que mandasse procurar alguma coisa que servisse de admiração e que, ao mesmo tempo, o fizesse temido pelo povo. Assim fazendo ele seria poderoso. Imediatamente Xangô mandou uma das mulheres de sua confiança e fiel à terra Baribá fazer um trabalho mágico. Ela, ao retornar, botou um objeto na boca, de forma que, ao avistar Xangô, abriu a boca e foi botando fogo por ela, como prova de qualidade do objeto. Xangô começou a fazer uso desse objeto. Quando falava, saía fogo de sua boca; ela também fazia a mesma coisa, até que Xangô se zangou muito por ela estar tirando o valor do dito prodígio. Porém, os seus amigos advertiram que ele não caísse na asneira de expulsa-la de casa, pois seria uma grande desmoralização. Ela continuaria a fazer outras mágicas importantes. Assim, ele

deveria ficar com ela junto de si, para tudo, na vida e na morte. Ele aceitou os conselhos dos amigos.

Um dos generais mais valentes que havia no reino, o de nome Gbaka, resolveu entrar um dia no palácio e ameaçou o rei Xangô. Disse que não tinha medo do fogo que Xangô costumava deitar pela boca agora, pois mais do que aquilo, consistentemente, fazia. E que, se ele quisesse, ordenasse uma luta numa praça pública, uma luta de morte — *Temi Olofainã*. Dito isso, Xangô aceitou a luta, julgando que assim estaria livre de quem lhe fazia receio. Começaram a luta na hora marcada. Travaram a luta até que um ia matar o outro. O de nome Olofainã disse a Xangô que ele tratasse de se retirar do palácio, pois já estava deposto do reinado. Ditas essas palavras, tomado pelo pavor, Xangô saiu pelos fundos do palácio e foi aos arrabaldes da cidade, sozinho, sem ninguém, a não ser Oyá, sua fiel amiga que o aconselhou a enforçar-se, pois isso seria melhor do que passar semelhante vergonha. Para esse propósito, ela promoveu os meios imediatamente. Ela também desapareceu do mundo. Todas as pessoas que passavam bem desapareceu do mundo. Todas as pessoas que passavam o cadáver, até que os amigos de Xangô lhe deram o necessário fim. Daí em diante, ninguém da amizade de Xangô podia respirar, pois logo era linchado em praça pública. Os amigos, então, resolveram mandar um representante na terra Baribá, para buscar qualquer coisa que fizesse retornar o peito a Xangô, mesmo depois de morto. Assim, conseguiram arranjar um "trabalho" de Ossanhe que botaram nas casas, quemando-se, assim, a cidade. Ficaram todos confusos. O que queriam fazer? Então, um desses partidários de Xangô anunciou que aquilo era castigo ao povo de Ossô pelo que fizeram com Xangô, que ele subira ao céu e que tinha de fazer justiça a seus algozes. Diante disso, todos imploravam misericórdia. Foi nesse tempo que os doze ministros, seis para cada lado, constituíram-se em uma maçonaria cognominada Mognhá, que quer dizer defensor da coisa, para valorizar o nome de Xangô sobre a terra. Dessa hora em diante, Xangô ficou sendo o santo mais aplaudido no território iorubá, até hoje.

## 12.2. *A arimanha de Exu*

Diz a história que houve um homem que tinha por costume falar horrores de tudo e de todos, como bem entendesse. Esse homem tanto falou, até que chegou o dia em que o rei do local se tornou ciente, intimando-o a ir à sua presença deporto. Lá chegando, o dito homem confirmou tudo que dizia do rei e acrescentou mais o seguinte desaforo: que se o rei quisesse ver suas proezas, mandasse cavar duas covas e plantasse nelas sete inhames assados, na presença de todo o público e, daí a doze dias, esses inhames assados grelariam e todos dariam fo-lhas. Ora, isso causou uma grande admiração no espírito público. Assim, o rei e todos aceitaram a proposta, e o rei marcou o dia e a hora. Ficou ele, então, pensando naquilo que devia fazer para imediatamente sair daquela situação difícil, para não dizer de risco de vida. Em dado momento, ele teve a idéia de ir à procura de um adivinho capaz de entender do assunto e dele tratar. Aconselharão-no a fazer um ebó. Feito tudo, Exu lhe apareceu, combinando o que ambos tinham de fazer sobre o caso. Ele, acompanhado de Exu, seguiu para o local em que o rei juntara os sete inhames, e no qual colocara forças para guardar dias e noites aquelas covas onde os inhames estavam plantados. Exu ia na frente e o homem o acompanhava. Chegando perto do lugar, Exu se apressou e disse aos guardas que tinha visto uma coisa nunca vista na vida, e começou a apontar para um curral que havia de frente. Como, de fato, todos voltaram as vistas, e viram bois trepando na casa, coisa não muito comum de acontecer. Isso ocorreu na frente de todos os presentes. Quando os guardas se lembraram dos seus postos, já estavam os inhames assados mudados de sua cova e substituídos por outros já grelados e com folhas. Assim que amanheceu o dia, os guardas se apressaram em comunicar que, de fato, os inhames grelaram-se sem auxílio nenhum, conforme determinou o homem.

Foi uma verdadeira surpresa perante o público. Quando o homem, no dia marcado, apareceu, perguntou ao rei se tudo que prometeu fazer não estava feito. O rei, sem perder tempo, mandou que o gratificassem bem; todas as pessoas do lugar fizeram o mesmo, de forma que ficou o tal homem muito rico.

### 12.3. *O destino de duas crianças*

Diz a história do princípio do mundo que duas crianças, nascidas numa cidade daquele tempo, por capricho da sorte, foram vendidas separadamente para muito longe daquelas paragens.

A primeira foi vendida para um convento de frades, tornando-se muito estimada por estes. Todos os frades do convento, inclusive o prior, queriam-lhe muito bem. Então, morrendo o prior, deixou-lhe os frades como servos. Assim, tornou-se ele o senhor mais importante daquela terra.

A outra criança, sua companheira de vizinhança, que também fora vendida, seguiu para um convento de freiras, tornando-se bastante estimada. Até que, um dia, morrendo todas as freiras e restando a freira priora, esta lhe deixou todos os haveres que aquelas freiras possuíam.

Assim, ficou esta possuidora de muitos bens, a ponto de ser a senhora mais rica do lugar.

### 12.4. *Os dois irmãos rivais*

Existia um casal que possuía dois filhos: o primeiro era estimado pelo pai e o segundo muito querido pela mãe.

Foi designado um ebó para o mais velho, a fim de que ele fosse feliz na vida. Porém, a mãe deles, que dava preferência ao mais moço, falseou o outro mais velho, dificultando-lhe a execução do ebó. Um dia, o filho mais velho se enciumou do irmão, pois a mãe decidira agradecer mais a um que a outro.

Vendo o perigo que corriam os dois filhos, foi resolvido entre marido e mulher mandar o mais moço dos filhos procurar sua vida fora daquele lar.

Chegando este em casa do irmão de sua mãe, o tio lhe fez uma proposta para ficar pastoreando o seu gado, com a condição de que, daí por diante, todos os novilhos que nascessem com malhas brancas seriam dados a ele como remuneração pelos serviços prestados.

Essa proposta tinha como objetivo lesar o pobre rapaz, roubando-lhe esforços físicos. Entretanto, o moço sonhou com o odu dizendo a ele que fosse tirar muitas varinhas e roçasse

com elas as vacas rajadas e depois se dirigisse ao rio, onde os bois iam beber água ao meio-dia, ver as sombras delas na água. Assim, ele fez tudo o que viu no sonho. Pouco tempo depois, ocorreu que os bezerrinhos nascidos eram, na maioria, malhados. Assim, quase todos os animais de "quatro pés" eram mascarados de cor.

Mas, um dia, vendo que seu tio e patrão não o olhava com bons olhos por estar ele senhor de toda sua fortuna, resolveu se retirar com seus haveres ganhos. Logo ele se foi com tudo. Porém, sendo sabedor disso, seu irmão mais velho se apressou a ir à casa de um adivinho ver o meio pelo qual seria possível obter uma posição melhor do que a de seu irmão.

Foi-lhe recomendado um ebó com todos os ingredientes usados naquele feito pelo seu irmão mais moço, acrescentando apenas um feão e uma espada aguda de dois gumes. Assim, ele fez tal como lhe determinaram. Deixou que seu irmão retornasse para casa com muita riqueza, gado e tudo o que era possível. O mais moço, porém, sonhou que seu irmão mais velho ia assaltá-lo no caminho, para lhe tomar tudo o que lhe pertencia.

Imediatamente, ele mandou dividir o gado para frente, para trás, para os lados, e assim por diante. Quando seu irmão apareceu, ele o mandou levar o quanto pudesse. E lá se foi o mais velho, satisfeito com o que conseguiu apanhar. O irmão mais moço voltou para casa muito rico, sem ter perdido a maior parte dos seus bens.

### 12.5. *Xangô se torna rei de Ossá*

Dizem que Xangô fez sete ebós e que Egum e Orô não tomaram parte. Ora, quando Egum saiu a dançar, todos acharam muito bonito, mas fugiram todos dele por ter sido uma coisa de temer.

Orô, por sua vez, quando começou a berrar, todos fugiram, tornando-se a cidade deserta.

Xangô, que foi o único a fazer o ebó, quando estava dançando na rua foi apresentado com jóias e muitas roupas finas pelas mulheres louras, as quais, por fim, resolveram colocá-lo

no trono como rei de Ossá. Depois disso, Xangô passou a ter todas as mulheres do local.

### 13.1. *Mã — o mensageiro de Orumilá*

Orumilá era tido como um dos mais importantes sábios, o que se verifica até hoje, através de seus cálculos matemáticos. Até que, um dia, sua mulher mandou que comprasse um escravo até dezesseis cruzeiros na feira onde ele costumava inspecionar sua clientela.

Saindo ele de casa, seguiu o rumo do caminho. A certa distância, encontrou-se com muitas pessoas pescando no rio e cumprimentou a todos, e estes lhe responderam. Orumilá disse que ia calcular a quantidade de peixes já pescados, o que se motivou protestos de todos. Disseram que seria mentira, pois ele não poderia nunca adivinhar a quantidade de peixes existentes no monte. Ele replicou com estas palavras: "São duzentos e um peixes, com toda certeza; e, se alguém duvidar, pode apostar comigo, porque sou o vencedor".

Ditas essas palavras, mandou verificar, de verdade. De fato, havia duzentos e um peixes. Então, disseram-lhe todos que os peixes eram seus. Ele ordenou que enterrassem todos no chão, no lugar marcado por ele, e que marcassem o local com folhas verdes. Continuou a rota de sua viagem, até que, chegando adiante, encontrou-se com um bocado de gente fazendo armadilha (*gambô*) para matar preás; cumprimentou a todos e disse: "Que estão fazendo aí?". Responderam que estavam cortando capim e fazendo cercas para pegar preás. Ele se apressou a dizer: "Eu digo já quantas preás já estão mortas aqui". Respondeu um dos homens que isso era impossível, pois ele, Orumilá, nunca poderia adivinhar semelhante coisa. "Pois há duzentas e uma preás mortas". De fato, o cálculo estava certo. Então, todos lhe pediram que ficasse com as preás. Aquilo era coisa que nunca tinham visto: uma pessoa resolver semelhante problema com tanto acerto.

Orumilá ordenou que enterrassem as preás, como já havia determinado fazer há pouco, e marcassem com folhas para não as perderem de vista.

Seguiu ele. Chegando na feira a que costumava ir quase mensalmente, quis comprar um menino com o dinheiro que trazia. O menino foi logo dizendo que a importância que ele trazia para essa compra era de dezesseis cruzeiros. Assim, com essa surpresa, Orumilá ficou envergonhado e realizou a compra. Depois disso, Orumilá pediu a uma pessoa, na barraca da feira, que deixasse o menino ficar ali até a tarde, pois, quando voltasse, o levaria para casa. Assim que o seu novo senhor virou as costas, o menino contratou uns carregadores e foi certoiro nos lugares onde estavam enterrados as preás e os peixes. Desencavou-os e os levou para a casa de seu novo amo. Lá chegando, convidou todas as pessoas de Orumilá, inclusive músicos, para receberem-no com festa. Assim, ficou a mulher de Orumilá pasmada de ver aquele menino, que nunca tinha estado ali, entrar pela casa e dirigir tudo aquilo. Nesse ínterim, chegando a tardinha, Orumilá foi ao encontro do pequeno que tinha deixado à sua espera na feira e, lá chegando, não o encontrou. Começou imediatamente a se lamentar consigo mesmo pela vergonha que passaria diante da mulher ao chegar sem dinheiro e sem o escravo. Bastava-lhe o fato de ser mantido por ela, na maioria das vezes, para ficar desprestigiado como homem.

Orumilá seguiu triste por todo o caminho de casa. Porém, aproximando-se de sua residência, percebeu que ali havia festa. Logo veio o escravo ao seu encontro dizendo que podia ficar tranqüilo, que ele já tinha chegado. Orumilá ficou muito admirado e catequizado com esse miraculoso escravo que ainda o surpreendeu com mais idéias, como ele nunca vira em sua vida. Dessa data em diante, a fama do servo corria muito, até que chegou aos ouvidos do rei do lugar. Um dia, o rei mandou anunciar uma conferência com Orumilá, a fim de verificar entre ele e o seu criado quem era o melhor adivinho. Falava-se até que, ao chegar qualquer pessoa na casa do adivinho, o menino ia logo dizendo-lhe o nome e tudo que ia saber, de forma admirável. No dia designado, chegando Orumilá ao palácio do rei, este já tinha mandado construir uma casa de cimento armado toda fechada, botando dentro dela cem homens. Mandou ainda decapitar as pessoas que construíram a casa, para não revelarem o segredo que havia dentro dela. Ordenou, então, a Orumilá que adivinhasse o que havia

no interior da casa. Orumilá ordenou ao menino que dissesse em primeiro lugar. O que fez o menino? Disse que aquela situação colocada pelo rei era para desmoralizar um sábio do quilate de Orumilá, mestre dos mestres. O rei queria estabelecer um confronto dele com um grande sábio, mas ele ia dizer o que existia na dita casa misteriosa: "São cem homens que o rei mandou fechar nela para o meu senhor adivinhar". O rei, de súbito, foi dizendo que era justamente o que continha. Porém, Orumilá, sem vacilar, retorquin-lhe dizendo: "Não, senhor, o que existe dentro desta casa são duzentos e um homens justos e perfeitos". Com essas palavras, indignou-se o rei e disse: "Acabo de crer que você não sabe de nada; esse menino já descobriu o que tem dentro desta casa". Porém, Orumilá não se conformou com isso, e disse: "Se eu ainda sou baba-lão, que verifiquem. De hoje a cinco dias eu venho assistir à abertura desta casa. O que eu peço é que ninguém bula nela; deixem-na como está até o dia marcado". Orumilá, sem perda de tempo, chegando em sua casa, consultou seu anjo da guarda para se livrar daquela situação e lhe foi indicado que fizesse um ebó. Feito tudo, ele cavou um buraco dentro de sua casa e enterrou os objetos usados para esse fim. De forma que, quando venceu o prazo determinado, no dia e hora marcados, na presença de todos, Orumilá ordenou que destampassem a dita casa. Dali foram saindo os homens, cada um com um filho no ombro e todos perguntaram a Orumilá como havia feito aquilo. Ele respondia: "Awô" (segredo). Assim, saíram de dentro da casa cem homens, cada um com um "awozinho", até que, finalmente, saiu um awô bem grande, pai dos awôs. Com essa magia, o rei disse que acabava de compreender que o babalaô não adivinha, mas acerta. Orumilá, que já estava velho e não podia mais "enxergar", tomou Ifá como seu mensageiro para sempre.

### 13.2. O restabelecimento da ordem em uma cidade

Diz-se que, antigamente, estavam as pessoas das cidades daquele tempo todas assoladas por anarquia e que ninguém se entendia, devido à desordem existente por todos os cantos. Então, resolveram fazer um ebó a fim de restabelecer a paz e a

concordia desejadas. Dito e feito, as coisas chegaram ao seu eixo o mais depressa possível.

### 13.3. O macaco e a onça

Um dia, mandaram o macaco fazer um ebó e recomendaram que ele tivesse cuidado em verificar bem quem ia fazê-lo para não se dar mal. Imediatamente o macaco fez tudo que lhe mandaram. De certa feita, a onça viu-se caída, por engano, num buraco cheio de mato e, estando há muito dias sem comer carne, berrava de fome que fazia dó. Foi quando o macaco se aproximou dela e esta lhe rogou que a salvasse daquele buraco. Sem hesitar, o macaco, comovendo-se com aquilo, resolveu descer pelo ramo de um cipó e, lá chegando, estirou-lhe a cauda para que ela segurasse, até livrá-la do buraco. Qual não foi o constrangimento do macaco, após ter salvo a onça, ao perceber que esta não queria soltá-lo mais. Dizia a onça que ela não podia largar o macaco, pois já estava há muitos dias sem comer e não era boba para deixar semelhante caça ir embora. Assim, reuniram-se todos os animais do mato para resolver o caso. Não foi possível o entendimento a respeito, até que um deles teve a idéia de citar o cágado, que, sendo muito astucioso, poderia arranjá-los um modo de soltar o macaco das garras da onça. Enfim, foram ao cágado. Chegando ao local, sem perda de tempo, foram dizendo o ocorrido. O macaco narrou todo o acontecido e a ingratidão da onça para com ele. "Você deu o seu depoimento, disse o cágado. Agora, bata palmas com as duas mãos e as esfregue no chão, pois é assim que se costuma fazer." O macaco fez tudo como o cágado determinara. Chegou a vez da onça, de sua declaração. O cágado fez a mesma advertência. Quando ela acabou de falar, o cágado ordenou que batesse palmas e limpasse as mãos no chão. Dito e feito. Foi o momento em que o macaco, vendo-se livre das garras da onça, correu apressado pelo mato. A onça, não podendo mais alcançar o macaco, começou a bater no cágado, até arrebatá-lo. Foi preciso que as formigas botassem remédio para salvá-lo. Assim, foi um fim bem triste que teve o cágado pelo bem que fez ao macaco. Seria melhor se a providência divina não o protegesse.

### 13.4. *De como os homens passaram a dominar as mulheres*

No princípio do mundo, as mulheres intimidavam os homens daquela época. E assim que Iansã foi quem primeiramente inventou os segredos ou maçonaria de Egum em todas as partes. De forma que quando as mulheres queriam escravizar os maridos, reuniam-se numa encruzilhada com Iansã na frente. Esta já preparava um macaco, com roupas próprias, ao pé de um tronco de árvore e ali o macaco fazia suas estrepitias. Assim, apareciam vultos estranhos à vista de todos. Um dia, os homens deliberaram acabar com semelhante vergonha. O babalaô mandou Egum fazer um ebó e vestir um grande chambre e trazer, nas mãos, uma espada. Assim fez Egum nesse dia, quando todas as mulheres se reuniram para celebrar a cerimônia habitual.

Egum já estava preparado. De repente, apareceu a elas como um velho bastante assombroso, de tal forma que a líder das mulheres, que era Iansã, foi a primeira a fugir. A covardia de Iansã, que tinha muito poder, chegou ao conhecimento de todos. Por isso, ela desapareceu para sempre da terra. Assim, ficaram os homens dominando as mulheres e, até hoje, eles não consentem que elas entrem no segredo, qualquer que seja a sua natureza, a não ser que se trate de uma mulher excepcional. Por isso se diz que não há regra sem exceção.

### 13.5. *O sábio que descobriu um grande roubo*

As lendas registram que, em certa ocasião, deu-se um roubo de tal porte, que chegou a abalar diversas cidades a fim de se descobrir tão grande quadrilha de ladrões, causadores de tamanho atentado nos haveres alheios. O assunto foi de tamanha monta que o rei anunciou uma conferência de todos os sábios do lugar e de outras terras para encontrar um meio de descobrir o paradeiro dos objetos roubados. Contam que havia um homem que dizia ser muito sábio, e que havia de enriquecer um dia, de qualquer forma, pelo seu saber. Ora, um dia, informaram ao rei que ele tinha um grande adivinho em sua terra, e não precisava se incomodar com aquilo. Logo,

sem demora, o rei fez o homem vir à sua presença e lhe disse o que queria dele. O tal sábio, que já tinha feito um ebó destinado, não se fez de rogado para responder afirmativamente, dizendo que com muito prazer aceitava a incumbência de descobrir todos os ladrões.

Então, pediu ao rei que lhe concedesse o prazo de trinta dias para resolver o problema em foco, o que lhe foi concedido. Veio ele para casa muito preocupado com o compromisso assumido.

No primeiro dia, ele pegou um caroco de milho e disse: "Nenhum deles", querendo dizer com isso que se esgotava o primeiro dia dos marcados. E botou o caroco de milho numa latinha. E de se notar que a quadrilha, sabedora de que o rei tinha incumbido aquele homem de descobrir os furtos e de que o mesmo tinha fama de ser um dos mais peritos da época, deliberou mandar um dos ladrões ficar na beira da casa do homem para escutar qualquer coisa a respeito deles. Vindo o primeiro ladrão, ouviu a voz do homem dizer dentro da casa: "Aí está um deles". Depois de dizer isso, o sábio pegou um caroco de milho e o atirou dentro da latinha. Assim, a cada dia, vinha um deles e ouvia o homem dizer a quantidade adequada e o número de ladrões que estavam à beira da casa, até que, chegando o 13º dia, com a presença dos treze ladrões, estes resolveram ir diretamente ao homem adivinhador e lhe pedir para não descobrir os seus nomes como autores do roubo. Assim, eles, chegando à casa do homem, confessaram tudo que sabiam do roubo e pediram a ele que se empenhasse para que aquilo ficasse somente ali. No dia seguinte, o homem foi imediatamente ao palácio do rei anunciar que não mais precisava do prazo de trinta dias para resolver o problema, pois já estava senhor de todo o ocorrido. Pediu então ao rei que tivesse misericórdia para com os ladrões, e perguntou se o rei estava disposto a relevar as penas dos gatumos que ele ia apontar. O rei jurou que se empenharia o máximo possível para diminuir as penas dos ladrões. Aí ele contou tudo o que sabia sobre o roubo, e fez vir à presença do rei todos os ladrões, os quais entregaram todos os furtos quase intactos. Isso causou uma grande admiração. O rei, então, devolveu os furtos aos seus donos e, em seguida, gratificou o sábio com muito dinheiro. Assim como fez o rei, todas as pessoas que dispu-

nham de recursos fizeram o mesmo, gratificando o sábio que, dessa forma, ficou rico e com o título de primeiro conselheiro da coroa.

Tanto ele disse e esperou, até que chegou o dia de se tornar rico e sábio reconhecido.

#### 14.1. *Oxalá cuida dos filhos*

Oxalá tinha filhos vadios que, juntando-se com outros meninos traquinas, tornaram-se os terrores da zona em que moravam, de forma que as roças e fundos de quintais alheios não paravam em paz, com esses meninos, sempre invadindo as propriedades vizinhas.

A coisa chegou a tal ponto, que Orumilá e Oxalá combinaram uma forma para domar as crianças. Foi então que Oxalá levou um ebó para a casa de Orumilá e foi com todos os seus filhos, a fim de fazer o despacho. De modo que, chegando lá, Orumilá ordenou que deixasse ficar os seus filhos para ele fazer as obrigações que tinham de fazer. No dia seguinte, os filhos vadios da vizinhança foram brincar como de costume e, não encontrando os filhos de Oxalá, seguiram para as roças e quintais alheios. Foi quando um dos donos da roça deu um tiro para cima da árvore em que eles estavam trepados. Com o susto do tiro, todos caíram e tiveram os pés quebrados e braços esfacelados.

Assim, eles todos se inutilizaram de uma forma desastrosa. A esse tempo, os filhos de Oxalá estavam por cá, em paz e sem novidades. Assim, doravante, aqueles meninos se tornaram homens de bem perante a sociedade.

#### 14.2. *O babalaô que foi traído por um companheiro*

Havia dois camaradas, ambos bons babalaôs, que resolveram um dia ir a determinado lugar arranjar algumas coisas. Lá chegando, o segundo saiu logo a procurar, e isso bastou para que o primeiro arquitetasse um mau plano para uma vingança oculta. Na volta, dirigiram-se para uma canoa com tudo o que cada um pôde obter. Em um dado momento, com a distração dos canoeiros, o primeiro empurrou o companhei-

ro dentro d'água e, em seguida, começou a gritar: "Caiu n'água o meu companheiro de viagem", para se fazer de inocente. Porém, o dedo da Providência Divina não dorme. Por coincidência, o segundo já tinha feito um ebó antes da viagem, de forma que as conchas e os mariscos o levaram até a beira da praia. Assim, não prevaleceu a perversidade do outro que queria lhe fazer mal. Há um adágio que diz: "Não vale a madrugada quando a noite é de lua".

#### 14.3. *De como os macacos se protegem da onça*

Um ebó foi determinado para ser feito por todos os animais, a fim de se verem livres da onça e outros bichos ferozes existentes nas matas. Disseram aos macacos que eles não dormissem nos lugares onde passassem o dia. Dito e feito. Quando a onça chegou, altas horas da noite, para devorar os macacos, estes já estavam em outra parte, muito longe dali. Assim é que, dessa data em diante, os macacos passaram a não dormir onde fazem pousada durante o dia, a fim de evitar as surpresas trágicas da noite.

#### 14.4. *Olorum concede graça a Iká*

Ossá, no começo do mundo, mandou que todos os odus fizessem o ebó determinado. Porém, nenhum deles levou em consideração a dita determinação. Entre todos os odus, somente Iká fez o referido ebó. Por isso, Olorum lhe concedeu a graça de ser evocado em todos os ebós que se fizeram em cima da terra. Não se chamando pelo nome de Iká, não haverá efeito satisfatório, em qualquer que seja o caso.

#### 14.5. *Exu dá ajuda a um mendigo*

Na história, contam que havia um homem muito pobre, quase um mendigo, e peregrino. Então, em certo dia, ele resolveu ir consultar uma pessoa competente. Mandaram que ele fizesse um ebó. Ele, com muito esforço e sacrifício, fez o

referido ebo. Ora, depois de tudo feito, Exu desejava ajudar o homem de qualquer maneira. Um dia, iam o milionário e o pobrezinho pela mesma rua. Foi quando Exu chamou o milionário para ouvir o que o outro dizia. O pobrezinho apontou com o dedo dizendo que não via ninguém importante ali, conforme lhe ordenara fazer, até adquirir tudo o que desejava. Então, o homem insistia em ridicularizar tudo e todos daquele lugar diante do milionário. O milionário resolveu chamar o mendigo e lhe perguntou se ele conhecia e sabia com quem estava falando. O mendigo disse, apontando com o dedo, que não via ninguém importante ali. Essas palavras magoaram o milionário, que disse: "Eu posso melhorar a tua sorte desde já, mas fique certo que vou te mostrar o valor de minha pessoa". E o mendigo: "Eu não vejo nada, só eu e mais ninguém". Exu, que queria ajudar o pobre, dizia aos ouvidos do homem rico: "Não tolere semelhante tipo de gente. Protege-o com a tua fortuna, vamos!". O rico então disse: "Desde já vou te mostrar quem sou eu e o que valho na terra, com o peso da riqueza. Venha, eu vou te fazer feliz, já, já". Ditas essas palavras, o homem deu o braço ao mendigo e foram passeando, por todas as ruas e praças daquele lugar. Até que todos viram o rico com o pobre, para baixo e para cima. No fim, o rico disse ao pobre mendigo que ele não precisava mais de nada. E que considerava o mendigo, de agora em diante, como merecedor de grandes créditos, mas que o deixasse em paz. Bastou somente isso para que, na volta, ninguém largasse o pobre. Em todo o comércio, ofereciam-lhe crédito para aquilo que ele quisesse. Assim, ficou o pobre muito rico, com a ajuda do milionário, graças a Exu.

QUADRO 1

| Número de búzios abertos | Nome do odu      | Relação com o orixá |
|--------------------------|------------------|---------------------|
| 1 aberto                 | —                | —                   |
| 2 abertos                | Jonkô            | Ogum                |
| 3 abertos                | Gudá             | Ogum                |
| 4 abertos                | Lossô            | Xangô Heviosô       |
| 5 abertos                | Xê               | Iemanjá             |
| 6 abertos                | Abiá             | Ialodê              |
| 7 abertos                | Di               | Legba               |
| 8 abertos                | Jiogbê           | Okê                 |
| 9 abertos                | Sá               | Ajaguna             |
| 10 abertos               | Fu               | Obá Egbô (Iisa)     |
| 11 abertos               | Uelé             | Sakpatá             |
| 12 abertos               | Jilá-Sebolá      | Xangô               |
| 13 abertos               | Lossô-Lolô       | Sakpatá             |
| 14 abertos               | Ossantlu-Ogbenjô | Oxumarê             |
| 15 abertos               | Oli-Obá-Egbô     | Obatalá (Iisa)      |
| 16 abertos               | —                | —                   |

Fonte: Maupoll *op. cit.*, p. 267.

QUADRO 2

| Número de búzios abertos | Nome do odu | Relação com o orixá    |
|--------------------------|-------------|------------------------|
| 1 aberto                 | —           | —                      |
| 2 abertos                | —           | Cosme e Damião (Ibêji) |
| 3 abertos                | —           | Cosme e Damião         |
| 4 abertos                | —           | Caboclo                |
| 5 abertos                | —           | Caboclo                |
| 6 abertos                | —           | Oxóssi                 |
| 7 abertos                | —           | Abaluaê                |
| 8 abertos                | —           | Ogum                   |
| 9 abertos                | —           | Iansã                  |
| 10 abertos               | —           | Oxum                   |
| 11 abertos               | —           | Iemanjá                |
| 12 abertos               | —           | Xangô                  |
| 13 abertos               | —           | Oxaguia                |
| 14 abertos               | —           | Oxalufá                |
| 15 abertos               | —           | —                      |
| 16 abertos               | —           | —                      |

Fonte: Pesquisa de campo. (Salvador, 1976)

QUADRO 3

| Número de búzios abertos | Nome do odu    | Relação com o orixá   |
|--------------------------|----------------|-----------------------|
| 1 aberto                 | Onicançã       | Exu                   |
| 2 abertos                | Edinejê        | Abaluaê               |
| 3 abertos                | Ogundá-Massã   | Ogum                  |
| 4 abertos                | Agê-Mirala-Agê | Iemanjá               |
| 5 abertos                | Axeturá        | Oxum                  |
| 6 abertos                | Obará-Kê       | Orixalá (Oxalá)       |
| 7 abertos                | Oudi-Cancã     | Oxalá Alufã (Oxalufã) |
| 8 abertos                | Ogunilê        | Oxalá Guia (Oxaguia)  |
| 9 abertos                | Êxe-Obará      | Xangô Aganju          |
| 10 abertos               | Ossaturá-Bessã | Xangô Ogodô           |
| 11 abertos               | Orixa-Kê       | Iansã                 |
| 12 abertos               | Oulancã-Laachê | Ossãe (Ossanhê)       |
| 13 abertos               | Eialá-Metalá   | Naná Buruquê          |
| 14 abertos               | Oudom-Mirilê   | Ibeji                 |
| 15 abertos               | Oré-Babá-Dajá  | Aloia, Obá            |
| 16 abertos               | Outubê-Kontã   | Orumilá               |

Fonte: Freitas, Byron Torres de. *Os Orixás Falam no Jogo de Búzios*, pp. 37-38.

QUADRO 4

| Número de búzios abertos | Nome do Odu    | Relação com o orixá |
|--------------------------|----------------|---------------------|
| 1 aberto                 | Onican-Du      | Exu                 |
| 2 abertos                | Meji           | Ogum                |
| 3 abertos                | Ogundá-Massá   | Abaluaê             |
| 4 abertos                | Agê-Merilá-Agê | Lemanjá             |
| 5 abertos                | Oche-Turá      | Oxum                |
| 6 abertos                | Obará-Shekê    | Oxóssi              |
| 7 abertos                | Odi-Kankari    | Oxalufá             |
| 8 abertos                | Ojonilê        | Oxaguã              |
| 9 abertos                | Ashó-Ojá       | Aganju (Xangô)      |
| 10 abertos               | Osaturá        | Ogodo (Xangô)       |
| 11 abertos               | Orishabe       | Iansã               |
| 12 abertos               | Olokan-Ilê     | Oro                 |
| 13 abertos               | Etalá-Metalá   | Anã Buruku          |
| 14 abertos               | Odám-Merilá    | Oxumarê             |
| 15 abertos               | Ori-Babo-Baja  | Euá e Obá           |
| 16 abertos               | —              | —                   |

Fonte: Ribeiro, René, *op. cit.*, p. 94.

QUADRO 5

| Número de búzios abertos | Nome do odu              | Relação com o orixá         |
|--------------------------|--------------------------|-----------------------------|
| 1 aberto                 | Otubi                    | —                           |
| 2 abertos                | Meji                     | Beji                        |
| 3 abertos                | Ogundá-Meji              | Ogum                        |
| 4 abertos                | Ejilá-Bubo Male          | Xangô                       |
| 5 abertos                | —                        | —                           |
| 6 abertos                | Be-Ofum (Obiufá)         | Orixalá                     |
| 7 abertos                | Osatinicé                | Lemanjá, Xangô              |
| 8 abertos                | Ajanilê                  | Anamburuku ou Orixalá       |
| 9 abertos /              | Eje-Bara                 | Lemanjá, Xangô              |
| 10 abertos               | Obiurussun               | Iansã                       |
| 11 abertos               | ?                        | ?                           |
| 12 abertos               | Elije-Oshebora           | Xangô                       |
| 13 abertos               | Opete-Gunda (Obetogundá) | Abaluaê, Ogum<br>Anamburuku |
| 14 abertos               | Obejoco                  | Orixalá                     |
| 15 abertos               | Obeonone                 | Exu-Osá                     |
| 16 abertos               | E-Jobe                   | —                           |

Fonte: Ribeiro, René, *op. cit.*, pp. 88-90.

QUADRO 6

| Número de búzios abertos | Nome do odu | Relação com o orixá      |
|--------------------------|-------------|--------------------------|
| 1 aberto                 | Mangala     | Exu                      |
| 2 abertos                | Ibêji       | Ibêji                    |
| 3 abertos                | Ogunidá     | Ogum, Iemanjá            |
| 4 abertos                | Irossun     | Xangô, Omolu, Ossanha    |
| 5 abertos                | Oxé         | Oxum, Oxumaré, Euá, Nanã |
| 6 abertos                | Obará       | Xangô, Oxóssi            |
| 7 abertos                | Odi         | Exu (Bará)               |
| 8 abertos                | Ejiobê      | Ajagunã (Oxalá)          |
| 9 abertos                | Ossá        | Iansã, Obá, Nanã         |
| 10 abertos               | Ofun        | Oxalufa (Oxalá)          |
| 11 abertos               | Owarin      | Exu                      |
| 12 abertos               | Ejilá       | Xangô                    |
| 13 abertos               | Ofalá       | Egum                     |
| 14 abertos               | Obegundá    | Omolu                    |
| 15 abertos               | —           | —                        |
| 16 abertos               | —           | (Todos os orixás Ialãm)  |

Fonte: Pesquisa de campo. (Salvador, 1970)

QUADRO 7

| Número de búzios abertos | Nome do odu  | Relação com o orixá   |
|--------------------------|--------------|-----------------------|
| 1 aberto                 | Okã-Xoxô     | Exu                   |
| 2 abertos                | Ejiocô       | Ibêji                 |
| 3 abertos                | Ogundá-Massá | Ogum, Iemanjá         |
| 4 abertos                | Irossun      | Oxóssi                |
| 5 abertos                | Oxé          | Oxum, Euá, Iemanjá    |
| 6 abertos                | Obará        | Xangô                 |
| 7 abertos                | Odi          | Exu                   |
| 8 abertos                | Ejionilê     | Oxalá (Oxaguiã)       |
| 9 abertos                | Ossá         | Iansã, Egum           |
| 10 abertos               | Ofun         | Oxalá (Oxalufa)       |
| 11 abertos               | Owarin-Sobê  | Exu                   |
| 12 abertos               | Ejilá-Seborá | Xangô                 |
| 13 abertos               | Ejiolopon    | Obaluê, Nanã, Oxumaré |
| 14 abertos               | Iká          | Egum                  |
| 15 abertos               | —            | —                     |
| 16 abertos               | —            | —                     |

Fonte: Pesquisa de campo. (Salvador, 1969)

QUADRO 8

| Número de búzios abertos | Nome do odu | Relação com o orixá |
|--------------------------|-------------|---------------------|
| 1 aberto                 | Obedi       | Exu                 |
| 2 abertos                | Obetagundá  | Iansã               |
| 3 abertos                | Obará       | Xangô               |
| 4 abertos                | Ojanilê     | Oxalá               |
| 5 abertos                | Ossatinicô  | Iemanjá             |
| 6 abertos                | Obiorossum  | Ogum                |
| 7 abertos                | Obationissá | Obaluê              |

Fonte: Pesquisa de campo. (Salvador, 1975)

| "NAÇÃO"                   |               |                                  | Sexo | Identificação com os santos da Igreja Católica | Atributos materiais                  | Cores              | Dia (jeje-nagô) | Saudação (jeje-nagô) | Personificação (e encarnação) | Alimentos sagrados                  | Simbolização            |
|---------------------------|---------------|----------------------------------|------|--|--------------------------------------|--------------------|-----------------|----------------------|-------------------------------|-------------------------------------|-------------------------|
| nagô-queto-ijexa (iorubá) | jeje (fon)    | congo-angola (bantu)             |      |  |                                      |                    |                 |                      |                               |                                     |                         |
| Oxalá, Obatalá            | Iisá          | Kassubeka Lembá Lembaren         | M    | Senhor do Bonfim                               | Paxorô (bengala)                     | Branco             | Sexta-feira     | Eba baba             | A criação                     | Cabra, pombo, igbin (caracol)       | Paz, tranquilidade      |
| Exu                       | Legba         | Bambojira                        | M    | "Diabo"  | Objetos fáticos                      | Vermelho e preto   | Segunda-feira   | Laroiê               | Ferro, madeira, terra         | Bode, galo, farofa, dendê           | Bem e mal, proteção     |
| Ogum                      | Gun           | Inkossi, Inkossimukumbo          | M    | Santo Antônio                                  | Espada (instrumentos de ferro)       | Verde, azul-escuro | Segunda-feira   | Ogum iê              | Guerra                        | Bode, cachorro, galo, axoxô         | Ação, força             |
| Xangô                     | Sobo, Hevioso | Zazi, Cambanranguanje            | M    | São Jerônimo                                   | Oxê (machado de lâmina dupla)        | Vermelho e branco  | Quarta-feira    | Kaô Kabiesile        | Trovão, raios                 | Carneiro, galo                      | Força, coragem          |
| Oxóssi, Ode               | Aguê          | Matalumbo Kongombira Mutakuzambe | M    | São Jorge                                      | Arco (ofá), iruexin (rabo de cavalo) | Verde, amarelo     | Quinta-feira    | Okê arô              | Caça                          | Carneiro, galo, porco, galinha      | Qualidades intelectuais |
| Iemanjá                   | Aziri         | Dandalunda Kizimbi Kaila         | F    | N. Sra. da Conceição                           | Abebê (leque), espada                | Azul, rosa         | Sábado          | Odô ia               | Mar (sereia)                  | Pombo, pipoca, pato, galo, carneiro | Calma                   |
| Iansã, Oya                | —             | Bamburucena                      | F    | Santa Bárbara                                  | Espada, iruquerê                     | Vermelho           | Quarta-feira    | Epa rei              | Ventos e tempestades          | Cabra, galinha, acarajé             | Força, coragem          |

(continua)

(continuação)

| "NAÇÃO"                   |                |                             | Sexo | Identificação com os santos da Igreja Católica | Atributos materiais                   | Cores              | Dia           | Saudação (jeje-nagô) | Personificação (e encarnação) | Alimentos sagrados                   | Simbolização         |
|---------------------------|----------------|-----------------------------|------|--|---------------------------------------|--------------------|---------------|----------------------|-------------------------------|--------------------------------------|----------------------|
| nagô-queto-ijexa (iorubá) | jeje (fon)     | congo-angola (bantu)        |      |  |                                       |                    |               |                      |                               |                                      |                      |
| Omolu, Obaluá             | Sakpatá Azoani | Kavungu, Kuquête, Burugunço | M    | São Roque São Lázaro                           | Xaxará, lança                         | vermelho e preto   | Segunda-feira | Atotô                | Variola                       | Bode, galo, pipoca, abereim          | Proteção             |
| Oxum                      | Aziritbossi    | Kicimbe                     | F    | N. Sra. das Candeias/ Conceição                | Abebê (leque)                         | Amarelo, azul      | Sábado        | Oraicê ô             | Águas, fontes, lagos          | Galinha, cabra                       | Vaidade e coquetaria |
| Naná                      | Buruku         | Kere-kere                   | F    | N. Sra. Santana                                | Ebiri                                 | Branco, azul-claro | Terça-feira   | Salubá               | Chuva                         | Bode, galinha comum e d'Angola       | ?                    |
| Oxumarê                   | Dan, Bessem    | Angoro                      | F/M  | São Bartolomeu                                 | Serpente de ferro                     | Amarelo            | Terça-feira   | Aroboboí             | Arco-íris (serpentê)          | Bode, galo, galinha d'Angola         | ?                    |
| Iroko                     | Loko           | Tempo Zaratempo             | M    | São Francisco                                  | ?                                     | Branco             | Terça-feira   | Iroko isô            | Árvore (gameleira)            | Galo, carneiro                       | Pobreza              |
| Ibêji                     | Hoho           | Vunji Babassa               | M    | São Cosme e Damião                             | ?                                     | Todas as cores     | Domingo       | Beje erô             | Gêmeos                        | Abará, bolo, acarajé, acaçá, galinha | Infância             |
| Ossanha                   | Aguê           | Katendê                     | M    | São Benedito                                   | Haste metálica, flecha de sete pontas | Vermelho, azul     | Segunda-feira | Euê o                | A Medicina (folhas sagradas)  | Fumo, cabra, galo, mel               | Medicina             |

## Conclusão

Como assinalamos, este estudo é, essencialmente, o resultado de um trabalho de pesquisa de campo realizado nesses últimos vinte anos nas comunidades religiosas afro-brasileiras denominadas, na Bahia, candomblés.

Foi a partir de 1963 que voltamos nossa atenção para o estudo das influências africanas no Brasil, ao participarmos, no Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, de um levantamento sócio-demográfico das chamadas casas-de-santo em Salvador. Essa pesquisa permitiu a elaboração de dezenas de pequenas monografias dos terreiros de candomblé, e fazia parte de um projeto mais amplo de análise sócio-antropológica das influências africanas no processo civilizatório brasileiro. O material então coletado tem servido à diversos pesquisadores, especialmente aos interessados nas questões religiosas do negro no Brasil.

A observação participante demonstrou ser o processo metodológico mais eficaz na condução de nossa pesquisa. Esse método foi o que melhor se ajustou a uma tentativa de compreensão de importantes meandros de uma temática praticamente inacessível aos que se fixam numa posição de intrasigentes observadores não-participantes. Na introdução deste trabalho, chegamos a afirmar que o pesquisador sem grande experiência de trabalho de campo nessa área, que não esteja preparado para perceber as manifestações culturais

para além do puramente superficial e, além disso, não tenha se familiarizado com as atitudes e a maneira de ser das "pessoas-de-santo", encontraria, certamente, grandes dificuldades para a execução de seus estudos. É o caso, por exemplo, das atitudes restritivas dos informantes, extremamente reticentes quando estão a falar da vida religiosa afro-brasileira. Em alguns casos, chegam mesmo a fantasiar os relatos como uma forma de escamotear a realidade etnográfica. Restrições dessa natureza podem dificultar a coleta de material ou, o que é mais grave, comprometer os resultados das análises sócio-antropológicas se estes não estiverem assentados em dados etnográficos cuidadosamente trabalhados.

O fato de termos sido mais que um observador participante, uma vez que pertencemos a uma dessas comunidades, nos obrigou a um trabalho, nem sempre fácil, de controle das informações já incorporadas ao nosso universo mental. Uma preocupação maior foi quanto à seleção do material coletado e esta não se realizou sem grandes dificuldades. As informações etnográficas de que éramos detentores foram criteriosamente — essa foi a nossa intenção — separadas das que coletamos junto aos nossos informantes. Mediante um trabalho difícil, mas necessário, tentamos confrontar as nossas informações pessoais com as que provinham da investigação propriamente dita. Essa atitude de precaução teórica nos levou à exclusão de dados que, de certa maneira, já se encontravam contaminados pela visão crítica do antropólogo. Porém, outros foram recuperados toda vez que esses dados refletiam um certo consenso nas comunidades em questão.

Ao fim de uma pesquisa que pretendíamos exaustiva, ao menos no que se refere às práticas divinatórias com os búzios, na Bahia, nós mesmos concluímos que, embora tenhamos chegado a um grande número de afirmações conclusivas, o nosso trabalho está muito longe de esgotar definitivamente o assunto.

O leitor deve ter notado que recorremos freqüentemente às obras de Maupoil e de Roger Bastide, e o fizemos deliberadamente, por considerá-las indispensáveis ao estudo que realizamos. O trabalho de Maupoil foi particularmente útil para situar a prática divinatória no Benim e sua origem nigriana, países de onde vieram os babalaôs responsáveis pela

transmissão, no Brasil, da arte e técnica de consulta oracular. A obra de Roger Bastide, além de fornecer informações essenciais sobre a prática com o opelê-ifá na Bahia, nos despertou para a necessidade de uma pesquisa mais sistemática na obtenção de dados sobre o jogo de búzios e, de certa maneira, nos auxiliou nas formulações metodológicas que serviram de base à redação deste trabalho.

Não tivemos por propósito manifesto uma análise comparativa do fenômeno da adivinhação que teria por base, de um lado, a Nigéria e o Benim, e, do outro, a Bahia; duas regiões que se acharam em permanente contato ao longo do período escravagista no Brasil. Se algumas vezes enveredamos pelo campo comparativo, foi para não perder de vista as conexões históricas com as regiões de onde são originárias as práticas divinatórias em uso nos candomblés da Bahia. Ainda que essas práticas tenham sofrido constantes reestruturações, pois que submetidas a uma nova dinâmica social, elas não se afastam substancialmente dos modelos originais, e inúmeros segmentos das estruturas de origem são facilmente identificáveis. É o caso, por exemplo, de uma função fundamental da prática com o opelê-ifá — a de revelar o destino pessoal — e que mereceu nossa atenção no capítulo terceiro.

Embora muitos componentes da prática divinatória com o opelê-ifá tenham se transferido para o jogo com os búzios, essa transferência só se verificou por força da própria natureza dos rituais dos candomblés. Se o sistema divinatório por meio dos búzios não houvesse incorporado certas funções específicas da prática com o opelê-ifá, ele não atenderia às necessidades reclamadas pelos candomblés da Bahia e teria se reestruturado sobre outras formas a fim de não perder sua funcionalidade no contexto das comunidades religiosas afro-brasileiras. Além do mais, a incorporação de diversos segmentos de uma prática à outra parece funcionar como fator preponderante de preservação de traços marcantes da cultura africana no Brasil.

Não foi nossa intenção estender a pesquisa a outras regiões, limitando-a praticamente à cidade de Salvador. Contudo, fizemos seguidamente referências às práticas divinatórias conhecidas em outros estados como Pernambuco e Rio de Janeiro que, ao lado da Bahia, tiveram acentuada influên-

cia das culturas africanas. Mas foi certamente na Bahia onde se verificou a maior concentração de escravos provenientes da Nigéria e do antigo Daomé, e, por isso, foram preservados, mais do que em qualquer outra região do Brasil, traços significativos das culturas africanas. Essa situação bem específica justifica de alguma maneira a centralização de nossa pesquisa numa área onde se verifica uma presença maior das religiões afro-brasileiras.

Pelo que nos foi dado investigar, a adivinhação tal como ela é praticada nos candomblés da Bahia e, especialmente, no que se refere ao resultados dela extraídos, não parece ser uma simples tentativa de conhecer o futuro, nem muito menos uma busca constante do que se realizou no passado.\* Ela é, essencialmente, uma tentativa de conhecer dia-cronicamente aquilo que ainda não é do conhecimento daquele que solicita uma consulta. Esse "desconhecido" pode ser definido como aquilo que escapa à compreensão e/ou à apreensão imediata, cuja existência se atualiza no momento mesmo em que é revelado. Essa concepção do fenômeno divinatório nos leva a admitir que os búzios, enquanto instrumentos utilizados para a adivinhação, constituem uma força, por assim dizer, de apresentação de eventos passados ou futuros sem evidênciação do seu conteúdo temporal. São esses eventos que, analisados, poderão conduzir o adivinho ou auxiliá-lo na busca das soluções que devem ser tomadas em uma situação bem precisa.

Uma vez consciente da necessidade de um auxílio proveniente de instâncias que se situam para além do real, pois no plano do real as tentativas efetuadas não provocaram os resultados desejados, o indivíduo, então, procura um sacerdote para uma consulta. A rigor, ele solicita um diálogo com as divindades, orixás, voduns e inquices, conhecidas e reverenciadas nos candomblés da Bahia e que constituem o panteão afro-brasileiro. O sacerdote, a partir daí, desempenha o seu papel fundamental que é o de conduzir esse diálogo, pois que para isso foi devidamente consagrado pelos rituais iniciáticos.

(\*) O texto que segue, aqui tomado à guisa de conclusão, foi inicialmente publicado com o título "Prática divinatória e Exercício do Poder", na revista *Afro-Ásia*, nº 13, CEAO, UFBA, 1980.

Cabe-lhe, assim, entrar em comunicação com o universo do sagrado para, em seguida, informar ao consulente a respeito do desconhecido que o inquieta.

Essa comunicação com o universo do sagrado é realizada por intermédio dos búzios convenientemente sacralizados para que possam servir de receptor dos enunciados divinos. As combinações de dois a dois e as configurações constituem, como já foi observado, o microuniverso onde está simbolicamente projetada a vida do consulente. A eficiência do sacerdote está no saber identificar esse microuniverso, decodificando-o em função do que é necessário saber.

Diversos elementos contribuem para que o sacerdote possa encontrar a solução ou as soluções mais adequadas para o problema que motivou a consulta. O conhecimento das características especiais das divindades que respondem no jogo divinatório, aliado às indicações eventualmente contidas nas questões formuladas que afligem as pessoas, tudo isso dá ao sacerdote a segurança e as qualificações necessárias para interpretar, de maneira correta, o conjunto de elementos simbólicos formados pela queda dos búzios.

A inteligência divinatória consiste na capacidade de explicar as configurações que não ofereçam qualquer relação com o problema em questão. E decidir quanto às configurações que deverão ser eliminadas é tarefa das mais importantes da operação divinatória e somente o sacerdote que está realizando o jogo será capaz de fazê-lo. Uma outra decisão que não a sua, decerto, provocaria uma desorganização nos mecanismos intelectuais que estão sendo acionados em função da análise que está sendo mentalmente realizada pelo sacerdote.

Interpretadas as configurações que foram selecionadas, o sacerdote disporá de uma soma de elementos indicadores do que deve ser prescrito como meio mágico capaz de interferir positivamente junto às divindades. Alcançamos aqui o complicado domínio dos ebós. O ebó é, como vimos, um dos principais elementos constitutivos da operação divinatória que só chega ao fim após sua prescrição.

Qualquer que seja a situação motivadora de uma consulta — e aqui nos referimos mais especialmente às solicitadas por pessoas não diretamente comprometidas com os candomblés —, a revelação, ou, no sentido que nós entendemos, a

presentificação de acontecimentos, produz no consulente um estado de perplexidade face ao revelado, criando, a partir desse instante, as condições essenciais para um relacionamento de dependência diante daquele cujos poderes foram postos em evidência e se encontram acima de suas limitações.

De uma maneira geral, esses acontecimentos, por existem numa ordem cósmica e por não terem sido ainda vividos pelo consulente na sua percepção do real, são considerados acessíveis tão-somente a quem dispõe de poderes capazes de captar uma realidade para além do puramente real. E no diálogo que se estabelece entre o consulente e as divindades, é da alçada do sacerdote, servindo aí como elemento intermediário, captar e trazer para o universo existencial do seu cliente essa meta-realidade que somente a ele é dado o poder de apreensão.

Mas, como intermediário, o sacerdote participa ativamente desse diálogo e dele tira proveito. Admitimos ser, a partir desse instante, o momento primeiro utilizado pelo sacerdote para a construção de toda uma cadeia de relações interpessoais que tende a cristalizar um sistema de dependência do consulente em relação à sua autoridade sacerdotal. E essa autoridade se manifesta, gradativamente, na medida em que ele detém a competência de afastar o nefasto da trama dos acontecimentos ou, então, de racionalizá-lo de maneira a integrá-lo na ordem natural das coisas.

A capacidade, ainda que limitada, de manipular, dominar e reduzir ou, no sentido inverso, de poder agravar os perigos a que está submetido o consulente, faz do sacerdote um detentor de poderes excepcionais. E esses poderes podem ser acionados, num momento qualquer, seja em proveito pessoal ou em benefício da comunidade que ele dirige.

Ainda que estejamos convencidos de que a adivinhação se apóia fundamentalmente num conjunto de conhecimentos integrados no universo intelectual do adivinho e, sobretudo, numa excepcional capacidade de observação crítica dos problemas humanos, os seus efeitos serão levados em consideração se ela for acionada dentro de um quadro bem definido de religiosidade. E ela alcançará seu significado social mais amplo se as soluções encontradas estiverem em conformidade com os três planos que a envolvem: o plano individual, social e

religioso. Quando individual, a solução deve ser encontrada sem perder de vista a relação existente entre o homem, sua sociedade e o seu universo mágico-religioso. Nesse conjunto tridimensional, o sacerdote se situa como um verdadeiro consiliador do homem com ele próprio, do homem com o mundo sagrado e do homem com o mundo profano.

Outro fator de grande importância e que determina a eficiência da adivinhação é a experiência social de quem a pratica. Nas comunidades religiosas afro-brasileiras, o sacerdote é a pessoa mais bem informada de seu grupo. Seus acólitos, seus colegas, aqueles que privam de sua amizade pessoal, formam uma verdadeira cadeia de informação, pondo-o em contato com quase tudo o que se passa ao nível de sua comunidade, bem como ao nível da comunidade de modo geral. Ele está sempre bem informado do que acontece nos candomblés e não cessa de obter informações por força dos contatos mantidos com membros de outros grupos religiosos. Ele se beneficia constantemente do chamado "fluxo de candomblé", isto é, a crônica maliciosa e indiscreta que veicula notícias sobre os acontecimentos excepcionais e que corresponde a algum tipo de infração às normas do grupo religioso.

Esse contato diário que o sacerdote mantém com tudo o que se passa na comunidade e o coloca numa posição privilegiada para o exercício da prática divinatória e, em consequência, para o exercício do poder sacerdotal. O fato de saber manipular as técnicas do jogo de búzios o coloca numa posição de superioridade em relação àqueles que o cercam. O caráter incontestável de suas atitudes resulta do fato de ser o único, na comunidade que ele dirige, a possuir o direito exclusivo de consultar as divindades. E, se eventualmente ele delega esse direito, no curso de uma cerimônia qualquer, tal gesto consagrada ainda mais seu poder pessoal, pois, no grupo, é o único com a prerrogativa de conceder tais privilégios ou honrarias dessa natureza a seus subordinados.

Não seria excessivo afirmar que o fato de o sacerdote ser o único em sua comunidade a recorrer às práticas divinatórias lhe confere um poder absoluto e o coloca numa situação de independência total para agir com autoridade dentro da comunidade que ele dirige. Nenhum de seus acólitos, nem mesmo aqueles situados nos mais altos escalões da hierarquia reli-

giosa, se permitiriam a imperitância de contestar uma só de suas atitudes ou decisões tomadas, quando elas traduzem a vontade das divindades consultadas.

Ainda que muitas de suas atitudes estejam diretamente ligadas aos seus interesses pessoais, todos evitam o confronto, a menos que ele próprio conceda o direito de crítica, o que é muito raro. Portanto, é com o apoio do jogo de búzios que o sacerdote se coloca numa posição singular para tomar decisões socialmente importantes, visando, por princípio, o equilíbrio do grupo. Assim, a prática da adivinhação é um suporte de extrema importância para a continuidade harmoniosa do grupo religioso e um mecanismo dinâmico à disposição do sacerdote para diminuir ou eliminar as possíveis tensões sociais tão comuns nessas comunidades.

Contudo, para que o sacerdote possa exercer o seu poder, é necessário que ele dê prova de sua inteligência divinatória, e que ele mesmo esteja convencido do poder adquirido na sua experiência religiosa profunda. É essa experiência que vai provocar o desenvolvimento de sua capacidade de observação crítica, preparando-o para o exercício de sua atividade sacerdotal. Essa capacidade de observação crítica dá ao sacerdote as condições indispensáveis para agir em face do mundo profano. Porém, sua ação só atingirá os efeitos esperados se acionada por forças religiosas que ele deve estar convencido de possuir. Assim, para o pleno exercício divinatório, ele se volta para dentro de si mesmo, na busca de valores mágicos que lhe permitirão agir de maneira lógica e racional, diante dos problemas que enfrenta. Essa passagem de um saber ou de uma experiência religiosa para uma inteligência prática é o elemento fulcral do processo divinatório com os búzios e serve para consolidar o poder de quem pratica esse tipo de adivinhação.

## Bibliografia

- Abimbola, W., "The Literature of Ifa Cult" in Biobaku, S. O., *Sources of Yoruba History*, Oxford, Clarendon Press, 1973, pp. 41-62.
- , *Ifa: an Exposition of Ifa Literary Corpus*, Ibadan, Nigéria, Oxford University Press, 1976.
- , *Sixteen Great Poems of Ifa*, Nigéria, UNESCO, 1975.
- Abraham, R. C., *Dictionary of Modern Yoruba*, Londres, University of London Press, 1958.
- Andrade, Maria José, "A Mão-de-Obra Escrava em Salvador de 1811 a 1860: um Estudo de História Quantitativa", tese de mestrado em Ciências Humanas, UFBA, Salvador, 1975.
- Andrade, Regina Glória, *Resumo sobre a Investigação do Trabalho de Aconselhamento dos Cultos Afro-Brasileiros da Cidade do Salvador*, 1975. (Comunicação apresentada no 1º Encontro Regional de Técnicas de Saúde Mental, em Salvador.)
- Azevedo, Carlos Alberto, "Mitos e Ritos nos Grupos de Culto Afro-Brasileiros", tese de bacharelado em Sociologia, Recife, Instituto de Ciências Políticas e Sociais, 1971.
- Azevedo, Thales, *As Elites de Cor: um Estudo de Ascensão Social*, São Paulo, Nacional, 1955.
- Bascon, W., *Ifa Divination: Communication between Gods and Man in West Africa*, Bloomington, Indiana University Press, 1969.
- Bastide, Roger, *O Candomblé da Bahia (Rio Negro)*, São Paulo, Nacional, 1961.
- , *As Religiões Africanas no Brasil: Contribuição a uma Sociologia das Interações de Civilizações*, trad. Maria Elóias Capellato e Olívia Krahenbuhl, 2 vols., São Paulo, Plonietra, 1971.
- , *Estudos Afro-Brasileiros*, São Paulo, Perspectiva, 1973.
- , *As Américas Negras: as Civilizações Africanas no Novo Mundo*, trad. Eduardo de Oliveira e Oliveira, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1974.
- , *Sociologia do Folclore Brasileiro*, São Paulo, Anhembi, 1959.
- e Verger, Pierre, "Contribuição ao Estudo da Adivinhação no Salvador (Bahia)", *Revista do Museu Paulista (Nova Série)*, São Paulo, 8:357-80, 1953.

- Beattie, John, *Introdução à Antropologia Social: Objetivos, Métodos e Realizações da Antropologia Social*, trad. Heloisa Rodrigues e Fernandes, São Paulo, Nacional, 1971.
- Bertho, Jacques, "La Science du Destin au Dahomey", *Africa*, 9(3):359-77, 1936.
- Binon Cossard, Gisèle, "Contribution à l'Étude des Candomblés au Brésil: le Candomblé Angola", tese de doutorado, 2 vols., Paris, Sorbonne, Faculdade de Letras e Ciências Humanas, 1970.
- Boufim, Martiniano Eliseu do, "Os Ministros de Xangô", in *O Negro no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização, 1940, pp. 233-236 (trabalhos apresentados no 2º Congresso Afro-Brasileiro, Bahia, 1937).
- Braga, Júlio Santana, "Um Mito Africano sobre Iansã e sua Variante Brasileira", *Revista Brasileira de Folclore*, Rio de Janeiro, MEC, 13(40):45-54, 1974.
- , "A Sociedade Protetora dos Desvalidos: uma Agência de Prestígio", tese de mestrado em Ciências Humanas, UFBA, Salvador, 1975.
- , "El Candomblé de Caboclo y sus Relaciones con la Cultura Indígena", *Cuadernos Afro-Americanos*, Caracas, Universidade Central da Venezuela, 1(1): 117-24, 1975.
- , *Contos Afro-Brasileiros*, Salvador, 1976 (inédito).
- Buakasa, Tulu Kia Mpanzu, "Les Discours de la 'Kindoki' ou 'Sorcellerie'", *Cahier des Religions Africaines*, Universidade Nacional do Zaire, 6(11):5-67, jan. 1972.
- Cabrera, Lydia, "Egune o Vichichi Finda", *Revista Bimestre Cubana*, 6(1-3):55, 1947.
- , *El Monte: Igbo Finda Ewe Orisha, Viti Nfida. Notas sobre las religiones, la magia, las supersticiones y el folclore de los negros criollos y del pueblo de Cuba*, 2ª ed., Miami, Rema Press, 1968 (Col. Chichester).
- Calame Grisule, Geneviève, *Ethnologie et Langage: la Parole chez les Dogon*, Paris, Gallimard, 1965 (Bibliothèque des Sciences Humaines).
- Caldas Aulete, *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, 5 vols., 2ª ed., Rio de Janeiro, Delta, 1964.
- Carneiro, Edison, *Religiões Negras*, Rio de Janeiro, Civilização, 1936, (Biblioteca de Divulgação Científica).
- , *Candomblés da Bahia*, 3ª ed., Rio de Janeiro, Conquista, 1961 (Biblioteca de Divulgação Científica, 7).
- , *Ladinos e Crioulos: Estudo sobre o Negro no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização, 1964 (Retratos do Brasil, 28).
- Castro, Yêda Pessoa de, "A Sobrevivência das Línguas Africanas no Brasil: sua Influência na Linguagem Popular da Bahia", *Afro-Ásia*, Salvador, CEAQ, (4-5):25-34, 1967.
- , "De l'Intégration des Apports Africains dans les Parlers de Bahia au Brésil", tese de doutorado, 2 vols., Labumbashi, Universidade Nacional do Zaire, 1976.
- Cohen, Marcel, *Matériaux pour une Sociologie du Langage*, 2 vols., Paris, Maspéro, 1971.
- Comerio, Robert, *Histoire du Dahomey*, Paris, Mondes d'Outremer, 1962.
- Costa Lima, Vivaldo da, "Notas sobre uma Farmacopéia Africana", *Jornal Diário de Notícias*, Salvador, de 3.11.1963 (Suplemento Dominical).
- , "A Família de Santo nos Candomblés Jeje-Nagôs da Bahia: um Estudo de Relações Intragrupo", tese de mestrado em Ciências Humanas, UFBA, Salvador, 1972.
- , "Os Obás de Xangô", *Afro-Ásia*, Salvador, CEAQ, (2-3):1-32, 1966.
- Elbein dos Santos, Juana, *Os Nagô e a Morre: Patê, Asêgê e o Culto Egun na Bahia*, Petrópolis, Vozes, 1976.

- Diegues Junior, Manoel, *Etnias e Culturas no Brasil*, Rio de Janeiro, MEC, 1956.
- Ellis, Alfred Burton, *The Yoruba-Speaking Peoples of the Slave Coast of West Africa: their Religion, Manners, Customs, Law, Language, etc.*, Londres, Chapman and Hall, 1890.
- Frazier, E. F., "The Negro Family in Bahia, Brazil", *American Sociological Review*, 7(4):474-5, 1943.
- Freitas, Byron Torres de, *Os Orixás Falam no Jogo de Buzios*, Rio de Janeiro, Eco, 1963.
- e Pinto, Tancredo da Silva, *Camba de Umbanda*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Aurora, s. d.
- Freyre, Gilberto, *Casa-Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal*, 2 vols., 8ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1954.
- Frikel, Protásio, "Traços da Doutrina Gêge e Nagou sobre a Crença da Alma", in Schaden, Egon, *Homem, Cultura e Sociedade no Brasil: Seleção da Revista de Antropologia*, Petrópolis, Vozes, 1972.
- Herskovits, Melville, "Some Economic Aspects of Afro-Bahian Candomblé", *Miscelânea*, México, P. Rivel, 2, 1958.
- , *Dahomey: an Ancient West African Kingdom*, 2 vols. Evanston, Northwestern University Press, 1967.
- , "Pesquisas Etnológicas na Bahia", *Afro-Ásia*, Salvador, CEAQ, (4-5):89-106, 1967.
- , *Les Bases de l'Anthropologie Culturelle*, Paris, Payot, 1967.
- Johnson, Samuel, *The History of the Yoruba*, Londres, Bookshops, 1966.
- Lalaye Abantun, Eugênia Eugênia, *Savez-vous que Ifá ou Géomancie est une Arithmologie? Lettres et Chiffres*, Daomé, Sagesse Africaine, 1964.
- Landes, Ruth, *A Cidade das Mulheres*, trad., Maria Lúcia do Etrado Silva, Rio de Janeiro, Civilização, 1967 (Retratos do Brasil, 61).
- Levi-Strauss, *Anthropologie Structurale*, Paris, Plon, 1958.
- Leeuw, G. van der, *La Religion dans son Essence et ses Manifestations: Phénoménologie de la Religion*, Paris, Payot, 1955.
- Lima, J., *Folclore Baiano*, Salvador, 1964.
- Malinowski, Bronislaw, *Une Théorie Scientifique de la Culture et Autres Essais*, Paris, Maspéro, 1968.
- Maupoll, Bernard, *La Géomancie à l'Ancienne Côte des Esclaves*, Paris, Instituto de Etnologia da Universidade de Paris, 1943 (trabalhos e memórias do Instituto).
- Maus, Marcel, *Manuel d'Ethnologie*, Paris, Payot, 1967.
- Mendonça, Renato et alii, *Estudos Afro-Brasileiros*, Rio de Janeiro, Ariel, 1935 (trabalhos apresentados no 1º Congresso Afro-Brasileiro, Recife, 1934).
- Mercier, Paul, "Notices sur le Peuplement Yoruba au Dahomey-Togo", *Études Dahoméennes*, Centro IFAN, (4):1950.
- Notes and Queries on Anthropology, 6ª ed., revista e reescrita por um comitê do Royal Anthropological Institution of Great Britain and Ireland, Londres, Routledge and Kegan Paul, 1951.
- Oliveira, Waldir Freitas de, "Brasileiros Negros e Negros africanos", *Revista Cultural*, Brasília, 5(17):abr-jun., 1975.
- Park, G., "Divination and its Social Context", *Journal of Royal Anthropological Institute*, 195-209, 1963.
- Paulme, Denise, "Que Savons-nous des Religions Africaines?", in *Les Religions Africaines Traditionnelles* (Rencontres Internationales de Bouaké), Paris, Seuil, 1965.
- Pereira, Nunes, *A Casa das Miras*, Rio de Janeiro, 1947.

- , *Branços e Pretos na Bahia: Estudo de Contato Racial*, São Paulo, Nacional, 1945 (Brasiliense, Biblioteca Pedagógica Brasileira, 241).
- Quentino, Manuel, *Costumes Africanos no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização, 1938.
- Radcliffe-Brown, A. R., *Structure et Fonction dans la Société Primitive*, Paris, Minuit, 1968.
- Ramos, Arthur, *Introdução à Antropologia Brasileira*, 2 vols., 2ª ed., Rio de Janeiro, 1951.
- , *O Negro Brasileiro*, 2ª ed., São Paulo, Nacional, 1940.
- Rego, Waldeloir, *Capoeira Angola: Ensaio Socio-Etnográfico*, Salvador, Hapnã, 1968.
- Ribeiro, René, *Religião e Relações Raciais*, Rio de Janeiro, MEC, 1956.
- , *Cultos Afro-Brasileiros do Recife: um Estudo de Ajustamento Social*, Recife, Instituto Joaquim Nabuco, 1952 (número especial).
- Rio, João do, *As Religiões no Rio*, Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1951.
- Rodrigues, Nina, *O Animismo Ferichista dos Negros Baitanos*, Rio de Janeiro, Civilização, s. d. (Biblioteca de Divulgação Científica).
- , *Os Africanos no Brasil*, São Paulo, Nacional, 1932 (Biblioteca Pedagógica Brasileira, Brasiliense, 9).
- Santos, Deosórodes M. dos, *Axé Opô Afonjá: Notícia Histórica de um Terreiro de Santo da Bahia*, Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, 1962.
- , *O Joruba tal qual se fala no Presente*, Salvador, 1950.
- Trautman, René, *La Divination à la Côte des Esclaves et à Madagascar*, Paris, Laros, 1939.
- Valente, Waldemar, *Sobrevivências Daomianas nos Grupos de Cultos Afro-Nordestinos*, Recife, Instituto Joaquim Nabuco, 1964.
- Vernant, Jean Pierre et alii, *Divination et Rationalité*, Paris, Seuil, 1974.
- Verger, Pierre, "Le Culte des Vodoun d'Abomey Aurait-il été Apporté à Saint-Louis de Maranhon par la Mère du Roi Gbêzo?", in *Les Afro-Américains*, Dacar, IFAN, 1952, pp. 157-160 (Mémoire, 27).
- , *Notes sur le Culte des Orisa et Vodun à Bahia, la Baie de Tous les Saints, au Brésil et à l'Ancienne Côte des Esclaves en Afrique*, Dacar, IFAN, 1957 (Mémoire, 51).
- , *Flux et Reflux de la Traite des Nègres entre Bahia de Todos os Santos et le Golfe de Bénin du XVII<sup>e</sup> au XIX<sup>e</sup> siècle*, Paris, Mouton, 1968. (Edição brasileira: São Paulo, Corrupio, 1987).
- , "Automatisme Verbal et Communication du Savoir chez les Yoruba," *L'homme: Revue Française d'Anthropologie*, Paris, Mouton, 12(2):6-45, 1972.
- Velho, Ivone Maggie Alves, *Guerra do Orixá: um Estudo de Ritual e Conflito*, Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- Viana Filho, Luiz, *O Negro na Bahia*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1946 (Col. "Documentos Brasileiros", 55).
- Ziegler, Jean, *Le Pouvoir Africain*, Paris, Seuil, 1971.
- , *Les Vivants et la Mort*, Paris, Seuil, 1975.



Biografia

Em 1967 concluí o curso de licenciatura em Filosofia e nesse mesmo ano viajei com destino à África, como bolsista do Institut Fondamental d'Afrique Noire (IFAN), Senegal. Esta seria a primeira de uma séria de viagens ao continente africano, onde realizei diferentes pesquisas antropológicas. Em 1975 obtive o título de mestre em Ciências Sociais pela UFBA e, em 1977, defendi tese de doutorado em Antropologia na Université Nationale de Zaïre, de que resultou o presente livro.

Fui Leitor Brasileiro junto à Embaixada do Brasil na Costa do Marfim, e professor (Maître-Assistant) da Université Nationale de Côte d'Ivoire, onde participei da criação do curso de Língua e Civilização Brasileira.

Em 1968 realizei estudos e pesquisas na Université des Sciences Humaines de Strasbourg, na França, e na Boston University nos Estados Unidos — na qualidade de Visiting Scholar of the African Studies Center —, graças a uma bolsa de pós-doutorado patrocinada pela CAPES.

Atualmente coordeno o Núcleo de Estudos sobre o Negro na Bahia, (NENBA), do Mestrado em Ciências Sociais da UFBA e, como pesquisador do CNPq, estudo as populações afro-brasileiras, com alguns livros e artigos já publicados sobre aspectos especiais das religiões afro-brasileiras.

Sou professor adjunto do Departamento de Antropologia da FFCH da Universidade Federal da Bahia.

Obras publicadas: *Contos Afro-Brasileiros*, Fundação Cultural do Estado da Bahia, Salvador, 1980; *Ancestralité et Vie Quotidienne: le culte de Baba Egun à Ponta de Areia*, Estraburgo, França, 1986; *Sociedade Proletera dos Desvalidos: uma irmandade de cor*, Salvador, Bahia, Ianamá, 1987.